

# RAÍZES

Ano III nº 7

São Caetano do Sul

Julho de 1992



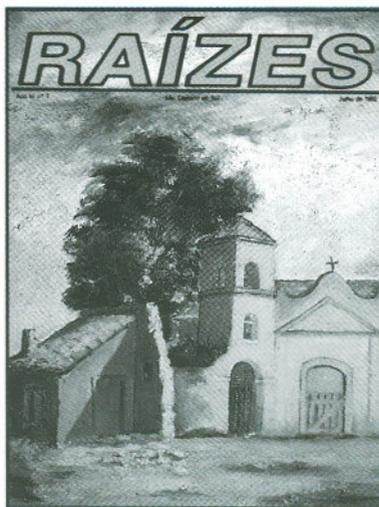
## Para além do lugar-comum

É muito freqüente a transformação da História numa série de lugares-comuns, arrolados com datas e nomes, apresentados numa sucessão mecânica e mecanicista. Trata-se, é claro, de uma visão superficial e oficialista daquilo que constitui a essência da História. A narração dos acontecimentos da vida de uma sociedade não pode esquecer o básico: as relações sociais são complexas, possuem uma base econômica evidente e o chamado cidadão comum acaba tendo um papel fundamental nessa intensa trama que se vai tecendo com o passar do tempo. Narrar a sucessão de fatos não basta, portanto; é preciso buscar o encadeamento que os une e, principalmente, relações de causa e efeito.

Sob essa perspectiva, **Raízes** — com o valioso apoio de pesquisadores do ABC paulista, de pesquisadores universitários e moradores dedicados de São Caetano — tem procurado, ao longo de três anos de existência, chegar além do lugar-comum, projetando fragmentos pouco explorados da História da cidade, mostrando a perspectiva sob a qual os antigos habitantes viram o desenrolar de transformação de um pequeno núcleo formado por imigrantes em centro urbano industrializado.

**Raízes** ingressa em seu quarto ano de circulação, ostentando cifras significativas no cenário editorial brasileiro. São 15 mil exemplares semestrais. É uma das raríssimas publicações mantidas, exclusivamente, com o apoio do Poder Público, que financia o projeto todo. A cada número, têm se incorporado novos colaboradores, interessados em dar sua contribuição para que a memória não se perca, para que cenas do passado — longínquo ou mais recente possam ser perpetuadas sob a forma de imagens (como é o caso de velhas fotografias) ou sob a forma de texto. Os que pensam que o trabalho está sendo concluído, enganam-se: trata-se, apenas, de um modesto início, pioneiro embora.

O Editor



Capa: A Capela de Santo Antonio - óleo pintado por João Fernandes Ribeiro, s/data (Acervo: Museu de São Caetano). Contracapa: senhoras da comunidade japonesa de São Caetano do Sul, em trajes típicos (quimons), no Parque Chico Mendes. Fotos: Yoji Agata

## RAÍZES

Ano IV — Número 7 — Revista semestral  
Publicação da Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul (SP) — Avenida Goiás, 600/3º andar CEP 09520 Telefone: (011) 441-1634 Fax-(011) 743-4618 Telex-(011) 44-938

Editor/Jornalista responsável — ALEXSANDAR JOVANOVIĆ (MTb 13.165/Sjpesp 7.290)

Conselho Editorial: Aleksandar Jovanovic, Claudinei José Rufini, Henry Veronesi, Oscar Garbelotto, Sônia Maria Franco Xavier, Valdenízio Petrolli  
Assistente de Redação — Rosana Cristina Jungton Mucciolo

Fotos (reprodução) — Yoji Agata, José Honório de Castro e Gilson C. Santos  
Apoio Técnico: Museu Histórico Municipal da Imigração Italiana Oswaldo Samuel Massei. Rua Maximiliano Lorenzini, 122, Bairro Fundação. Telefone — (011) 453-1988

A revista **Raízes** está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação da revista não são devolvidos, exceção feita às fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Computação Gráfica — Plano Piloto 449-8633

Fotolitos/Impressão — Grande ABC Artes Gráficas S/A — 440-2603

# ÍNDICE

<i>A arte pictórica de João Fernandes Ribeiro</i> Henry VERONESI	4
<i>Imigração</i> O Sol Nascente brilha em São Caetano Jocimara SPERATE	7
<i>Meio Ambiente</i> Comunicação ambiental: o pioneiro Boletim Cicpaa Antonio de ANDRADE	13
Em memória de um rio Claudinei RUFINI	17
História Política do Grande ABC: um tema a ser desvendado Aleksandar JOVANOVIC	21
Dom Jorge- o bispo dos operários Valdenizio PETROLLI	24
Panorama folclórico da cidade (alguns aspectos) José Antipa WARD	28
<i>Perfil</i> Retratos familiares de velhos moradores Ademir MÉDICI	30
As vilas que São Caetano não tem mais D. Glenir SANTARNECCHI	33
<i>Educação</i> Escola libertária em São Caetano Antonio José MARQUES	35
Instituto Rocha Pombo Noemia Rodrigues de REZENDE	40
Século XIX: uma professorinha no distrito de São Caetano Arnaldo TREBILCOK	42
<i>Depoimento</i> Velhas lembranças das "Três Casetas" Silvio José BUSO	47
Testemunhas de uma época (Ana Molinari Miazzi e Germano Miazzi) Oscar GARBELOTTO	50
Volta ao passado José Augusto VEIGA	59
Uma preciosa lembrança Sonia Maria Franco XAVIER	65
Um dia todo especial Jayme da Costa PATRÃO	69
<i>Homenagem</i> A herança de Atilio Bertochi Sonia R. BERTOCHI	71
Bruna Ricci, a LBA e a campanha do Hospital São Caetano	75
Livros	79
<i>Reportagem</i> Simpósio prepara II Congresso de História do ABC	80
Memória fotográfica	82



**S**ão Caetano do Sul passa por uma metamorfose no campo cultural. Os diversos projetos levados a efeito, nestes últimos anos, alteraram a substância de comprometimento da cidade com o seu passado e, logicamente, criaram responsabilidade na sustentação dos planos. O projeto de escavação, coordenado por técnicos e pesquisadores da Universidade de São Paulo, no Bairro Fundação, ao lado da Matriz Velha, foi o marco considerável de efetivação de medidas necessárias à busca de fértil material que nos liga a um período histórico, e não podemos ficar distantes de colecioná-lo, encostando na memória de outros tempos.

O projeto editorial é fantástico por aquilo que representa e posiciona-nos em nível de região metropolitana, tanto que com *Nostalgia*, de Manoel Cláudio Novaes, e *Dietário dos Escravos de São Bento*, de Luiz Gonzaga Piratininga Jr., - somando-se outras obras similares, em breve - o circuito intelectual e os historiadores entenderam que aprimoram a pesquisa. A Fundação Pró-Memória já é uma realidade e terá espaço físico para alojar-se e defender seu trabalho nas dependências ocupadas pelo Departamento de Água e Esgotos, à Avenida Goiás, com estrutura adequada ao papel que deverá desempenhar. A revista *Raízes*, em curso lateral aos projetos maiores, semestralmente circula e traz em seu interior um conteúdo histórico importante para retratar períodos representativos de um dinamismo extraordinário de um povo trabalhador e conservador. Todos esses projetos, junto com iniciativas especiais, como a Sociedade Filarmônica de São Caetano do Sul, o Corpo Municipal de Bailado, o Coral Municipal e o curso normal de atividades da Fundação das Artes, constituem uma nova visão de metrópole avançada, onde a *vida* é o objetivo buscado. *Vida* em sentido de movimentação de setores, segmentos, e participação efetiva nisso. Conquanto todos sejam participantes de um processo, qualquer a área motivadora, assentam-se os valores especiais na História de São Caetano do Sul. Os investimentos, mesmo quando criticados por setores alheios à nossa vida político-administrativa, ainda são poucos pelo muito que representam os projetos na reconstituição da garra de um povo ao longo de uma vida centenária.

Neste número, eclético, datas importantes da História da cidade são analisadas, lado a lado com temas motivados pela Ecologia e Meio Ambiente; o Instituto Rocha Pombo, as memórias fotográficas, a comunidade nipônica e homenagens especiais, com artigos bem estruturados - todo esse conteúdo enseja a circulação do sétimo número de uma revista criada com carinho pela equipe administrativa, porque cremos que, quando não se tem História, estamos em descompasso com as coisas do mundo.

*Luiz Olinto Tortorello*

Luiz Olinto Tortorello  
prefeito  
São Caetano do Sul, julho de 1992

# A arte pictórica de João Fernandes Ribeiro

Henry VERONESI(\*)

João Fernandes Ribeiro nasceu no dia 17 de outubro de 1905, no sub-distrito de Paranapiacaba, Alto da Serra. Tornou-se, entre os anos 30 e 60, grande nome na pintura. Passou a juventude no Alto da Serra. Em 1930, a família transferiu-se para São Caetano do Sul que, na época, a exemplo de Paranapiacaba, era também sub-distrito do município de Santo André.

João F. Ribeiro iniciou os estudos profissionais em decoração e pintura na Escola Profissional Masculina, transformada, depois, em Instituto Profissional Masculino (atual Escola Profissional Getúlio Vargas). Foi aluno de alguns dos mais conceituados professores de pintura (como, por exemplo, o professor Barchitta) e escultura (como foi o caso do professor Fritz, autor e executor dos Apóstolos de Jesus da Catedral de São Paulo). Em 1923, formou-se pelo Instituto Profissional Masculino da rua Piratinin-ga, Brás, já com pequeno acervo de quadros de grande valor artístico. Sem jamais desviar-se da pintura clássica, as obras de Ribeiro sempre traduziram a essência daquilo que o artista via, sentia e sonhava. Seus traços e as cores usadas demonstravam o amor e humildade com que trabalhava em suas obras. Pintor essencialmente acadêmico, demonstrava com seus quadros uma pintura realista e elegante nas formas e cores. As imagens que pintava nada possuíam de enigmáticas ou ambíguas, já que o realismo era a tônica daquilo que produzia.

A fim de aperfeiçoar os conhecimentos - que já não eram poucos - João Fernandes Ribeiro ingressou, em 1924, na Escola

Acervo: Henrique F. Ribeiro

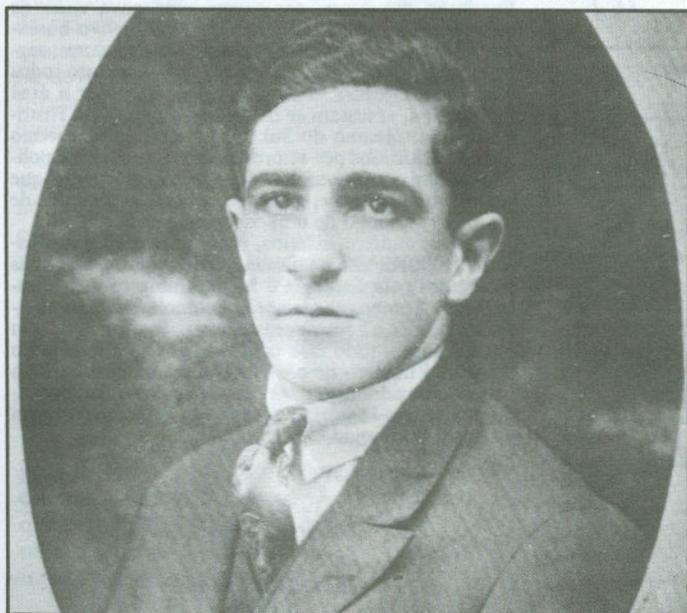


Foto de João Fernandes Ribeiro, em 1923



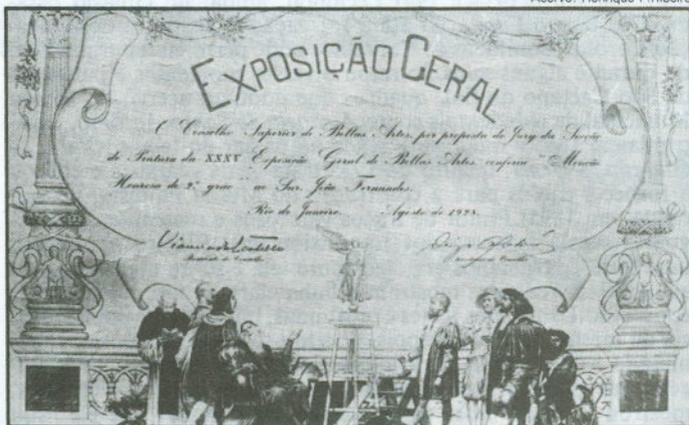
Acervo: Henrique F. Ribeiro

Quadro da formatura da Escola Profissional Masculina de São Paulo, de 1923. João Fernandes Ribeiro, o terceiro da direita para a esquerda, na terceira fileira de cima para baixo, era aluno de pintura

Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, a maior e melhor escola de Artes Plásticas do país, fonte de formação de inúmeros pintores e escultores da época. Ali, teve oportunidade de tornar-se discípulo do consagrado mestre de pintura Rodolfo Amoedo, diretor da escola, cujas obras foram expostas, em mostra especial, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, e de Chambelland, mestre em desenho. Ribeiro conviveu na Escola Nacional de Belas Artes com vários grupos de artistas; foi contemporâneo de renomados pintores e escultores, tais como Oswaldo Teixeira, Manoel de Assunção Santiago, João José Rescala, etc.

Nosso personagem cursou a ENBA entre 1924 e 1930, tendo-se diplomado em 1930, justamente quando o modernismo começava a criar raízes no Brasil e passava a influenciar muitos artistas. Tradicionalista por natureza, Ribeiro nunca deixou influenciar-se pelos ideais da escola modernista pictórica. A prova disso está nos quadros premiados nas mostras da Escola Nacional de Belas Artes: em 1928, recebeu do Conselho Superior de Belas Artes, como resultado da proposta do Júri da Seção de Pintura da XXXV Exposição Geral de Belas Artes, menção honrosa com a apresentação do quadro *O menino e o tacho* e, no ano seguinte, recebeu a medalha de bronze, com o quadro *A fêria do dia*, cujo modelo havia sido a tia do artista, Clara.

Os contemporâneos de Ribeiro, como Manoel de Assunção



Diploma conferido a João Fernandes Ribeiro pelo Conselho Superior de Belas Artes do Rio de Janeiro, em agosto de 1928: menção honrosa de 2º grau pela participação na XXXV Exposição de Belas Artes

Santiago e João José Rescala, seguiram a filosofia modernista. Rescala foi um dos precursores da idéia da fundação do Núcleo Bernardelli, o primeiro grupo modernista formado no Brasil dentro do espírito essencialmente comunitário. Santiago, herdeiro de fidalgos espanhóis, nasceu em Manaus e iniciou as atividades em Belém, no Pará. Em 1919, transferiu-se para o Rio de Janeiro, formando-se em Direito, ao mesmo tempo em que estudava na Escola Nacional de Belas Artes, com Chambelland e Batista da Costa. Mais tarde, foi um dos diretores do Grupo Bernardelli. Residiu em Paris durante cinco anos, tendo participado de vários salões, como o das Tulherias e o Salão de Outono. Foi amigo de brasileiros como Portinari, Di Cavalcanti, Quirino Campofiorito, Armando Viana e Alfredo Galvão. Em 1920, concorrendo ao Salão Nacional, recebeu o prêmio de viagem ao exterior; em 1927, foi premiado com a medalha de ouro e, em 1929, com a medalha de honra. Voltando ao Brasil, em 1932, realizou exposição que foi comentada por Angyone Costa no *Para Todos*, de 7 de maio do mesmo ano, nos seguintes termos: "Não há em suas telas a fobia do verde e das cores berrantes em que se apura a palheta de certos pintores ditos tropicais. Os tons se coscem melhor. O desenho e a perspectiva se afirmam, fugindo à preocupação do efeito. As cores estão conjugadas com um delicado sentimento interpretativo(...), os seus nus são uma revelação da formidável influência que o meio exerceu sobre ele(...). A luz de certos dias grises da terra carioca não teve, até agora, melhor intérprete, exceção ao mestre Visconti". No Salão Paulista de Belas Artes recebeu menção honrosa em 1936 e medalha de bronze, em 1938. No Salão de Belas Artes de Porto Alegre, pequena e grande medalhas de prata em 1940 e 1945. Foi agraciado com a medalha de honra, em 1939, na Exposição do IV Centenário de Santiago do Chile. Em 1941, recebeu a medalha de ouro do Salão Fluminense de Belas Artes; em 1942, medalha de ouro da I Bienal de

Acervo: Henrique F. Ribeiro



Diploma conferido a João Fernandes Ribeiro pelo Conselho Superior de Belas Artes do Rio de Janeiro, em agosto de 1929: medalha de bronze pela participação na XXXVI Exposição de Belas Artes



Olaria de Giuseppe Ferrari, tela de João Fernandes Ribeiro, de 1935

ão Paulo. Realizou murais para os prédios da Alfândega, do Instituto do Açúcar e do Alcool, no Rio. Frederico Barata, comentando o salão de 1942, em *O Jornal*, de 20 de setembro de 1942, afirmava que Manoel Santiago "continua a ser o pintor consciencioso e honesto que nos acostumamos a apreciar" e Quirino Campofiorito, em *A Noite*, de 3 de janeiro de 1948, dizia que "há em suas obras uma alegria de cor a que se submete a própria forma".

João José Rescala, carioca de nascimento, realizou seus estudos de arte no Liceu de Artes e Ofícios. Recebeu medalhas de bronze e prata, em 1934 e 1939, no Salão Nacional e os prêmios de viagem pelo país e ao exterior, em 1937 e 1943. No Salão Fluminense, em 1948, recebeu os prêmios Alberto Torres e Batista da Costa. Integrou a representação brasileira na Bienal de Veneza, em 1946. Expôs em Nova Iorque, Chicago e no México. Do crítico J.K.R., do *Art News*, de Nova Iorque, recebeu as seguintes palavras: "É um bom desenhista, um rico colorista e seus quadros são magnificamente compostos". Recebeu elogios dos críticos de arte do *Diário Carioca*; Antonio Bento, e do *Letras e Arte*, Santa Rosa. Frederico Barata, em *O Jornal*, afirmava: "Rescala não é um moderno na acepção extravagante e obrigatoriamente confusa que se dá ao termo, mas também do inexpressivo e formalista. É sempre o mesmo pintor sadio e sério que segue conscientemente o refratário às audácias excessivas, respeitando a ba-

Acervo: Henrique F. Ribeiro



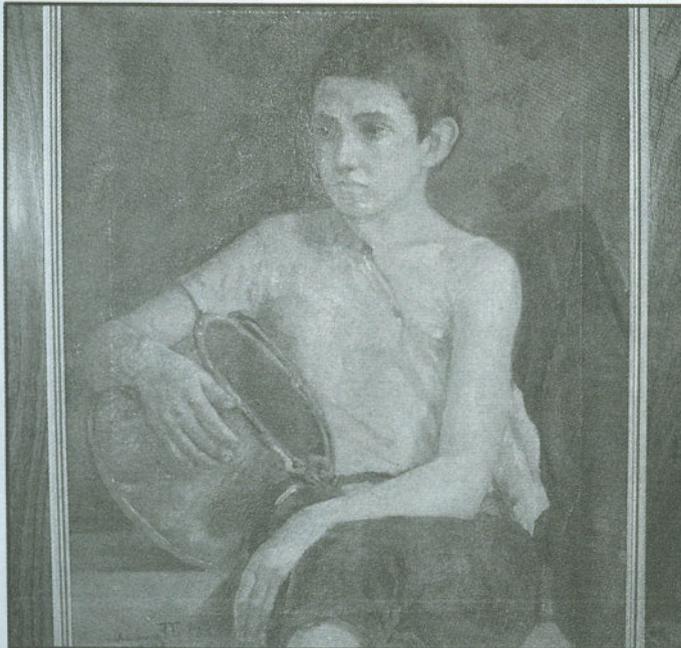
Contando história, adormeceu, tela de João Fernandes Ribeiro premiada em exposição realizada em Santo André



Tela pintada por Ribeiro, nos anos 20, com modelo profissional, durante o período em que estudou no Rio de Janeiro

se adquirida de estudo, fiel à tradição do desenho, mas sem estreitas limitações que tanto despessoalizam e vulgarizam”.

João Fernandes Ribeiro, embora tivesse cursado a Escola Nacional de Belas Artes no período em que a influência modernista contaminava a maioria dos estudantes, jamais se afastou da conduta classicista. Atravessou as décadas de 30, 40 e 50 (quando o Modernismo esteve no auge) sempre pintando e apresentando as obras que produzia dentro da arte da Escola Clássica. Em 1948, foi premiado com a Medalha de Bronze do II Salão de Belas Artes de Santo André, exposição patrocinada pelo Rotary Clube de São Caetano do Sul. Em 1957, outra medalha de bronze, na exposição realizada pelo Salão de Belas Artes da Galeria Pres-tes Maia, em São Paulo. Convidado a lecionar Desenho no Ginásio Estadual Ademar de Barros, em Pirajui, ali trabalhou como



O Menino e o Tacho, trabalho que recebeu menção honrosa na XXXV Exposição de Belas Artes, realizado, em 1928, no Rio de Janeiro

professor entre 1938 e 1941. Lecionou, ainda, no Ginásio Estadual do Bairro Fundação até à formação do Instituto de Educação Coronel Bonifácio de Carvalho, onde permaneceu trabalhando durante alguns anos. Retratou diversos momentos e paisagens de São Caetano do Sul, quadros que doou ao acervo do Museu Municipal da cidade, tais como *A capela de Santo Antônio*, construída em 1885 e que resiste ainda ao passar do tempo; *Olaria de Giuseppe Ferrari*, quadro de 1935 (trata-se da olaria que chegou a fornecer tijolos para a construção do Museu Paulista, no Ipiranga, em 1895). Pintor de traços vigorosos e marcantes, que seguia a escola francesa dos Impressionistas, Ribeiro apresentou uma série de trabalhos em óleo sobre tela e sobre madeira, onde as pinceladas seguras mostram a linha clara de um desenho pré-concebido. Usou cores fortes e profundas, inicialmente por influência do mestre Amoedo. Depois, libertou-se dessa influência, caminhando rumo a uma obra impressionista, sobretudo nas paisagens que pintava. Nas aquarelas, com cores claras e vibrantes, mostrou a magia dessa técnica difícil de dominar que ele usou magistralmente e, com o desenho preciso, destacou sempre a perspectiva perfeita.

João Fernandes Ribeiro, embora seguisse a pintura da Escola Clássica, e pudesse ser considerado um pintor acadêmico, quando indagado a respeito da pintura moderna, dizia que “ela tem



A fêria do dia, medalha de bronze em 1929, na XXXVI Exposição de Belas Artes do Rio de Janeiro

a sua razão de ser: desde que foi inventada a fotografia, não há motivo para a reprodução fiel dos traços. A pintura moderna, apesar de, em fase inicial, ter sintomas de imaturidade, é profundamente psicológica; é mais profunda, evidentemente, do que a pintura acadêmica”. Em 1961, a 29 de janeiro, concedendo entrevista ao jornal *News Seller* (hoje Diário do Grande ABC), Ribeiro afirmava que, naquela época, o amor pela pintura em São Caetano era tão pequeno que bem poucos o procuravam para a aquisição de seus quadros.

Dotado de grande espírito filantrópico, Ribeiro tentou lecionar a arte que tanto conhecia, diversas vezes e de graça. Mas, diante da falta de interesse da sociedade e sem apoio do Poder Público, suas intenções não passaram da vontade. Foi empresário no ramo de moagem de minérios, estabelecido à rua Major Carlo Del Prete, em São Caetano. Pintava seus magníficos quadros nas horas de lazer, pois isso era o seu *hobby*. Faleceu em São Caetano, em abril de 1964, levando consigo o idealismo da instalação de uma Escola de Pintura e Escultura no município.

Deixou viúva, Lusila, e os filhos Henrique, Antonio Luiz, Elvira e Maria Lúcia.

#### Referência bibliográfica

MORAES, Frederico - Núcleo Bernardelli nos anos 30 e 40, Rio de Janeiro, Edições Pinakotheke, 1982.

(\*) Henry Veronesi, advogado, ex-radialista, natural de São Caetano do Sul, administrador de empresas, diretor aposentado da Prefeitura de Santo André, ocupa, atualmente, o cargo de diretor de Administração da Prefeitura de São Caetano do Sul

# Imigração

## O Sol Nascente brilha em São Caetano(\*)

Jocimara SPERATE (\*\*)

**A** dureza na vida das fazendas não se limitou ao trabalho penoso mas principalmente a ouvir os berros do fiscal; não entender a língua e não gostar das comidas... Acusavam os japoneses de serem avessos à assimilação. Todavia... desde o dia da chegada (o imigrante) teve de morar numa casa sem tatami, tirar o quimono, jogar fora a tigela e o hashi, beber café em vez de chá... Nossos mestres eram os caipiras e os caboclos”

Tommo Handa  
um imigrante

Inúmeras décadas já se passaram. A cultura e as tradições são lembranças ou programas de festas. A rotina nacionalizou-os. Seus corações batem num compasso brasileiro. As diferenças, as dificuldades de adaptação e comunicação transformaram-se em histórias. O quimono foi trocado pelo jeans. O chá, pelo café. O tatami (esteira) pelos talheres. Mas o povo do Sol Nascente preserva, ainda hoje, em sua essência milenar, a docilidade, a dedicação, a honestidade e a perseverança, sementes humanas plantadas nas terras brasileiras que tempo algum irá destruir.

A cadeia de ilhas, quatro grandes e mais 3.400 menores, banhada pelo Oceano Pacífico, do outro lado do mundo, revela um povo em constante evolução, mas que continua fiel à sua cultura. Mais de 100 milhões de pessoas lutam pelo seu espaço, num país de apenas 368 mil quilômetros quadrados. Ontem agrícola; hoje, o mais industrializado. Descrever o Japão é contar uma história de tradições, glórias e sofrimentos.

O País do Sol Nascente conseguiu formar um povo guerreiro e extremamente dedicado às raízes. Apesar disso, abriu as portas para um contato com o mundo ocidental. E foi em 1543 que estabeleceu essa comunicação, quando um navio português aportou no arquipélago. Aos poucos, os novos hábitos europeus foram conquistando os japoneses. Esse período prosperou até 1637. A propagação do cristianismo motivou rebeliões e movimentos, abafados pelas classes dominantes, que decidiram fechar as portas aos estrangeiros por duzentos anos.

Isolar o país era impossível. A expansão europeia na Ásia não podia ser contida. Holanda, Inglaterra e Estados Unidos disputavam a abertura dos portos dos países asiáticos. Em 1854, uma frota americana de guerra realizou manobras de intimidação no litoral japonês. A pressão foi grande, fazendo com que o Japão cedesse. A 31 de março desse ano foi assinado o Tratado de Kanazawa, abrindo os portos aos navios americanos. Era dado o primeiro passo para o intercâmbio e integração do Japão com o mundo ocidental.

### Brasil, um novo rumo

Todos de malas prontas, vacinados, inspecionados e, principalmente, cheios de esperança com respeito à nova condição de vida num outro continente. O mundo ocidental aguardava-os. O consulado dos Estados Unidos do Brasil, na cidade japonesa de Yokohama, enviou, a 30 de abril de 1908, as primeiras informações ao secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas

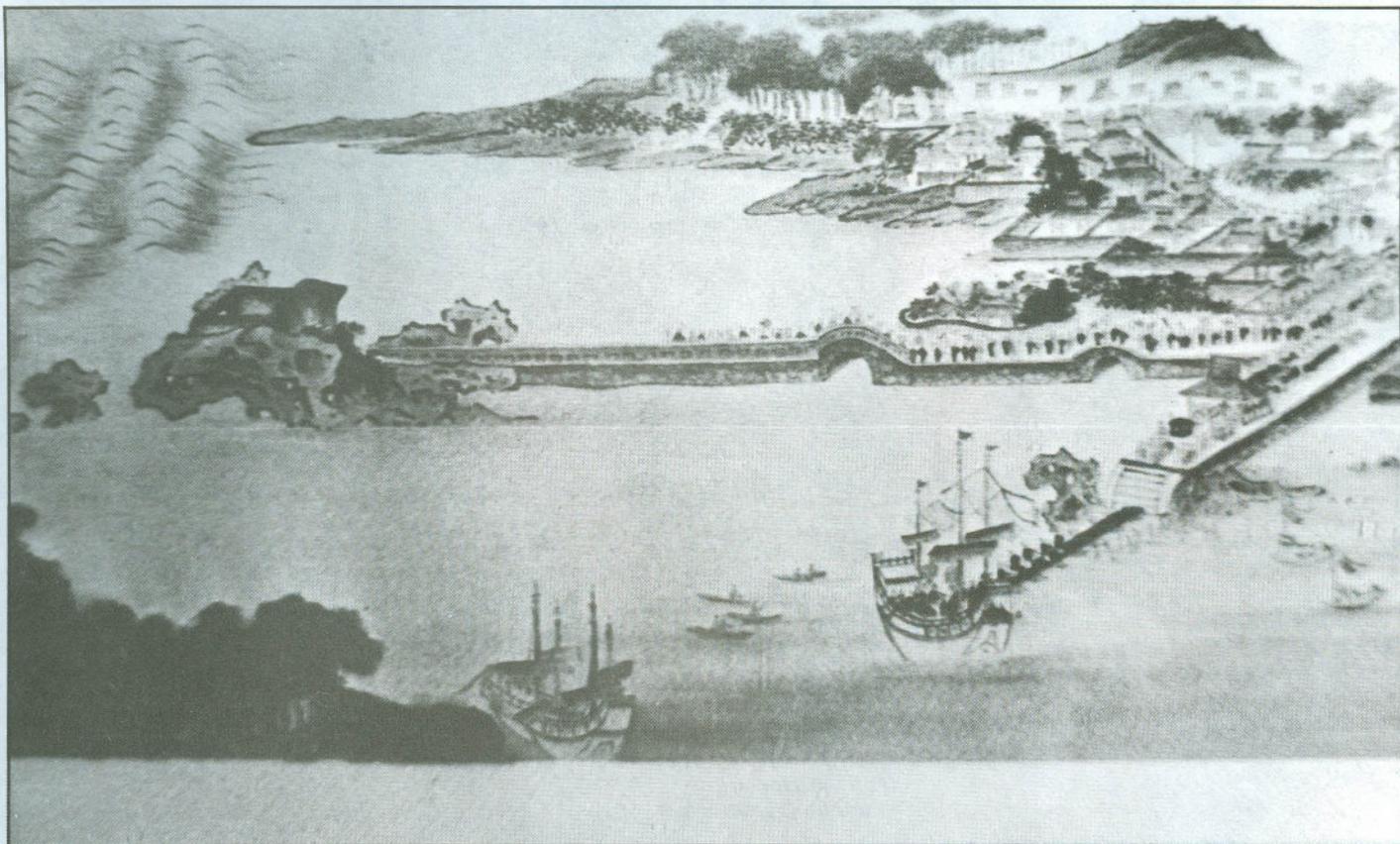


Acervo: Família Kato

A família Kato (Shinithi e Thioko), com os filhos Kaoro e Motogiro, em 1936, numa plantação de eucaliptos, no local em que se encontra hoje o Externato Santo Antônio

do Estado de São Paulo sobre os 781 imigrantes que haviam partido no dia 28, em direção a Santos, a bordo do navio *Kasato Maru*.

O documento sigiloso dizia: “Todos os emigrantes foram vacinados, inspecionados e as suas bagagens desinfetadas antes de serem embarcadas. O vapor que os conduz é o ex-*Kaiserin*, antigo navio-hospital russo, encontrado em Port Arthur pelos japoneses. A impressão que tive desses emigrantes não foi totalmente desfavorável, sobretudo tendo-se em vista o tipo japonês, que é de baixa estatura, de aparência mais fraca do que forte. Os homens da ilha de Riushiu (Okinawa), de aspecto agradável, parecem-me fortes e resistentes. A gente dessa parte do Japão é muito dada à agricultura, obediente e activa, e estou certo que em São Paulo esses trabalhadores serão justamente apreciados. Penso que no fim de uma ou duas colheitas, V.S. poderá facilmente julgar da força e do carácter desses emigrantes, de quem, seja dito de passagem, não se deverá exigir mais de 2/3 do traba-



lho produzido por um emigrante branco. Os salários, naturalmente, devem ser pagos nesta proporção. O japonês, mais do que qualquer outro emigrante, só trabalha sob as ordens de um chefe (oyabun), a quem obedece cegamente”.

O informe oficial apresentava os primeiros imigrantes do Japão que se mudavam para o Brasil. Seus objetivos eram o de trabalhar nas lavouras de café, em São Paulo. Para isso, o governo do Estado subvencionava parte da passagem, dividida com os fazendeiros e descontada dos salários dos colonos japoneses.

Chegaram, até 1914, cerca de 14 mil japoneses. Dirigiram-se às fazendas de café ao longo da Estrada de Ferro Mogiana, na região leste do Estado de São Paulo. Outros estabeleceram-se nas vizinhanças da capital, dando origem a cidades como Cotia, onde se organizou, em 1915, a primeira associação japonesa. Os que desejavam prosperar no comércio rumaram para as capitais e, no caso, também para São Caetano do Sul.

#### A religião

Os templos budistas foram substituídos pelas igrejas católicas ou casas espíritas. Os imigrantes japoneses enfrentaram muito bem essa polivalência dos rituais religiosos do Brasil. Aprenderam a amar o novo país da mesma forma que aprenderam a respeitar Cristo e a crença bíblica. A curiosidade e a

busca pelo aparato espiritual ampliou esses horizontes.

A intensidade e a força budista não foram priorizadas no mundo ocidental. O objetivo principal sempre foi a formação educacional: por isso, a liberdade de escolha para a religião. Para os nisseis e sanseis, a imagem budista figura como lembrança dos antepassados ou parte da história de seus familiares.

Os jovens, em sua maioria, são católicos, batizados e crismados. Casam-se em igrejas católicas e seguem esses rituais, sem constrangimento algum. “São brasileiros nos documentos e na alma - afirma Junkow Tamashiro, relações-públicas da Sociedade Okinawa e da Sociedade Assistencial e Cultural Japonesa.

O budismo do Japão não se revelou forte no Brasil, tampouco em São Caetano. Da Sociedade apenas 37 pessoas ainda reverenciavam Buda. “Fizemos uma pesquisa entre os sócios da Sociedade Assistencial. Pudemos ver que o principal veículo da cultura japonesa não prevaleceu entre nós. O budismo é cultuado com devoção no Oriente, mas não impomos isso aqui. É normal numa família os avós serem budistas e os netos, católicos” conta Junkow.

#### Esporte, rotina

Os japoneses sempre foram reconhecidos por sua técnica, perseverança e dedicação. Esses requisitos são aprimorados, quan-



Shinithi Kato no quintal de sua residência, à rua Bahia (atual rua Rio Grande do Sul), em 1934



Kaoro e o irmão Motogiro, defronte ao Segundo Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, em 1940

do o tema é esporte. Em São Caetano, japoneses, nisseis e sanseis provam também que as atividades esportivas fazem parte da rotina de suas vidas. Crianças, adolescentes e idosos, sem limite de idade, buscam no esporte uma forma de lazer. A comunidade acredita que o esporte serve não somente para a modelação do corpo, mas principalmente para a formação da mente.

No Brasil, foram inúmeros os nisseis que se destacaram nos planos nacional ou internacional. Na modalidade natação, nomes como Tetsuo Okamoto, medalha de bronze nas Olimpíadas de 1954, Norio Ohara, Dalton Uehara e Mayra Kikuchi marcaram época. Isso repete-se no tênis de mesa, tênis de campo, voleibol e judô: medalhas de ouro, prata e bronze conquistadas para o Brasil por descendentes de japoneses.

Dos esportes tradicionais do Japão, eles também fazem renascer grandes coisas. O *gate-ball*, que faz parte da cultura oriental, hoje é assistido e praticado com dedicação por desportistas nisseis. Foi difundido no Brasil no final dos anos 70 pelo imigrante Shooki Kuroki, em Suzano (São Paulo). Em novembro de 1978, Kuroki viajou para o Japão e pesquisou as regras do *gate-ball*. Trouxe o esporte para o Brasil. Mas havia grande dificuldade quanto ao equipamento, tacos especiais e bolas. Não desistiu e fabricou os primeiros materiais com as próprias mãos. Com tudo pronto, regras, local e acessórios, realizou a primeira disputa em Itapetininga, em 12 de setembro de 1981. No ano seguinte, tornou-se o esporte oficial da comunidade japonesa do Brasil, tendo sido fundada a Associação de Gate-Ball do Brasil, sob a presidência de Sadame Dan.

O *gate-ball* foi idealizado por Kaunbu Sujuki, na província de Hokkaido, em 1948. A princípio, seria um esporte praticado por crianças. Mas, aos poucos, cativou todas as idades. São Caetano tem o privilégio de assistir ao *gate-ball* nos passes de Chiroma Jiro. Ele é o jogador mais velho do país: nasceu em 1899. Conheceu as regras do jogo com os idealizadores. E acredita que o esporte não conhece limites de idade ou fronteiras: "O esporte une os povos para divertir", afirma. Os treinos de *gate-ball* acontecem no Clube Recreativo e Esportivo Gisela, em São Caetano.

#### Cultura e lazer

A Sociedade Rojin-Kai de São Caetano agrega idosos japone-

ses com mais de 65 anos. Em agosto, estará promovendo um evento comemorativo dos 40 anos de fundação. "Os idosos são as personalidades mais respeitadas em todo o Japão; eles refletem a essência cultural do Oriente que desejamos preservar um pouco aqui no Brasil. Por isso, a sociedade dedica especial atenção a eles" - conta o presidente da entidade, Maresuki Koyama. O objetivo é, também, proporcionar horas de lazer e culto às tradições da comunidade nipônica.

A cada primeiro domingo do mês, a Rojin-Kai reúne-se para homenagear os aniversariantes. Sobre a mesa principal estão alinhados o bolo e alguns pequenos pacotes, embrulhados em papel crepom branco, com uma fita de seda em que está gravado o nome do aniversariante em caracteres japoneses (kanji). A primeira vista, uma festa tradicionalmente brasileira. O *Parabéns a você* não faltou. Mas, a cada instante, a cada pequeno gesto, a milenar cultura oriental torna-se perceptível.

Sobre as mesas bem longas (duas, paralelas: uma para os homens, outra para as mulheres), pequenas porções de comida típica são um sinal de que aquele povo não esquece sua história. Os bolinhos de arroz, os brotos de bambu, os doces de feijão, a delicadeza com que se servem e a habilidade em manejar os dois palitos são detalhes que remetem a um outro mundo.

O cronograma do evento é seguido à risca, e um dos principais pontos ocorre logo nos primeiros minutos. De pé, todos voltam-se para o Leste, o lado do sol nascente. Com o corpo curvado, pedem na língua de origem saúde e paz para os familiares e amigos que estão no Japão. Em seguida, um minuto de silêncio em respeito aos mortos. A emoção comove a todos e o clima japonês se completa.

A cerimônia, depois do ritual, começa a ter maior descontração. "Antes do almoço, praticamos um pouco de exercício: a ginástica descontraí, e é divertido" - comenta Junkow Tanashiro. As brincadeiras somam-se os jogos de minigate-ball, argolas, bingo e karaokê.

Outro momento dessa viagem ao Japão acontece através das danças folclóricas. Uma das mais antigas formas musicais japonesas é o *gagaku*, com estilo chinês que lhe dá origem. Essa dança foi levada ao Japão no século VII. O nome significa "música elegante". Pode ser também dançada e, nesse caso, recebe o nome de *bugaku*. As mulheres vestem-se com quimonos brancos e deta-



Kaoro Kato, numa fotografia de 1990

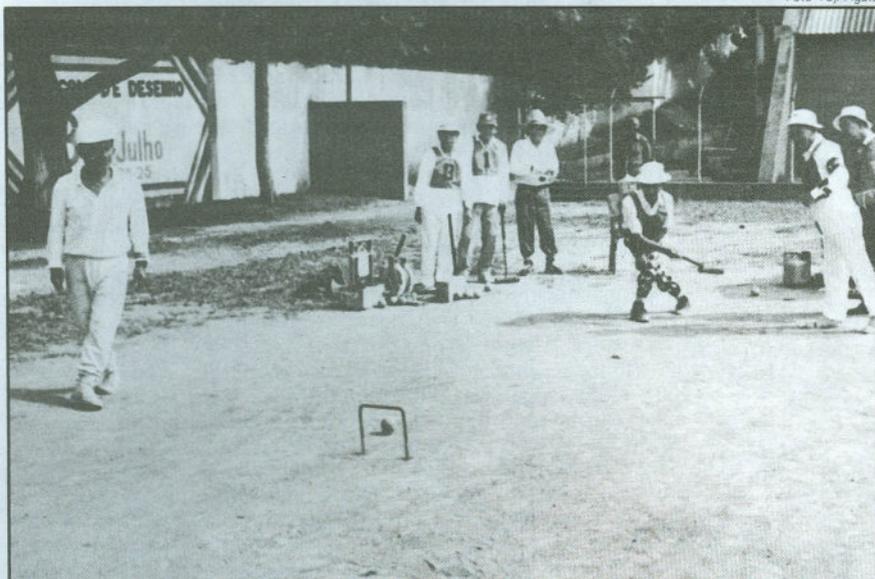


Foto Yoji Agata

Momento de treino de gate-ball, no C.R. Gisela, em São Caetano

lhes em azul; os pés são envolvidos em *tabi*, meias de formato especial e estão calçadas com *geta*, sandálias de palha. A delicadeza da música e dos passos envolve todo o ambiente durante a dança. A técnica é perfeita, obtida com ensaios semanais.

A professora e coreógrafa, Sumo Koyama, explica que a coreografia é um ritual de gestos, o jogo de leques deve transmitir leveza. "Elas conheciam a dança, mas estão aprendendo a dançar há pouco mais de sete anos" - conta Sumo, 81 anos. Ela mora em Ribeirão Pires, mas viveu em São Caetano na década de 30. Mudou-se para Santo André e, depois, Ribeirão Pires. Mas afirma que seu grande desejo é regressar a São Caetano, onde tem os amigos.

Sumo explica a participação da mulher na sociedade japonesa. Conta que as gueixas (pessoas talentosas e agradáveis) deram lugar às cantoras e dançarinas do Japão moderno. "A verdadeira gueixa iniciava seu treinamento por volta dos sete anos de idade. Era um período feudal. Na tradição japonesa, a mulher era parte dos bens paternos e, casada, do marido".

No Brasil, pouco disso acabou sendo praticado. O respeito pela família e pelo marido apresenta-se bastante forte. As mulheres não se sentam à mesma mesa que os homens, durante as festas. "Os descendentes já vivem como brasileiros. Todos têm o direito ao trabalho e à igualdade. No Japão, muita coisa foi conquistada: o voto e a participação da mulher em cargos públicos. Foi uma grande conquista" - explica Sumo.

Mas a habilidade e a delicadeza ainda são características perfeitas nas mulheres. E elas as empregam, por exemplo, na decoração com flores, o *ikebana*. A Sociedade Assistencial tem em sua sede hora e local dedicados a essa arte, que tem mais de treze séculos de existência.

O *ikebana* consiste em criar ornamentos com flores. Em sua origem, simbolizava conceitos filosóficos budistas; servia para enfeitar altares. Esse estilo inicial chamava-se *rikka*, com flores em pé. As pontas dos galhos e as flores apontavam para o céu, o que simbolizava a *fê*. O *rikka* foi substituído pelo *seiwa*, que não mantinha mais o compromisso com Buda. Os arranjos passaram a representar as estações do ano, a passagem do tempo, a vida do homem.

### Um passado em Okinawa

Ao conjunto mais conhecido de ilhas do Japão devem ser acrescentadas as de Ryukyu, com 2.196 km<sup>2</sup>, subdivididas nos arquipélagos de Anami, ao norte; Sakishima, ao sul, e Okinawa, no centro. Elas têm um clima marítimo tropical e foram cenários de combates violentos durante a Segunda Guerra Mundial. Até 1972, permaneceram sob administração norte-americana.

A comunidade nipônica tenta apagar da memória esse período

de sofrimento, de separação. Marca, hoje, o Japão como um todo e quase não menciona a antiga pressão americana. Ainda assim, em São Caetano mais de cem famílias vieram de Okinawa e, desde 1964, contam com a Sociedade de Okinawa de São Caetano do Sul.

Foi em 1964 que Guishir Kamashiro resolveu fundar uma sociedade que reunisse imigrantes oriundos de Okinawa. Eram em número expressivo e daí a necessidade de reuni-los num espaço único. "A possibilidade de colaboração mútua era maior. Hoje, essa divisão está apenas na burocracia das duas sociedades (Okinawa e Japão). Somos um único povo. Somos imigrantes japoneses, independentemente da ilha em que tenhamos nascido" - explica o presidente Yukio Nakagawa.

Yukio relata, ainda, que as tradições e a cultura são as mesmas. O objetivo da emigração era um só: a busca de melhores condições de vida e trabalho. "Eu sou brasileiro, apesar de ter passado boa parte de minha vida em Okinawa. Com sete meses de idade, fui levado de volta por meus avós. A preocupação eram os meus estudos. A formação lá é mais rígida".

Mas, logo depois de sua chegada, em 1939, foi declarada a Segunda Guerra Mundial. "Meus pais ficaram em São Caetano. Perdi o contato com eles. Não havia comunicação com o mundo exterior. Essa época foi bastante dolorosa" - acrescenta Nakagawa.

Com o fim da guerra, a salvo, os estudos continuaram. Em 1956, Yukio soube que o governo brasileiro solicitava técnicos para trabalharem nas fazendas do Interior de vários estados. "De acordo com as solicitações do presidente Juscelino Kubitschek, o governo de Okinawa enviou 30 profissionais. Foi a primeira vez que, desde a guerra, me comunicava com os meus pais" - lem-

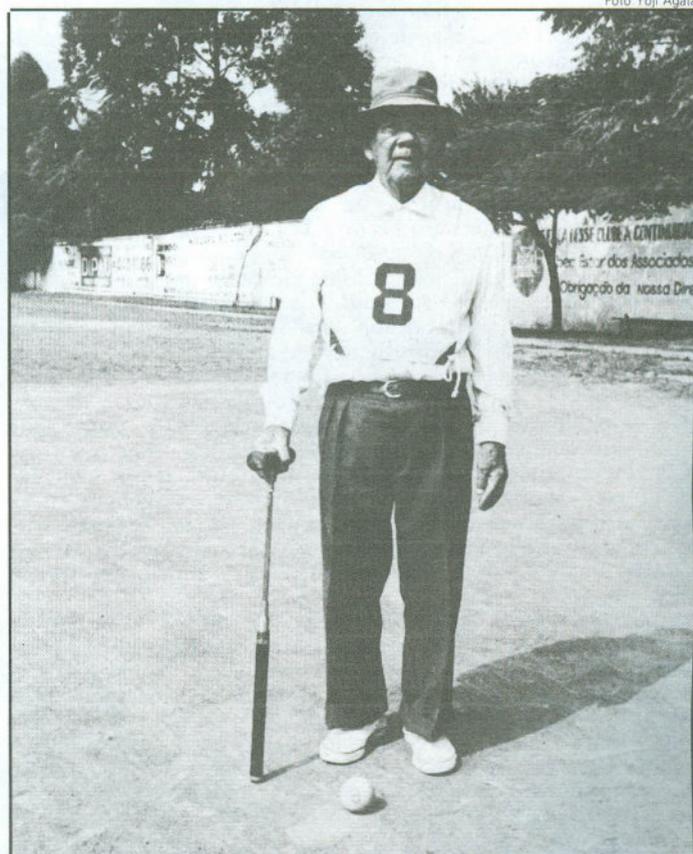


Foto Yoji Agata

O mais antigo jogador de gate-ball do Brasil, Chiroma Jiro, de 92 anos

bra o dirigente da entidade. O primeiro contato ocorreu no Rio de Janeiro. Um jornal da época publicou a lista dos imigrantes que vinha de Okinawa. Os pais de Yukio haviam recebido o jornal em São Caetano e foram até o Rio, esperar o filbo.

Yukio confessa que a convivência foi difícil, porque ele havia passado muitos anos no Japão, ao passo que os pais eram praticamente brasileiros. Cultura e tradição não se combinavam. Yukio chegou a estudar no Brasil e a trabalhar na General Motors. Sua ida ao campo (objetivo da vinda do Japão ao Brasil acabou não frutificando, devido ao reencontro com os pais).

### Os Katos, os segundos na cidade

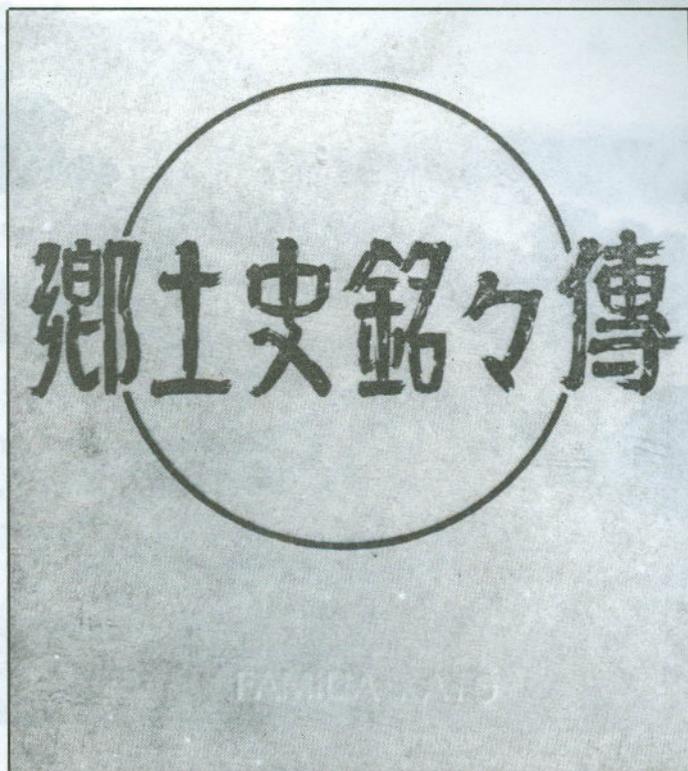
“A rua de terra. A vida simples. A amizade com os vizinhos. São Caetano cativou-nos, desde o primeiro momento”. Quem descreve a cidade com tanto carinho é a professora Kaoro Kato, da segunda família de imigrantes japoneses a adotar São Caetano. Seus pais vieram para o Brasil com a promessa de trabalho no Interior do estado. A primeira cidade foi Igarapava, em 1930.

O pai de Kaoro, Shinithi, foi trabalhar na fábrica de Açúcar União. A família chegou aqui com tudo acertado. Shinithi ficou no emprego até 1932, quando resolveu viver em São Caetano, com os seis filhos: Yoshikazu (falecido), Harue, Miyuki (falecida), Motojiro, Daijo, Kaoro e Yoshiro (falecido).

Kaoro não tem muitas lembranças da chegada a São Caetano. Estava apenas com seis meses de idade. “Desde o momento em que tenho algumas lembranças, o que mais me marcou foi a receptividade não somente dos imigrantes japoneses, mas também da população de São Caetano. A família Toyoda, a primeira a chegar aqui, acolheu-nos, até que encontrássemos casa para morar, na rua Maranhão, esquina com a Rio Grande do Sul” - lembra Kaoro. Depois, mudaram-se para a rua Monte Alegre, ao lado do Segundo Grupo Escolar Bartolomeu Bueno, onde Kaoro cursou os primeiro e segundo anos. “As dificuldades começaram na escola - recorda-se. Era muito difícil ir para lá e conviver com os costumes, falar outra língua. Em casa, era como estar no Japão. Levei muito *casquedo* na época. Na Matemática, até as contas eram diferentes para nós. A língua, bem, o português tem gêneros gramaticais (masculino e feminino) nas palavras: o japonês, não”.

Mas as dificuldades foram superadas pela força de vontade. “Aprendi bem o português. Mudei de escola. Fui para o Grupo Escolar Senador Flaquer, onde acabei sendo primeira colocada nos estudos. Ganhei uma caderneta de poupança na Caixa Econômica Federal, com 40 mil réis. Em 1945, era muito dinheiro” - recorda a professora.

Kaoro optou pela carreira do magistério. Estudou no Institu-



Fac-símile da capa do livro *Kiydo-Shi Meimei-Den*, de 1961. Trata-se de uma biografia dos imigrantes japoneses do ABC

to de Ensino Sagrada Família, onde começou a lecionar. Os quatro irmãos cursaram Engenharia. “Estamos bastante ocidentalizados” - sentença Kaoro Kato.

### A história longa dos Toyodas

Em 1925, partiu outro navio do Japão rumo ao Brasil. Emigraram mais de 800 japoneses em busca do novo mundo. Dentre eles, a primeira família de imigrantes japoneses a pisar o solo de São Caetano: os Toyodas. Pai, mãe e filho (Senjiro, Shizue e Keigo) chegaram ao porto de Santos, mas não puderam descer. Além das dificuldades naturais da longa viagem, enfrentaram a inspeção e os inúmeros exames médicos que a Secretaria de Saúde havia imposto. “Depois que saímos do porto de Kobe, no Japão, a cidade foi vítima de peste. Quando chegamos, o governo brasileiro pensava que nós também estávamos doentes. Ficamos, então, três dias presos no navio” - conta Shizue.

Liberados, os Toyodas foram encaminhados para a Hospedaria dos Imigrantes. Os fazendeiros do Interior estavam selecionando famílias de imigrantes para o trabalho nas lavouras. Os Toyodas acabaram indo trabalhar na propriedade da família Junqueira, em Ribeirão Preto. Ficaram 14 meses. Mas Senjiro era técnico em cerâmica, queria ser comerciante e isso não seria possível naquele local. “Estávamos cansados, mas éramos bem tratados. Logo que chegamos, deram-nos um saco de arroz. A comida era farta. Meu marido falava: como tem fartura de alimentação aqui. Mas não era nada disso. No dia em que pretendíamos ir embora, apresentaram a conta: 280 mil réis. O alimento tinha de ser pago. Vendemos nossas galinhas, porcos e ferramentas, para pagar a dívida. O intérprete desconfiou que nós desejávamos fugir com o dinheiro. Meu marido ficou ofendido e nem falou mais com ele. Nós prezamos muito a honra. O intérprete desculpou-se,

Acervo: Família Kato



Foto de uma turma do Segundo Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, onde aparece, na primeira fileira, sentada, Kaoro Kato (segunda, a partir da direita). A professora é Dulce de Castro. Circa 1940



mas somente depois de 15 anos é que voltamos a comunicar-nos. Hoje, somos amigos” -narra Shizue.

Dívida paga, contrato encerrado. Em 1926, Senjiro veio para São Caetano, deixando a família em Ribeirão Preto até arrumar trabalho e casa para morar. Senjiro conseguiu emprego na Louças Adelinas e alugou uma casa na rua São Paulo. “Meu filho tinha seis anos-prosseguia Shizue-.Logo que chegamos, fizemos amigos. Nossos vizinhos, Os Benedettis, ajudaram-nos muito”. Senjiro Toyoda trabalhou nas Louças Adelinas durante dois anos. Em 1928, a crise mundial afetou São Caetano também e a fábrica não produzia no ritmo anterior. Senjiro preocupado em sustentar a família, montou uma loja, alugou em salão à rua João Pessoa e começou a vender os presentes que recebia do irmão no Japão. Eram brinquedos em celulóide e peças de porcelana. A família desejava, depois, ampliar os negócios e começou a produzir suas próprias cerâmicas. Mudou-se para uma casa maior, à rua Tupi e, em 1932, para a rua Amazonas, onde residem até hoje.

Para aprimorar as técnicas em cerâmica, os Toyodas mandaram o filho estudar no Japão. Keigo foi com 15 anos. Estudou a arte da porcelana até os 18. Em 1939, a Segunda Guerra Mundial estava começando. O Japão estava em crise por causa da guerra contra a China. Keigo voltou ao Brasil. Precisou assumir a fábrica, em consequência do falecimento do pai. No começo dos anos 80, devido a diversos fatores - inclusive a crise econômica do país - Keigo fechou a fábrica. Hoje, ele dedica-se à família, ao Rotary, aos amigos.

### História milenar

Alguns textos chineses e coreanos apresentam os primeiros registros da História do Japão de modo complexo. O arquipélago japonês é habitado pelo homem desde o terceiro milênio antes de nossa era. O Japão pré-histórico foi o ponto final de muitos movimentos de invasores, oriundos do litoral siberiano ou da Malásia e Polinésia.

A era paleolítica não deixou vestígio das atividades humanas. O neolítico conheceu duas culturas locais: a dos Jomon (2000/200 a.C.) e a dos Yayoi (250 a.C./500 d.C.). A cultura Jomon caracterizou-se pelas técnicas de decoração em cerâmica; vivia de pesca e em grupos. A dos Yayoi foi marcada pelo cultivo do arroz e o aparecimento de uma sociedade agrícola.

Outras civilizações influenciaram o Japão. Através da Coreia expandiu-se o costume de construir grandes sepulturas. Entre os séculos II e IV d.C., o Japão não se estendia além da ilha meridional de Kyushu. A partir do século IV, foram intensificadas as relações com a Coreia, recém-convertida ao budismo, por influência da China. Durante o século V, homens de letras e tradutores introduziram a escrita chinesa entre os japoneses.

---

(\*\*) *Jocimara Sperate, jornalista, trabalha na Prefeitura de São Caetano*

(\*) *Agradecemos a colaboração dos associados da Sociedade Okinawa, da Sociedade Assistencial e Cultural Japonesa de São Caetano do Sul e às famílias Toyoda e Kato pela atenção e carinho com que nos atenderam*

# Comunicação ambiental: o pioneiro Boletim Cicpaa

Antonio de ANDRADE(\*)

Em *Raízes* número 1, tivemos oportunidade de resgatar um pouco da história da Cicpaa (Comissão Intermunicipal de Controle da Poluição das Águas e do Ar), organismo pioneiro em toda a América Latina na luta contra a poluição ambiental que, entre 1965 e 1971, esteve sediada no Bairro Fundação (São Caetano do Sul), na parte inferior do Palácio dos Esportes. Pela abrangência da temática ambiental na atualidade, torna-se pertinente retomar e aprofundar o assunto.

A própria Cicpaa foi resultado do desdobramento de outras iniciativas pioneiras, avançadas para a época, e voltadas para a solução dos problemas ambientais do ABC.

Em 1955, após a inauguração da Refinaria de Petróleo União, localizada em Capuava (Santo André), o nível de degradação do rio Tamanduateí (que já era preocupante) atingia níveis críticos, ocasionando sérios problemas, inclusive para diversas indústrias que utilizavam essa água em seus processos industriais. Destaque-se que a maioria dessas indústrias estava situada a jusante (abaixo) dos despejos da Refinaria, o que, acrescido do lançamento de esgotos domésticos no rio, sem tratamento, tornava inviável qualquer forma de utilização, até mesmo nos estabelecimentos que contavam com sistemas de depuração e filtração.

Cabe relembra, ainda, que o fornecimento de água potável constituiu, na década de 50, o mais forte componente de reivindicações de uma população que crescia de forma acelerada e desordenada pela região do então ABCM. A utilização da represa Billings para abastecimento do ABC, embora autorizada pelo governo federal, em julho de 1944, iria concretizar-se apenas em setembro de 1958, quando foi inaugurado o sistema de captação e tratamento em Riacho Grande.

Em maio de 1955, o prefeito de Santo André, Fioravante Zampol, e um grupo de representantes das indústrias locais reuniram-se para discutir a situação do rio Tamanduateí e concluíram pela necessidade da criação de uma comissão mista, que deveria iniciar os estudos e sugerir medidas práticas e rápidas para melhorar a qualidade ambiental - não somente do rio Tamanduateí, mas também de toda a sua bacia hidrográfica.

Surgia, assim, a Cicpaat (Comissão Industrial de Estudos e Controle da Poluição das Águas da Bacia do Tamanduateí), composta por oito membros: um representante do Ceepa (Conselho Estadual de Controle da Polui-

ção das Águas); um representante da Prefeitura de Santo André, outro da Prefeitura de Mauá, e mais cinco representantes das indústrias (Firestone, Rhodia, Refinaria União e Cerâmica Cerqueira Leite). A Cicpaat teve duração curta, mas conseguiu, entre outras coisas, efetuar um cadastro das principais indústrias poluidoras, além de viabilizar a alteração na classificação do rio Tamanduateí para uma categoria mais rígida. Isso permitia uma ação de controle embasada na legislação e sugeriu ao Poder Público municipal a adoção de um parecer obrigatório (relativo ao potencial de emissão de poluentes) na expedição de alvarás de funcionamento para as indústrias. Para concretizar esta última recomendação, foi constituído um órgão técnico específico em Santo André, criado pela Lei 1.111, de 9 de maio de 1956: surgia a CMPT (Comissão Municipal de Controle da Poluição das Águas da Bacia do Tamanduateí). A presidência seria exercida pelo vice-prefeito de Santo André, engenheiro Antonio Pezzolo.

Em 27 de novembro de 1957, a CMPT inaugurou um laboratório específico para a realização de análise de águas residuais e poluídas. Até aquele momento, os trabalhos desenvolvidos estavam dirigidos ao trecho do Tamanduateí situado entre Mauá e

Santo André. Mas o novo órgão passou a desenvolver gestões para agregar os municípios de São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, ambos integrados à bacia hidrográfica do Tamanduateí. Isso consolidaria a essência da intermunicipalidade que se pretendia numa ação cujos objetivos extrapolavam os limites físicos das cidades. O que se pretendia - e isso acabou sendo alcançado - era uma administração do problema ambiental através da atuação conjunta na bacia hidrográfica. Esse continua sendo o conceito mais moderno nas políticas sérias de gerenciamento ambiental. A mesquinhez e a falta de visão de parcela considerável de políticos e burocratas tem impossibilitado a maioria das propostas nesse sentido. Imagine-se, no entanto, que essas propostas já haviam sido formulada há 35 anos. O trabalho de convencimento, junto às instâncias diversas, foi lento e penoso, e havia, ainda, a necessidade de concordância do governo estadual, através da Secretaria Estadual de Viação e Obras Públicas, pois a ela competia legalmente a execução desses trabalhos.

A degradação ambiental começava a preocupar a população e as autoridades: a poluição do ar assumia níveis alarmantes, principalmente em



Fac-símile da capa do Boletim Cicpaa número 1





O exemplar 12 (abril de 1965) comemora a inauguração do laboratório de análises de qualidade do ar, instalado em São Caetano do Sul, na parte inferior do prédio conhecido como Palácio dos Esportes. Inaugurado em 2 de abril de 1965, o laboratório estava equipado, em sua maior parte, com o que de mais moderno estava disponível e quase tudo doado pela Organização Mundial da Saúde. A partir daquela data, começa a transferência do pessoal e equipamentos que estavam lotados em Santo André. Nesse boletim surge a informação de que em 50 locais do ABCN estavam sendo feitas medições dos seguintes poluentes atmosféricos: anidrido sulfuroso, poeira sedimentável (orgânica e inorgânica) e corrosividade. Matéria especial é dedicada à questão meteorológica da região, em especial ao efeito danoso representado pelas freqüentes "inversões térmicas" que impedem a dispersão dos poluentes nos meses de inverno. O assunto ocuparia as manchetes dos jornais de São Paulo exatos dez anos mais tarde, quando, nos invernos a situação chegaria a níveis críticos. Esse fato também pode ser encarado como o início da preocupação ambientalista no Brasil.

A mesma edição transcreve o texto da Lei 1.336, de 9 de fevereiro de 1965, que autoriza o prefeito de São Caetano do Sul a baixar, por decreto, normas e limites de poluição das águas e do ar, bem como "medidas correlatas, segundo parecer técnico da Cicpaa". Essa legislação pioneira possibilitaria um maior rigor nas ações da Cicpaa e demonstra a maneira objetiva e articulada como vinham sendo desenvolvidos os trabalhos na região.

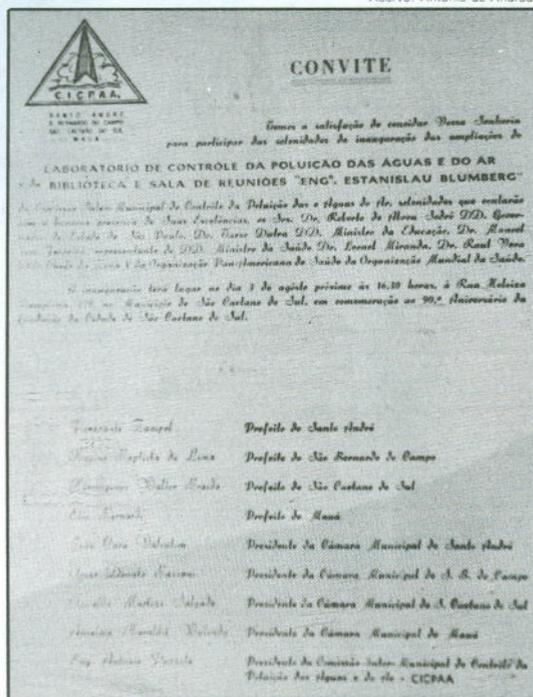
A edição 13 (novembro de 1965) apresenta os primeiros resultados da análise da qualidade do ar, realizada a partir de 1 de janeiro de 1965. Os dados confirmavam a hipótese de que São Caetano e Mauá estariam mais sujeitos aos efeitos indesejáveis dos poluentes atmosféricos. As médias obtidas eram as seguintes:

	sulfatação mgSO <sub>3</sub> /100cm <sup>2</sup> / dia	corrosão g/m <sup>2</sup> /30 dias	poeira em g/m <sup>2</sup> /30 dias
S. André	0,53	56,67	4,06
S. Bernardo	0,38	39,04	3,79
S. Caetano	0,72	67,54	4,83
Mauá	1,01	77,11	5,68

Ainda está transcrita, nessa edição, a ata de reunião solene de inauguração do laboratório, realizada em 2 de abril de 1965, e que contou com a presença, entre outros, do governador Ademar de Barros e dos prefeitos Fioravante Zampol, Hygino Baptista de Lima, Anacleto Campanella e Edgard Grecco. Noticiava-se a realização de uma reunião entre os prefeitos do ABCM, técnicos da Cicpaa e o engenheiro William A. Xantem, consultor da Organização Mundial da Saúde, para problemas relacionados ao lixo. Ainda hoje, 27 anos após a primeira reunião, a questão da deposição do lixo doméstico e industrial constitui desafio para as diversas administrações municipais, pouco tendo se avançado nesse aspecto, embora a exigüidade de áreas, o crescimento populacional e a diversificação da atividade industrial tenham se tornado muito mais complexos.

O derradeiro *Boletim Cicpaa*, o de número 14, surge quando é inaugurada a Biblioteca Técnica com a ampliação dos laboratórios de São Caetano do Sul, em ambiental no ABCM, um

Acervo: Antonio de Andrade



Reprodução do convite referente à inauguração das instalações ampliadas do Laboratório da Cicpaa em São Caetano do Sul

balanço das atividades desenvolvidas desde a criação da comissão, um resumo dos dados de qualidade do ar, informações meteorológicas coletadas na região, síntese dos dados sobre a qualidade das águas do Tamanduateí e, em anexo, três mapas coloridos ilustravam a situação em termos de emissão de poluentes atmosféricos nas 50 estações de amostragem espalhadas pelos quatro municípios. A partir dessa data, até a absorção da Cicpaa pelo governo do Estado, em 1971, o histórico do órgão está perdido, restando informações esparsas preservadas na memória de alguns técnicos e colaboradores que estiveram na Cicpaa nesse período. As pioneiras amostragens realizadas em São Paulo, nos anos de 1967 e 1968, em 30 estações medidoras, instaladas e operadas pela Cicpaa, estão provavelmente esquecidas em alguma pasta, num arquivo morto de alguma repartição pública. Triste final para uma iniciativa de tal grandeza e resultados tão significativos para a região.

Da leitura atenta desses boletins, uma amarga constatação: na atual pauta de discussões e cobranças das heróicas e persistentes entidades ambientalistas da região, os mesmos assuntos e problemas detectados há três décadas. A lição que se extrai da Cicpaa - que é apenas um caso entre tantos outros conhecidos - aponta para a trágica falta de competência da sociedade brasileira em estabelecer instituições coerentes com um processo civilizatório. Nossa incapacidade cultural de assimilar os recursos naturais como algo inerente à nossa existência e sobrevivência como grupo social vai conduzir-nos, decerto, à situação de barbárie e destruição, cujos sintomas e efeitos, tragicamente, passamos a assimilar como parte natural de nosso cotidiano. A degradação ambiental segue firme, de mãos dadas com a deterioração de nossos valores e padrões, incapazes e impotentes na incorporação de um projeto grupal calcado na liberdade e dignidade humanas.

E, assim, seguimos nossa marcha frenética na contramão da História. Protagonistas de uma anti-heróica encenação do atraso e do fracasso. Negando o passado, reescrevendo a História, ignorando experiências concretas e corretas, seguimos firmes em busca do nada. Do nada absoluto. Exemplo universal do fracasso a não ser imitado, eis o legado mais coerente que, parece, estamos destinados a oferecer ao restante da Humanidade. No caso da Cicpaa, lá se vão três décadas perdidas. Uma geração completa. Quantas outras gerações e recursos poderemos dar-nos ao luxo de jogar fora?

(\*) Antonio de Andrade, natural de São Caetano, é formado em Ciências Políticas e Sociais pelo IMES. É pós-graduado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo e em Administração Pública pela Universidade de Manchester (Inglaterra). Possui o título de mestre em Comunicação Social pelo Instituto Metodista de Ensino Superior. É conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Santo André. Foi funcionário da Cicpaa de 1965 a 1971.

# Em memória de um rio

Claudinei RUFINI(\*)

A intervenção humana na natureza tem sido predatória desde o início. A História da cidade -enquanto forma de ocupação do espaço, característica do gênero humano- é a própria história dessa intervenção, onde cultura e tecnologia se confundem quase o tempo todo, principalmente no que respeita aos conceitos de cultura e civilização e que deram vazão a uma série de ressentimentos. Como, por exemplo, as atualíssimas e conflituosas relações Norte/Sul, em todos os âmbitos, entre Primeiro e Terceiro Mundos, etc. Ainda não se compreendeu a fundo a questão da diversidade cultural, que é o resultado daquela intervenção patente na relação entre homem e natureza.

Nestes tempos, em que a Ecologia virou moda e não modo de vida, gostaríamos de convidar o leitor a refletir sobre a questão ambiental, compartilhando das lembranças (não da nostalgia), da memória de um rio - do rio Tamanduateí-, guardadas nos relatos e nas crônicas de uma época.

*"Foi um rio que passou em minha vida, e meu coração se deixou levar"* (Paulinho da Viola)

"Pela baixada, o rio Tamanduateí deixava correr suas águas límpidas e serenas; corria entre a várzea e as espessas capoeiras, coleava tortuosamente pelas capituvas e guapés. O mesmo se dava com o rio dos Meninos. Este também corria com suas águas cristalinas entre um emaranhado de vegetações. À sua margem, por cima das copadas árvores, os pássaros trinavam ou regorgeavam. O panorama tornava-se belo, parecendo encher de alegria os que por ali passavam. Verdadeiramente, a natureza virgem ainda daquele "São Caetano do ontem" impressionava ante a beleza dos agrestes selvagens e tudo isso era a nossa vida sertaneja" [1.].

Hoje é praticamente impossível sequer imaginar tal paisagem. Você já tentou? Ontem, águas límpidas e transparentes... hoje, fétidas e pardacentas, oleosas, ácidas, mortas... definitivamente sepultadas numa imensa catacumba de concreto. Destruídos rios, matas, mares e ares. Qual é o preço a se pagar pelo progresso?

"Cidade voltada essencialmente ao trabalho, São Caetano adormecia cedo. E à noite, das extensas várzeas do Tamanduateí, do rio dos Meninos e dos córregos, elevava-se a sinfonia das vozes dos habitantes daque-

las plagas- o coaxar das rãs e dos sapos e o cricilar dos grilos. Milhares de vagalumes piscavam o ar no seu inquieto bailar. Uma brisa gostosa de permeio com o odor das plantas aquáticas, do matog e das flores silvestres perfumava as noites caetanenses. As olarias desapareceram, como desapareceram as várzeas e, com elas, a vida animal que aí palpitava. As faixas de asfalto cruzam as antigas várzeas, as buzinas estridentes substituíram as vozes dos animais, e os faróis dos automóveis os inquietos vagalumes..."[2.].

*"Tudo o que agride a terra, agride os filhos da terra"* (Chefe Seattle)

Os rios são o referencial mais antigo da História da civilização. Foi com a compreensão do ciclo das águas que as antigas tribos nômades de caçadores e coletores descobriram a agricultura e se fixaram à terra, construindo as primeiras cidades, há cerca de 35 mil anos, nos vales dos rios Tigre e Eufrates (região que hoje compreende o Iraque, parte do Irã). Essa ocupação deu origem àquela que os estudiosos consideram a primeira grande revolução da História da humanidade: a Revolução Neolítica. O processo tecnológico foi surpreendente naquela época, com as descobertas dos mecanismos de armazenamento de alimentos e pastoreio, da tecelagem, da construção civil e da fermentação biológica que levou à produção do pão, do vinho e da cerveja. Entre outras inovações, foi criado, também, o embrião da figura do Estado, enquanto fonte de poder[3.]. Depois, dali a civilização espalhou-se pelos vales do Nilo, no Egito; do rio Amarelo, na China, e dos rios Índus e Ganges, na Índia.

Os rios também foram muito importantes para a colonização do Brasil. Pelos rios, principalmente o Tietê, partiram as monções, entradas e bandeiras que "desbravaram os sertões", do sul ao norte, expandindo as fronteiras para além dos limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas. Os rios eram as estradas daquele tempo, o caminho mais seguro para enfrentar o desconhecido e as surpresas dos ataques de índios e animais. Os transportes terrestres começaram a ganhar volume com a descoberta das minas, as Minas Gerais, no século XVIII, quando surge a figura do tropeiro - que seria muito comum na



Barca utilizada pelos irmãos Saul, Antonio, João e Manoel Paranhos (que aparecem na foto) na extração de areia no Tamanduateí. O garoto é José Eduardo Gonçalves, o "Zé Barbeiro". A foto é de 1932, e foi tirada na altura das ruas Pedro Alexandrino (Bairro Fundação, São Caetano) e Lobélías (Vila Bela, São Paulo).



Dois momentos da transformação: começo dos anos 50 e 70, vistos da ponte da rua Ibitirama. Ao fundo, o prédio da antiga tecelagem de Silvério Perrella. Fotos sem data (Coleção do Jornal de São Caetano)

região do atual ABC. O transporte sobre rodas viria a ganhar corpo quase na metade do século XIX. Aqui entra outra figura comum na região- o carreiro com o seu carro-de-boi.

Com o Tamanduateí não foi diferente. Como lembra José de Souza Martins[4.], os beneditinos utilizaram suas águas durante mais de um século (de 1730 a 1870) para o transporte de telhas, tijolos e cerâmicas da Fazenda São Caetano para São Paulo. Aliás, o Tamanduateí era o rio da cidade de São Paulo (o atual ABC ali está incluído). Também por ele foram transportados tijolos das olarias de São Caetano para a construção do Monumento à Independência, no Ipiranga, inaugurado em 1922.

*“Que foi que aconteceu/que a memória se quebrou/o encanto adoeceu/e o futuro desandou/e o que era tão fácil dizer numa canção/era o prefácio mais cruel/de uma fiel destruição”* Eduard Gudim e Marcão da Silva Ramos

Você já experimentou, só por curiosidade, saber como o rio é lembrado pelas pessoas? Desde pequeno, ouço uma dessas histórias, contada pela minha avó, Esperança Martorelli Cairo. Dizia ela que, quando menina, acompanhava a mãe, Josephina D’Agostini Martorelli, nas idas ao Tamanduateí para lavar roupa: “O rio não era muito fundo naquele pedaço, perto de onde está o São Caetano Esporte Clube... as crianças, às vezes, ficavam brincando perto das mães... quantas vezes elas encontravam anéis, alianças e até dinheiro debaixo da água! Dava para se ver o fundo, direitinho...”

Nicola Perrella afirma o seguinte: “Recordo ainda, lá na várzea, pescadores advindos de toda a parte à procura desse entretenimento. Pescava-se também e peixes de boa qualidade, como traíras, lambaris, tubaranas, bagres e outros peixes de pequeno porte. Os nossos rios, embora não caudalosos, eram piscosos. Por toda a parte viam-se covos, redes e tarrafas. Todos saboreavam gostosíssimos peixes e estes não eram vendidos. Nossos pescadores tinham prazer em dá-los, tal era a quantidade”[5.].

Manoel Cláudio Novaes: “De dezembro a fins de fevereiro, chuvas diárias e abundantes. O rio Tamanduate, vindo das bandas de Santo André, normalmente preguiçoso, ora enconestado a barrancos, noutros trechos roçando os morros da Vila Alpina e da Vila Bela, na estação das chuvas, aumentando o seu volume, vomitava o excedente pelas várzeas, inundando as baixadas e um imenso rio-lago formava-se, de Santo André até o Ipiranga... Na canoa utilizada para tirar areia do rio lá das bandas da “Mecânica”, os irmãos Martorelli (Lourenço, Luiz e Domingos) embarcaram os filhos menores e algumas crianças vizinhas para um passeio no imenso lago formado pela enchente, cujas águas, vindas das encostas dos morros, atingiam os fundos dos quintais das casas da rua Rio Branco, 28 de Julho, chegando, às vezes, até à rua Regente Araújo Lima, detidas pelo barranco que delimitava, quicá, para os lados de São Caetano, o grande lago das cheias. Que espetáculo grandioso deveria ser em épocas remotas, quando esta cidade ainda estava para nascer!”[6.].

Nadar, pescar, caçar, brincar, trabalhar.... uma verdadeira relação de amor. Era depois das cheias que se formavam as jazidas de barro que os oleiros extraíam, abrindo suas cavas... pelo menos até à próxima enchente... “As pequenas povoações que nasceram às margens do Tamanduateí, e de seus afluentes, dele extraíram alimento e riqueza, cresceram ocupando o espaço milenar reservado pela natureza para a época das cheias. Aqui cabe citar as várzeas, extensas áreas alagadiças, tomadas por matas, pequenas lagoas e inúmeros campos de futebol que abrigaram, por muito tempo, a alegria do futebol amador dos finais de semana”[7.].

Ao lado dessa visão romântica, existia uma realidade trágica, como atestam não só os testemunhos mas também vários artigos publicados em números anteriores de *Raízes*. Espremidos entre a várzea e a penúria, nossos antepassados viviam aos sobressaltos. “A tristeza, o desespero e o aborrecimento tomava conta de tudo e de todos. A febre amarela invadia nosso chão, grassava em São Caetano; surgia de uma forma ‘epidêmica’ e parecia deslustrar o arrojo de nossos homens, o trabalho tendia a paralisar-se, a febre alastrava-se parecendo dizimar tudo... Algumas vidas eram ceifadas de forma assaz brutal, o pavor vivia estampado no rosto de todos(...) Tudo dava-nos a impressão de que seria arrasado, a obra assistencial não existia, os recursos eram parcos, paupérrimos para debelação desse mal(...) A malária ou maleita parecia também gostar destes rincões, alguns casos foram verificados mas de forma assaz benigna, não tivemos conhecimento de casos fatais a respeito, mas aquela “tremedeira” que pegava alguns de nossos homens, aquela febre que deixava o corpo frio e com vontade de ficar ao calor do sol, tudo isso sempre deixava triste a nossa gente de “ontem”. As moradas eram sem conforto e para eles também existia esse dilema, o conforto talvez viria depois. . . “[8.].

Se, por um lado, a doença proliferava em função não só das condições de vida, mas, principalmente, das próprias condições do lugar, as enchentes representavam o verdadeiro flagelo: “Muitas e muitas vezes, todos os anos, víamos a nossa gente de “ontem” bastante acabrunhada, pareciam tristes e constringidas, realmente, não era para menos... As chuvas em seu tempo caíam torrencialmente, dia e noite. As enxurradas corriam devido ao excesso das águas, coleavam marginalmente pelas estradas e caminhos, os rios transbordavam assustadoramente, as várzeas alagavam-se tal o represamento dessa massa líquida. Nossos obreiros deviam mesmo ficar pesarosos... Quem sabe pensassem talvez em arrependimentos... A maior parte de sua criação era dizimada pelas enchentes, eram um burro, uma vaca, uma cabra, carneiros, galinhas, etc., que vagavam por sobre a água. As olarias eram também invadidas pela grande massa líquida, os prejuízos eram grandes, a devastação enorme. Os oleiros olhavam com grande constrangimento todo aquele sacrifício devorado agora pelas águas, eram pilhas e mais pilhas de tijolos crus que se desfaziam, eram tijolos empilha-

dos que rodavam entre toda a massa líquida, era o amontoado de barro e argila misturando-se com as águas da enchente, tudo parecia estar perdido... Assim, todos esperavam que a chuva amainasse e baixasse o nível das águas; não havia mesmo outra coisa a fazer. .. os prejuízos eram sempre incalculáveis..."[9.] Enchentes... doenças... destruição... prejuízos... uma perfeita relação de ódio.

*"Da nuvem até o chão/do chão até o bueiro/do bueiro até o rio/do rio até a cachoeira/da cachoeira até a represa/da represa até a caixa d'água/da privada até o esgoto/do esgoto até o rio/do rio até outro rio/de outro rio a outro rio"*(Arrigo Barnabé e Arnaldo Antunes)

Não foi o ódio que destruiu o Tamanduateí, nem qualquer outro rio. O único ser com inteligência para pensar, não a teve suficiente para ver que é também o único animal que destrói a quem lhe dá sustento. A natureza é vista apenas como mais um instrumento de trabalho.

Dos motivos que deram início ao processo de industrialização de São Caetano, bem como de todo o ABC, a existência de água em abundância foi um dos principais. A expansão cafeeira, o fluxo de capital e o aumento de população proporcionaram uma especulação imobiliária nunca vista antes. Numa das primeiras conseqüências, a população menos favorecida foi relegada às terras baixas, às várzeas dos rios, riachos e córregos, com os desdobramentos que já vimos acima. As terras altas foram reservadas às classes privilegiadas; não foi por acaso que os barões do café e os grandes capitalistas ocuparam a Avenida Paulista, longe das doenças e dos odores dos brejos.

Outra conseqüência imediata foi a transferência das indústrias para terrenos mais baratos, desde que atendessem às condições para sua instalação. São Bernardo - mais precisamente os distritos de São Caetano e Santo André - apresentava essas condições: muita água, era próxima à capital e servido pela São Paulo Railway, a meio caminho do porto de Santos. Perfeito! A poluição que fosse para o subúrbio...

A importância das águas para o processo industrial era tamanha que já em 1911 a Prefeitura de São Bernardo assinava convênio com a Light para regularização, limpeza e conservação do Tamanduateí [10.], visando seu aproveitamento. Não é mera coincidência que a Light - detentora do monopólio do fornecimento da energia elétrica e, por isso, com toda a sorte de privilégios e benefícios oficiais - provocou grandes aberrações ecológicas a partir da construção da barragem Edgard de Souza, em Santana do Parnaíba, e que causa transtornos até hoje.

Em 1929, essa barragem foi responsabilizada por uma grande enchente que atingiu São Paulo, deixando centenas de desabrigados. O curioso nesta história, segundo o professor Nicolau Sevchenko, é que a fina-flor da sociedade da época simplesmente ignorou a catástrofe; em vez de solidarizar-se com a população pobre e marginalizada, preferiu auxiliar uma associação de ex-combaten-



*O leito sinuoso do Tamanduateí não resistiu aos interesses do progresso. Foto sem data, na altura da rua Araraquara (Coleção do Jornal de São Caetano)*

tes da Primeira Guerra Mundial da Bélgica. Mas, em 1946, foi cometido um verdadeiro crime contra as leis da natureza. Com a conivência e autorização do governo federal, a Light eleva a altura da barragem, diminuindo a vazão do Teitê, provocando, assim, a reversão do curso do rio Pinheiros em direção da represa Billings. O resultado disso todos conhecemos (a esse respeito, o excelente artigo de Antonio de Andrade - "Billings: memória da insensatez", *Raízes*, nº 5),

*"Não interessa quem foi/todo mundo foi/todo mundo viu/quando o rio pede água/ninguém acreditou/todo mundo riu/riu da desgraça do rio/riu da sujeira do rio/riu da vergonha do rio"*(Heraldo do Monte e César Brunetti)

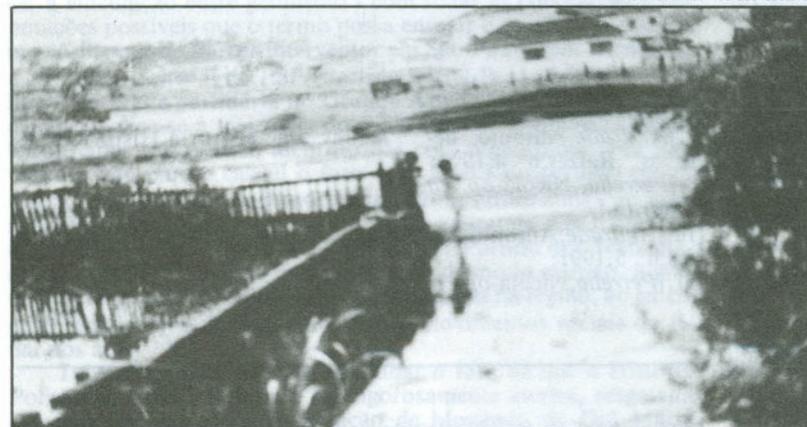
A Light não foi um caso isolado de privilégios, interesses e favorecimentos. A própria industrialização deu-se nessas bases, mas isso já é uma outra história. Voltemos a São Caetano: a água era vital não apenas para os grandes grupos econômicos, mas também para as pequenas indústrias que começavam a surgir nas proximidades dos rios.

"Nas margens do rio Tamanduateí estava localizada uma pequena indústria daquele tempo (isto, naturalmente, bastante além das olarias) para os lados da "Barra-funda", ou melhor, um pouco além do lado direito da "Riva Rossa". Era a *polvoriera* que ali estava localizada, era uma fábrica de pólvora, que era chamada de *polvoriera*. Era acionada ou movida por uma grande "roda hidráulica"; esta girava em torno de si mesma, impulsionada pela correnteza das águas. Havia canalizado um pequeno curso d'água saído do Tamanduateí a fim de impulsionar a gigantesca roda" [11.].

Quando o rio Tamanduateí começou a agonizar, talvez ninguém saiba ao certo. Afinal, já se vão mais ou menos 50 anos. Desde então, ele já sofreu, pelo menos, três grandes intervenções: nos anos 30, nos anos 60 e no começo dos anos 70, dando-lhe o traçado atual. Foi totalmente descaracterizado. A propósito: a *polvoriera* citada, ficava à rua das Lobélias, na Vila Bela, altura do número 280. Naquela época, o rio passava a pouco mais de 30 metros. Hoje, essa distância é de, mais ou menos, 80 metros.

Há tempos o rio só é lembrado nas noites calorentas de verão, quando exala aquele odor característico, insuportável, época em que também vêm as chuvas, quando ele - malgrado - abandona o leito que lhe deram, para reivindicar o pedaço de terra que sempre foi seu.

Em nome do progresso ainda são cometidos verdadeiros crimes contra a natureza, crimes que afetam, diretamente, nossa qualidade de vida. E nós nem ao menos somos consultados, ouvidos. Isso quando não somos enganados e iludidos. Mas até que ponto nós próprios não nos omitimos para termos uma vida mais digna e saudável? Será que só nos resta compartilhar a esperança com aqueles *teimosos* jacarés que



*A ocupação das várzeas: enchentes e transtornos. Foto sem data, na altura da rua Ceará. Ao fundo, a Usina São Caetano (Coleção do Jornal de São Caetano)*



Depois das cheias, o trabalho de limpeza e reparo dos estragos. Foto sem data, tirada da ponte da Vila Califórnia (Coleção do Jornal de São Caetano)

insistem em aparecer, ninguém sabe de onde, no rio Tietê, e com aquela lontra, que, num dia qualquer de março de 1992, também teimou em aparecer nas águas fétidas e oleosas do Tamanduateí, lá no Bairro da Fundação? Eles comprovam que também, teimosamente, a natureza e a vida insistem em ressurgir, quando e onde menos se espera. É hora de refletir.

#### NOTAS

- [1.] Perrella, Nicola - *Entre as torbas de São Caetano*;
- [2.] Novaes, Manoel Cláudio - *Nostalgia*. São Paulo: Editora Meca; São Caetano: Prefeitura de São Caetano, 1991;
- [3.] Benévolo, Luigi - *A História da cidade*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1983;
- [4.] Martins, José de Souza - *A Escravidão em São Caetano*. São Caetano, ACRE Luiz Gama, 1988;
- [5.] *id.*, *ib.*;

- [6.] *id.*, *ib.*;
- [7.] Andrade, Antonio de - "Águas da História, História das Águas". *Raízes*, nº 4, 1991;
- [8.] Perrella, Nicola - *op. cit.*;
- [9.] *id.*, *ib.*;
- [10.] Andrade, Antonio de - "Billings: memória da insensatez". *Raízes*, nº 5, 1991;
- [11.] Perrella, Nicola - *op. cit.*

---

(\*) Claudinei Rufini é jornalista, animador cultural, mestrando da ECA/USP, pesquisador e integrante do Gipem

# História da Política do Grande ABC: um tema a ser desvelado

Aleksandar JOVANOVIĆ(\*)

**O** objetivo deste trabalho é refletir a respeito da História Política do Grande ABC nas últimas décadas. Verificar as ligações capilares que as lideranças locais mantiveram com os planos estadual e nacional torna-se, dentro dessa perspectiva, questão central, na medida em que, desde a República Velha, a região desempenha vários tipos de papel no cenário político-eleitoral. Parece evidente que em épocas distintas o papel do Grande ABC nesse cenário tem sido muito distinto também. A partir do final dos anos 70, em função dos fenômenos da industrialização crescente e da urbanização, da organização dos diversos segmentos da sociedade e, em particular, dos sindicatos, a região ganhou expressão nacional, sob diversos aspectos. Entretanto, os resultados eleitorais, a distribuição do poder, em consequência da disputa político-partidária e o papel exercido pelas lideranças locais são facetas que ainda carecem de documentação farta e análise refinada[1.]

Traçar uma História Política do Grande ABC parece impossível sem estabelecer as ligações entre o cenário local e os planos estadual e nacional. Um simples corte longitudinal no tempo deixaria de enfatizar os vínculos estruturais entre os diversos períodos da História Política e os atores e coadjuvantes do cenário político-eleitoral. Num país como o nosso, em que os intervalos de democracia plena foram extremamente curtos durante o período de 168 anos que nos separe da Independência, as circunstâncias estabelecidas pela própria legislação eleitoral, por exemplo, podem ter mudado de tempos em tempos; os personagens da vida político-partidária, nem sempre.

Se refletirmos a respeito das últimas quatro ou cinco décadas, verificaremos que houve uma ligação estrutural entre a herança deixada pelo getulismo e as forças políticas emergentes no final dos anos 40 e começo dos anos 50 na região. Basta estabelecer a vinculação entre getulismo - com todas as conotações e denotações possíveis que o termo possa ensejar e ensejar - ademarismo (Adhemar de Barros interventor em São Paulo, por exemplo), a estratégia eleitoral do PSP (Partido Social-Progressista) e a política eleitoral e partidária no Grande ABC. O mesmo tipo de raciocínio aplica-se à trajetória do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), cujas raízes estão identificadas com o getulismo. Por isso mesmo, não parece casual o fato de o PTB - no período posterior ao fim do bipartidarismo, nestes últimos doze anos - ter conseguido vitórias eleitorais importantes no Grande ABC. De modo idêntico, o crescimento eleitoral do PT (Partido dos Trabalhadores) no último decênio está vinculado, de modo estreito, à gradual alteração das condições sócio-econômicas na região, ao emergente movimento sindical e aos fortes movimentos sociais do final dos anos 70.

Talvez seja fundamental sublinhar o fato de que a História Política do ABC ainda não foi rigorosamente escrita, resgatada e registrada (exceção à dissertação de Mestrado da Dr<sup>a</sup> Maria Tereza Sadek, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP e de alguns trabalhos, como o do *brazilianista* norte-americano John French, textos de Ademir Médici e Valdenício

Petrolli [vide, por exemplo, *Raízes* n° 5, "Sociedade Amigos de São Caetano, a entidade que liderou a autonomia") e, com certeza, poderíamos pensar no fato de que tal História deveria remontar até mesmo ao período do Brasil Império, passando pela proclamação da República, República Velha (em que medida a chamada "política dos governadores" influenciou na região?) até chegar aos dias atuais. Trata-se, é claro, muito mais de uma proposta de trabalho do que qualquer outra coisa.

No que respeita aos últimos decênios, a implantação do sistema multipartidário, em 1946, ensejou o surgimento de lideranças locais apoiadas em lideranças políticas de expressão estadual e/ou nacional. Somente assim poderiam ser entendidas as vinculações de nomes como Adhemar de Barros ou Jânio Quadros com o Grande ABC. Seria ingênuo supor que a História Política da região não estivesse articulada com o plano estadual, com os movimentos sociais, com a História do Sindicalismo, inclusive quando havia apenas dois Municípios, nos anos 40, ou decênios antes. A eleição e cassação de Armando Mazza para a Prefeitura de Santo André, por exemplo, não pode ser vista como simples "acidente eleitoral", mas sim como indício evidente de organização sindical, social, grau avançado de discussões políticas, aprofundamento dos debates em torno do destino político do país.

É preciso fazer um parêntesis: se observarmos, diacronicamente, a História dos partidos políticos brasileiros, desde o Império, verificaremos algumas linhas-mestras importantes e constantes: de 1822 a 1831, havia a oposição entre Monarquistas, Moderados e Radicais, correntes políticas desorganizadas, com ação restrita no Parlamento. De 1831 a 1837, segue-se um período de ação política radical: de 1837 a 1853, noperíodo das guerras civis, os partidos praticavam o bipartidarismo ( Conservadores *versus* Liberais ), sob um regime parlamentarista em que a oposição acabava sendo aceita como princípio fundamental para a existência do sistema. Tudo indica que a Convenção Republicana de Itu, em 1870, tenha inaugurado um curto intervalo democrático quanto à política partidária brasileira, período que dura até à proclamação da República, em 1889. No Brasil República, os intervalos democráticos são curtos, como se sabe, pois ora havia a "política dos governadores" e o *voto a bico de pena*, ora as revoltas armadas contra o governo serviam de pretexto para a inexistência de organizações partidárias, ora foi o golpe de Estado de 1937, dado por Getúlio Vargas... Cabe lembrar, ainda, que, entre 1930 e 1937, a Ação Integralista Brasileira foi uma das únicas organizações partidárias ativas (e como foi a ação dos integralistas no Grande ABC? caberia indagar, já que existem sobreviventes daquele período, ex-militantes ativos). É o caso do extinto Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922, cujo papel tampouco foi avaliado, devidamente, na vida política do Grande ABC. Entre 1946 e 1964, temos um período de reorganização pluripartidária que deixou importantes marcas na região, fato que valeria a pena dissecar.

Portanto, as linhas-mestras a que este texto se refere, acima, dizem respeito à conduta adotada em termos político-partidários: exclusão de todos os grupos que não estivessem vinculados à eli-

te agrária brasileira, entre 1889 e 1930, com restrições eleitorais e o estabelecimento de verdadeiros clãs partidários (que ainda hoje sobrevivem, diga-se de passagem, em muitas regiões do país); exclusão dos camponeses e trabalhadores, neutralização dos grupos liberais, controle sobre as máquinas eleitorais e sobre a burocracia, com intervenção federal, entre 1930 e 1946, e neutralização da participação dos camponeses, trabalhadores e grupos liberais, com efetivo controle das máquinas eleitorais e da burocracia, entre 1946 e 1964.

Algumas perguntas importantes, segundo essa óptica de análise, colocam-se a respeito da História Política do Grande ABC: de que maneira os fatos citados acima refletiram-se na região? Que tipo de aliança político-partidária ensejou a permanência do coronel Saladino Franco na Prefeitura, que englobava os sete atuais Municípios, durante um período tão longo? Que tipo de vínculos estruturais mantinha com as lideranças estaduais um nome como Lauro Gomes de Almeida, prefeito de São Bernardo do Campo que conseguiu eleger-se em Santo André também? De que modo os líderes dos anos 40 e 50 na região continuaram perpetuados através de seus liderados?

Há uma segunda linha de raciocínio, paralela, e que não exclui, de modo algum, as indagações anteriores (e que parecem constituir as pilstras de sustentação de uma investigação mais rigorosa dos fatos políticos nos últimos decênios): que relações o movimento sindical contraiu com os partidos políticos no período 1965-1979, durante a vigência do bipartidarismo criado artificialmente em março de 1965? e que relações foram contraídas entre as forças políticas do período do bipartidarismo com as organizações partidárias no período posterior a 1980, neste novo tempo de multipartidarismo?

Lembraria, a título de exemplo, que o próprio intervalo 1965-1979 não é, internamente, uniforme. Podemos distinguir dois grandes sulcos: o primeiro, que vai de 1965 a 1974, com predomínio eleitoral do partido oficial da época, a Arena (Aliança Renovadora Nacional); o segundo, de 1974 ao fim do bipartidarismo, refletido, de modo inequívoco, na vitória dos candidatos filiados à frente heterogênea constituída pelo MDB (Movimento Democrático Brasileiro). O fenômeno verificado no cenário nacional - 59% de votos para os candidatos do MDB ao Senado, em 1974, contra 40,8% de votos para os candidatos da Arena, acabou sendo refletido nas eleições municipais de 1976, no Grande ABC (vale a pena lembrar que nas eleições de 1970, os candidatos da Arena haviam conseguido nada menos que 69,4% de votos para o Senado, contra 30,5% conferidos aos candidatos do MDB).

No cenário mais restrito do Grande ABC, as forças internas do MDB eram constituídas também por lideranças heterogêneas, com curto período de ascensão de nomes criados no interior do sindicalismo, como foi o caso de Benedito Marcílio da Silva, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, que se elegeu à Câmara Federal, ou de Paulo Vidal Neto, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, sucessivas vezes reeleito para a Câmara Municipal sanbernardense. Por outro lado, paralelamente ao fenômeno da industrialização e urbanização, conscientização e racionalização de interesses das forças políticas ausentes das grandes decisões nacionais, verificou-se, entre 1945 e 1963, um crescimento do eleitorado do PTB (de 10,5% para 14,2%) e um decréscimo dos eleitores do PSD (de 44% para 18,3%) e da UDN (de 27,4% para 13,2%). Ainda assim, lideranças locais, criadas dentro do PTB, reapareceram, distribuídas de forma desigual dentro da Arena e do MDB, entre os anos de 1965 e 1979. Similar fenômeno aconteceu com os políticos que se projetaram à sombra da UDN e do PSD. Tudo leva a crer na existência de relações estruturais entre esses períodos, entre atores e coadjuvantes locais, estaduais e nacionais.

Sem dúvida, o corte mais radical na vida política da região acabou sendo representado pela fundação do PT, que estabeleceu um novo tipo de equilíbrio, ou, melhor dizendo, provocou um desequilíbrio no jogo de forças políticas do Grande ABC. Basta lembrar que o PT elegeu, em 1982, um deputado federal contra dois do PMDB e um do PTB. Novamente reaparece no pleito de 1982 o jogo de forças que tem raízes no período do multipartidarismo existente entre 1946-1964, com organizações sindicais servindo de alavanca para o sucesso nas urnas. Nas eleições de 1982, ainda, o PT elegeu dois deputados estaduais, enquanto PMDB e PTB, um cada. O PT, por outro lado, mudou o cenário nos últimos oito anos, conseguindo eleger prefeitos, vereadores,

deputados estaduais e federais e, até mesmo, obtendo expressiva votação para a primeira eleição presidencial posterior a 1960. Isso significa que, numa região industrializada, com grande concentração de trabalhadores, as máquinas partidárias sofreram um processo de deslocamento.

A História Política do Grande ABC parece internamente heterogênea depois de 1965. A título de exemplo, basta lembrar que nas eleições de 1976, quando ocorreu uma esmagadora vitória dos candidatos do MDB a prefeitos da região, Ribeirão Pires elegeu um candidato da Arena. Fenômenos similares aconteceram em 1982, quando Santo André e São Caetano do Sul elegeram prefeitos do PTB. É o caso, ainda, das eleições de 1988, quando o PT venceu em Santo André, São Bernardo do Campo e Diadema, mas o PTB continuou vitorioso em São Caetano do Sul. Os pesos relativo e absoluto dos movimentos sociais e sindicais são desiguais em cada uma das cidades da região, de maneira não contraditória, porém coerente com aquilo que se passou no cenário político estadual. Somente um exame mais pormenorizado da relação de vereadores eleitos nas últimas décadas, suas profissões, perfil ideológico, etc. seria capaz de fornecer instrumentos para uma análise do comportamento político da região e da representação que determinados segmentos sociais tiveram ou deixaram de ter. Ao mesmo tempo, a distribuição de vagas nas Câmaras Municipais acabou oscilando, de cidade para cidade e de partido para partido, nas eleições de 1982, por exemplo. Basta comparar os resultados em termos de cadeiras por legenda:

	PMDB	PT	PTB	PDS
Santo André	5	6	8	0
São Bernardo do Campo	9	7	1	2
São Caetano do Sul	7	4	7	1
Diadema	5	6	5	1
Mauá	9	4	2	2
Ribeirão Pires	10	1	1	3
Rio Grande da Serra	8	0	0	3

(Fonte: Diário do Grande ABC)

A distribuição de vagas nos Legislativos da região, nas eleições de 1982, deve ser analisada à luz de múltiplos fatores [e despenda como exemplo isolado deste texto, embora a compreensão pormenorizada dos fenômenos subjacentes implique, necessariamente, uma análise comparativa com eleições anteriores e fatos significativos da vida política local, estadual e/ou nacional], como, por exemplo, a própria legislação eleitoral [em que medida, com efeito, o voto de legenda e o quociente eleitoral são, e foram, fatores determinantes para estabelecer determinado perfil na distribuição dos votos efetivamente conferidos aos partidos e aos candidatos], a presença, na corrida eleitoral, de políticos com tradição de liderança pessoal e forte presença no quadro político de suas cidades, ou, ainda, o surgimento de novas forças sócio-políticas articuladas, capazes de mudar o equilíbrio antes existente na correlação de forças entre partidos políticos de perfil tradicional e grupos e forças sociais. Há um outro dado interessante que se soma aos fatores acima arrolados: o nível de organização partidária em cada Município [que pode ser afetado não somente por elementos de caráter qualitativo, como o perfil dos dirigentes e filiados, mas também por causas quantitativas, como o volume de recursos à disposição de uma determinada sigla]. Assim, a polarização entre PMDB e PDS, sucessores diretos dos antigos MDB e Arena, em Rio Grande da Serra sinaliza a falta de reflexo imediato da extinção do sistema bipartidário e a qualidade dos quadros arregimentados pelas novas legendas que participaram do confronto eleitoral. Esse raciocínio, a que subjaz a idéia de que os resultados das urnas refletem a convergência de fatores múltiplos, pode ser aplicado às demais cidades, observado o quadro específico de cada comunidade.

Outro aspecto correlacionado com a distribuição de vagas nas Câmaras Municipais está ligado à importância efetiva que os partidos políticos têm desempenhado (ou deixado de desempe-

nhar) no cenário institucional brasileiro. Em nível federal ou estadual, as siglas (com raríssimas exceções) pouco tem pesado; no terreno municipal é muito provável que sirvam, sobretudo, para acomodar diversas situações em que as disputas entre lideranças e grupos precisam ser amoldadas à realidade político-partidária. Testemunham a favor dessa hipótese as constantes transferências de sigla de vereadores, deputados e candidatos a candidato nos períodos pré-eleitorais, por exemplo.

Por outro lado, é muito interessante verificar que, ao longo de décadas, a região e, particularmente, algumas cidades tiveram lideranças políticas capazes de manter-se em evidência constante, reelegendo-se sucessivas vezes, numa evidente demonstração de consolidação junto a grupos numerosos da sociedade. Isso ocorreu de maneiras diferentes nos vários Municípios, configurando diferentes tipos de liderança, com percursos eleitorais e vinculações políticas e ideológicas distintos. Não se poderia, portanto, sem incorrer em equívoco, buscar estabelecer uma simples identidade entre a presença constante de nomes como o de Élio Bernardi, em Mauá, Lauro Michels, em Diadema, Anacleto Campanella, em São Caetano do Sul, Lauro Gomes, em São Bernardo do Campo, etc., na vida política de suas cidades. É sintomático, por outro lado, que esse tipo de liderança tenha tido ligações capilares com o fenômeno denominado *populismo*. Razões, evidências, fatos, por seu turno, fazem parte do contexto muito particular de cada situação, como é o caso dos movimentos autonomistas desencadeados em cada uma das atuais cidades do Grande ABC e que levaram à definitiva fragmentação do outrora único e grande Município de São Bernardo e, depois, Santo André. Mas é claro que a participação de determinados políticos nos grupos autonomistas pôde assegurar-lhes não somente prestígio eleitoral futuro, mas também provável sobrevivência política. Inclusive após a extinção do bipartidarismo, em 1979, no governo do general João Baptista Figueiredo, novas formas de populismo tenha renascido sob outras vestes. Uma análise isenta de paixões partidárias seguramente será capaz de indicar sobrevivência populista também em legendas que se auto-intitulam progressistas (na dicotomia, por vezes enganosa, entre conservadores e progressistas). Tudo isso, portanto, é matéria a ser investigada ainda, segundo entendemos.

Como propõe o título do presente texto, a História Política do Grande ABC está ainda para ser escrita de modo pormenorizado, tarefa que necessita de compilação de resultados eleitorais, comparação de dados, depoimentos de protagonistas ainda vivos, etc. Compreender o desenvolvimento histórico de uma cidade ou de uma região sem lançar os olhos, de maneira detida, sobre os fenômenos políticos e sociais sempre haverá de parecer um olhar de relance, um olhar que vê, mas não enxerga muitos elementos essenciais. Afinal, nem a História, e muito menos a História Política, são obras do acaso cego; são, ambas, resultado da ação dos grupos sociais, da relação de forças econômicas, sociais, político-partidárias.

#### Nota

[1.] O presente artigo é resultado de revisão e ampliação parciais de texto apresentado ao I Congresso de História do ABC, realizado em Santo André, no ano de 1991.

#### Referências bibliográficas

- 1- *Carvalho, M.E. Gomes de -Os deputados brasileiros nas Cortes de 1821*. Brasília, Senado Federal, 1979
- 2- *Diário do Grande ABC*. Coleções de novembro de 1972, 1974, 1976, 1982, 1986 e 1988 ;
- 3- *Fleischer, David V. (org.) -Os Partidos Políticos no Brasil*, Brasília, Editora da UnB, 1981, vol. I ;
- 4- *Motta, Paulo Roberto -Movimentos Partidários no Brasil*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971
- 5- *Roure, Agenor de - A Constituinte Republicana*. Brasília, Senado Federal, 1979;
- 6- *Soares de Souza, Francisco Belisário -O Sistema Eleitoral do Império*, Brasília, Senado Federal, 1979.

---

(\*) *Aleksandar Jovanovic é jornalista, doutor em Linguística, professor da USP, tradutor, membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e presidente da Sociedade Brasileira de Slavística*

# Dom Jorge bispo dos operários

Valdenício PETROLI(\*)

“Participei de cerca de 40 greves, onde o ideal, em relação ao choque patrão/empregado e capital/trabalho, era que se chegasse ao ponto de um relacionamento estável, não apenas de choque no período das reivindicações” - disse, certa ocasião, dom Jorge Marcos de Oliveira, para quem ideal era patrões e empregados viverem como elementos da mesma sociedade. De bispo dos favelados no Rio de Janeiro, na década de 40, a bispo dos trabalhadores, a partir de 1954, quando veio para o Grande ABC, dom Jorge sempre estava ao lado dos carentes, injustiçados e sofredores, principalmente crianças [1.].

Nos 21 anos que passou frente à Diocese de Santo André, sempre foi polêmico, enfrentando resistências dentro e fora da Igreja. Levando em consideração a doutrina da Igreja, ele imprimiu uma orientação mais voltada às preocupações sociais. Como essa atitude, não era muito comum para a Igreja da época, viu-se diante de barreiras. No final dos anos 60, membros do próprio clero diziam que determinados setores da Igreja Católica estavam empenhados em levar o “comunismo ameaçador” para dentro das igrejas.

No começo dos anos 60, um grupo de prefeitos da região chegou a pedir ao Núncio Apostólico a transferência do bispo da Diocese de Santo André, em virtude de sua participação nas greves. A notícia de sua transferência logo correu pelas paróquias e fábricas e, de imediato, não faltaram as manifestações populares de apoio a sua pessoa. O bispo ficou conhecido em todo o Brasil e no exterior e os oportunistas políticos, de pronto, lembraram de seu nome para disputar cargos de vereador, prefeito, deputado e até de governador. Dom Jorge nunca se candidatou a nada e jamais se filiou a partido algum [2.].

Apesar de a Nunciatura Apostólica mantê-lo na região, isso não o impediu de receber alguns “puxões de orelha” - e explicasse suas atitudes no Grande ABC - assim que se encontrou, pela primeira vez, com o papa Paulo VI. No final de sua visita, o papa recomendou: “Vai, meu filho, coragem. Continua, mas, cuidado [3.].

E ele continuou, mesmo depois de ter renunciado à Diocese. Em 1980, durante o movimento grevista do ABC, enviou carta ao presidente João Baptista Figueiredo, criticando a intervenção nos sindicatos e pedindo providências para solucionar o problema. “Senhor presidente, a paz periclitante do Brasil está

em suas mãos: uma palavra, uma ordem sua e o Direito será re-posto em seu lugar e a paz, distante do Brasil há tantos anos, voltará a reinar entre nós. Resolva, pelo amor ao Brasil, a complexa crise brasileira, começando pela solução favorável dos problemas criados no ABC, problemas que são tristes miniaturas dos que afligem o Brasil” - afirmava em sua carta, distribuída aos grevistas durante a assembléia dos metalúrgicos na Igreja Nosso Senhor do Bonfim, em Santo André, no mês de abril de 1980 [4.].

## Carioca do subúrbio

“Nasci no Rio (em 10 de novembro de 1915). Entrei para o seminário aos 13 anos. O seminário estava funcionando numa fazenda que ficava a umas quatro horas do Rio de Janeiro. Um período maravilhoso, de encontro com a natureza, de solidão, de oaz e de gente maravilhosa. Vim para São Paulo em 1934 e fui da primeira tura do Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga” revelou às pesquisadoras Heloísa Martins e Marita Bargas, do CEDI. Filho de Carlos José de Oliveira e Angelina Ruffo Oliveira, dom Jorge foi ordenado sacerdote, no Rio, em 8 de dezembro de 1940, e sagrado bispo, na mesma cidade, em 27 de outubro de 1946 [5.].

Foi professor do Seminário Menor de São José, ecônomo do Seminário Menor, diretor da Obra das Vocações Sacerdotais, assistente da Juventude Masculina Católica, da Juventude Operária Católica e oficial-maior do Tribunal Eclesiástico do Rio de Janeiro. Antes de ser nomeado bispo diocesano de Santo André, foi bispo-auxiliar do Rio de Janeiro.

“Frequentava muito o Centro Dom Vital (no Rio), que tentava uma colocação filosófica diante da realidade brasileira. Eu era muito moço, frequentava as favelas do Rio, tinha uma revolta profunda contra toda aquela situação” contou, certa vez, dom Jorge, que chegou a participar da vida política do Rio. E ao chegar ao ABC, encontrou uma multidão avassaladora e inteiramente despreparada que chegava do Nordeste, de Minas e do Paraná. Muitas crianças abandonadas e muita violência, e qualquer movimento de reivindicação era tratado pela polícia sob o título de “movimento comunista”.

Em conversa com o pesquisador e jornalista Ademir Médici, dom



Chegada de dom Jorge a Santo André, em 12 de setembro de 1954, acompanhado pelo cardeal Adeodato Giovanni Piazza (à esquerda).



Manifestação da Juventude Operária Católica (JOC) em apoio a dom Jorge, nos anos 50, na Igreja do Carmo

Jorge traçou o quadro social que encontrou no ABC em 1954: “Com a explosão demográfica, faltaram hospitais, residências, empregos. Começaram a aparecer as favelinhas, gente dormindo debaixo dos viadutos, em tubulações de esgoto, em pórticos de igrejas. Crianças morrendo em quantidade. Então, comeci a pregar a necessidade de, sobretudo a indústria, dar uma recompensa mais ajustada e mais adequada ao homem que chegava à região. Havia sempre a grande valorização dos técnicos, que vinham de fora. Os brasileiros ficavam na mão. Os que pegavam no pesado, carregando pedra, dormiam amontoados, viam a família desfazer-se” [6.].

#### Antes da Diocese

No final dos anos 40 e início dos anos 50, a região estava em sua fase de transição. As montadoras escolheram o ABC para a instalação de suas indústrias, a malha viária começou a expandir-se e têm início os primeiros bairros operários. Com a promulgação da Constituição de 1946, o Brasil entra numa fase de redemocratização. Os sindicatos e movimentos operários, que foram sufocados durante o Estado Novo, encontram mais espaços para suas atividades reivindicatórias. O marceneiro Armando Mazzo acaba sendo eleito prefeito de Santo André e, juntamente com 13 vereadores, é impedido de tomar posse, sob a alegação de que todos estavam ligados ao Partido Comunista Brasileiro -PCB [7.].

Na década de 50, os prefeitos de Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul unem-se para obter alguns benefícios para a região: criação de Comarcas, instalação de escolas e da própria Diocese. Afinal, havia na região 12 paróquias e uma população de 320 mil habitantes, a maioria católica. Para a instalação da Diocese, constituiu-se uma comissão integrada pelos prefeitos Fioravante Zampol (Santo André), Lauro Gomes de Almeida (São Bernardo) e Anacleto Campanella (São Caetano do Sul). A presidência coube ao padre José Bibiano, vigário da Paróquia Nossa Senhora do Carmo. A primeira reunião aconteceu em dezembro de 1953; a segunda, em janeiro de 1954.

Para aprovar a instalação da Diocese, a Arquidiocese de São Paulo exigiu um patrimônio no valor de cinco milhões de cruzeiros (muito dinheiro para a época), para manutenção das obras diocesanas, um palácio, um seminário, uma cúria. As três Prefeituras contribuíram com três milhões e o restante foi obtido junto à comunidade católica, indústria e comércio. No dia 13 de agosto de 1954, a notícia da criação da Diocese de Santo André chegou. Em toda a região, foram dobrados os sinos e estourados foguetes. Um mês depois, no domingo, 12 de setembro de 1954, chegava a Santo André, em carro aberto, o primeiro bispo, dom Jorge Marcos de Oliveira, acompanhado pelo cardeal Adeodato Giovanni Piazza. A população tomava conta das calçadas das ruas e uma grande multidão concentrava-se na praça do Carmo, em San-

to André [8.].

Anos depois, dom Jorge dizia que nunca mais esqueceria o dia de sua posse: “Quando vim para Santo André, encontrei a transformação da cidade simples em grande centro industrial, com montadoras que se encontravam na fase de fundação”. De imediato, o novo bispo procurou inteirar-se dos problemas do ABC e dos trabalhos da Juventude Operária Católica (JOC) e da Congregação Mariana. “No meu tempo de JOC, a Congregação Mariana achava que nós eramos meio comunistas dentro da Igreja. O congregado era fechado na parte religiosa, espiritual. Como o movimento da JOC era muito atuante, tínhamos um compromisso de engajamento no setor operário. Desde que o pessoal começava a militar na JOC, tinha uma atuação natural no setor do trabalho. O jocista era consequência de um trabalho na fábrica” [9.].

Desse modo, nos anos 50 e 60, dom Jorge esteve presente em todos os movimentos grevistas, participando das reuniões dos operários, nas portas de fábricas, ajudando nos piquetes ou distribuindo alimentos aos familiares dos grevistas.

#### Lar Menino Jesus

A Associação Lar Menino Jesus foi criada em 1956, com o auxílio das religiosas Servas do Menino Jesus, sendo mantido por doações de empresários e comerciantes da região e através de verbas públicas. Funcionando em regime de semi-internato, a instituição visava abrigar crianças abandonadas. Atualmente, possui três unidades: o Centro Social de São Caetano, a Casa Santa Leonilda e o Centro Comunitário Dom Jorge. A organização da associação recebeu apoio popular, conforme registrou o *Jornal do Lar*: “Não tem faltado a cooperação valiosa de algumas entidades, como o Rotary Clube de São Caetano do Sul e Lions Clube. É preciso que o povo de São Caetano do Sul se veja possuído do mesmo entusiasmo de que estão imbuídos o comércio e entidades associativas e beneficentes locais, porque a situação do menor abandonado na cidade abrange um campo muito vasto, constituindo-se num problema complexo, de difícil solução” [10.].

#### Bispo-emérito

Ao completar 60 anos de idade e 35 de sacerdócio, dom Jorge resolveu renunciar à Diocese de Santo André e dedicar-se somente ao Lar Menino Jesus e às atividades filantrópicas. Assim, em 29 de dezembro de 1975, a Nunciatura Apostólica aceitou o pedido de renúncia e, em seu lugar, nomeou o novo bispo diocesano, dom Cláudio Hummes: “Ele aperfeiçoou o trabalho encontrado, elevou muito tudo o que havia. E trouxe muita coisa nova”. Das 12 paróquias existentes em 1954, dom Jorge deixou a Diocese com 72, em 1975. Hoje, existem no Grande ABC 79 paróquias, sendo 34 em Santo André; 18, em São Bernardo; 11, em São Caetano do Sul; 6, em Diadema; 7, em Mauá; 2, em Ribeirão Pires e uma, em Rio Grande da Serra [11.].

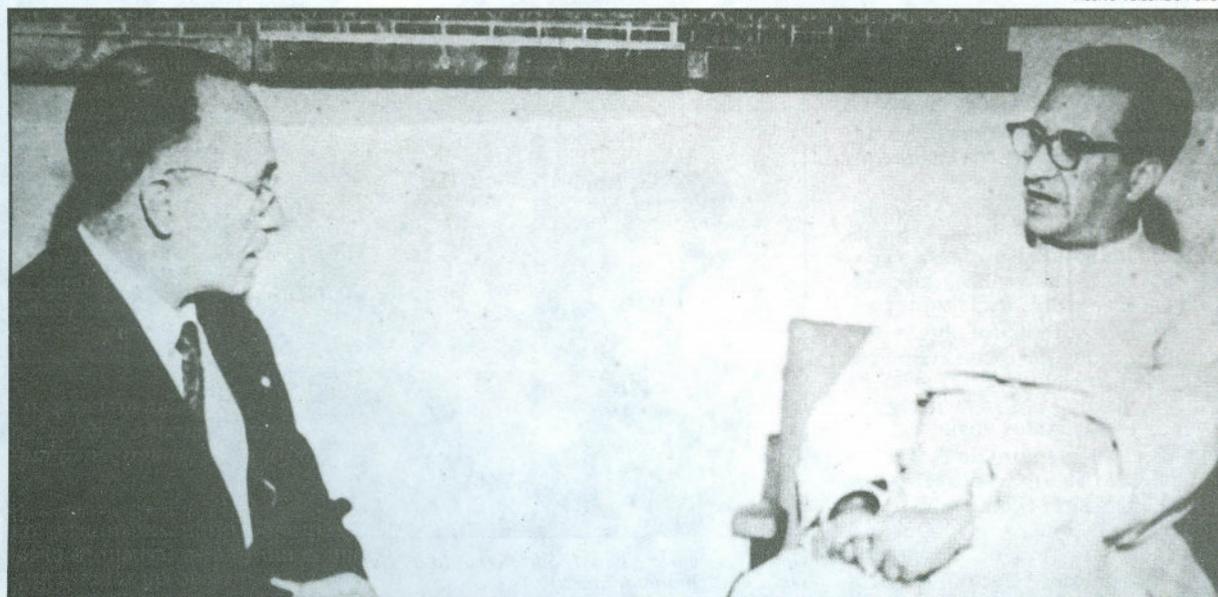


Dom Jorge e o prefeito de São Bernardo do Campo, Lauro Gomes, nos anos 50 (Preservação: Antonio Manieri)



*Congregados Marianos participam de uma procissão (Preservação: Antonio Manieri)*

*Manifestação de apoio a dom Jorge, organizada pela Juventude Operária Católica (JOC), nos anos 50/60. À direita, João Tessarini, no canto; à esquerda, o bispo dom Jorge (Coleção: Lar Menino Jesus)*



*O jornalista Antonio Manieri, diretor de O Repórter entrevistando dom Jorge, em foto sem data*

Dom Jorge faleceu no domingo, dia 28 de maio de 1989, de ataque cardíaco. A sua última aparição em público ocorreu em 18 de maio do mesmo ano, numa solenidade realizada no Auditório Santos Dumont, em São Caetano do Sul. Foi sepultado na Igreja do Carmo, no altar dedicado a São Jorge, patrono dos operários. "Dom Jorge acompanhou este Grande ABC em todo o seu explosivo crescimento industrial e demográfico. Fez com que a Igreja marcasse presença significativa na História da região. Deu à nossa Diocese uma identidade: a de ser uma Igreja comprometida com a defesa dos direitos dos trabalhadores e dos pobres, especialmente das crianças carentes. Foi, com justiça, muitas vezes chamado de *bispo dos operários*" - chegou a afirmar dom Cláudio [12.].

"O Brasil somente será melhor, só terá um futuro feliz e mais tranquilo, se eliminarmos a marginalização, levando a seus núcleos sofrendores a libertação, que humaniza. O bairro de luxo nunca terá paz se a seu lado houver uma favela, um bairro faminto, fruto da quebra sistemática do Direito" - disse dom Jorge, seis dias antes de falecer [13.]

#### *Paróquias da Diocese de Santo André*

##### **Santo André**

Catedral Nossa Senhora do Carmo (Centro)  
Cristo Operário (Vila Linda)  
Jesus Bom Pastor (Jardim Bom Pastor)  
Nossa Senhora Auxiliadora (Parque Capuava)  
Nossa Senhora Aparecida (Parque Novo Oratório)  
Nossa Senhora do Bom Parto (Vila Clarice)  
Nossa Senhora das Dores (Vila Palmares)  
Nossa Senhora de Fátima (Bairro Curuçá)  
Nossa Senhora de Fátima (Bairro Campestre)  
Nossa Senhora das Graças (Vila Humaitá)  
Nossa Senhora do Paraíso (Bairro Paraíso)  
Nossa Senhora da Paz (Jardim do Estádio)  
Nossa Senhora do Rosário (Vila Luzita)  
Nossa Senhora da Salette (Vila Helena)  
Sagrado Coração de Jesus (Bairro Jardim)  
Santa Cruz (Vila Pires)  
Santa Gemma Galgani (Jardim Ana Maria)  
Santa Joana d'Arc (Vila Vitória)  
Santa Luzia e São Carlos Borromeu (Bairro Príncipe de Gales)  
Santa Maria Goretti (Vila Metalúrgica)  
Santa Rita de Cássia (Bairro Pinheirinho)  
Santa Terezinha (Bairro Santa Terezinha)  
Santo André (Vila Assunção)  
Santo Antonio (Vila Alpina)  
Santo Antonio (Jardim Santo Antonio)  
São Camilo de Lellis (Bairro Camilópolis)  
São João Batista (Parque João Ramalho)  
São Jorge (Cidade São Jorge)  
São José Operário (Jardim Bela Vista)  
São Miguel (Vila Bastos)  
Senhor do Bonfim (Parque das Nações)  
Senhor Bom Jesus (Paranapiacaba)

##### **São Bernardo do Campo**

Jesus de Nazaré (Vila São José)  
Nossa Senhora Aparecida (Bairro Paulicéia)  
Nossa Senhora Aparecida (Bairro Alves Dias)  
Nossa Senhora da Assunção (Bairro Assunção)  
Nossa Senhora da Boa Viagem (Centro)  
Nossa Senhora de Fátima (Vila Marlene)  
Nossa Senhora do Rosário de Fátima (Bairro Ferrazópolis)  
Santa Edwiges (Vila Vivaldi)  
Santa Maria (Bairro Demarchi)  
Santa Terezinha (Bairro Santa Terezinha)  
Santíssima Virgem (Jardim do Mar)  
São Geraldo Magella (Jardim Petroni)  
São João Batista (Riacho Grande0)  
São João Batista (Rudge Ramos)  
São José (Bairro Baeta Neves)  
São Judas Tadeu (Bairro Planalto)  
São Pedro Apóstolo (Vila Santa Luzia)  
Nossa Senhora de Guadalupe (Jardim das Orquídeas)

##### **São Caetano do Sul**

Nossa Senhora Aparecida (Bairro Barcelona)  
Nossa Senhora da Candelária (Bairro Oswaldo Cruz)  
Nossa Senhora das Graças (Bairro Nova Gerti)  
Nossa Senhora da Prosperidade (Bairro Prosperidade)  
Sagrada Família (Centro)  
Sagrado Coração de Jesus (Bairro São José)  
Santo Antonio (Jardim São Caetano)  
São Bento (Bairro Olímpico)  
São Caetano (Bairro Fundação)  
São Francisco de Assis (Bairro Santa Maria)  
São João Batista (Bairro Santa Paula)

##### **Diadema**

Imaculada Conceição (Centro)  
Menino Jesus (Jardim Marilene)  
Nossa Senhora das Graças (Bairro Serraria)  
Nossa Senhora dos Navegantes (Bairro Eldorado)  
Santa Rita de Cássia (Vila Santa Rita)  
Senhor Bom Jesus (Bairro Piraporinha)

##### **Mauá**

Imaculada Conceição (Bairro Matriz)  
Nossa Senhora de Lourdes (Jardim Sônia Maria)  
Nossa Senhora das Vitórias (Vila Nossa Senhora das Vitórias)  
São Felipe Apóstolo (Parque das Américas)  
São Paulo Apóstolo (Jardim Zaira)  
São Vicente de Paula (Parque São Vicente)  
São Pedro Apóstolo (Vila Guarani)

##### **Ribeirão Pires**

Santa Ana (Bairro Sant'Ana)  
São José (Centro)

##### **Rio Grande da Serra**

São Sebastião (Centro)

---

#### *Notas*

- [1.] *Diário do Grande ABC*, 28 de outubro de 1986;
- [2.] *Jornal de São Caetano*, 9 de agosto de 1958;
- [3.] *Diário do Grande ABC*, 12 de setembro de 1984;
- [4.] Carta aberta ao presidente João Baptista Figueiredo, abril de 1979;
- [5.] Depoimento concedido a Heloísa Martins e Marita Bargas, do CEDI, entre 18 de maio e 15 de junho de 1984. *Acervo CEDI*;
- [6.] Depoimento concedido ao pesquisador e jornalista Ademir Médici, em setembro de 1984;
- [7.] *Folha de S. Paulo*. Folha SP-ABCD, 20 de setembro de 1991;
- [8.] *Diário do Grande ABC*, 28 de outubro de 1986;
- [9.] Depoimento concedido por Anastácio Brolezzi ao Museu de Santo André, em 14 de agosto de 1991. *Acervo Museu de Santo André*;
- [10.] *Jornal do Lar*, 22 de dezembro de 1962;
- [11.] Depoimento concedido ao autor, em novembro de 1989;
- [12.] Nota oficial do bispo dom Cláudio Hummes, em 29 de maio de 1989;
- [13.] *Diário do Grande ABC*, 23 de abril de 1989.

---

*Valdenízio Petrolli, jornalista e advogado, é professor do Instituto Metodista de Ensino Superior, membro da União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC) e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)*

# Panorama Folclórico da Cidade (alguns aspectos)

José Antipa WARD(\*)

Neste artigo, sem maiores pretensões, pretendemos expor observações sobre o folclore popular (que parece perdido, mas é rico em tradições populares) em São Caetano do Sul. Obviamente, a maior parte dessas tradições provém de São Paulo, devido à proximidade geográfica. Resta, contudo, a indagação: será que São Caetano do Sul, relativamente jovem, já possui a sua cultura própria dentro da ciência popular? Sim, sem dúvida.

Para responder com clareza, basta lembrar o sociólogo Émile Durkheim que, num de seus opúsculos, disse: "Conhecimentos de um povo que já atravessaram por cinco gerações uma área geográfica estável já representam cultura e moto folclórico próprios". Raciocinando dessa forma, embasados num eminente cientista, podemos dizer que temos já um relicário e tradições populares próprias.

Para que todos pudessem conhecer melhor o folclore de sua cidade seria interessante se se tomassem as medidas seguintes: 1) criação de um Conselho Municipal para Defesa e Pesquisa do Folclore; 2) registro, pesquisa e levantamento, cursos e formação e especialização em Folclore, exposições, publicações e festivais; 3) organização de filmotecas, bibliotecas, fonotecas e Centros de Documentação relacionados ao folclore local e nacional; 4) proteção do patrimônio folclórico, das artes e folguedos populares; 5) oficialização do Mês do Folclore, na cidade, com a promoção e apresentação de danças, bailados, exposições e festas populares; 6) tentativa de incluir nas redes de ensino municipal, na área de Estudo de Problemas Brasileiros, ou Estudos Sociais, o Folclore; 7) promover teatro sobre temas folclóricos das diversas regiões do país; 8) ensinar os alunos a fazer levantamento sobre dados, por bairro, e incentivá-los a fazer um fichário para estarem bem informados sobre o assunto. Isto dito, podemos passar ao exame de alguns aspectos curiosos do folclore que recolhemos na cidade.

## Medicina Popular: raizeiros e benzedores

Atuando como médico do Serviço Público Municipal, podemos observar que 60% dos pacientes que nos procuram nos ambulatórios já vêm medicados, ora por *comadres*, ora por amigos, ora porque adquiriram esse ou aquele ensinamento de seus antecessores. Isso se resume a misturas de plantas, garrafadas, chás, mezinhas e infusões. É a chamada Medicina Rústica ou Popular - conjunto de técnicas e fórmulas medicamentosas, além de práticas e gestos que o morador de uma região emprega para a recuperação de seu bem-estar físico, mental e social. Vejamos alguns exemplos:

1- *para cicatrização de cortes*- banhar o local do ferimento com casca de cajueiro, até a cicatrização total;

2- *para azia*- tomar chá com três folhas de louro, suco de meio limão e bastante açúcar;

3- *para queimadura*- passar no ferimento mistura de maize-

na e leite gelado;

4- *para febres fortes*- sementes de pitanga, fervidas em três copos de água com mel e açúcar;

5- *para evitar gripes*- pegar um dente de alho, amassá-lo, colocar em meio copo de água, de um dia para o outro; no dia seguinte, beber a água;

6- *para males do fígado*- chá de *quebra-pedra* e fruta de jua-poca: dar para o doente beber durante três dias;

7- *para bronquite asmática*- chá com folhas de hortelã; tomar em jejum durante três dias e, a seguir, chá com folhas de arruda, durante mais três dias;

8- *para combater bursite*- passar todas as noites, no local afetado, sebo de carneiro quente;

9- *para acabar com verrugas*- pegar um pedaço de toucinho e esfregar nas verrugas até secarem;

10- *para dor de cabeça*- colocar sete galhos de cravo num copo de água, ferver e tomar em seguida.

Existem milhares de outras "receitas infalíveis", devidamente guardadas em nossos arquivos. Mas, para exemplo, estas bastam. Ainda dentro da profilaxia mágica, temos o uso de relíquias, patuás, bentinhos, amuletos, santinhos e talismãs. Podemos citar a Excretoterapia (fezes, saliva, leite materno e cera de ouvido), o Dietário (comidas especiais, alimentos permissivos ou proibidos, quentes ou frios, etc.) e a Pingoterapia (por curtimento, mistura ou massagem local e inalação de pinga). Vale citar uma receita deixada pelo mestre Vicente Raizeiro: pinga misturada com catuaba, mel, agrião e pau-homem para melhorar a potência sexual masculina...

Temos, ainda, a Medicina por benzimento e orações milagrosas para santos consagrados na Teologia não-oficial, como Padre Cícero, Padre DAMião, Santa Izildinha, Antoninho Marmo, Padre Donizete de Poá e outros, ou preces para santos devidamente inscritos no *Flos Sanctorum* da Igreja.

Uma figura típica das feiras é o raizeiro, que fica semanalmente expondo o seu material sobre esteiras ou sentado num caixão de querosene. O cliente que vai procurá-lo expõe o problema e o *doutor em raízes* faz o diagnóstico com base nos *fundos sujos* ou *traseiros carregados* (diarria) ou *traseiros empitados* (pressão de ventre), *língua suja*, cor da urina, *barriga empedrada*, *bucho fofo*, malemolência das pernas, *se é bom ou mau de boca*, etc. Dado o diagnóstico, é prescrito o *remédio*. O raizeiro não cobra consultas, certamente porque vende o remédio receitado; ele vive de suas raízes e *aperparos*.

O curandeiro e o benzedor, ao "diagnosticarem", realizam, em parte, Psicanálise, porque eles "escarafuncham a gente de perguntas, até os sonhos querem conhecer e interpretar", como

afirma A.Z.F., cliente assíduo dos raizeiros, que mora no Bairro Barcelona e, no momento, está sofrendo de um mal de amor não-correspondido.)“O meu benzedor não só cuida das mazelas do corpo. Cuida da alma também”. Os bons conselhos do curador já fizeram A.M.L. abandonar a prostituição e voltar ao lar. E C.P.E. parou de beber.

### Estatuária e Iconografia

A religiosidade do povo desta cidade é diversificada. Pode afirmar-se que a maioria é católica apostólica romana, devido à ascendência italiana ou ibérica, mas raras são as pessoas que não freqüentam um centro de mesa branca ou alguma sessão de umbanda ou candomblé. Mas o que chama atenção é o culto dos santos que, aqui, é bem pronunciado. Poucas são as casas que não têm o seu altar ou um devocionário ou uma estátua ou quadro de algum santo católico, ou quadros sobre temas cristãos. Encontramos imagens ou pinturas simbolizando algum milagre de Cristo, a Sagrada Família, o anjo da guarda, a Virgem Maria ou Santo Antônio pregando aos peixes, São Jorge combatendo o dragão, São Francisco no Sermão das Aves, ou, na própria mesa de trabalho do prefeito, uma imagem de Santo Expedito, e na Diretoria de Saúde da cidade, um São Jerônimo(Xangô), santo e orixá de dedicação de um dos membros do setor.

Além dos santos tradicionais, encontramos estátuas de pessoas santificadas pela população ou imagens que “espantam o azar”, tais como:

1- Padre Cícero Romão Batista- devoção principal da comunidade nordestina, geralmente simbolizado com o hábito sacerdotal, chapéu e bengala e, com a outra mão, faz um sinal de bênção;

2- Padre Damião- ainda vivo, considerado um santo pela comunidade nordestina, aparece vestido com o hábito franciscano, ladeado por Cristo e pela Virgem Maria;

3- Santa Izildinha- querida por muitos, foi castigada e morreu por não se render a abusos sexuais. Dizia que seu esposo era somente Cristo. O povo conta que ela faz milagres em grande quantidade;

4- O Espírito Santo- aparece no estatuário em forma de pomba, sustentado por um globo terrestre e com o coração ferido;

5- O “Tó P’ocê”-’e a figura de um homem, com jeito de “trickster”(malandro) fazendo o tradicional gesto da “banana” com as mãos e com a língua de fora. Dizem que este símbolo afugenta os espíritos ruins, a inveja, a intriga e a maledicência;

6- O “Sursum Corda”- corações ao alto, é o significado em latim. Vê-se uma imagem de Cristo chorando no Monte das Oliveiras antes da crucificação: evita discórdia em família;

7- O “Pax Tecum”- que a paz esteja contido, é o significado em latim. Vê-se um pastor rezando com três ou quatro ovelhas a seus pés e o cajado na mão: traz paz familiar e prosperidade financeira.

Ainda em alguns casos, encontramos figuras da mítica iorubana como orixás, caboclos, pretos velhos e, lá fora, bem escondido, o *Exu de Lei*, que comanda a residência do dono da casa.

Outros objetos da crença, como patuás vindos da Bahia, exvotos, medalhas de santos diversos, figas, saquinhos com orações, escapulários, fitas do Bonfim, miçangas, contas, guias, terços, rosários, também fazem parte da crença pessoal.

### Linguagem

1) Traváguas- forma de linguagem usada por crianças para se divertirem e que apresenta dificuldade de pronúncia. Eis alguns exemplos recolhidos entre meninos de colégios da cidade: a)um tigre, dois tigres, três tigres; b) o peitô do pé de Pedro é preto; c) um ninho de mafagagos com dois mafagafinhos, quem os desmafagafar um bom desmafagafador será; d) o doce perguntou pro doce/Qual o doce mais doce/E o doce respondeu pro doce/Que o doce mais doce/É o doce de batata doce;

2) Adivinhas- procura responder a uma pergunta que, analo-

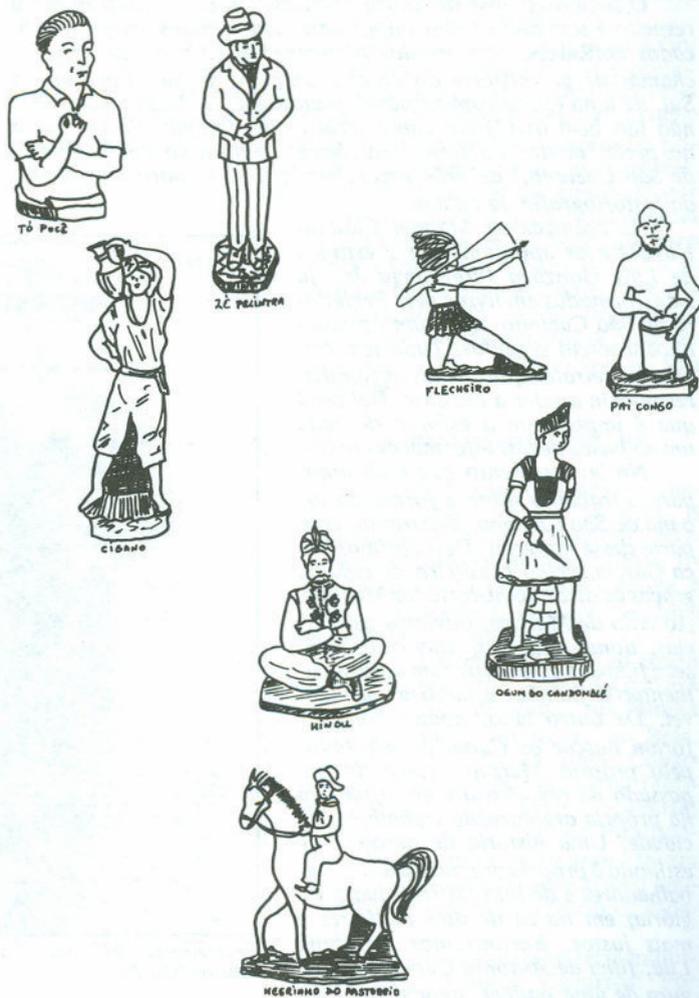
gicamente, alguém nos faz: Qual é a coisa mais alta que Deus? A coroa de Deus; O que é que o rei vê uma vez, o homem toda vez e Deus nenhuma vez? O seu semelhante;

3) Fraseado de botequim- fórmulas para não vender fiado existentes nas casas comerciais, desenhadas, pintadas ou feitas a mão. Alguns exemplos colhidos nos botequins da cidade: a) Freguês educado não cospe no chão, não pede fiado, não diz palavra; b) Fiado? Só no boteco do lado; c) Fiado? Só amanhã; d) Não passe sem parar/Não pare sem entrar/Não entre sem gastar/Não saia sem pagar.

### Conclusão

As festas de fim de ano, com fogos, diante do Paço; os shows de viola; a corrida dos atletas no dia de Reis; as festas juninas nos colégios; a grande festa da cidade, em julho; os rodeios, que há dois anos se tornaram obrigatórios nos festejos da cidade, em breve, deverão tornar-se tradicionais. Falta muito a contar. Vamos usar o poder de criação e saibamos que somente o estudo do folclore local permite a união fraterna do município e possibilita que o entrosamento de raças e credos acabe em compreensão. O Folclore estreita os laços humanos na reconstrução do passado sócio-cultural de uma cidade. Deveríamos aproveitar melhor o material das tradições locais, e, na verdade, não será jamais um estudioso do folclore aquele que não for sensível à vida do povo e não amar a cidade em que mora.

(\*) José Antipa Ward é médico, pesquisador e presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Cultural de São Caetano do Sul



## Retratos familiares de velhos moradores

Ademir MÉDICI(\*)

**N**a chegada dos primeiros imigrantes italianos a São Caetano, em 28 de julho de 1877, significou um marco importante na História da cidade. Pelas décadas afora, muitos fatos foram narrados acerca da cidade de então, de aspectos rurais fortes, farta vegetação e de uma população minúscula, da qual faziam parte dois casais de escravos (Dionísio e Maria; Martim Pena e dona Joaquina), o ferroviário Bernardo - que residia com a família nas proximidades da estrada de ferro -, um velho chamado Juca Pires, sua esposa Maria e duas filhas, Francisco Ricardo (dono de longas barbas), Juca Padre e, finalmente, dona Deolinda, que vem a ser avó do ex-vice-prefeito Lauro Garcia e do ex-vereador Lauriston Garcia.

O sociólogo José de Souza Martins tem pesquisado muito a respeito e tem dado pistas importantes em recentes artigos publicados em **Raízes**. São estudos preocupados com o que se pode chamar de pré-história do atual Município de São Caetano do Sul, de uma época com razoável quantidade de documentos, mas não tão bem divulgada como seria de se desejar. Vários livros no prelo, dentro da série "Histórica", iniciativa da Prefeitura de São Caetano, deverão preencher lacunas importantes dentro da historiografia da cidade.

As crônicas de Manoel Cláudio Novaes e os apontamentos e estudos de Luiz Gonzaga Piratininga Jr., já transformados em livros pela Prefeitura de São Caetano, apontam os caminhos a serem seguidos. Tudo tem origem em retratos que apenas os familiares podem ajudar a mostrar. Daí por lá que é importante o esforço de cada um na busca dessas informações todas.

No levantamento que realizamos para o trabalho sobre a formação urbana de São Caetano, deparamos com parte desse material. Descobrimos Juca Garcia, velho brasileiro da cidade, graças às dicas do historiador Martins. Ao lado de Martins, ouvimos os Garcias, dona Angelina, viúva de Juca, seus filhos. Deparamos com uma documentação familiar e pública formidável. De outro lado, nossos contatos foram buscar os Caparrós, alertados pelo próprio Martins acerca de um passado de resistência e de influência na própria organização trabalhista da cidade. Uma história de heróis e de estímulo à própria organização dos trabalhadores e de luta (difícil, quase inglória) em busca de dias melhores e mais justos. Encontramos em dona Lila, filha de Antonio Caparrós, a figura de uma mulher preocupada com

o registro desse passado que integra a própria História da cidade.

Juca Garcia, brasileiro, Antonio Caparrós, espanhol. Figuras fortes e importantes numa São Caetano de italianos, ucranianos, japoneses, de formação étnica diversificada. Os relatos sequenciais, baseados em documentos de Lauro Garcia, filho de Juca, e de Lila, filha de Caparrós, revelam uma parte desse perfil familiar. E abrem perspectivas de um aprofundamento maior no futuro.

Participando, em abril último, da I Semana do Trabalhador de São Caetano, organizada pela Pastoral Operária, na Igreja de São Bento (Bairro Olímpico), tivemos oportunidade de conviver com várias outras figuras desta cidade-monumento. Falamos de cortiços e anotamos em nossa agenda nomes de antigos moradores desses pontos de habitação quase escondidos. O cortiço do "seo" Francisco, a pensão de Antonio Ferreira (na rua Humberto de Campos), as dicas de dona Piedade. Informações passadas depois da conclusão de um livro, cujos originais chegaram a 700 laudas. Refletimos: por mais que se pesquise, como há coisa para pesquisar...

Lauro Garcia, Lila Caparrós Del Rio, avançam neste resgate. A revista **Raízes** abre espaço para seus trabalhos - como tem aberto para tantos outros. É hora, pois, de avançar neste resgate coletivo de memória. Nesta construção da memória de uma São Caetano aberta e cada vez mais misteriosa.

### Juca Garcia

José Mariano Garcia Júnior era tão importante na Estação de São Caetano - nome que chegou a generalizar todo o atual Município de São Caetano - que ilustrou, com sua fotografia, a primeira página do *Anuário Agrícola Comercial e Industrial*, publicação de 10 mil exemplares que circulava semanalmente em São Paulo. O exemplar do jornal em que Juca Garcia aparece circulou com data de 10 de fevereiro de 1913.

Vivia-se na República Velha, tempo do domínio dos coronéis da Guarda Nacional, ligados ao velho Partido Republicano. Juca Garcia, então, era fiscal da Câmara Municipal de São Bernardo na Estação de São Caetano. No estilo do jornalismo da época, o *Anuário Agrícola* escreveu: "É ele (Juca Garcia) querido por todos os habitantes dessa estação, e especialmente pelos comerciantes, devido ao



Fevereiro de 1913: Juca Garcia é capa do *Anuário Agrícola* de São Paulo

seu bom proceder, assim como na classe operária, a qual lhe tributa a maior estima”.

Juca Garcia era filho de Deolinda Maria da Conceição. Foi batizado em São Paulo, a 23 de fevereiro de 1873, no curato de Nossa Senhora da Assunção, da catedral da Sé. Foram seus padrinhos João Baptista Junker e Guilhermina Maria de Sant’Ana. Criado em São Caetano, Juca Garcia teve participação intensa na vida da cidade. Em 22 de maio de 1902, era nomeado, por portaria da Administração dos Correios de São Paulo, para o cargo de agente do correio do lugar. No mesmo ano, em 10 de setembro, foi nomeado funcionário municipal do antigo Município de São Bernardo, o atual Grande ABC. Por anos a fio foi autoridade importante em São Caetano, ora como fiscal, ora como juiz de paz, entre outros cargos. Participou do movimento pela autonomia da cidade em 1928. Sua casa, à rua Perrella, onde hoje mora sua família, era ponto de constantes reuniões políticas e sociais. Em 28, como um dos líderes do movimento emancipacionista, foi também fundador do Partido Municipal.i

O poder político da região do ABC centralizava-se ora em São Bernardo, ora em Santo André. Em São Caetano, Juca Garcia ia mantendo o domínio do movimento político e liderava campanhas. Em agosto de 1911, foi o principal responsável pelo abaixo-assinado encaminhado à Secretaria de Justiça e da Segurança Público Estado, reivindicando a criação de um distrito policial em São Caetano. Alguns anos antes, em 15 de novembro de 1907, havia sido um dos fundadores da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano. Casaria, em 12 de fevereiro de 1916, com Angelina Tomaselli, filha de uma das primeiras famílias de imigrantes italianos de São Caetano. Dois anos depois, em 1918, Juca Garcia, como fiscal municipal, atuou em todos os sentidos durante a epidemia de gripe espanhola. Prestou serviços médicos, transportou doentes e falecidos.

Juca Garcia atuou muito durante toda a Velha República. Elegeu-se juiz de paz de São Caetano em 1928. Profissionalmente, havia sido promovido, no mesmo ano, para o cargo de auxiliar da fiscalização geral de São Bernardo. Em 1929, Juca Garcia foi eleito membro-correspondente do Conselho Consultivo do Centro Republicano Ataliba Leonel, de São Paulo.

Com o fim da República Velha e o início do período getulista, Juca Garcia sofreria várias perseguições políticas. Chegou a ser afastado, intempestivamente, sem qualquer culpa formada, dos quadros da Prefeitura. Em 1934, inocência provada, foi reintegrado ao cargo municipal. E ele, que participara da Revolução Constitucionalista de 1932, foi escolhido, em 34, para integrar o Diretório Constitucionalista de São Bernardo. Ocupou, em 1936, outros dois cargos: sub-inspetor do tráfego de São Bernardo e substituto de Quirino Motta Júnior na Coletoria Estadual. Com a mudança do poder político na região, foi transferido para Ribeirão Pires, como fiscal municipal.



Novembro de 1991: Lauro Garcia na janela da casa onde nasceu, à rua Perrella, em busca da memória do pai (Foto: Luciano Vicioni)

recebida por Juca Garcia foi o de emprestar o nome ao Parque Infantil de Vila Barcelona. Uma homenagem do então prefeito Oswaldo Massei, prestada em 29 de julho de 1960.

De seu casamento com dona Angelina, Juca Garcia teria cinco filhos: Lauro Garcia, autonomista, ex-vereador e vice-prefeito, duas vezes, de São Caetano; Lauriston Garcia, também vereador e autonomista; Laura Garcia; Celidônio Garcia; Losch Garcia (este nome, Juca Garcia escolheu em homenagem ao primeiro engenheiro que apareceu em São Caetano, e que era francês).

A farta documentação acerca de Juca Garcia, guardada por seu filho Lauro, foi de fundamental importância na elaboração do livro sobre a formação urbana de São Caetano, prestes a ser lançado. Essa documentação está sendo organizada por Lauro Garcia e ocupará lugar de destaque no Museu Municipal de São Caetano.

#### Antonio Caparrós Guevara

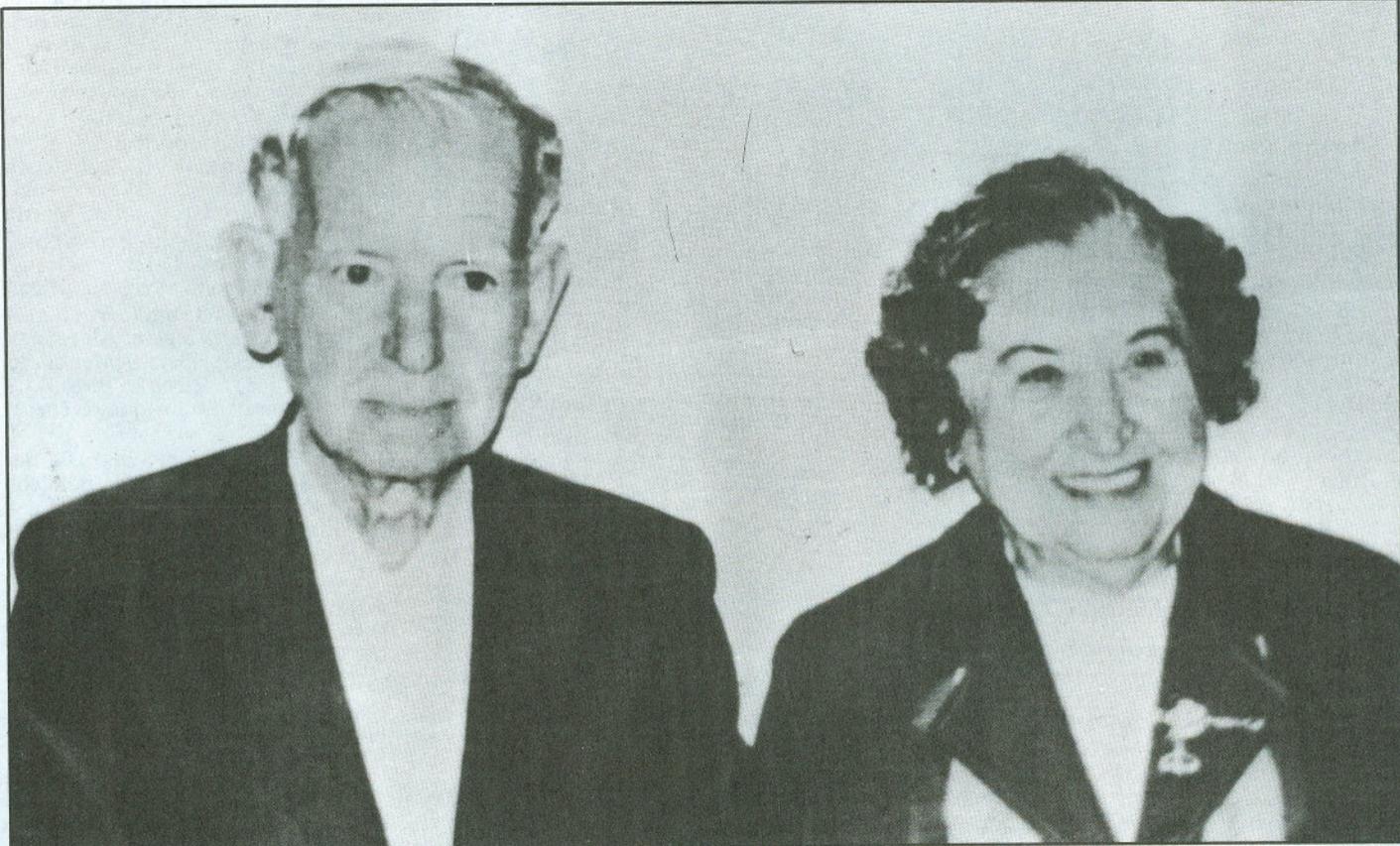
Antonio Caparrós Guevara chegou a São Caetano aos 18 anos. E aqui mora até hoje. É espanhol, nascido em 1º de novembro de 1904, filho de Antonio Caparrós Canova e Antonia Guevara Rodrigues, nascidos em Almería, Espanha.

Os Caparrós chegaram ao Brasil em 1912. Antonio Caparrós Guevara tinha oito anos de idade. Sua família passou a residir no bairro do Brás, em São Paulo. Criança, ainda, Caparrós começou a trabalhar numa fábrica de vassouras de nome Fracalanza, à época estabelecida à rua Piratiníngua. Ali ficou durante 10 anos. Jovem ainda, Caparrós aprendeu com o amigo Marcial Centeras o ofício de sapateiro.

O ofício de sapateiro seria importante para Antonio Caparrós. Por volta de 1930, começou a atender en-



Agosto de 1929: Mariana Morales Salgueiro e Antonio Caparrós Guevara



3 de agosto de 1989: Mariana Morales Salgueiro e Antonio Caparrós Guevara

comendas de sapatos num pequeno cômodo localizado à rua Manoel Coelho, onde está, atualmente, a galeria Augusta ( que liga as ruas Manoel Coelho e Santa Catarina).

Mais tarde, Caparrós instalou pequena indústria de chinelos à rua Oswaldo Cruz, onde se situa hoje a firma Santa Tereza. A fábrica de Caparrós chegou a ser a maior do gênero no Brasil, já estabelecida à Avenida Dr. Augusto de Toledo, esquina com a rua São Paulo. Tinha, já, o nome de Calçados Floreal. Com a ajuda dos filhos e dos genros, Antonio Caparrós Guevara produzia mil pares diários de calçados. A produção básica eram os chinelos *Mãezinha*, tradicionais, que chegaram a ser conhecidos em todo o Brasil. A firma encerrou atividades em 1980.

Antonio Caparrós Guevara casou-se em 3 de agosto de 1929 com uma conterrânea, Mariana Morales Salgueiro, nascida em Málaga, em 4 de fevereiro de 1907. O casal teve quatro filhos: Flora, Lila, Arlindo (falecido) e Luci.

Em São Caetano, Caparrós foi líder autonomista, em 1948. Atuou e trabalhou com muito entusiasmo na campanha pela eleição do primeiro prefeito da cidade, o engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino. Continuará na política e ajudou a eleição de Anacleto Campanella. Naturalizou-se brasileiro em 1948 e foi um dos fundadores do Rotary Clube de São Caetano, em 1961. Hoje é o sócio-fundador mais idoso.

Nestes anos todos de São Caetano, Antonio Caparrós Guevara recebeu várias homenagens. Uma delas foi o título Paul Harris, o principal título honorífico do Rotary. Ganhou também a medalha de honra ao mérito do Centenário de nascimento de José Bonifácio de Andrada e Silva. Em 29 de outubro de 1963, Caparrós foi homenageado pelo Grêmio Estudantil 28 de Julho

como um dos dez mais da cidade. Era o Industrial do Ano.

Caparrós ajudou a fundar o Partido Social-Progressista. Foi seu presidente várias vezes em São Caetano. Foi também fundador de duas lojas maçônicas, uma em São Bernardo, outra em Diadema. Em 16 de julho de 1974, foi elevado ao 33º grau, o mais alto da Ordem Maçônica. Quando foi inaugurada a Praça do Maçom, em novembro de 1991, foi homenageado pelo prefeito Luiz Olinto Tortorello com um troféu. Era o maçom mais idoso de São Caetano.

Antonio Caparrós Canova, pai de Antonio Caparrós Guevara, é nome de rua no Bairro Olímpico, perto do Estádio Lauro Gomes.

---

(\*)Ademir Médici é jornalista, integrante do Gipem e responde pela coluna "Grande ABC Memória", do Diário do Grande ABC. Tem vários livros publicados, um dos quais, inédito, focaliza a formação dos bairros de São Caetano, a ser lançado dentro da série histórica de publicações da Prefeitura local

# As vilas que São Caetano não tem mais

D.Glenir SANTARNECCHI(\*)

É muito comum a população de São Caetano utilizar em conversas, documentos, anúncios na imprensa, folhetos publicitários, as antigas denominações das vilas que, desde 1968, não existem mais. Em anúncios de jornais, vêem-se indicados estabelecimentos como estando situados na Vila Gerty. Outro exemplo, em folhetos e na imprensa: fazem a divulgação da Fundação das Artes e da Faculdade Paulista de Serviço Social como se ambas estivessem localizadas na Vila Gerty, mas ambas estão situadas exatamente no Bairro Oswaldo Cruz. Outro caso gritante: a Escola Eda Mantoanelli, o Teatro Municipal Paulo Machado de Carvalho, a Fundação Anne Sullivan, o Centro de Recreação Infantil Bárbara Marão Saad e a Escola Rosalvito Cobra não se localizam no Bairro Santa Maria, mas no Olímpico.

O futuro Paço Municipal, que está sendo construído atrás do Centro de Lazer José Ermírio de Moraes, não fica no Bairro Cerâmica, mas no Bairro São José. Apenas o Tiro de Guerra e as pistas de skate estão situados no Bairro Cerâmica.

Seria importante a divulgação de cada um dos bairros, sua configuração e os principais prédios públicos, para que a população conhecesse e utilizasse corretamente as denominações, como prevê a legislação, evitando, assim, confusões. São Caetano é pequena tornando-se fácil identificar os atuais bairros, já que vila é coisa do passado, de mais de duas décadas.

O pesquisador de História e membro do Gipem (Grupo Independente de Pesquisa da Memória do Grande ABC), jornalista Ademir Médici, deverá lançar livro editado sob os auspícios da Prefeitura de São Caetano do Sul, enfocando o crescimento urbano, as origens das vilas que deram surgimento aos bairros atuais. Daí surgiu nossa idéia de redigir o presente artigo, identificando vilas e bairros. O livro de Médici deve ser lido por todos, para entender como evoluiu o núcleo urbano, até transformar-se em cidade cujo nível de vida é compatível com o Primeiro Mundo. Médici mostra isso tudo com arte, maestria e talento, e fruto de uma pesquisa de anos que, agora, consubstancia-se em obra literária, guardando no bojo informações valiosas para a posteridade.

## Origens históricas

São Caetano passou por diversos estágios desde a chegada dos primeiros desbravadores portugueses à região. Na era pré-cabralina, suas terras eram conhecidas por Tijucuçu, o que, em tupi-guarani, significa lamaçal, lodaçal ou pântano. Assim deve ter sido até à infiltração européia no Planalto de Piratininga. Geograficamente, o relevo da cidade é caracterizado pela alternância de fundos de vale e linhas de espigão. Sua zona fisiográfica é sul, tropical, da bacia terciária do Alto Tietê, com altitudes que variam de 730 a 805 metros, apresentando clima sub-tropical.

Até 1560, o povoado do ABC era denominado de Santo André da Borda do Campo, tendo como capitão-mor João Belbode Maldonado, que recebeu a alcunha de Ramalho; por isso ficou conhecido como João Ramalho. Já vivia aqui quando os jesuítas portugueses chegaram, casado com a índia Bartira, filha do cacique Tibiriçá. Por um decreto de Mem de Sá, o povoado foi extin-

to, pois era constantemente atacado pelos índios, tendo sido transferido para junto do Pátio do Colégio, em São Paulo.

As terras em que hoje está São Caetano transformaram-se na Fazenda Tijucuçu, dirigida pelo capitão Duarte Machado, sua esposa Joana e o filho, que viviam da agricultura e da criação de gado. Outra parte das terras pertencia ao bandeirante Fernão Dias Paes Leme que, ao partir para Minas Gerais à procura de esmeraldas, fez doação das quinhentas braças aos frades beneditinos. A partir de 1730, os monges beneditinos assumiram a propriedade e passaram a administrar a fazenda, agora denominada Fazenda São Caetano. Montaram uma olaria, moderna para os padrões da época, abrigando inúmeros escravos negros. Somente em 1764, estando Portugal sob o jugo de Pombal, suas atividades foram proibidas, as terras abandonadas e o mato cobriu a capelinha que se constituía em marco da fé cristã, no local em que se encontra a Matriz Velha da Fundação.

Em 1860, o governo autorizou a construção da estrada de ferro, a São Paulo Railway Company, que cortava as terras de São Caetano. Isso possibilitou, em 1877, o estabelecimento de um núcleo colonial do Governo Imperial, com 1.090 hectares, divididos em 181 lotes, propiciando o recebimento das primeiras famílias de imigrantes italianos que aqui aportaram em 28 de julho de 1877. Assim, São Caetano deixava de ser uma fazenda apenas e passava a ser colônia, um povoado enfim, e iniciava sua vida como uma pequena vila, fato que se concretizou com a visita do imperador Dom Pedro II, em setembro. Essa atitude contribuiu decisivamente para fortalecer o espírito dos imigrantes italianos.

Os peninsulares organizaram-se e, em 1891, fundaram a Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli e, mais tarde, a União Operária Internacional. Até 1901, o território de São Caetano pertencia a São Paulo. Nessa data, passou a ser distrito do recém-criado Município de São Bernardo do Campo, transformando-se, em 1905, em Distrito Fiscal. Ganhou o seu primeiro cemitério em 1911 (atual Bairro Santa Paula), tendo inaugurado em 1915 o serviço de luz elétrica e, em 4 de dezembro de 1916, acaba sendo elevada a Distrito de Paz.

São Caetano evoluía a passos largos, pois, em 1924, ocorria a elevação canônica da primeira paróquia, por ato do bispo de São Paulo, dom Duarte Leopoldo e Silva, designando para ser o primeiro vigário ao padre José Tondin, da Ordem dos Stigmatinos. A vila transformava-se em cidade e ganhava suas primeiras indústrias: a Pamplona, a Fábrica de Formicida Paulista, de Serafim Constantino. Surgia a Cerâmica São Caetano, em 1912, com uma olaria especializada em refratários e, já em 1928, a cidade levava a efeito a sua primeira campanha pela autonomia, movimento que acabou frustrado. Implantava-se a General Motors, no final dos anos 20, trazendo progresso à cidade que começava a esparramar-se pelo território todos, surgindo, assim, as diversas vilas.

Quando Santo André substituiu São Bernardo do Campo como sede de Município, em 1938, São Caetano passou a ser a segunda zona do Distrito para, em 1944, ser reduzida a segundo

Sub-distrito de Santo André, enquanto São Bernardo se tornava Município autônomo. Daí a insatisfação do povo caetanense e o surgimento do segundo movimento autonomista, sob a égide da Sociedade Amigos de São Caetano e do Jornal de São Caetano, fato que culminou na realização do plebiscito, em 24 de outubro de 1948 e a criação do Município de São Caetano do Sul, com a posse do primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, em 3 de abril de 1949.

#### A cidade e suas vilas

O crescimento ensejou o desenvolvimento de vilas, que acabaram recebendo vários nomes -seja oficialmente, por ação do Poder Público, seja por designação popular. Em 1968, ocorreu uma redivisão territorial. Até então, havia 36 vilas, uma zona central e uma zona rural, que desapareceu. Convém lembrar, ainda, que até essa data a Vila Prosperidade pertencia a Santo André.

As antigas 34 vilas de São Caetano eram as seguintes: 1) Vila da Ponte; 2) Vila Matarazzo; 3) Vila Lucinda; 4) Barra Funda (designação popular dada ao Bairro Fundação); 5) Vila Ressaça; 6) Vila Saúde; 7) Vila Iris; 8) Vila Jaú; 9) Vila Camila; 10) Vila Monte Alegre; 11) Vila Boa Vista; 12) Vila Gonzaga; 13) Vila Olinda; 14) Vila Júlia; 15) Vila Palmeiras; 16) Vila Santo Alberto; 17) Vila Paraíso; 18) Vila Gisela; 19) Vila Aurora; 20) Vila Nova; 21) Vila Marlene; 22) Vila Tupã; 23) Vila Belvedere; 24) Vila Paula; 25) Vila Barcelona; 26) Vila Santa Maria; 27) Vila Santo Antônio; 28) Vila Oswaldo Cruz; 29) Vila São José; 30) Vila Gerty; 31) Vila Boqueirão; 32) Vila Industrial; 33) Vila da Divisa; 34) Jardim Cândida; 35) Vila Eleikeirós e, 36) Cerâmica.

Com o rápido crescimento da cidade (principalmente no final da década de 60), a Prefeitura viu-se obrigada a ordenar o gigantismo urbano e a promover uma redivisão territorial que facilitasse a identificação do uso do solo, melhorando o zoneamento. Assim, o prefeito Walter Braido editou o decreto nº 3.064, de 15 de fevereiro de 1968, dividindo a cidade em bairros, limitando-os e dando-lhes novas denominações. A partir daquele ato,

São Caetano enterrava as suas vilas e criava 15 bairros bem definidos, cuja denominação deveria passar a ser utilizada pela população e cujos nomes oficiais são, respectivamente: Bairro da Fundação; Bairro Prosperidade (que passou a integrar São Caetano); Bairro Barcelona; Bairro Santa Maria; Bairro Boa Vista; Bairro Nova Gerte (com nova grafia, substituindo *Gerty*); Bairro Mauá; Bairro Jardim São Caetano; Bairro São José; Bairro Oswaldo Cruz (com "w", porque o antigo era com "v"); Bairro Olímpico; Bairro Cerâmica; Bairro Santo Antônio; Bairro Santa Paula e Centro.

(\*)D. Glenir Santarnecki é advogado, jornalista, professor, escritor e mestre em Direito Civil (PUC-SP). Atuou, durante décadas, na Prefeitura de São Caetano do Sul. Hoje trabalha na Eleotropaulo. É autor de diversos artigos e opúsculos sobre a História da cidade.

Jayme da Costa Patrão



# Educação

## Escola Libertária em São Caetano

Antônio José MARQUES(\*)

Os dados disponíveis para estudos de História da Educação em São Caetano estão relacionados à História oficial local. Nesse campo, mesmo sabendo dos riscos que corremos, podemos citar o Grupo Escolar Senador Flaquer, fundado há mais de 70 anos; o Instituto de Ensino de São Caetano, que está comemorando o seu jubileu de ouro; o Instituto de Ensino Sagrada Família e o Externato Santo Antônio, obras caridosas da Igreja católica. Até mesmo escolas desaparecidas ou que sofreram modificações fazem parte desta História oficial; é o caso do Grupo Escolar Monte Alegre, criado no final da década de 20 e a Escola Mista que funcionou na Società Principe di Napoli, também na década de 20. Existem dificuldades na construção dessa história devido à destruição de fontes primárias de pesquisa, agravadas pelo desaparecimento das personagens, quando não pela pura e simples morte, pela mudança de comportamentos e normas e pela imposição de novos valores, que, muitas vezes, levam ao esquecimento. Como observamos, mesmo o que é institucionalizado, legitimado, encontra enormes obstáculos para fazer a sua história. O que será, então, daquelas instituições que se perderam no tempo e que, em determinados aspectos, adquiriram uma característica institucional não legal, toleradas ou não, de acordo com a situação política, econômica e social vigente.

Existiu em São Caetano uma escola que nunca teve a sua história contada sob óptica alguma, nunca teve a sua história escrita e analisada e, com a documentação disponível até o momento, atrevo-me a fazê-la apenas parcialmente. Trata-se da Escola Moderna N° 3, fundada em dezembro de 1918, e que iniciou suas atividades no princípio de 1919. Aquela escola foi instalada "provisoriamente, em prédio um tanto aca-

nhado e impróprio, mas esse mal, segundo sabemos, vai ser remediado em breve com a mudança para um prédio melhor, à rua Virgílio de Rezende" [1.]. Alguns antecedentes são necessários para analisarmos a escola no contexto; por isso, apresentarei um esboço biográfico de Francisco Ferrer, criador do método adotado nas escolas modernas, suas concepções de ensino e a propagação do ensino libertário no Brasil, particularmente em São Paulo. Por último, analisarei a escola moderna de São Caetano, sua abertura, seu fechamento e as consequências disso.

### 2. Breve biografia de Ferrer

Francisco Ferrer y Guardia nasceu em Alella, pequena cidade da Província de Barcelona, Espanha, provavelmente no ano de 1861, pois quando morreu, em outubro de 1909, contava uns 48 anos. Desde jovem interessou-se por questões poéticas e sociais. Militou no Partido Republicano, deixando este para dedicar-se à educação. Foi no ano de 1901 que fundou, em Barcelona, a primeira escola moderna, cujo sistema de ensino seria racional e científico... sendo a razão e a ciência antidotos de todo o dogma, na nossa escola não se ensinaria religião alguma" [2.]. Esta concepção de ensino contou com o apoio de muitos anarquistas e serviu de modelo para outras escolas fundadas em vários países, no Brasil inclusive. Além de anarquistas, muitos maçons, devido principalmente ao ensino leigo e racionalista, apoiaram o novo método.

Francisco Ferrer sempre foi combatido pela Igreja católica e pelo Estado, chegando a cumprir um ano de cárcere, provavelmente entre 1906 e 1907. Após isso, a escola



Fac-símile do Boletim da Escola Moderna, publicação dirigida por João Penteador

moderna de Barcelona foi fechada pelo governo e Ferrer dedicou-se a publicações de obras e a auxiliar as escolas modernas que funcionavam em outras localidades da Espanha. Concentrou suas atividades também na Liga Internacional para Instrução Racional da Infância, entidade com sede em Paris, França, que tinha como objetivo fazer a propaganda e introduzir seu método de ensino em outros países. Ferrer foi presidente do Comitê Internacional de Iniciativa e de Direção da Liga, quando da fundação, em 1908.

O ano de 1909 foi marcado por grandes agitações na Espanha, devido à guerra do Marrocos. Em julho daquele ano, eclodiu uma greve geral em Barcelona contra a guerra e Ferrer foi acusado de ter participação ativa e de ter incentivado o movimento. Para defender-se das acusações, Ferrer apresentou-se à polícia espontaneamente, mas foi preso e mantido incomunicável por algum tempo. Logo depois, foi julgado e condenado à morte. Seu fuzilamento aconteceu em 13 de outubro de 1909, na Fortaleza de Montjuich, na cidade de Barcelona. A morte de Ferrer causou comoção em várias partes do mundo. No Brasil, houve dezenas de manifestações contra o governo espanhol em vários Estados, assumindo um caráter mais geral em São Paulo [3.].

### 3. A educação libertária

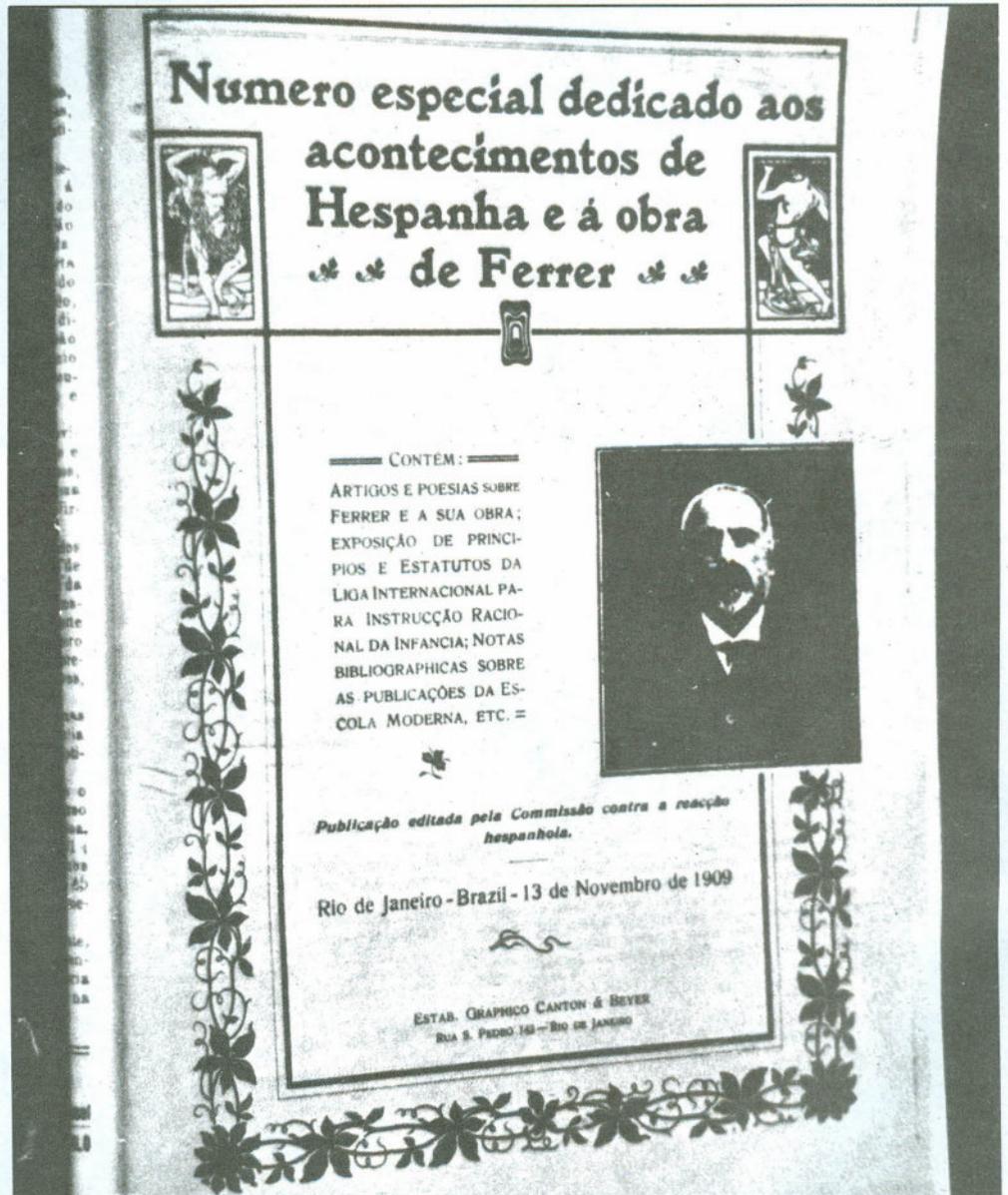
As idéias socialistas começaram a ter expressão no Brasil ainda na primeira metade do século XIX. Com o aumento do fluxo migratório, outras ideologias apareceram na segunda metade do século, entre elas o anarquismo, que ganhou impulso com a industrialização acentuada e com o aumento do número de operários, principalmente a partir de 1890. Os anarquistas sempre se preocuparam com a educação e antes das idéias de Ferrer já falavam de educação anarquista ou educação libertária.

A primeira informação que temos sobre educação operária, voltada para o ensino formal, no Brasil, é de 1896. A União Operária, entidade do Rio Grande do Sul, sediada em Porto Alegre, mantinha um colégio com o mesmo nome e, segundo Edgard Rodrigues, recebeu influências de anarquistas vindos da Colônia Cecília, no Paraná, que fundaram ainda um Grupo de Estudos Sociais [4.]. Faltam-nos dados para afirmar se o método de ensino utilizado era racionalista, mesmo porque trabalhos muito mais densos, como os de Luizetto e Jomini, apontam, sem garantir que seja a primeira, que a mais antiga referência encontrada sobre o ensino racionalista é de 1902. Trata-se da Escola Racionalista Libertária, mantida pelo Círculo Educativo Libertário Germinal, que funcionou em São Paulo, no bairro do Bom Retiro [5.]. A partir daí e, principalmente após o I Congresso Operário Brasileiro de 1906, quando os anarquistas assumiram a hegemonia do movimento operário, os grupos ou centros de estudos sociais destinados à instrução de adultos aumentaram muito, assim como o de escolas libertárias voltadas para a educação de crianças e jovens. No Rio de Janeiro, temos, em 1904, a Universidade Popular de Ensino Livre; em 1909, a Escola Livre 1º de Maio, que funcionou na Vila Izabel; no

mesmo ano, a Liga Operária de Instrução Escolar, instalada no Bairro do Encantado e, em 1910, a Comissão Pró-Escola Moderna do Rio de Janeiro. Em São Paulo, além da Escola Racionalista Libertária, temos informações de que funcionou, ainda, a Escola Social, fundada pela Liga Operária de Campinas, em fevereiro de 1907. Em 1909 estava em funcionamento outra escola operária, mantida pelos vidreiros da Indústria Santa Marina, no bairro da Água Branca; em novembro de 1909, foi fundado um comitê organizador da Escola Moderna de São Paulo que foi, efetivamente, inaugurada em 13 de maio de 1912, com o nome de Escola Moderna N° 1. Esta escola funcionou, inicialmente, na rua Saldanha Marinho, 66, no Belenzinho e, em 1915, transferiu-se para a Avenida Celso Garcia, 262, no Brás [6.]. O diretor dessa escola foi o sr. João Penteado, de quem falaremos adiante.

A ligação dessas escolas com o movimento operário e anarquista é fornecida por alguns periódicos da época, como *O Amigo do Povo*, *A Voz do Trabalhador*, *A Lanterna*, *A Terra Livre* e outros. Dirigentes anarquistas também estiveram à frente de movimentos pró-educação libertária, como Neno Vasco, Edgard Leuenroth, Gigi Damiani, Everardo Dias e outros. Esses nomes aparecem em quase todas as lutas desenvolvidas pelos operários de São Paulo e do Rio de Janeiro, nas duas primeiras décadas do século. Apesar de não termos dados, é possível supor que o

Arquivo: Centro de Memória Sindical



Fac-símile da publicação de 13 de novembro de 1909, intitulada "Número especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e à obra de Ferrer", publicada pela Canton & Bayer no Rio de Janeiro

ensino racionalista se faz presente em outros Estados brasileiros, pois Francisco Ferrer era conhecido em muitos destes. As manifestações ocorridas na ocasião de sua morte em "Santa Catarina, Espírito Santo, Bahia, Maranhão, Ceará, Estado do Rio, etc." [7.] dão-nos prova disso.

A ação desenvolvida pelos discípulos de Ferrer foi mais atuante em São Paulo. A morte de Ferrer parece ter sido o impulsor daquele movimento, pois um mês após o seu fuzilamento foi criado o Comitê Pró-Escola Moderna. Desde a fundação do Comitê, em novembro de 1909, até à inauguração da escola, em 13 de maio de 1912, passaram-se mais de dois anos. Durante aquele período várias atividades, objetivando a arrecadação de fundos, foram efetivadas. Mas parece não ter sido apenas a falta de dinheiro que fez com que demorasse a instalação da escola moderna. A intenção inicial de fazer da Escola Moderna de São Paulo o centro irradiador do movimento no Brasil, a exemplo da escola moderna de Barcelona [8.], foi um objetivo acima da capacidade de seus executores, pois, além da falta de dinheiro, havia falta de pessoal, como prova o convite feito pelos pais dos alunos da escola dos vidreiros para que o italiano Edmundo Rosini viesse ao Brasil, para assumir a escola. Este professor foi expulso do Brasil com base na Lei Adolfo Gordo, no final de 1909, devido à sua ligação com os operários da Fábrica Santa Marina, que estavam em greve [9.]. Este e outros fatos mostram-nos que a criação e desaparecimento de escolas racionalistas estavam diretamente ligadas à situação social vigente. A criação do Comitê Pró-Escola Moderna acontece num período em que o movimento operário estava em declínio, após uma onda de repressão iniciada em 1907, que culminou com o fechamento do jornal da Confederação Operária Brasileira (COB), em dezembro de 1909 [10.]. Justamente quando o movimento operário começava a reorganizar-se, em meados de 1912 [11.], foi fundada a Escola Moderna N° 1. O relacionamento das escolas racionalistas com o movimento operário e sindical foi sempre umbilical: quando este era ascendente, as escolas também o eram; quando o movimento entrava em declínio, as escolas também o sentiam. Ainda assim, devemos chamar a atenção para a presença de industriais no movimento pró-escola moderna, como nos mostra Luizetto [12.].

### 3.1. A Escola Moderna N° 1

Quando foi inaugurada a Escola Moderna N° 1, chamaram para dirigi-la o professor João Penteado, originário da cidade de de Jaú, que participava, ativamente do movimento operário em sua cidade e era adepto da concepção de ensino de Ferrer. O professor João Penteado era anarquista, tendo atuado, inclusive, como colaborador do periódico *A Rebelião*, semanário anarquista que circulou em São Paulo em meados de 1914 [13.].

A Escola Moderna N° 1 foi o centro de convergência do ensino racionalista em São Paulo. Pessoas ligadas ao ensino racionalista e ao movimento operário, em outras localidades, tiveram estreito contato com a escola. Foi o caso do professor Adelino de Pinho, que havia sido professor na Escola Social de Campinas, em 1908, e do militante anarquista Florentino de Carvalho, que atuou em Santos, tendo sido deportado por duas vezes - 1911 e 1912 -, mas retornando sempre, e que chegou a substituir João Penteado na Escola Moderna N° 1. Se ainda não totalmente, já existiam algumas condições para que a Escola Moderna de São Paulo cumprisse sua tarefa inicial: ser um centro de expansão do ensino racionalista. Em 1914, estavam em funcionamento uma escola em Bauru e outra em Cândido Rodrigues [14.]. Em 1915, foi criada a Escola Nova, em São Paulo, que tinha como professor Florentino de Carvalho; em 1918, foi reaberta a Escola Moderna N° 2, que funcionou no Brás e tinha como professor Adelino de Pinho [15.]. Ainda no final de 1918, foi fundada a Escola Moderna N° 3, em São Caetano.

A Escola Moderna N° 1 foi a que teve o maior período de vida: 1912 a 1919. A concepção de ensino de Ferrer leva a uma participação intensa de alunos e comunidade na vida escolar. Ao prescindir do apoio do Estado, a escola se mantém graças à pequena mensalidade cobrada dos alunos, de festas para arrecadação de fundos e de contribuições de entidades e pessoas que apoiavam a iniciativa. Mesmo assim as dificuldades foram muitas: o Boletim da Escola Moderna teve sua primeira edição somente em outubro de 1918. O jornalzinho *O Início*, editado pelos alunos, deixou de ser publicado, pois não era possível manter dois jornais [16.]. A periodicidade era para ser mensal, mas o se-

gundo número circulou cinco meses após o primeiro. Por esses Boletins ficamos sabendo das comemorações celebradas na escola: em 18 de março, comemorava-se a Comuna de Paris; no dia 1° de maio, o Dia do Trabalhador; em 14 de julho, a Queda da Bastilha e, em 13 de outubro, o aniversário da morte de Ferrer.

#### 3.1.1. A Escola Moderna N° 1 e o Sindicato de Resistência dos Laminadores de São Caetano

Pelos Boletins da Escola Moderna ficamos sabendo, também quem eram seus apoiadores financeiros e, entre aqueles, destacava-se o Sindicato de Resistência dos Laminadores de São Caetano. A este sindicato estavam os operários da Cia. Mecânica, na grande maioria espanhóis. A pesquisa realizada até o momento não nos trouxe dados significativos sobre a Cia. Mecânica. Ela foi citada poucas vezes em algumas crônicas publicas nesta revista. Sobre o Sindicato de Resistência dos Laminadores de São Caetano, os dados da época que obtivemos encontram-se justamente no Boletim da Escola Moderna. No primeiro número, vemos a seguinte informação: "O Sindicato de Resistência dos Laminadores de S. Caetano resolveu, em assembleia realizada em Agosto deste ano, dar um auxilio de 10\$000 mensaes para a manutenção da Escola Moderna. Sabemos mais o que o mesmo sindicato pretende crear uma escola racionalista para a instrução e educação dos filhos dos companheiros daquella organização e da infância proletaria da localidade. Tão bello procedimento é o dos obreiros do syndicato dos Laminadores de S. Caetano que se torna digno de imitação por parte das associações operárias. Oxalá esse acto tenha imitadores" [17.]. A esta informação seguem-se outras. Para a festa de 13 de outubro de 1918, comemorativa do aniversário de morte de Ferrer, e para a publicação do primeiro número do Boletim da Escola Moderna, o Sindicato de Resistência dos Laminadores de São Caetano contribuiu com 50\$000 [18.]. No final daquele ano, o Sindicato contribuiu com mais 30\$000, atendendo a apelo da escola devido às dificuldades por que passou quando da epidemia de gripe espanhola [19.]. Até que os Boletins N°s 3 e 4 publicaram o dado mais significativo: foi fundada, em dezembro de 1918, a Escola Moderna N° 3, de São Caetano. Antes de fazermos a discussão da Escola Moderna N° 3, faz-se necessária uma pequena análise do Sindicato dos Laminadores de S. Caetano, mesmo com base em apenas uma fonte, como já vimos acima.

Das várias organizações operárias que funcionavam em São Paulo, nos anos de 1918 e 1919, o Sindicato dos Laminadores de S. Caetano foi o único que apareceu noticiado nos quatro números publicados do Boletim da Escola Moderna, o que demonstra que, durante o período da circulação do periódico, o sindicato manteve intenso contato com a Escola Moderna N° 1. Isso, talvez, possa ser explicado pela nacionalidade da maioria dos operários mantenedores daquele sindicato - espanhóis - e, por isso mesmo, conhecedores da obra de Ferrer. Comprovadamente, podemos afirmar que o Sindicato dos Laminadores de S. Caetano esteve em atividade entre agosto de 1918 e maio de 1919. Durante aquele período, as contribuições destinadas pelo Sindicato à Escola Moderna N° 1 foram significativas. Para a realização da festa de 13 de outubro de 1918 e publicação do Boletim, a contribuição foi de 50\$000 e somente a União dos Chapeleiros de S. Paulo destinou quantia idêntica. As contribuições das duas entidades representaram 50% do total arrecadado [20.]. Para ter-se uma idéia de valor, verificamos que, em julho de 1918, sessenta quilos de arroz de primeira foram vendidos, em São Paulo, no atacado, a 36\$500. Portanto, quantia destinada faz-nos acreditar que o número de associados ao sindicato era relativamente elevado para a época. Além disso, os salários vigentes em São Paulo eram baixos, não cobrindo os gastos essenciais de uma família de quatro pessoas, o que impossibilitava uma mensalidade sindical elevada [21.], e somente a contribuição de muitos operários permitiria ao sindicato destinar tal quantia à Escola Moderna N° 1 e cobrir os gastos com a sua própria manutenção.

#### 3.2. A Escola Moderna N° 3 de São Caetano

O Sindicato dos Laminadores de São Caetano não queria apenas contribuir com a Escola Moderna N° 1; ele queria ter a sua própria escola. Assim foi criada na vila de São Caetano, então pertencente ao município de São Bernardo, uma associação cuja diretoria era a seguinte: Ramón Alvarez e João Vamondes,

1º e 2º secretários; Antonio Garcia e Theodoro Garcia, 1º e 2º tesoureiros; Francisco Infiesta, Antonio Ramos e Leandro Martins, vogais, e que tinha por objetivo manter a escola. O professor João Penteado, diretor da Escola Moderna N° 1, prestou grande colaboração naquele momento: emprestou os móveis para a instalação da escola e indicou o sr. José Alves para a direção [22.]. A escola funcionou num prédio um tanto acanhado, não sabemos onde, mas logo mudaria para outro, à rua Virgílio de Rezende. No seu primeiro trimestre de funcionamento (janeiro a março de 1919), apresentou o seguinte movimento: comparecimentos, 1.137; faltas, 577; dias letivos, 59; frequência média, 57 [23.]. Pelos dias letivos - 59 -, consideramos que o seu funcionamento foi bastante regular, se comparado com os dias letivos das escolas atuais.

O professor José Alves, indicado para a direção da escola, era português e tinha 30 anos de idade, quando ocupou aquela função. Chegou a São Paulo, vindo do Rio de Janeiro, em meados de 1918, e cursava a Escola Internacional como aluno de Engenharia por correspondência [24.]. Assim como João Penteado, José Alves era militante anarquista atuante e seu envolvimento em uma tragédia, que veremos adiante e que provocou sua morte, colocou São Caetano, ainda que indiretamente, no centro dos acontecimentos no final dos anos 10.

Os anos de 1917 a 1919 foram de intensa mobilização do movimento operário. Desde o início da Primeira Guerra Mundial, os preços dos gêneros alimentícios subia assustadoramente. A insatisfação dos operários era crescente e culminou com a greve de junho/julho de 1917, que paralisou São Paulo. Os empresários e o governo viram-se obrigados a atender, parcialmente, as reivindicações, mas tão logo a situação se acalmou, começaram a punir os líderes grevistas. Outras paralisações ocorreram, ainda naquele ano e no seguinte, até que aconteceu a tentativa insurrecional anarquista no Rio de Janeiro, em novembro de 1918, influenciada pela Revolução Russa de 1917. Aquele movimento foi abortado no início pelas autoridades que tinham um militar infiltrado entre os dirigentes do movimento [25.]. O ano de 1919 não foi diferente: reivindicações e greves explodiram em São Paulo e no Rio de Janeiro logo depois das comemorações do 1º de maio. A repressão não se fez esperar e o operário Constante Castellani foi morto em Santo André.

Todas aquelas mobilizações operárias foram dirigidas pelos anarquistas. O governo respondeu, como sempre, com prisões, exílios internos, deportações, fechamento de sindicatos e associações operárias e outras formas de repressão. No final de 1919, um acontecimento influenciou nos rumos do movimento anarquista e teve a participação de José Alves, diretor da Escola Moderna N° 3, de São Caetano. A escola funcionou até outubro de 1919; portanto, ficou quase um ano em atividade [26.] e deixou de funcionar devido à morte de José Alves e de mais três anarquistas (Joaquim dos Santos Silva, Belarmino Fernandes e José Prol). Todos morreram no dia 19 de outubro de 1919, quando explodiu uma bomba na rua João Boemer, 305, no Brás. A explosão foi muito divulgada pela imprensa da época e repercutiu por dias seguidos. O jornal anarquista *A Plebe* insinuou que a explosão foi obra de algum agente provocador e rendeu homenagens aos mortos. Esse fato foi desmentido, anos mais tarde, por Gigi Damiani, conforme informa Dulles: "Esta especulação de *A Plebe* (...) é contestada pela narrativa dos preparativos de uma vasta revolução insurrecional fornecida por Gigi Damiani a seu biógrafo. Damiani explicou: o movimento deveria começar em São Paulo, mas uma noite (...) um camarada que transportava uma bomba dirigiu-se a uma casa (...) que guardava outras armas e todo um arsenal de que nos serviríamos, quando, não se sabe como, a bomba explodiu, matando quatro pessoas (...) Foi um verdadeiro desastre para os companheiros que encontraram a morte e para a organização do movimento em curso..." [27.]. Outra fonte aponta no sentido de que estava sendo preparada uma insurreição anarquista. O jornal *O Estado de S. Paulo*, de 7 de novembro de 1919, informa que foi encontrada numa casa da rua José Kauer, 11, Belenzinho, grande quantidade de material utilizado na fabricação de bombas. Aquela casa fora alugada, no final de setembro, pelos anarquistas Joaquim dos Santos Silva e Belarmino Fernandes, que, para isso, usaram os nomes falsos de Alberto de Carvalho e Gino, respectivamente. Devido ao incidente que provocou a morte dos quatro anarquistas, a casa permaneceu fechada até o início de novembro. Quando o proprietário a abriu,

deparou com o arsenal e avisou a polícia, que não demorou a ligar os fatos.

A explosão da bomba precipitou um acontecimento que muito provavelmente estava relacionado com a insurreição anarquista. A partir do dia 22 de outubro, os empregados da Light & Power Company Ltd., que controlava os serviços de bondes em São Paulo, entraram em greve. Logo depois, outras categorias também aderiram ao movimento, como os operários das fábricas de tecidos, os metalúrgicos, etc. A greve eclodiu em São Caetano no dia 24 de outubro, quando paralisaram as atividades os operários das Indústrias Matarazzo e de mais uma empresa. A grande imprensa da época colocou-se totalmente contra o movimento. Os estudantes do Mackenzie, da Poli e da Faculdade de Direito do Largo São Francisco também se colocaram contra o movimento e ocuparam o lugar dos grevistas nos bondes. Um fato interessante é que ao término da greve, a Light & Power concedeu meia passagem aos estudantes nos bondes da empresa. A polícia entrou em cena durante a greve e a repressão aos anarquistas intensificou-se. Dezenas foram presos e torturados; vários foram expulsos do país, como Gigi Damiani, Everardo Dias e Manuel Pérez, sogro de José Prol, que morreu na explosão e Alexandre Zanelli, italiano que foi canteiro em Ribeirão Pires, onde chegou a dirigir greves [28.]. O jornal *A Plebe*, que circulava diariamente, foi empastelado no final de outubro pelos estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco e, quando voltou a sair, quase um mês depois, foi como semanário [29.].

Os anarquistas mortos na explosão que provocou aqueles acontecimentos eram quase todos fichados na polícia. O principal dirigente parece ter sido o espanhol José Prol, que contava 31 anos de idade e já havia sido preso por distribuir boletins do Partido Comunista de São Paulo. "José Prol usava a profissão de vendedor de bilhetes de loteria como disfarce para melhor poder effectuar a sua propaganda anarchista. Desse modo, elle viajava nos trens da ingleza e para em São Caetano, S. Bernardo, Ribeirão Pires e Alto da Serra, onde há muitos elementos operários que facilmente o acompanhavam no movimento, com elle se demorando em conferências e reuniões" [30.]. Ele mantinha contatos, ainda, com pessoas de Bauri e com o Partido Comunista do Rio de Janeiro. Joaquim dos Santos Silva era português, tinha 26 anos e trabalhava como tipógrafo. Desde 1914, estava fichado na polícia como anarquista. Belarmino Fernandes também era português e tinha 23 anos. Chegara do Rio de Janeiro havia pouco tempo, onde fora preso por desenvolver atividades anarquistas. José Alves, o diretor da Escola Moderna de São Caetano, era o único não fichado. Segundo depoimento da esposa de José Prol, ele era pensionista em sua residência e trabalhava no comércio [31.]. Todos foram enterrados lado a lado, na quadra geral n° 120, sepulturas 189, 190, 191 e 192, no Cemitério do Araçá, e seus atestados de óbito ainda podem ser solicitados junto ao Cartório de Registro Civil do Belenzinho [32.]. O livro de arrecadação do Cemitério do Araçá, que poderia dar alguma indicação sobre a ligação de José Alves, posterior à sua morte, com os responsáveis pela sociedade mantenedora da Escola Moderna N° 3 não informa quem pagou os funerais. Provavelmente, foi o Estado ou a Prefeitura de São Paulo.

Um mês após a explosão no Brás, a repressão atingiu as Escolas Modernas. O diretor de Instrução Pública mandou fechar as escolas 1 e 2. É provável que a Escola Moderna N° 3, de São Caetano, já não estava funcionando, pois havia ficado sem direção e a própria situação vigente não aconselhava manter as atividades. Os motivos alegados para o fechamento foram que "a escola dirigida por João Penteado visava a propaganda de idéias anarquistas (...) como também a que era regida por José Alves, anarquista morto na explosão havia na rua João Boemer, bem como a de Adelino Pinho, faziam propaganda de idéias subversivas" [33.]. O relatório, petição e cartas que Luizetto traz anexo ao trabalho, deixa claro que a única escola moderna que estava autorizada a funcionar legalmente era a de N° 1 e, por isso, talvez, João Penteado, nas diversas apelações que fez pela reabertura da escola, tente isentar-se de alguma ligação mais profunda com José Alves e com a Escola Moderna N° 3 [34.]. Todas as apelações foram em vão e, dessa forma, encerrou-se a principal experiência de ensino libertário no Brasil. A partir dos anos 20, os anarquistas perdem a hegemonia do movimento operário para os comunistas, vinculados à III Internacional, criada em Moscou após a consolidação da Revolução Russa.

#### 4. Lembrando o esquecimento

Há algum tempo, conversava com um antigo morador de São Caetano, com mais de 70 anos de idade, muito elogiado por várias pessoas devido à memória prodigiosa que possui. Contava-me ele como foi a comemoração do cinquentenário de São Caetano, em 1927, lembrando-se, inclusive, das balas que ganhou do tio. Aproveitando a primeira oportunidade, perguntei-lhe se ouviu falar ou tinha lembrança do Sindicato de Resistência dos Laminadores de São Caetano e de uma escola anarquista. Imediatamente, a resposta foi *não*, pois falar em sindicato, naquela época, era coisa de comunista.

Existiram fatos na História de São Caetano que foram propositalmente deformados ou esquecidos, o Sindicato de Resistência dos Laminadores de São Caetano e a Escola Moderna nº 3. Esta entra no rol dos fatos esquecidos. A História oficial de nossa cidade não incorpora a pobreza e a fome dos antigos imigrantes, como bem demonstrou José de Souza Martins em artigos nesta revista, a luta dos operários por reivindicações e a organização sindical e partidária, entre outros fatos.

Em São Caetano, nenhum dado sobre o Sindicato de Resistência dos Laminadores e a Escola Moderna Nº 3 resistiu a essa seleção ideológica. Os dados pesquisados para escrever este artigo estão fora da realidade social da cidade e, mesmo que verdadeiros, também possibilitam, involuntariamente, uma deformação.

#### NOTAS

[1.] *Boletim da Escola Moderna*. São Paulo: Ano I, nº 3 e 4, 1º de maio de 1919. Fac-simile. Co-edição Centro da Memória Sindical & Arquivo do Estado de São Paulo, 1991;

[2.] *Boletim da Escola Moderna*. São Paulo: nº 1, 13 de outubro de 1918, *op. cit.*;

[3.] Sobre a biografia, métodos e concepções de ensino de Francisco Ferrer, ver: *Número Especial Dedicado aos Acontecimentos de Hespânia e à Obra de Ferrer*. Rio de Janeiro: Comissão contra a reação hespanhola. Est. Gráfico Canton & Beyer, 13 de novembro de 1919. Fac-simile. Co-edição Centro de Memória Sindical & Arquivo do Estado de São Paulo, 1991; *Jomini*, Regina Célia Mazoni. **Uma Educação para a Solidariedade**. Campinas, Pontes/Ed. da Unicamp, 1990; *Luizetto*, Flávio Venâncio. **Presença do Anarquismo no Brasil**. Um estudo dos episódios literários e educacionais. Tese (doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1984;

[4.] *Rodrigues*, Edgard. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil: 1675-1913**. Rio de Janeiro, Ed. Laemmert, 1969, p.71;

[5.] *Luizetto. op. cit.*, p.245; *Jomini. op. cit.*, p.57;

[6.] *Luizetto. id. ib.* . pp. 263-266; *Jomini, id. ib.* , pp. 56-80.

[7.] *Número Especial Dedicado aos Acontecimentos de Hespânia e à Obra de Ferrer*, p.11;

[8.] *Jomini, op. cit.*, p.76. **Apud**: *A Lanterna*. São Paulo, nº 22, 12 de março de 1910;

[9.] *ibid.*, p.52;

[10.] *Dulles*, John W.F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil. 1900-1925**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, pp.17-44;

[11.] *Ibid.*;

[12.] *Luizetto. op. cit.*, p.263;

[13.] *Dulles. op. cit.*, pp.36-7; *Luizetto. op. cit.*, p.268;

[14.] *Jomini, op. cit.*, p.81. **Apud**: *Ghirardelli*;

[15.] *Ibid*, p.80. *Boletim da Escola Moderna*. São Paulo: Ano I, nº 2, 18 de março de 1919;

[16.] *Boletim da Escola Moderna*. São Paulo, nº 1, 13 de outubro de 1918;

[17.] *Idem*;

[18.] *Boletim da Escola Moderna*. São Paulo, Ano I, nº 2, 18 de março de 1919;

[19.] *Idem*;

[20.] *Idem*.

[21.] Para verificação de preços de alguns gêneros alimentícios e a média salarial de algumas categorias em 1918-1919, ver: *Dulles, op. cit.*, pp.64 e ss.;

[22.] Carta de João Penteado ao Secretário da Justiça e Segurança Pública do Estado de São Paulo, Herculano de Freitas. 5 de dezembro de 1919. *Anexo. Luizetto, op. cit.*, pp.308-313;

[23.] *Boletim da Escola Moderna*. São Paulo, Ano I, nº 3 e 4, 1º de maio de 1919;

[24.] Carta de João Penteado. *Luizetto. op. cit.*; *Diário Popular*, São Paulo, 21 de outubro de 1919; Livro de Inumação do Cemitério do Araçá nº 63, folhas 07 e 08. Arquivo Histórico Municipal de São Paulo;

[25.] Vários trabalhos analisam greve de 1917 em São Paulo. Dentre elas, ver: *Fausto*, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social**. São Paulo, Difel, 1976. Sobre a insurreição anarquista, ver: *Bandeira*, Moniz et alii. **O Ano Vermelho**. A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. 2ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1980: *Dulles, op. cit.*;

[26.] Excerto do Relatório do Secretário do Interior (São Paulo) do Ano de 1919. *Anexo. Luizetto. op. cit.*, p.298;

[27.] *Dulles. op. cit.*, p.98. **Apud** Ugo Fideli. *Gigi Damiani: note biografiche. Il suo posto nell'anarchismo*. pp. 27-8;

[28.] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 de outubro de 1919;

[29.] *Dulles, op. cit.*, p.97;

[30.] *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 de outubro de 1919;

[31.] *Idem*;

[32.] Livro de Inumação do Cemitério do Araçá, nº 63, folhas 7-8. Arquivo Histórico Municipal de São Paulo;

[33.] Excerto do Relatório..., *op. cit.*, p. 298;

[34.] *Anexos. Luizetto, op. cit.*, pp. 295 e ss.

---

(\*) *Antônio José Marques, bacharel em Ciências Sociais, com especialização em Arquivo, é mestrando em História na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*

# Instituto Rocha Pombo

Noemia Rodrigues de REZENDE(\*)

Acervo Noemia R. Rezende

**INSTITUTO "ROCHA POMBO"**  
RUA PERNAMBUCO, 420 - S. CAETANO - S. P. R.

**CURSO NOTURNO - PRÁTICO COMERCIAL - MISTO.**

**ATENÇÃO**

A partir do dia 1.º de fevereiro o INSTITUTO "ROCHA POMBO" manterá um eficiente curso prático de comércio, proporcionando aos jovens desta localidade um preparo rápido e completo que habilitará em pouco tempo o aluno para o desempenho de quaisquer funções em serviços gerais de escritório.

O curso ficará sob a direção do competente professor Sr. Agostinho Rodrigues, que possui largo tirocínio prático no Magistério.

Aproveitem, pois, esta oportunidade e em pouco tempo melhorarão o padrão de vida e a posição social.

**DISCIPLINAS**  
PORTUGUÊS (Gramática e Correspondência)  
MATEMÁTICA  
CONTABILIDADE (Escrituração)  
TAQUIGRAFIA (Metodo Taylor)  
INGLÊS  
FRANCÊS  
CALIGRAFIA

**CURSO DE DATILOGRAFIA**  
PREÇOS ACESSÍVEIS A TODAS AS BOLSAS.  
FAÇAM SUAS MATRÍCULAS O MAIS BREVE POSSÍVEL.  
Expediente: - das 12 da 21 hrs.



Prof. AGOSTINHO RODRIGUES  
Foi Professor da Escola de Comércio "União Paulista"

Fac-símile de folheto publicitário do Instituto Rocha Pombo, dos anos 40. Trata-se da divulgação do Curso Prático-Comercial Misto, que funcionaria no período noturno

Um beijo no rosto e acordei. Lá estavam olhando para mim minha avó materna e minha irmã com um picolé de chocolate nas mãos. Compreendi num momento: adormecera na escola e fui acordada pela dona Meira (Mary Azevedo Carvalho), minha professora. Eu frequentava o Jardim de Infância do Instituto Rocha Pombo, situado à rua Pernambuco, 420. Corria o ano de 1946.

Nessa escola fiz o primário, sempre com a mesma professora, a enérgica, inteligente e amiga dona Meire.

O Instituto Rocha Pombo foi uma escola particular que sobreviveu até meados dos anos sessenta, conduzida por "Seu Carvalho" (Francisco Carvalho), bacharel em Direito, e "Dona Meire", formada pela Escola Normal do Colégio Batista do Rio de Janeiro.

O Instituto Rocha Pombo, se comparado a uma escola de hoje, era pequena, com poucas classes, poucos alunos, em dois períodos de quatro horas, porém com ensino efetivo, muita dedicação e carinho pelos alunos. Atendia a crianças da redondeza, ge-

ralmente filhos de pequenos comerciantes e pequenos industriais, que não pretendiam que seus filhos ocupassem uma vaga nas escolas oficiais, prejudicando alguém mais necessitado. O ideário da escola era o ideário *escolanovista*, isto é, meninos e meninas frequentava a mesma classe, havia alunos de vários credos, de várias classes sociais e havia neutralidade política. Ali se cultuava o Brasil.

Dona Meire era uma professora muito dinâmica; lecionava em ambos os períodos; às vezes, quando faltava algum professor, tomava conta de duas classes. Seu Carvalho lecionava para as turmas do quarto ano, sempre pela manhã. Empunhava uma longa varinha (ponteiro) que chamava de "Virgulina", em homenagem a Lampião (cangaceiro que teria sido responsável pela vinda do professor ao Sul, oriundo da Bahia). No Rio de Janeiro, conheceu dona Meire, que era carioca. Casaram-se e, mais tarde, já com alguns filhos, vieram para São Paulo. Às vezes, seu Carvalho quebrava a "Virgulina" na cabeça de um aluno; por isso, todos preferiam dona Meire como professora.

Acervo Noemia R. Rezende

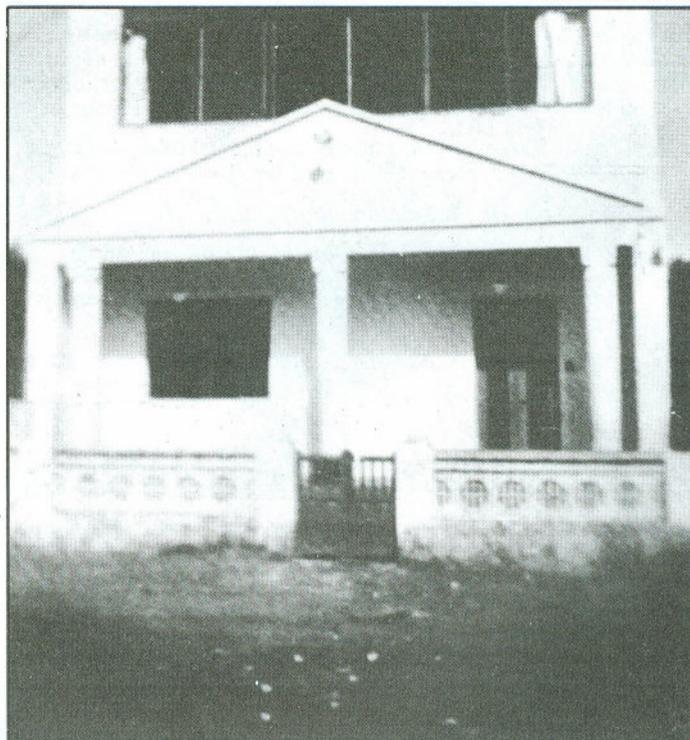


Foto de 25 de janeiro de 1950: fachada do prédio em que funcionava o Instituto Rocha Pombo



Professores e alunos do Instituto Rocha Pombo, sem data. O quinto da fileira (da esquerda para a direita), em pé, é Agostinho Pereira. Sentados (da esquerda para a direita): Agostinho Rodrigues (primeiro) e Francisco Azevedo Carvalho (sétimo)

Dona Meire e seu Carvalho cuidavam da escola durante o dia e dividiam as tarefas administrativas, além de cuidar dos cinco filhos (Erine, Eber, Weber, Erasmo e Eliel). Eram membros da Igreja Batista de São Caetano e, embora não pregassem credo na escola, poderíamos dizer que o Instituto Rocha Pombo foi a primeira escola de linha evangélica na cidade, pois o espírito evangélico predominava nas atitudes dos dois professores que procuravam transmitir aos alunos as virtudes apregoadas pelo Protestantismo. Firmes em sua fé, retidão de caráter, configuravam o protótipo do casal que enfrentava junto a batalha da vida.

Sob influência do período de pós-guerra, era forte o espírito cívico reinante na escola, principalmente durante as festas cívicas, sempre comemoradas com o hasteamento do pavilhão nacional, seguido do canto dos hinos pátrios. Nessa hora, dona Meire demonstrava seu imenso amor à pátria, transmitindo aos alunos a vontade de servir e amar o Brasil.

Naquela época, havia em São Caetano dois grupos escolares: o Grupo Escolar Senador Flaquer e o



Grupo de alunos do Instituto Rocha Pombo, na sede da rua Pernambuco. Ao fundo, o sobrado pertencente à família Cavana. Foto sem data (doação da sra. Luiza Irene Jürgenschellert)

Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, além das escolas católicas, o Externato Santo Antônio e o Sagrada Família. O Instituto de Ensino, antigo Ginásio São Caetano, ainda não havia formado sua primeira turma de contadores. O comércio e a indústria já despontavam na cidade, criando várias oportunidades de emprego e isso requeria algum conhecimento comercial. O Instituto Rocha Pombo, numa iniciativa pioneira, abriu um Curso Prático Comercial, misto, no período noturno. Nesse curso eram

ministradas aulas de Português, Matemática, Contabilidade, Taquigrafia, Inglês, Francês e Caligrafia. O professor contratado para ministrar essas aulas era o professor Agostinho Rodrigues, perito contador, formado pela Escola Álvares Penteado, famosa na capital.

Além do Curso Prático Comercial, o Instituto Rocha Pombo ministrava cursos de Datilografia e Corte e Costura. A escola de Datilografia capacitava mão-de-obra para as Indústrias Matarazzo, General Motors, Cerâmica São Caetano, entre outras. Os alunos do Curso Prático Comercial foram absorvidos pelas melhores empresas e até pela Prefeitura da cidade.

Em 1951, o Instituto Rocha Pombo transferiu-se para a rua Conselheiro Lafaiete, na Vila Barcelona, para sua sede própria. Na inauguração, salgadinhos, sucos naturais e muita emoção pela conquista. Nos fundos do prédio, a residência do casal de professores. O Curso de Datilografia desdobrou-se: parte seguiu com o Curso Primário para a Vila Barcelona; parte instalou-se no andar superior do prédio do Cine Max, à Avenida Francisco Matarazzo, no centro da cidade. Assim, poderia servir melhor à clientela.



Formatura, sem data, de alunos do Instituto Rocha Pombo. Em pé, ao fundo, da esq. para a direita: Agostinho Rodrigues (quarto), Meire Azevedo Carvalho (quinta) e Francisco Azevedo Carvalho (sexto)

Na Vila Barcelona, o Instituto Rocha Pombo funcionou por mais alguns anos e encerrou as atividades ao ceder lugar ao Colégio Di Thiene, com outros donos e outro grau de ensino.

De todas as lembranças que ficaram do Curso Primário, além dos colegas de turma (Ester, Alice, Oscar José, Eliseu, entre outros), além das tardes de sol forte, do canto das cigarras que entrava pelas janelas e invadia o silêncio durante as aulas de cálculo, do barulho de uma araponga (vizinha nunca localizada), do vento nas folhas das pereiras do quintal lindo à escola, resta a lembrança mais forte, daquela professora frágil, esguia na aparência mas firme, íntegra, amorosa e caprichosa: dona Meire. Ela que desenhava a capa de nossas provas mensais e as pintava com capricho e arte. Dona Meire, que ensinava por vocação e prazer. É assim que analiso hoje, após tantos anos, o trabalho daquela professora tão importante para mim. Dona Meire, formada sob a filosofia escolanovista, influenciada pelas idéias de Anísio Teixeira e Lourenço Filho, era uma professora moderna e detinha uma didática atualizadíssima. Escolhia os livros didáticos com cautela, alfabetizava pelo método

global através da cartilha "Meu Amigo". Nosso reconhecimento à dona Meire e a seu Carvalho (era assim que os alunos os chamavam), pois muito do que somos devemos a eles.

(\*) Noemia Rodrigues de Rezende, professora universitária, foi professora primária e secundária, diretora de escola e supervisora de ensino da rede estadual. É titular da cadeira de Didática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santo André

# Século XIX: uma professorinha no distrito de São Caetano

Arnaldo TREBILCOCK (\*)

Início de 1891. Fevereiro? Março? Impossível precisar hoje o dia e o mês, datas exatas que se perderam nas ondas do passado. Na pequena estação de São Caetano, realmente apenas um curto cais, mais uma *parada* do que outra coisa, desembarcava do trem da Inglesa uma jovem senhora.

Tipo *mignon*, esbelta, formosa em seu belo vestido escuro, de saias varrendo o chão...casaco fechado quase até o pescoço, jabô de renda, colar curto de pérolas cingindo o colo, mangas longas, punhos também de renda, luvas cinzas de algodão, chapéu de abas curtas, véu preto rendado. Numa das mãos, a sombrinha parisiense; noutra, uma bolsa um tanto grande, de lona com apliques em *petit-point*, em rude contraste com a sóbria elegância da jovem.

Figura estranha na paisagem rústica da estação, destacava-se parecendo recorte de uma revista de moda. Os olhares curiosos de poucos passantes detiveram-se a mirar aquela jovem, bonita, bem vestida, elegante, como a indagar o que faria no lugar-jo essa jovem, sozinha, quase que desafiando os costumes da época, quando nenhuma mulher com mais de treze anos era jamais vista sem acompanhante, homem feito, quase sempre o marido, ou madame com mais de trinta.

Aquela presença intrigava, quase escandalizava os poucos que ali estavam, empregados da ferrovia, carregadores, um ou outro cocheiro de tilburis que transportavam os raros passageiros da estação a seus destinos, sempre casas de família, pois hotéis não havia, nem pousadas ou pensões...Nenhum dos presentes se atreveu a lançar um olhar mais demorado à jovem. Esta, embora solitária, emanava um ar tranqüilo e sobranceiro, calma postura de altivez e nobreza suficiente para manter à distância qualquer gaiato que poderia, num impacto de galhofismo ousado, dizer alguma gracinha à ajovem indefesa, aparentemente vulnerável.

Poucos minutos durou a estada solitária da moça: logo chegou um senhor, a inclinar-se ao beija-mão costumeiro, educadamente oferecendo o braço à jovem, levando-a a um cabriolé, puxado por um cavalo baio, esmeradamente tratado, impecavelmente arreado, capota de lona envernizada, banco almofadado coberto por alvíssimo pelego de ovelha.

Ao apresentar-se à jovem, o se-

nhor desvendou, em parte, o mistério da viajante, ao dizer-lhe: "... seja bem-vinda, senhora professora, e permita-me acompanhá-la à classe, onde seus amigos e alunos a esperam com alegria". É...a jovem era a *professora* que um punhado de italianos, todos vênets, esperavam para um curso de língua...portuguesa.

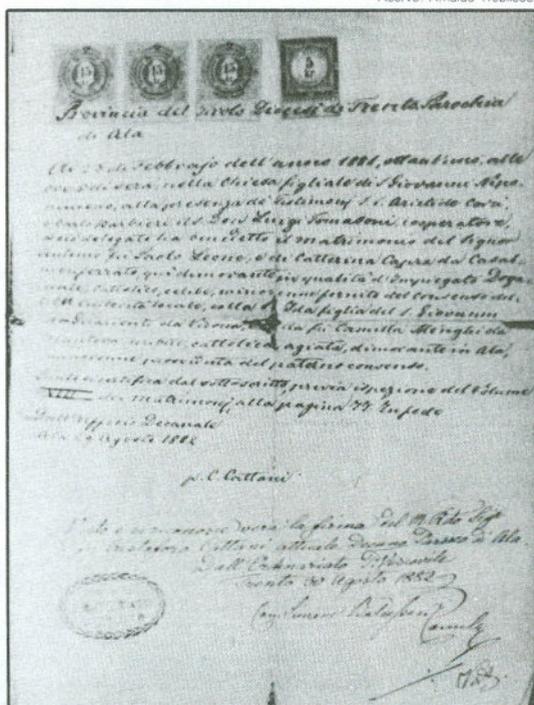
Meses antes, o vice-cônsul da Itália em São Paulo debatera com alguns contrerrâneos, estabelecidos ou trabalhando no distrito de São Caetano, a dificuldade em comunicar-se com os demais, pela dificuldade da língua. Nem eles falavam suficientemente o português, nem os outros falavam minimamente o italiano. Não raro, o cônsul ou o vice eram atazanados por problemas surgidos pela falta de entendimento, forçados a deixar seu trabalho para serem quase *intérpretes* entre partes que se desentendiam, sem litígios, mas por não entenderem um o que o outro dizia, cada qual em sua língua...

O vice-cônsul, também vênets, aventou a possibilidade de alguém do núcleo tomar a si o ensino da língua brasileira, passando seus conhecimentos aos demais. Dada a idéia, esboçado o plano, procurou-se quem pudesse arcar com o trabalho didático...Enquanto os vênets de São Caetano procuravam o professor, o vice-cônsul falava sobre o assunto com diversas pessoas, no consulado ou em reuniões alhures. E, numa dessas reuniões, conheceu a senhora Ida, culta, de nobre linhagem, vênets, e que conhecia perfeitamente o português, que estudara em profundidade ainda na Itália, dois anos antes, quando concordara em acompanhar o marido numa viagem transoceânica que o levaria a um bom emprego junto à empresa pertencente a amigos italianos, em São Paulo.

A jovem senhora ofereceu-se para ensinar português a seus contrerrâneos. Encantado, o vice-cônsul cuidou logo de arregimentar o que fosse necessário para que a senhora pudesse, comodamente, dar suas aulas e desvendar aos vênets do distrito de São Caetano, adultos e crianças, os meandros da língua, cuja gramática era tida como a segunda mais difícil entre as línguas neo-latinas, logo a seguir à gramática italiana...

Quem contratou a professora, quem montou a escola ou classe, quem providenciou os móveis, as carteiras, as cadeiras, o material didático, os lápis, cadernos, livros, não se sabe hoje, pois não houve arquivo, não hou-

Acervo: Arnaldo Trebilcock



Fac-símile da certidão de casamento de Ida Guarienti com Antonio Leone, em 23 de fevereiro de 1881, na Paróquia de Ala, Diocese de Trento, Província do Tirol. Pormenor importante: na parte superior do documento manuscrito, estampilhas fiscais austríacas, uma vez que a província estava sob ocupação do Império Austro-Húngaro

ve guarda de material nem nada se preservou escrito sobre o assunto. Tudo quanto digo hoje, foi-me contado pela própria professorinha, com quem convivi longos anos e que me narrou períodos de sua vida...

Sei que o *curso* durou o ano todo e foi um sucesso. Sei que as aulas corriam duas vezes por semana, às quartas e sextas-feiras; sei que a *escola* era a varanda de uma das boas casas do distrito. Sei, também, que eram dois os períodos: pela manhã, estudavam os adultos, e, à tarde, as crianças. Sei mais: que a professora recebia generosos 100\$000 - cem mil réis - por mês, mais o transporte e o almoço à mesa da família.

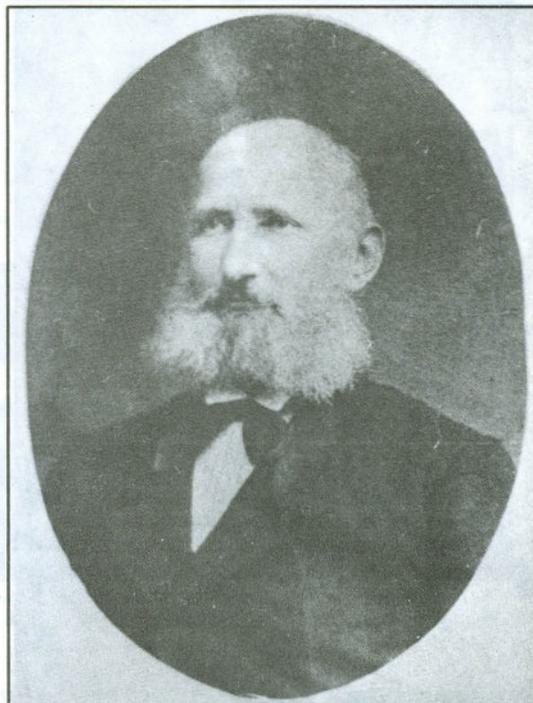
\*\*\*

23 de fevereiro de 1881. Cinco horas da tarde. Na igreja paroquial de Ala, Diocese de Trento, Província del Tirolo, celebrava-se o casamento da jovem Ida, menor de idade, com o jovem Antonio, também menor de idade, tendo ela apresentado consentimento paterno e ele, órfão de pai, consenso das autoridades. A menina Ida irradiava felicidade. Não usava o habitual vestido de noiva. Casava-se com seu amado num vestido simples, escuro, sem enfeites nem atavios. Levada ao altar pelo pai e por uma tia (a mãe falecera anos antes), a adolescente Ida distribuía sorrisos largos, olhando diretamente a todos, até mesmo o sacerdote que devolveu um olhar grave e severo, como a censurar a impertinência da moça, que deveria, seguindo as regras e cânones, manter o olhar baixo, púdico e respeitoso, de praxe em tais ocasiões...

A menina Ida, porém, desde a infância, demonstrara um forte pendor para a liberdade, a franqueza e o trato aberto com todos, fosse qual fosse o sexo, a idade, a posição social ou financeira... Na família, era conhecida como a *rebelde*. Por sua maneira de ser, por falar tudo quanto pensava, dera ao pai, aos tios, principalmente ao avô, inúmeras dores de cabeça, geralmente com as autoridades austríacas que dominavam e administravam a região.

Mais de uma vez, a menina Ida mostrara pouco respeito e nenhum amor aos austríacos. Pertencia a uma família da mais antiga nobreza da Europa. Sua bisavó fora a condessa Fürst und Gröning, oriunda da Alemanha, por questões políticas tendo passado a Viena, onde o marido, coronel da Guarda Imperial, fora nomeado ajudante-de-ordens de Francisco José, o imperador. Karolina, nascida em Innsbruck, filha do conde Fürst und Gröning, estudante em Paris, com heceu, namorou e casou-se com o conde Rodolfo Guarienti, ligado, politicamente, aos nacionalistas

Acervo: Arnaldo Trebilcock



Foto, sem data, do conde Giovanni Guarienti, pai de Ida

que iniciavam, em associações secretas, movimentos rumo à redenção dos territórios ocupados pela Áustria, desde o Friule até o Baixo Vêneto, onde Trento e Trieste formavam os mais ativos pontos de apoio à causa da libertação. Muitas foram as escaramuças tramadas por esses grupos e que produziram, finalmente, seus mártires: Cesare Battisti e Giusti, executados pelos austríacos. Seguindo determinação do Conselho de Família, Rodolfo fixou residência em Mantova. Um de seus filhos, Giovanni, casado com a *nobildonna* sra. Menghi, foi o pai da menina Ida, aquela mocinha que, aos dezesseis anos incompletos, irreverente e rebelde, contrariando toda a família, contando apenas com o apoio do pai, foi recebida ao altar na pequena Igreja de São João Nepomuceno, em Ala, pelo *plebeu* Antonio Leone, ainda quase adolecente, funcionário aduaneiro.

Num mesmo dia, a menina Ida deixava a casa patriarcal, a cidadezinha de Ala, onde morava, e, por imperativo canônico, o título de condessa, passando a ser, simplesmente, com a maior alegria e contentamento, a sra. Ida Leone, esposa amada e amantíssima de Antonio Leone.

Não houve grandes festas; não houve cortejo; poucos foram convidados e o parzinho apaixonado partiu, dias depois, para Casale Monferrato, no Piemonte, onde o jovem Antonio assumiu um pequeno negócio que pertenceria ao pai e a ele viria com a maioridade, antecipada pelo casamento. E a menina Ida entrou ála e atuante na vida do marido. Era ela uma moça totalmente diversa das demais de sua classe e de seu tempo.

Na época vitoriana da Europa de então, as jovens pertencentes à nobreza e financeiramente independentes cuidavam apenas de assuntos artísticos ou literários. Todas, sem exceção, cursavam aulas de piano, tivessem, ou não, aptidão para o teclado. Batacar um pianoforte era para as moçoilas da época tão necessário e obrigatório quanto sorver o bê-a-bá. Na literatura, outro curso também compulsório: a interpretação e comentário dos romancistas da época, franceses e russos, culminando com a também obrigatória leitura e interpretação de trechos da *Divina Comédia*, recitando os rebuscados e misteriosos versos do grande poeta italiano, tido pelos educadores oficiais italianos como o maior poeta de todos os tempos, ofuscando a um lugar bem inferior Shakespeare, Baudelaire... *et caterva*.

Ali também a menina Ida fôra diferente. Cursou piano, leu os livros que lhe eram entregues, interpretou poesias... fez tudo o que uma jovem aristocrata deveria fazer. Mas... foi bem além! Sem se esconder, abertamente, lealmente, frente ao pai e à tutora, leu muitos livros que as moças não costumavam ler, buscando-os na biblioteca do pai e folheando-os tranquilamente na própria sala. O pai, ele mesmo senhor de muito saber e de espírito aberto e empreendedor, nunca cerceou os desejos da filha, seguidamente marcando presença junto à tutora, comentando as aulas e os ensinamentos da escola. Percebendo a pouca inclinação da filha para o tirano pianoforte, reduziu ao mínimo as aulas de música, entrestando-as com longos passeios e cavalgadas pelos prados e bosques e muitos dias passados na vila da família. Cresceu assim a menina Ida num maior contato com a natureza e respirando liberdade, essa liberdade que sentia tão cerceada na cidadezinha de Ala, onde mora, e onde os austríacos mandavam sobre os italianos...

Acervo: Arnaldo Trebilcock



Cartão postal italiano da Villa Guarienti Ravignani, na aldeia de S. Giorgio in Salice (Verona)

Esse amor à liberdade, esse culto ao pensamento livre e elevada, formaram a base para a paixão que desabrochou ao conviver, em muitas reuniões e even-

tos, com um jovem funcionário da Alfândega, o rapaz Antonio. Ele também pensava como Ida. Ele também amava a liberdade, a alegria de expor pensamentos livres e elevados. Piemontês, nascido e educado em Casale Monferrato, fôra muitas vezes severamente advertido, e até punido, pelos professores, por defenderm, publicamente, seus ideais...republicanos. Garibaldi, e não Vittorio Emanuele, era o seu herói! Talvez tenha sido essa admiração por Garibaldi o que mais aproximou os jovens.

Ida também admirava Garibaldi e seu ideal de unidade itálica. Um dos fatos que mais marcaram sua adolescência fôra um beijo no rosto que Garibaldi pespegou naquela menina com seus doze anos agitados e que correu para ele numa reunião em que a menina Ida acompanhara o pai que, várias vezes, levava a filha em viagens a Torino, a cidade dos Savoia.

Muitas vezes, sempre que pudessem fazê-lo, sem quebrar frontalmente os tabus da sociedade, os dois adolescentes trocavam idéias, falavam muito sobre liberdade, pensamento sem peias, os grandes problemas do país. Uniam-nos, fortemente, dois pontos: o amor à igualdade, ao humanismo, a uma pátria unida, síntese do espírito garibaldino e a repulsa aos dominadores austriacos. Em princípio, Antonio manteve uma certa cautela, pois temia que a menina Ida, aristocrata da mais pura linhagem, vivendo vida folgada junto ao pai, e aparentemente em harmonia com os mandamentos, pudesse, ao estimular Antonio a falar sobre liberdade, estar preparando armadilha para enredar o funcionário italiano em alguma trama que o tornasse passível de agressão ou represália pelos austriacos. Parece hoje estranho dizer que havia tal clima de tensão e apreensão, mas, na época, a desconfiança campeava no Tirol italiano e em todo o Vêneto. Sabiam todos que os austriacos não brincavam, e sabiam, melhor ainda, do que eram capazes uns poucos italianos que se entendiam perfeitamente com o austriaco e não hesitavam em denunciar e trair seus conterrâneos, em troca de vantagens e favores. Tais elementos existiam então, existem hoje e existirão sempre, eternamente, em qualquer grupo, sociedade ou nação que esteve, esteja ou estiver envolvida em lutas, disputas ou competições, patrióticas, financeiras ou familiares...A intriga, a delação, a traição, são componentes da mente do ser humano.

Mas, depois de algumas conversas mais profundas e desinibidas, o jovem Antonio desvendou, em todo o seu esplendor, a beleza pura da alma de sua querida Ida, e a paixão surgiu, com o ardor, a veemência, a pressa que sempre dominam os amores juvenis... Ida, por sua vez, feminina, recatada, sentiu também brotar o amor. Pouco a pouco, foi sentindo a necessidade de estar mais tempo ao lado do rapaz, conversar mais com ele, trocar mais idéias, perscrutar mais fundo a alma do outro e, enfim, a vontade de tê-lo para si, viver com ele.

Poucos meses bastaram para que ambos chegassem a uma decisão: iriam

Acervo: Arnaldo Trebilcock



Foto de Antonio Leone, de 1870, oportunidade em que, aos 16 anos, participava de uma peça teatral em Casale Monferrato

1889. A família Leone vivia dias agitados. O negócio herdado do pai e conduzido regularmente por Antonio não prosperava muito. Bom administrador, com contador, mas pouco negociante, totalmente pragmático, Antonio não soube, ou não quis, aventurar-se e arriscar, como outros faziam. Assim, não perdeu, mas não ganhou muito. A família vivia bem; o casal e três filhos, um rapaz e duas meninas, numa boa casa, com todo o conforto, mas sem luxos, sem supérfluos; vida estagnada, monótona, queixava-se Antonio. Os filhos

Acervo: Arnaldo Trebilcock



Fac-símile de cartão postal italiano que reproduz óleo sobre tela do pintor renascentista Paolo Veronese (1528-1588), retratando Pace Guarenti, antepassado de Ida. O quadro está no Museo Cívico de Verona

comunicar ao pai, aos tutores ou responsáveis, sua decisão de casar, pedindo o consenso, por honradez e respeito aos costumes. Houve até, como não poderia deixar de ter, esboço de planos de...fuga..., senhos sem moldura, com vagos acenos a cavalos fogosos e rápidos, a roupa do corpo, quase nunca a dinheiro(...) *l'ultimo pensiero*, dizia Antonio. Ida, mais sensata, de espírito mais prático, refulou veementemente qualquer aventura, preferindo uma conversa séria e adulta com o pai. Conseguido e benelácito paterno e a concordância da tutora, fez com que Antonio também conseguisse o benelácito necessário e o casamento realizou-se naquele 23 de fevereiro de 1881.

Por imposição da noiva, foi uma cerimônia simples, sem pompas e com poucos convidados, nenhum pertencente ao círculo aristocrático ou oficial, como resposta à oposição de todos os parentes e amigos ao casamento da condessinha com um mísero plebeu. Ao sair da igreja de São João Nepomuceno, em Ala di Trento, a condessinha Ida tornou-se, simplesmente, a senhora Ida Leone, e assim quis ser conhecida até o fim.

\*\*\*

e tinham sua instrução complementada pela mãe, que falava corretamente além do italiano, obviamente o francês, com bons conhecimentos de alemão. Procurava transmitir aos filhos tudo quanto sabia, dosando as lições de forma racional, evitando confusões provocadas por qualquer excesso de ensino. Foi então que Antonio propôs à mulher algo impensável e drástico. A vida na Itália modorrava, enevoando as mentes, embotando a vontade. Antonio, que há meses se correspondia com amigos além-mar, sabia tudo sobre uma terra longínqua, acolhedora e febril, o Brasil. Propôs à mulher liquidar tudo quanto tinham na Itália e rumar ao futuro.

Não somente para eles, mas principalmente para os filhos, a ida a outras terras seria benéfica. Estariam as crianças a salvo da rameirice dos burocratas e dos espíritos inferiores que, não poucas vezes, na escola ou nos clubes literários, tratavam os meninos como rebentos de nobres decaídos, seres desprezíveis, pertencentes a uma classe que nada mais fazia do que sugar o sangue do povo. Fermentava já na Itália de 1889 uma reação que se dizia anarquista e, em cujos meios vicejavam os amantes dos punhais, da pistola, das bombas... reação que culminaria com o assassínio de um rei.



Foto de 1893. Flagrante de oficiais de um regimento da Revolução de 1893, no Paraná. Antonio Leone é o segundo oficial sentado, a partir da direita

Discutida a idéia, formado o plano, cuidou Ida de preparar tudo, pondo um freio ao aqodamento do marido. Ida ponderou, planejou e executou.

Primeira coisa a fazer: estudar muito bem a língua falada no país escolhido, seus hábitos, seus costumes, como eram constituídas as famílias, como viviam e, especialmente, como recebiam os estrangeiros que lá iam buscar vida melhor. Marcou um período de um ano para bem estudar o português e preparar tudo para não sofrer surpresas ou grandes decepções. Habituada às agruras da gramática e da língua italianas, Ida dominou com certa facilidade a gramática e a língua portuguesas.

E assim, em fevereiro de 1890, a família Leone abordava em Gênova um vapor rumo ao Brasil. Antonio, mais uma vez aceitando os conselhos da mulher, iria auxiliar um amigo na administração de um negócio, em São Paulo, com contrato de um ano, tempo suficiente, dizia Ida, para bem conhecer o país, a gente, seus hábitos e sua maneira de trabalhar e negociar.

Foi assim que, em fevereiro ou março de 1891, uma jaovem, tipo *mignon*, bonita, elegante, bem posta, alta e simples, deu

seus primeiros aulas de português a um grupo de vênets, no distrito de São Caetano...

Sei que o curso, planejado e executado magistralmente, teve sucesso. Os que ouviram e assimilaram os ensinamentos da professorinha, aprenderam a falar, ler e escrever o português, com prazer e proveito. Em meados de 1892, a professorinha Ida já ia longe. O marido, associado a outros, iniciava um novo negócio no Paraná e para lá se foi a família. Anos depois, alguém perguntou a dona Ida, se não tinha nenhum documento sobre a sua *escola*, nenhuma carta de referência ou de encômio. A resposta mostrou quão ativo e superior era o espírito da professorinha: "...para que iria eu pedir documentos ou cartas de referência para mim, quando *eu* é quem expedia tais documentos ou cartas?..."

Os anos de Paraná não foram completamente felizes para Ida. Seguindo sempre seus impulsos libertários, avesso sempre à oligarquia, a despotismos, Antonio foi, seguidamente membro ativo de sociedades libertárias. Como consequência quase lógica, acabou participando da revolta de 1893, como capitão num dos regimentos de voluntários. Derrotada a revolução, presos os oficiais, foram amontoados num quartel nos arredores de Curitiba. Ali, Ida tornou-se, por amor ao marido e proteção aos filhos, não por vocação, o que muitos classificam como heroína. Como oficial correto e responsável, Antonio recolhera à casa quatro ou cinco fuzis e suas baionetas e algumas dezenas de balas. A notícia da prisão de Antonio não colheu Ida completamente despreparada, pois era uma hipótese que haviam debatido várias vezes. Ida sabia o que fazer. Na mesma tarde, já no lusco-fusco do crepúsculo, foi ao galinheiro, abriu uma fossa e lá enterrou os fuzis e suas baionetas. Para apagar as marcas da escavação, andou quase a noite toda, tangendo galinhas e patos de um lado a outro, pisando, seguidamente, sobre a terra que cobria a vala. Ao amanhecer, aquele trecho não mostrava nenhuma diferença com o resto do terreno...Mas, ao voltar a casa, Ida teve um tremendo susto. Na pressa de enterrar as armas, esquecera a munição, jogada ao fundo de uma gaveta. Impossível reabrir a fossa ou cavar outra. Impossível destruir a munição. Ida

Acervo: Arnaldo Trebilcock



Foto de 1913: Cecchina e Stefano Cortone, primos de Ida Guarienti

não titubeou um instante. Juntou as balas e as pendurou tranquilamente num saquinho de algodão, batido pelo uso, ao retentor da janela da cozinha...Era costume, naquele então, as donas de casa pendurarem em saquinhos preparados as penas mais macias das galinhas, que lá ficavam dias a fio, secando ao sol, para encherem, posteriormente, travesseiros, edredons ou almofadas.

No dia seguinte, à tarde, uma patrulha, comandada por um tenente qualquer, invadiu a casa, recolheu a mulher e os filhos à sala da frente, vigiados por um soldadinho dos tantos e cuidou de revirar tudo, em busca de ...armas e munição! Estouraram gavetas, quebraram louças, derramaram roupas. Raivosos por nada acharem, estriparam colchões, travesseiros, almofadas, edredons. Penas voaram pela casa. Finalmente, os soldadinhos foram embora, sem um simples olhar àquele saquinho de "penas" pendurado à janela da cozinha, debruçada a curta distância do galinheiro...

Assim que os fardados deixaram a casa, Ida começou, com os filhos, a arrumar a desordem. Chegando à cozinha, não pôde conter uma sonora e larga risada ao ver o tal saquinho. Perplexo, o filho perguntou o porquê de tanto riso, ficando mais perplexo e confuso, quando a mãe disse estar comemorando um...enterro bem sucedido... A relativa tranqüilidade foi abruptamente estancada, quando o tenentinho voltou para dar à família uma notícia importante.

O comandante da praça pedira a lista completa, nome, patente e posição de todos os oficiais presos. Ao pé ou ao topo da lista deu um único, curto, conciso despacho: "...sejam todos fuzilados, dois cada manhã, dois cada tarde, começando pelo primeiro, indo até o último nome". O tenentinho, com todo prazer, disse à senhora que o nome do marido, capitão Antonio Leone, estava na metade da lista...E assim, se ela ficasse à janela, de manhã e à tarde, dentro de alguns dias poderia ver passar o carroção que levaria o marido ao fuzilamento. As execuções seriam efetuadas no cemitério, ao lado de uma grande vala onde os fuzilados seriam jogados e cobertos por cal viva. A família, se quisesse, poderia solicitar um objeto do executando: o chapéu, o cinto, uma bota (somente um pé), um botão, à escolha. Somente não seria entregue o lenço que os revoltosos levavam ao pescoço. Por ser símbolo da rebelião, o comandante da praça determinara que todos os lenços fossem amontoados e queimados no pátio do quartel, perante a tropa formada e os prisioneiros enquadrados a assistir à cerimônia. O tal comandante da praça obrava num delírio de guerreiro vitorioso, pensando cravar na História seu nome como defensor extremado da legalidade, da ordem, da Pátria. Meses depois, o nome do cujo já estava esquecido, sepulto na escuridão de um escaninho poeirento, um gavetão qualquer num não sabido recanto burocrático.

Penou dona Ida o resto do dia, pensando no que seria dela e dos filhos, se o amado não regressasse. No dia seguinte, aboliu os pensamentos lúgubres e lá foi a palácio, onde exigiu ser recebida pelo comandante da praça.

Este, atônito com tamanha audácia...feminina, concedeu a audiência. Em duas horas de conversa, dona Ida demonstrou ao idiota quão arbitrário, impensado, cruel e inútil seria seu ato. Fuzilando quinze ou vinte homens, sem julgamento ou sentença, poderia provocar conseqüências funestas não somente para ele, oficial de alta patente, mas para todo o exército, atingindo mesmo o governo central. Demonstrou, ainda, dona Ida que o tal comandante, persistindo na ação, estaria fazendo, simplesmente, tudo o que os fuzilandos tentaram fazer: subverter a ordem, anular a justiça, rebelar-se contra as instituições. Uma quase áspera troca de frases terminou a audiência. O comandante perguntou, num tom sarcástico, à moça, se o marido viera ao Brasil trazer de volta o espírito aventureiro de Giuseppe Garibaldi...Dona Ida retrucou de imediato: ela é quem trouxera de volta o espírito livre e patriota - da brasileira Anita, a amada companheira de Garibaldi...

Dias depois, o grande guerreiro despiu os galões dourados e anulou o despacho, mandando de volta às suas casas os oficiais encarcerados.

\*\*\*

*O século XX viu a mesma professorinha novamente ensinando português, mas ainda longe de São Caetano. Estava em Mi-*

*nas Gerais, numa pequena cidade próxima a Mariana, onde ensinava português a outro grupo de italianos, não todos vênetsos, trabalhadores de uma mineradora de ouro.*

*Lá, em 1908, sua filha mais velha, Lina Carolina Camilla uniu-se pelas santas leis da madre Igreja a um engenheiro inglês, o sr. George Alfred Trebilcock. O casal deu ao seu quarto filho o nome de Arnaldo.*

---

*(\*)Arnaldo Trebilcock, brasileiro, estudou na Europa e terminou seus cursos numa universidade italiana. Foi redator-chefe da Tribuna das Estâncias e publicou artigos de fundo na Tribuna Latina. Doutor em Ciências Comerciais, atua como gerente-geral para o Brasil de empresas fabricantes de maquinário e equipamentos para indústrias petrolíferas, petroquímicas e farmacêuticas*

# Velhas lembranças das “Três Casetas”

(depoimentos de Catarina Casagrande Pires,  
Antonio Carlos Pires, Geraldo Braidão e Valdemar Braidão)

Silvio José BUSO(\*)

**A**li, naquelas várzeas banhadas pelas águas do rio Tamanduateí e córregos, como o Tijuçuçu (onde hoje fica a General Motors), bem ali ficavam as famosas “três casetas”. Algumas estradinhas cortavam a várzea; a principal passagem de terra acompanhava a estrada de ferro e dava acesso às casetas”. Foi numa daquelas casas que Antonio Aleixo Pires veio morar, entre 1910 e 1920. Tinha como vizinho João Valério. Ambos possuíam vacas e tiravam leite para entregar nas casas de São Caetano. Na várzea havia apenas as “três casetas”; os pastos eram bons, havia água à vontade, o lugar era bom para aquela atividade...

Antonio Aleixo, a mulher e o filho (Pires) moraram alguns anos no local. Depois, mudaram-se para uma nova casa de telhado de uma água, sem forro, portas e janelas feitas com a madeira de caixotes de cebola, na Vila Bel. “O Pires, filho, já moço - dona Catarina puxa pela memória - , conheci em 1935. Vim da Itália com sete anos de idade, morávamos em São Manoel, depois de Cerquilho e chegamos a São Caetano em 1928. Começamos o namoro num convésco”.

Dona Catarina lembra que conheceu o futuro marido por intermédio da família portuguesa Fernandes, e Aurora e Otilia trabalhavam na Matarazzo, depois foram trabalhar na Móoca, onde ela própria trabalhava. “Fizemos amizades - conta dona Catarina-. O Pires freqüentava o Lazio. Eu não, pois não dançava. Minhas amigas, todas Fazani, eram a Alda, a Neusa, a Leonor, a Iole, a Seba e a Sara. Conhecia o Botteon também”.

Em julho de 1941 Pires, filho, e Catarina Casagrande casaram-se. Em 1942, Pires foi presidente do Lazio. “Certa vez - prossegue dona Catarina - , uma senhora cujo nome não me ocorre, perguntou-me: como é que você deixa o seu marido ir sozinho ao Lazio? O que é que tem, respondi, se ele é o presidente do clube? Eu não danço, nem ele. Portanto, não tem nada de mais. Não tenho ciúme e as pessoas que freqüentam o Lazio são sérias”.

Pires foi um grande jogador de futebol. Desde garoto, atuou no Lazio, Rio Branco, Tropica. Encerrou a carreira por este último. O Tropica foi jogar contra o Vila Bela, ele machucou-se, perdeu dias de serviço e o pai, Antonio Aleixo, proibiu que continuasse jogando bola.

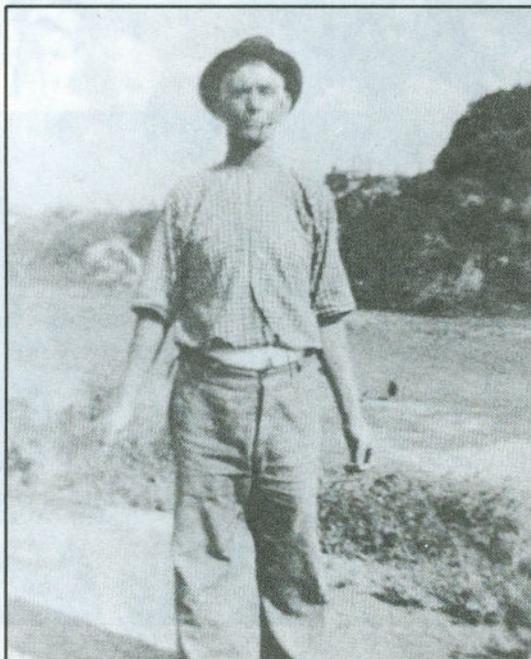
“Quando casamos - explica dona Catarina - , o Pires trabalhava na fábrica de serras Vacconi, na Ponte Pequena. Era mecânico dos bons: montou grande parte da fábrica. Tor-

nou-se um dos sócios e retirava um bom *pro-labore*. Depois de um tempo, ele se desentendeu com o sócio e saiu da firma. Resolveu trabalhar por conta própria, montando a primeira fabrica de peças para bicicleta e oficina, na rua Santa Rosa. Após algum tempo, convidou o amigo Eugênio Fiorotti para sócio”.

Era o tempo da guerra: a bicicleta era meio de locomoção bastante utilizado. A situação mudou, contudo, e dona Catarina precisava costurar para ajudar no orçamento doméstico. Fiorotti deixou a sociedade; Pires desiludiu-se e vendeu a firma para o Perucchi, e acabou trabalhando na Byington, junto com Miro Basso, que era o chefe. Passou a montar sistemas de ar condicionado nos bancos durante mais de 14 anos; aposentou-se nesse ramo.

Dona Catarina diz que não havia nada de “mal-assombrado” nas “três casetas”. Contudo, a respeito da casa do velho Barile, à Rua Rui Barbosa, junto à chácara do João Português, afirma que é possível que fosse mal-assombrada: Lá se ouviam barulhos; coisas da época, não é? “... Versão idêntica é dos irmãos Geraldo e Valdemar Braidão, cujo pai, Pedro, era amigo de Valério, que morava numa das “três casetas”. Tiveram ambos oportunidade de freqüentar o local, por volta de 1934. “Muitas são as lembranças daquela época. As “três casetas” eram conhecidas por todos; todos sabiam onde ficavam; era ponto de referênci

Acervo: Silvio J. Buso



Pedro Aleixo Pires, em foto sem data, morador de uma das “três casetas”. Ao fundo, o rio Tamanduateí e os morros da Vila Califórnia

ferência, as trigêmeas, construídas no meio da várzea, ligando São Caetano, Vila Prosperidade e Utinga. De construção bem feita, iguaizinhas, ao lado do caminho de terra, junto da estrada de ferro. Nos fundos, onde hoje fica a General Motors, corria o Tijuçuçu. Foi uma época de infância sadia, alegre, inesquecível” - contam os irmãos Braidão. Ambos iam à porta das “três casetas”, levando cinco vacas para pastar. Eram boas vacas leiteiras...

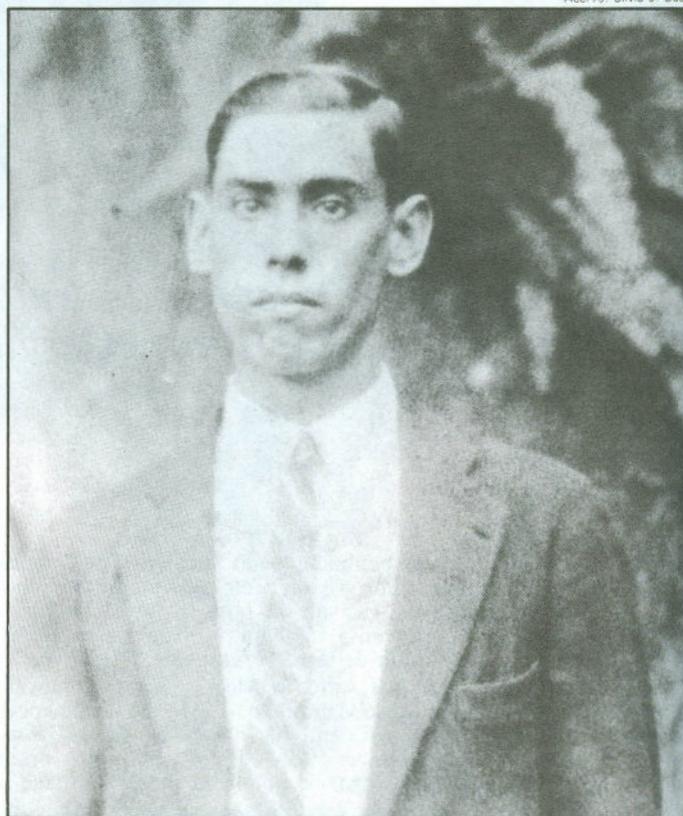
“Tangíamos o gado até a baixada do morro, hoje Vila Califórnia. Subíamos por trás da Companhia Mecânica de Mineração até chegar à linha de transmissão elétrica de alta tensão da Light & Power, ao lado das casinhas. Era um pasto imenso. O Valdemar e eu ficávamos ali, horas e horas, tomando conta do gado; para passar o tempo, entrávamos no mato e no brejo, colhendo frutas silvestres - araçá, gabirola, ingá, banana do brejo, murtas, goiaba, caragatá (que crescia em cachos e servia para fazerem xarope contra tosse). Ali não havia perigo algum, a não ser os terríveis cachorros do Valério, pretos, de grande porte, que atropelavam quem desejasse

arriscar-se a passar pelo local. Mas nós, garotos, tínhamos amizade com o filho do Valério e íamos à casa deles protegidos, até que prendessem os cães” - narra Geraldo Braido. Eles ainda nadavam nas águas do Tamanduateí no local em que o rio fazia uma grande curva, atrás da Companhia de Mineração. Mas houve uma lembrança marcante e triste: certa manhã, quando os dois irmãos Braido deixavam o gado no pasto e voltavam para o Grupo Escolar Senador Flaquer, avistaram um homem pendurado, enforcado, num dos postes da Light. “O medo apossou-se de nós. Saímos correndo pela estrada de terra e encontramos um conhecido de nosso pai, tipo andante e violeiro, que depois de ouvir a história foi ao local, depois ao posto policial, solicitando que tomassem providências. Muita gente foi ver o fato” - explicam os dois irmãos. Depois, assustados, não regressaram ali. O pai ia buscar o gado.

Pena que o tempo tenha passado e que ninguém se tenha lembrado das “três casetas”. Póderiam ter sido tombadas para ficarem na História de São Caetano do Sul.

---

(\*)Silvio José Buso é técnico em Saneamento Ambiental e pesquisador do Gipem(Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do ABC)



Antonio Pires, filho de Antonio Aleixo, em 1927



Catarina, de cinto preto, ao lado das amigas na casa dos Dall'Antonias, à rua Amazonas, em foto sem data



*Time do Rio Branco: o quarto da esquerda para a direita, agachado, é Pires*



*Antonio Aleixo Pires, a esposa, a nora Catarina e o filho, em foto sem data*



*Piquenique na Praia do José Menino, sem data, no começo do namoro entre Catarina Casagrande (de maiô listrado) e Antonio Pires (primeiro à esquerda)*



*Pires, de camisa branca, ao lado de amigos, em 1926*

# Testemunhas de uma época

(Depoimento de Ana Molinari Miazzi e Germano Miazzi)

Oscar GARBELOTTO(\*)

**A**na Molinari Miazzi, 78 anos, nasceu em São Caetano do Sul, no atual Bairro Cerâmica, em 22 de outubro de 1913, filha de Benedito Molinari e Gina Varani Molinari. O pai, nascido na Vila Mariana, e a mãe, em Caieiras, em São Paulo. Benedito Molinari veio para São Caetano ainda criança, com os avós, compadres dos Cavanias e, a convite destes, trabalhou nas olarias de propriedade da família. Aqui se radicaram os Molinaris, definitivamente.

Germano Miazzi, 83 anos, nasceu em 14 de fevereiro de 1909, no Bom Retiro, bairro de São Paulo, transferindo-se, muito jovem ainda, com os pais, para São Caetano. Aqui ele casou-se e constituiu família. Apenas recentemente mudou-se para Valinhos(SP). É filho de Eugênio Miazzi e Tereza Zenardo Miazzi.

Ana e Germano casaram-se em 25 de novembro de 1937, em São Caetano, perante o juiz de Paz Matheus Constantino. Algo que chama bastante a atenção é que a depoente, apesar de ser conhecida apenas como Ana (inclusive no círculo familiar) tem, em seu assento de casamento, o nome consignado como Maria. Os depoentes são testemunhas vivas de uma época romântica de São Caetano. Com o carinho e o romantismo das pessoas felizes com a vida, juntas há 55 anos, através de um casamento sólido (que lhes deu um filho único, Délcio), traçam um perfil emocionado de um passado distante; falam de amigos (muitos já se foram), das aventuras, das realizações, do namoro, dos costumes, da cidade...

## I - A chegada a São Caetano

É Ana Molinari Miazzi quem inicia o relato: "Meus avós vieram para a cidade num ano que não sei precisar, a convite dos Cavanias, que necessitavam de mão-de-obra para sua olaria, situada no começo da atual rua Baraldi (onde está a fábrica ZF). A olaria ficava num grande barreiro, às margens do rio dos Meninos, na época todo cheo de curvas. Meu pai, ainda pequeno, ajudava no trabalho de fazer tijolos [I].

Depois de algum tempo, meu avô deixou a olaria, para cuidar de seu próprio negócio: uma fábrica de colchões. Era capim que se usava naquele tempo... Isto foi em 1910, mais ou menos. Certa vez, meu avô fez um bom negócio, por indicação do Sigolo, que possuía comércio de móveis e colchões: a venda de cem ou duzentos

colchões para um navio, em Santos. Meu avô foi a Santos, combinou com o comandante e trabalhou dia e noite para entregar no prazo. Mas o negócio era bom e passou a ser um fornecedor das Docas, enviando a mercadoria pela estrada de ferro. A fábrica situava-se no Bairro da Cerâmica, à atual rua Senador Roberto Simonsen, num barracão construído na grande chácara da família, cujas terras ainda pertencem à irmã de meu avô. O capim para encher os colchões era apanhado nas redondezas e os fardos de pano eram comprados no Brás".

[I] Não existem, até o momento, documentos que comprovem a origem da rua Baraldi. O certo é que seu leito cortou as terras que pertenciam ao imigrante fundador Luiz Baraldi, aqui vindo com a segunda leva, em 1878. Tem-se como certo a doação do leito da rua, feito à Prefeitura pela família. Daí o nome defendido por Santina Anna Corradini Baraldi, no princípio da década de 30, quando o prefeito-interventor de Santo André pretendia mudar o nome tradicional para rua Mato Grosso [1.] Quanto ao rio dos Meninos, abrigou em suas margens outras olarias, tais como a dos Parentes, dos Ferraris, e a exploração de outros minérios úteis para a indústria da cerâmica. Era um "ribeirão tortuoso, com pouca água nos períodos de estiagem e um sem-número de alagados na época das chuvas [2.]. Era um local propício para o lazer de muitos jovens da época que usavam os alagados como piscinas, inexistentes em São Caetano. O Tiro de Guerra local mantinha às suas margens um estande de tiro, para treinamento. O início de sua retificação, no ano de 1957, ocorreu na administração do prefeito Oswaldo Samuel Massei.

Acervo: Ana Molinari Miazzi



Ana Molinari, em foto de 4 de agosto de 1935

## II - A infância, a escola, a capela

"Tenho muitas recordações da infância passada na chácara mencionada. A primeira delas não muito agradável: como filha mais velha, apanhava de minha mãe, se não ajudasse a cuidar dos outros cinco irmãos. Quatro irmãs e um irmão. Mais tarde, já com 14 anos, vim morar em São Caetano [II].

Iniciei os estudos na Escola de Cerâmica, mista, com cem alunos numa única classe. Tinha muita pena da professora... A escola ficava num prédio de meu avô, numa esquina da rua Senador Roberto Simonsen com

a Casimiro de Abreu que, depois, ficou sendo o armazém do velho Massei. O prédio existe até hoje. Quem pagava a escola e a professora era a Cerâmica. A professora, dona Ana, era muito querida. Vinha da Água Branca. Isso foi mais ou menos entre 1923 e 1925. Deixei a escola no segundo ano, quando desci para São Caetano.

A vida na Cerâmica daquela época era muito boa. Todos se conheciam, muitos eram compadres e comadres e ajudavam-se bastante, principalmente quando havia doença. Minha madrinha, Josefina Coppini, filha de Caetano Coppini, ainda mora lá perto de onde ficava o Clube Guarani. Acho que ela está com uns 90 anos...

As casas eram esparsas, quase todas em chácaras e todos tinham suas vacas, cavalos, charretes. Meu pai também... As terras de meu avô iam da rua São Paulo até à Casimiro de Abreu, subindo, mais ou menos, até à rua Tupi. Era uma chácara com grandes plantações e pomar. Plantava-se quase de tudo, menos arroz e trigo. O pomar dava gosto com tantas árvores de laranja, ameixa, pera do inverno (cujos galhos envergavam de tantas frutas que havia), caqui, banana, limão, e outras tantas. Não faltavam ainda plantações de capim canudo para as vacas e cavalos" [III].

[II] Ao que parece, apesar de não ser grande a distância entre a Cerâmica e o centro da cidade, os moradores de então eram "quase" os de uma vila afastada, sendo o centro considerado como "cidade"; daí a referência.

[III] Reiterados depoimentos relatam as mesmas cenas aqui descritas. Com pequenas exceções, que deveriam restringir-se a um pequeno núcleo urbano, nas proximidades da estação ferroviária, inaugurada em 1º de maio de 1883. No mais, o atual território de São Caetano era uma paisagem bucólica, verde, com grandes pomares tomando praticamente as chácaras existentes. O próprio autor das notas viveu, até o final dos anos 40, em plena rua 28 de Julho, em chácaras com pomar, horta, poço, cavalos, cocheiras, na propriedade de Antonio Garbelotto. Em tempos mais distantes, nem mesmo o centro atual era diferente: "Os Baraldi viviam no centro de São Caetano. Eram grandes proprietários na cidade. Tinham a casa na rua Baraldi. Junto à casa, que abrangia a área onde está hoje a Matriz da Sagrada Família. Toda a praça Cardeal Arcoverde era o quintal da chácara [3.]. Hoje, a cidade elegeu o quintal dos Baraldi como um dos principais pontos de convivência

"Minha avó, Mariana Neri Molinari, fez construir uma capela no terreno da família, onde ainda hoje pode ser vista a imagem de Santo Antônio trazida de Modena, Itália. A construção não é mais a mesma. A que foi construída em 1924 foi demolida para a abertura da rua da Constituição. A capela tem uma história curiosa, já relatada por Jayme da Costa Pa-

Acervo: Germano Miazzi



Em 1930, com 21 anos, Germano Miazzi ostentava a regalia de ser sócio do São Caetano E.C. como "jogador". Era o que atestava o secretário Ricardo Manilli em carteirinha também assinada pelo "thesoureiro" e também homem de teatro Abramo Cavassani. João Batista Lima presidia a entidade, naquela oportunidade

na Molinari. 1924. Atualmente, quem cuida da capela é meu irmão João, e passará a tarefa para o filho casado. A família sempre cuidará para que a capela continue como era o desejo de minha avó.

### III- Mudança para a cidade

Como já disse, com 14 anos fui morar na rua Alagoas, no número 22. Deixei uma chácara para morar numa casa fria, com muita correnteza e fiquei muito doente. De lá, quando casei com o Germano, fui morar na casa de meu sogro, no início da avenida Roberto Simonsen. Depois, morei algum tempo na Travessa Eliseu Carnevalle, até mudar-me para Valinhos, onde encontrei bom clima para viver. A grande chácara da Cerâmica foi sendo retalhada pelo progresso, quando ruas foram abertas pela Prefeitura, ocupando parte da área. Com a morte de meus pais, grandes divisões, devido à grande família, terminaram com a chácara. Dá muita saudade da bela vida que levávamos...

### IV- Mocidade, lazer... e namoro

Recordações de moça, até que tenho algumas. Eu era bem apanhada, não é? Sem vaidade. Minhas primas até diziam: - Você é muito bonita! Na verdade, sempre gostei de ter amizades, de ter muitos amigos e amigas. De gente boa. Pode até ser publicado, porque é verdade; tinha cada pedido de casamento!! De vez em quando, meu pai chegava em casa bravo, e resmungava: - Fulano veio pedir-

Acervo: Germano Miazzi



Germano Miazzi. Circa 1935

me para deixar namorar você. E você disse que sim. Mas eu não quero que você namore, porque ainda é muito nova... Pronto! Não namorava. Quando completei 17 anos, ele permitiu. Foi o primeiro namorado, o Germano, meu marido. Outros foram apenas namoradinhos, dos bailes do São Caetano E.C. ou do Ideal. O São Caetano E.C., onde o Germano freqüentava, situava-se à atual rua 28 de Julho. Quantas corridas dei até lá, apesar das proibições de meu pai... Eu achava graça, porque meu pai não queria que eu me pintasse, que usasse vestido fino. Então, o que eu fazia? Ia à casa de minha tia, ao lado da Loli, da Nina, que eram *chiques*, vestiam-se bem, e ali me pintava. E lá íamos nós para os bailes... Havia bailes à noite e nas tardes de domingo. Aos domingos, meu pai estava geralmente na estação, num bar que depois seria o Trianon. Minha volta para a rua Alagoas era complicada, porque precisava evitá-lo. Nessas horas, a Helena, mulher do João Perrella, minha amiga, é quem me ajudava. Eu aprontava das minhas...

À noite, havia bailes sempre depois dos *dramas*. Ah! quantos *dramas* passavam no São Caetano. Era o Arthur Garbelotto, Ferruccio Manile, Abramo Cavassani, Octávio Tegão, e tantos outros que trabalhavam no teatro. Lembro-me, ainda, do "Manhãs de Sol". O galã era o Arthur Garbelotto, tão bonito, tão bem vestido. A peça foi um sucesso. Foram obrigados a repeti-la muitas vezes... [IV]. Quando não havia baile nas tardes de domingo, a diversão era assistir ao futebol do São Caetano E.C. Íamos em quatro ou cinco mocinhas. Na verdade, não era para assistir ao futebol, mas para ver os mocinhos... A Maria namorava o Reinaldo Lodi; a Helena, o João Perrella, com quem se casou. Eu não conhecia o Germano, ainda. Ficava *tirando linha* com os bonitinhos... O campo ainda era o da rua 28 de Julho. Quando mudou para a rua Paraíba, estava casada. Minha vida mudou muito e a severidade de meu pai cessou, quando comecei a namorar o Germano. Meu pai confiava nele, e estava certo. Fizemos uma vida de casados muito boa e estamos aqui, até hoje, depois de 55 anos. Como já disse, gostava de ter amizades, e assim conhecia todos os moços que freqüentavam o São Caetano: Américo Perrella, Alcides Cavassani, o João da Helena, o João Paulo, o João da Irene, o Reinaldo, e uma porção de amigas. Tive muitos namoricos, mas nada sério. Não conhecia o Germano... O Carnaval estava se aproximando. Junto com cinco ou seis amigas, estávamos de frente à casa do Germano, quando a irmã dele, Irene, convidou-nos para chupar uvas. Plantavam uvas deliciosas no quintal da rua Rodrigues Alves. Eu estava bem bonitinha, vestido todo pregado. Foi quando apareceu o Germano. - Lá vem ele, com fome, disse a irmã do Germano. Eram

Acervo: Ana Molinari Miazzi



A família de Ana Molinari Miazzi. Em pé, da esquerda para a direita: Angelina, Brasília, João, Ana, Augusta. Sentados: os pais, Gina e Benedicto Molinari. Foto sem data

Acervo: Museu de São Caetano



Germano Miazzi faz referência ao prédio do velho centro da cidade, localizado acima das porteiras da São Paulo Railways, erguido por Guilherme da Silva Dias, no encontro da Avenida Francisco Matarazzo com a rua João Pessoa, bem defronte ao local em que, na década de 40, se ergueria o imponente edifício construído por Maximiliano Lorenzini, para abrigar o Cine Max. Segundo informações colhidas no Museu Municipal, esse prédio abrigava, além do armazém pertencente a Guilherme da Silva Dias, a Sub-Prefeitura, O Cartório de Antônio Flaquer, a casa funerária, os consultórios dos médicos José Paolone e Zacarias Alves de Mello e uma alfaiataria. Pormenor importante é a bomba de gasolina, também pertencente ao armazém. Foto sem data

cinco horas. Hora do jantar, hábito que conserva até hoje. Entramos e sentamos diante de uma grande mesa. Ele, gentil, foi apanhar as uvas, lavou-as, e colocou à nossa disposição, enquanto jantava. Naquela oportunidade, conhecemo-nos. Mas nada aconteceu, porque a irmã torcia para que ele namorasse uma tal Rosa. Logo veio o domingo de Carnaval e novamente nos encontramos no baile que o São Caetano E.C. estava realizando no Cine Central. Estávamos num grupo de moças, inclusive com as irmãs dele, Maria e Irene. Ele não era muito de dançar, mas veio tirar a irmã, Maria, que se dirigiu logo a mim, dizendo que o irmão me convidava para dançar... Minha resposta foi pronta: - Estou aqui e não é para esquentar cadeira... Dançamos, conversamos, e acho que ele gostou, porque acompanhou-me até as porteiras da estrada de ferro, mas só um pouquinho. Afinal, meu pai poderia estar por perto... Depois, veio a Quaresma, sem encontro algum. Logo depois, ele me pediu... O namoro durou uns cinco anos e casamos em 1937."

[IV] A história do teatro em São Caetano está ainda para ser contada. Pela importância, por aquilo que representou para a cidade, a partir da década de 20, merece, por certo, um capítulo a parte. Há breve registro de seu início em *Raízes* (nº 3, p.41): "O primeiro grupo a formar-se reuniu um pequeno número de pessoas no Príncipe di Napoli, para montar a primeira peça em São Caetano, *La sorella del cieco* (A irmã do cego), totalmente falada em italiano. Era o ano de 1923, e a apresentação foi realizada na própria sede da sociedade, localizada à rua Perrella. Esse grupo pioneiro estimulou a formação de outros grupos cênicos, em todos os clubes existentes na época, principalmente no São Caetano" [4.]. Na verdade, após a primeira realização, o São Caetano E.C. iniciou, com muito sucesso, sua atuação no campo da dramaturgia. O Ideal foi outro clube que se fez notar pela excelência de seu teatro. Em seguida ao grupo pioneiro do Príncipe di Napoli, o grupo do São Caetano passou a comandar, por longo tempo, os fatos teatrais na cidade. Eram jovens idealistas, amantes das artes cênicas e da cultura, e faziam de tudo para tornar realidade suas apresentações diante de inegáveis realizações da época. Contam os mais antigos, que chegaram a acompanhar aqueles espetáculos, que as dificuldades incluíam também a falta de cadeiras para suprir o salão. Daí as famílias vizinhas ao salão da rua 28 de Julho se apressarem em transportá-las de casa para lá. Com poucos recursos, eram montados os cenários que, a julgar pelas fotos deixadas, superavam, em muito, os recursos. Os marceneiros Germano Miazzi e João Domingos Perrella Neto constituíam a retaguarda das peças. O "ponto" era



Germano e Ana Molinari Miazzi, em foto recente, por ocasião dos depoimentos

Ferruccio Manile, os ensaiadores eram a dupla de primos Arthur Garbelotto e Abramo Cavassani e Aladino Grecchi. Arthur era, ainda, o galã principal e o cômico que fazia a platéia rir, graças à verve polivalente. Considerado o *fac totum* do teatro no clube, possuía em casa centenas de libretos das peças teatrais que, pessoalmente, adaptava, anotava com cuidado para os ensaios. Através dos anos, o teatro do São Caetano consolidou-se de tal maneira que sua presença era imprescindível em todas as grandes festas da comunidade e até mesmo em outras cidades, tais como Jundiá e Ribeirão Pires; onde era solicitado com freqüência. A busca da perfeição era tanta que artistas de São Paulo, em várias ocasiões, foram contratados para completar o grupo. Fotos da época, particularmente de *Manhãs de Sol*, dão conta desse interessante pormenor.

#### V- Mais um pouco da infância

“O casamento foi no dia 27 de novembro. Tivemos um único filho, o Délcio. Mas gostaria de falar mais um pouco de minha infância, já que estou lembrando do sacrifício que era ir às missas dos domingos. Foi antes de mudar para o centro. Andávamos da Cerâmica até à Matriz Velha, na Barra Funda, sempre num grupo grande. Um domingo, minha mãe, com as crianças; outro domingo, vinha minha avó. A missa era por volta das 9h00 e, apesar da pouca idade, lembro que era rezada pelo padre Capra. Depois de sua morte, vieram os padres Pelanda e Grigolli. Com estes fiz a primeira comunhão, aos 7 ou 8 anos, numa comemoração à Nossa Senhora, em 8 de junho. Quantas rezas foram ensinadas por minha mãe e avó. Todas em italiano, orações lindas que até hoje rezo. Ainda das lembranças da infância: a morte do padre Luiz Capra. Foi de repente, ali mesmo na igreja. Fui ao enterro com mãe e avó. Meu pai amava muito o padre Capra e um dia fomos a Santo André, para visitar o túmulo do bom padre. Tudo isso me faz lembrar que, na-

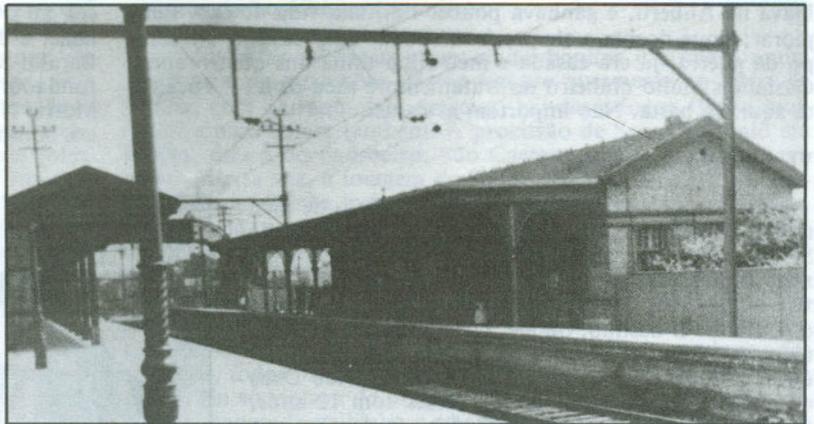


quele tempo, nem havia funerária na cidade. Quando morria alguém, o caixão tinha de ser comprado em Santo André ou no Brás. E vinha sempre de trem, o que costumava impressionar as pessoas” [V].

[V] O padre Luiz Capra, da Congregação de São Carlos, foi o primeiro vigário da Paróquia de Santo André, que compreendia a vasta extensão territorial que ia de São Caetano até o Alto da Serra. Assumiu exatamente em 3 de março de 1912 e, para os moradores de São Caetano, sua presença na velha Matriz, todos os domingos, representou o conforto espiritual definitivo já que antes disso raras vezes ocorria. Sua morte, em 4 de janeiro de 1920, ocorreu na mesma Matriz, momentos antes da missa dominical. O amor que o pai da depoente dedicava ao sacerdote também se justifica, nas palavras de João Mendes Caldeira: “Homem santo, inteiramente voltado para Deus, o padre Luiz Capra não teve tibiezas: trabalhou com ardor e coragem, colhendo grandes frutos” [5.J]. O trabalho desse sacerdote junto à comunidade foi bastante importante e intensamente espiritual. Todos os antigos

de São Caetano referem-se a ele como a um verdadeiro santo e mantinham em suas casas fotos dele após a morte

“Nossa vida na infância foi muito sacrificada. Morávamos em casas de tijolos, velhas, e o dinheiro era muito pouco, uns tostões. Mas meu pai era muito bom para nós e fazia questão de passear conosco, sempre. Era um batalhãozinho de crianças: eu, minhas irmãs e primas. Lembro-me de alguns passeios, como aquele a Mogi das Cruzes. Você sabe o que é pegar um trem e ir até Mogi comer cocada? A Santos, fomos algumas vezes e a São Paulo, inteiro, particularmente ao Museu, onde fomos, sempre levados com paciência pelo nosso pai. Quando era mocinha, comecei a trabalhar para ajudar meu pai na casa. Trabalhei na fábrica de botões Aliberti, aqui, em São Caetano, uns quatro anos. Depois, durante uns cinco anos, na fábrica chamada Mocelin, na



Ana M. Miazzi fala com alegre nostalgia de sua ida ao trabalho, na Moóca, sempre de trem.

As cenas das fotos são da Estação de S. Caetano, demolida para dar lugar à nova, que se ergue no mesmo lugar. A antiga obedecia a traços e padrões ingleses, já que foi construída pelos antigos proprietários. Na época em que as fotos foram batidas, o progresso havia atingido, parcialmente, a bela estação: nota-se a existência de postes de sustentação da rede elétrica, que surgiram com a substituição das antigas locomotivas a vapor ou diesel. As escadarias, por sua vez, suspensas para dar passagem aos cabos elétricos, haviam recebido alguns degraus adicionais



Foto da Primeira Escola Mista de São Caetano, em 1916, que se situava à rua Mariano Pamplona, à esquerda da Matriz Velha. O flagrante teria sido feito no pequeno largo situado no começo da rua, diante da própria escola. A professora, sentada ao centro, era Dona Zezé. Germano Miazzi é o último menino, sentado, à direita, na primeira fileira. Angela Garbelotto, à esquerda, junto ao quadro-negro; Santa Braido, a primeira menina, à esquerda, na segunda fileira (de cima para baixo). João Domingos Perrella, o primeiro menino, à direita do quadro-negro, na segunda fileira (de cima para baixo). Cristina Perrella, a primeira, da esquerda, na terceira fileira (de cima para baixo). Ricciari e Henrique Lorenzini, respectivamente, o primeiro e o segundo, na terceira fileira, à direita da lousa. A seguir, está sentado Orlando Barile. Tereza Barile é a primeira, à esquerda, na primeira fileira de baixo; Adelina Perrella é a terceira menina, na mesma fileira

Moóca, que hoje é uma firma americana. Ganhava bem, e sempre dava o envelope fechado para meu pai. Houve épocas muito duras, apesar de meu pai ter casinhas para alugar. Foi na crise de 1923/1924, com a Revolução de São Paulo, e nos anos de 1928, 1929 e 1930. Foi uma crise feia: não havia trabalho, e quando havia, as fábricas pagavam muito pouco. Os chefes de família não podiam pagar aluguel ao meu pai. E ele, por sua vez, trabalhava na Aliberti, e ganhava pouco. Foi uma vida de cão. Para piorar, fiquei doente e ele precisou vender duas casas... No tempo da guerra, já era casada e meu filho tinha uns quatro anos. Gastamos muito dinheiro no tratamento e meu dizia: - Você está aqui. Já basta. Não importam as casas...

## VI- Médicos & dentistas

Não tenho boas lembranças dos médicos de meu tempo de criança. Houve um, um tal Santinho, de Santo André, que só sabia fazer política. Acho que nem médico era, porque cometeu um erro muito grave e minha irmã de sete anos morreu. Meu pai jamais o perdoou. O destino, ou ele, não fez as coisas direito... Já o Paolone e sua farmácia eram muito queridos: era tudo de bom para nós. Dentista? Meu Deus do céu... Comecei a tratar os dentes com 12 anos, quando ainda morava na Cerâmica. O dentista era um tal de Marcílio, e, como tinha cabelos brancos, as crianças chamavam-no de *rato branco*. Ele extraía os dentes bons e deixava os ruins; deixava a gente gritar que nem louco de dor e fechava um, deixando o outro doer. Consegui estragar meus dentes e os de milhares de pessoas... Depois, fui ao Zonaro e ao Braga, muito melhores do que o Marcílio. Médico bom, mesmo, começamos a ter com o dr. Souza Voto, o Nelson Penteado. Este foi o médico de nossa família, descobriu a minha doença, cuidou e operou várias vezes. Foi um médico maravilhoso. De minha doença fui um médico com consultório à rua Xavier de Toledo quem cuidou. Cobrava o mínimo, já que sabia que meu pai não podia pagar...

## VII-Homens e a cidade

Da política, lembro de alguns nomes, sem muitos detalhes, já que naquele tempo havia *falação* sobre a separação de São Caetano de Santo André. Mas ha-

via alguns que não queriam largar São Caetano. Lembro-me de que meu dizia que o Flaquer se prontificou a ficar de nosso lado e um tal de Saladino (Franco). O dr. Armando de Arruda Pereira era gente boa que estava ao nosso lado [VI]. Tenho minha opinião sobre os italianos daquela época. Havia o Chicão Massei, que saiu daqui para lutar na Itália, na Primeira Guerra. Voltou com glória. Eu era bem pequena, mas lembro do retorno dele, junto com outros dois ou três homens de São Caetano. Para mim, acho que o Mussolini não teve influência alguma na cidade. Nem se falava dele por aqui. Ele foi bom para a Itália, enquanto foi direito. Depois, quando o orgulho subiu à cabeça, quis acompanhar outro maluco, o Hitler, na conquista do mundo. E aconteceu tudo de ruim para Itália. A ambição sempre estraga tudo... Os italianos daqui tinham uma coisa: jogavam bocha, truco, mora e não mais o quê, sempre bebendo bastante vinho. Cada bebedeira que eu vi... Acho que os homens eram umas pragas, porque, ganhassem ou perdessem, bebiam sempre. E depois a turma da casa é que pagava o pato... Graças a Deus, isso nunca aconteceu na minha família. Mas vi algumas bem próximas sofrerem muito."

[VI] A separação política de que fala a depoente foi, por certo, o primeiro movimento autonomista de São Caetano, em 1928. Sobre o frustrado movimento ainda pouco se sabe, mas os antigos moradores guardavam ressentimentos de alguns destacados cidadãos de São Caetano que colocaram obstáculos ao movimento, razão, aliás, do fracasso.

"Como é gostoso lembrar a minha São Caetano daquele tempo, com casinhas bem simples, todas com pomar, chácaras; ninguém ia buscar verduras na casa do vizinho, porque todos tinham, à vontade... Asfalto, nem pensar. Só lembro da rua Santo Antônio (atual Roberto Simonsen), quando Getúlio Vargas veio visitar a Cerâmica [VII]. No centro, até que era bonitinho. No local em que existiu o Cine Max, antes da construção, havia um bazar e uma casa em que morava minha tia com a mãe, Vitória Baraldi Molinari. Para cima, morava a Joana Baraldi, uma das fundadoras de São Caetano; foi quem doou o terreno para a Matriz Nova. Apesar de uma vida simples, com pouco dinheiro, era bonitinho. Com as indústrias, São Caetano melhorou um pou-



Foto batida por volta de 1927. Grupo de jovens posa diante da Estação de S. Caetano, quando, elegantemente vestidos, se preparavam para embarcar para São Paulo. Ali, segundo tudo indica, iriam assistir a alguma ópera, opereta ou peça teatral. Germano Miazzi relata, com detalhes, a grande admiração e culto à cultura de muitos jovens de São Caetano. Da esquerda para a direita: Silvério Manille (sempre integrando a diretoria do clube); Antonio Guerreiro (jogador de futebol do São Caetano E.C.); Júlio Marcucci (também membro da diretoria e que, mais tarde, durante 30 anos, seria presidente da Società Principe di Napoli); Ettore Manille (jogador do clube que chegou, inclusive a atuar como profissional, no Recife, junto com Albino Martorelli) e Arthur Garbelotto (ator, diretor do clube e grande incentivador do teatro, onde atuava em cena e nos bastidores, promovendo, organizando e adaptando peças e contratando atores em São Paulo. Ainda segundo Germano Miazzi, Arthur, o "Stig", era o faz-tudo no teatro do São Caetano E.C.



Este era o segundo quadro do S. Caetano E.C., campeão de 1929, ao qual Germano Miazzi refere-se com carinho. Da esquerda para a direita: Luiz Martorelli, vice-diretor de esportes; Bim; Lino Gallo; Andolino Paolillo; João Perrella Neto; Mantovani; Galhardo; Germano Miazzi; Pacheco; Atilio; D'Agostini (Peroba); Silvério Perrella, diretor de esportes e Fideler, o goleiro, deitado (identificação realizado por Narciso Ferrari)

co. Mas, de fato, o que melhorou foi a vinda da General Motors. Antes dela, quem era o pai por aqui era o Vicente Curandeiro, homem bom, que só fez o bem. Lembro-me dele. Meu avô era compadre dele, falava muito bem dele. Quanta gente de fora vinha vê-lo... Até um bondinho fizeram, para levar as pessoas, da estação, até o local em que ele morava. Não era macumbeiro, nem feiticeiro. Só fazia orações e, se a pessoa não sarava, mal nenhum fazia. Nunca pediu dinheiro, mas as pessoas jogavam num caixote, que era recolhido pelos filhos e genro. Ele não queria saber de nada com o dinheiro dado. Era um santo homem. Pena que acharam que fosse um curandeiro, quando morreu. Foi uma passagem muito triste. Quando morreu, se você visse quanta gente veio de fora; os bondinhos, saindo da rua Serafim Constantino.. Mas não deixaram levar o corpo dele para a igreja, como era costume na época. Foi enterrado no cemitério da Vila Paula" [VIII].

[VII] O presidente Getúlio Vargas visitou São Caetano em 26 de novembro de 1941, para a inauguração da fábrica de refratários da Cerâmica São Caetano [6.].

[VIII] Segundo Nicola Perrella, o "seu" Vicente Curandeiro viveu na cidade de 1910 a 1925, ano em que faleceu. Credita a ele, também, parte do desenvolvimento do Município, graças ao fluxo de pessoas que para cá atraíam as "curas". É do escritor o relato: "Saltavam do trem, mal este parava; corriam atravessando a porteira, tão logo esta abria; seguiam o caminho que os levaria diretamente ao nosso curandeiro de então; era do curandeiro de nossa terra que vinham em busca... A distância a ser percorrida era para eles bastante longa, pareciam-nos verdadeiras romarias ou peregrinmos que demandavam estas plaga" [7.]. Vicente atendia em sua residência, situada na atual praça Francisco Pires, no final da Alameda Cassaquera, no Bairro Santa Maria. Continua o escritor: "(...) não havia estrada, eram apenas caminhos de carros de bois onde transitavam... capoeiras... os caminhos dos Tortans (conforme era chamado o lugar" [8.]. Jayme da Costa Patrão chega a detalhar, minuciosamente, os árduos caminhos a que eram submetidos os romeiros, até chegarem ao local de atendimento de Vicente Rodrigues Vieira [9.]. Fiéis procuravam-no desde o amanhecer até o anoitecer e um grande galpão, ao lado da casa de Vicente, servia de local de pernoite e alimentação pa-

ra os que aguardavam o pronto atendimento do dia seguinte [10.]. Quanto ao desenvolvimento apregoado por Nicola Perrella, isso se referia ao surgimento de uma "novidade": os primeiros coches ou landós para o transporte de passageiros diretamente ao curandeiro, puxados a burros ou cavalos. Passagens caríssimas... pagavam dois mil réis, ida e volta. .. os menos favorecidos seguiam mesmo a pé [11.]. Logo depois desse período, houve evidente progresso com a instalação de bondinhos da Empresa Imobiliária São Bernardo, em 1921, fazendo o trajeto sobre trilhos de bitola estreita até a capela de Vicente, cobrando 200 réis pela passagem. Eram uma espécie de pequenas jardineiras, mais tarde substituídas por novos e modernos bondes franceses. A instalação dos bondinhos teve, também, uma finalidade imobiliária: a comercialização dos lotes de terrenos colocados à

venda pela mesma empresa, detentora de grandes glebas naquela região. Era, sem dúvida, um progresso, despertado pela enorme procura ao Vicente Curandeiro

"As festas religiosas eram muito bonitas e atraíam muita gente para as procissões. Havia sempre quermesse no largo da Matriz, com barraquinhas, sorteios, bandas e fogos. Tinha muita coisa para comer também. A procissão de Santo Antônio era bonita, mas a do padroeiro, São Caetano, em 8 de agosto, era mais... Certa vez, a imagem de Santo Antônio, que era da igreja, quebrou. Minha avó emprestou a dela, pequenina, de louça, muito linda, para a procissão. É uma imagem que veio da Itália.

O nosso antigo centro? Havia pouca coisa... Armario, tecidos? Era com o Jorge, cunhado do Rafael Luiz. A loja ficou para o Rafael, depois. Outro cunhado de Rafael abriu uma loja na rua Virgílio de Rezende. Alguns bares e a farmácia do Paolone completavam o centro. Além da estação onde, por cinco anos seguidos, todos os dias, eu ia trabalhar na Moóca, na fábrica de meias. Eu só viajava de primeira classe, chique, bonito, com espelhos, banco de palhinha e estofado no recosto de cabeça, que era forrado com capa branca. Um luxo. Ninguém ia em pé, nem quando voltava do trabalho, às 6h00. Meu pai exigia que eu viajasse de primeira, mesmo pagando um pouco mais. Viajava com outras amigas, todas nós de chapéu, bem vestidas, porque era assim naquela gostosa fábrica de meias. Assim era a nossa vida. Muitas dificuldades, muito trabalho, mas muito respeito. Era uma vida boa, no fundo. Comíamos bem, dentro das limitações da época, com muita polenta e *minestrone*, toucinho de porco e leite que tirávamos das vacas, com polenta *rustida*. Tenho um filho, a nora, Lúcia, e três netos, Valéria, Roberto e Renata..."

#### VIII- Escola & futebol

O depoimento, agora, é de Germano Miazzi: "Estudei numa das primeiras escolas da cidade, que ficava à rua Mariano Pamplona, bem ao lado da Matriz Velha e das casas da Matarazzo. Foram meus colegas, entre outros, João Perrella Neto, Cosmo Barile, Orlando Barile, Ettore Manile, Hermínio Lorenzini, Ricieri Lorenzini, Dassié... Quando mais jovem, fui convidado pelo Luiz Martorelli, presidente do São Caetano E.C., a participar

do quadro de futebol. Era 1926. Joguei no campeonato da Segunda Divisão até 1928. Naquele ano, fiquei na reserva do time, que se tornou campeão do Interior. Já em 1929, 1930 e 1931, no segundo quadro, ficamos campeões da Cidade de São Paulo, na Segunda Divisão. Foi uma boa época e lembro que comigo jogaram Luiz Mantovani, Antonio Paolillo, Galardo, Ettore Manile, o goleiro, João Domingos Perrella Neto, Mauricio Daré, e outros. Antes de atuar pelo São Caetano E.C., em 1926, joguei no Juvenil Brasil e no Juvenil São Caetano.

### IX- Teatro, a grande paixão

Quando não havia futebol, tínhamos outra distração. E até que a vida era bem agitada. A preferida era assistir às óperas, operetas e companhias de revista, em São Paulo. Isso depois de ganhar gosto pelo teatro, com o pessoal do São Caetano E.C. Mas, veja como isso era possível: sempre um grupo de três ou quatro, pegávamos o trem, sempre às 8h00 da noite, para comprar o bilhete da segunda seção do teatro (porque era mais barato, 5\$000, para uma diversão de duas horas). Os teatros preferidos eram o Santana, à rua 24 de Maio, com as boas companhias de ópera e operetas (geralmente do italiano Peruto) e o Cassino Antártica, na rua do Anhangabau, um antigo depósito da Antártica, onde vinham as companhias de revista. As óperas e operetas vinham da Itália e ficávamos malucos com aquilo... Lembro, com saudade, de muitas operetas, tais como a *Viúva Alegre*, *O Conde de Luxemburgo*, *Contadino Allegre*, *A Casa das Três Meninas*, e outras. Nessa época, aprendi a gostar de boa música e hoje não há, talvez, nada assim, que eu conheça. Os espetáculos começavam, geralmente, às 10h00 da noite e terminavam à meia-noite. Na praça da Sé, pegávamos o último bonde, às 0h40, para chegar até o ponto final, no Sacomã, ou, conforme a linha, na Vila Prudente. Depois, a pé até São Caetano, de madrugada, ora pela rua Ibitirama, ou através do Morro do Penteado (onde hoje passa a Avenida Almirante Dellamare). Ali, no morro, não havia estradas, apenas um caminho onde não passava automóvel, nem carroça. Ninguém ficava com medo. E, na mesma manhã, era levantar às 5h00, sem perdão. Pegar o trem para trabalhar no Liceu de Artes e Ofícios, onde fui aprender a profissão de marceneiro. Meus companheiros eram o Benvenuto Thomé (que não faltava uma vez); depois, o Reinaldo Lodi, o João Perrella, Felice D'Agostini. Sempre os mesmos. O Arthur Garbelotto não faltava um domingo, quando havia bons espetáculos em São Paulo, mas não ia conosco. Ele ia sempre com outros amigos, aos domingos, enquanto que nós podíamos ir apenas durante a semana, ou depois do futebol (porque tínhamos compromisso todos os domingos com o futebol). O Arthur, que sempre foi presidente ou diretor do clube, salvava-se aos domingos para assistir às operetas. Ele tinha a semana toda para tratar do clube. Isso tudo começou quando tinha 17 anos. Do Liceu, voltava para São Caetano, entre 4h30 e 5h00 da tarde. Àquela hora, jantava e ia para o clube (São Caetano), treinar um pouco de futebol. Do campo ia para a sede do clube, à rua 28 de Julho, muito animada. Quase todas as noites havia ensaio de teatro. Como eu trabalhava com madeira e o João Perrella também, o Arthur (Garbelotto), que era o *comandante* do teatro no clube, convidou-me para dar uma mão na confecção do cenário. Então, passei a ajudá-lo e gostei tanto que passei a ser também o *maquinista* durante os ensaios e também por ocasião dos espetáculos. Era quem levantava e abaixava os cenários e o pano da boca do palco, entre outras coisas, nos bastidores. João Perrella e eu fazíamos isso, com muitas satisfação. Depois, comecei a ver as companhias de revistas, óperas e operetas. Fiquei participando dos *dramas* durante uns dez anos" [IX].

[IX] O que o depoente relata sobre o teatro constitui parcela significativa da história cultural da cidade. Tudo indica que após a encenação da primeira peça teatral, montada pelo Príncipe di Napoli em 1923, em italiano, houve um despertar cultural muito grande, particularmente em torno do grupo que se formou no São Caetano E.C., um clube com raízes e que já possuía uma sede bastante razoável à rua 28 de Julho. Fundado em 1º de maio de 1914, o clube reunia as grandes famílias italianas da época. O grupo que se formou ali era composto de rapazes bem jovens, entre 16 e 20 anos, em 1923. Aliados a outros depoimentos, tais como os de João Dal'Mas, Duílio Giorgetti e Mero Mário Baso, tudo leva a crer que, por volta de 1925/1926, já se tornara

*difundido entre os jovens locais assistir a espetáculos teatrais e musicais na cidade, apesar das dificuldades de locomoção (particularmente no retorno da capital). Se isso nos espanta hoje, os passeios eram encarados com absoluta normalidade na época, pelo que se pode depreender dos depoimentos. O certo é que o teatro passou a fazer parte, irreversível, de todos os grandes eventos da cidade. Assim, os demais clubes foram também aderindo, montando os seus elencos e as suas peças. Na década de 20, o São Caetano E.C., seguido pelo Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal (fundado em 11 de janeiro de 1922) tornaram-se clubes de grande importância cultural.*

"Nunca ousei entrar em cena; não tinha capacidade para isso. Quando entrava no meio do palco, enroscava-me todo. Havia *drama* todos os meses no São Caetano e, depois, sempre o baile que durava até à manhã seguinte, sempre cheio, lotado de famílias, que iam assistir às peças e ficavam para o baile. Quando o Ideal, situado nas imediações, na rua Rio Branco (onde foi a sede do Lazio), passou a fazer teatro, um ia ver o que o outro fazia. Existia, porém, diferença entre os dois clubes: o São Caetano tinha futebol em seu próprio campo, um verdadeiro estádio para a época, um time de importância, sede, onde dava bailes e *dramas*, uma vez por mês. Já o Ideal apenas recreativo, vivia de bailes, com *matinês*, todos os domingos e sábados sim, sábados não. Apesar da rivalidade, existia harmonia e era comum haver convites para os clubes se visitarem, especialmente nos aniversários de fundação, quando participavam dos festivais uns dos outros. Inclusive com atores, conforme a necessidade dos *dramas*. Assim é que o Arthur Garbelotto trabalhava para o Ideal, de vez em quando, e ele e o Abramo Cavassani convidavam o Octávio Tegão e o Matheus Constantino, do Ideal, para trabalharem em peças do São Caetano. Isso acontecia quando havia aquela peça *safada* para representar e quando o papel cabia a eles. A rivalidade inexistia com a turma do teatro... Fazer teatro, aliás, naqueles tempos, não era coisa fácil; precisava de boa vontade de todos. No São Caetano, havia dois cabeças persistentes no assunto: o Arthur Garbelotto, que resolvia passar uma peça, já comprava o *libretto* e consultava o Cavassani. O Ferruccio Manile também entrava no assunto e saía a peça desse modo. O dinheiro necessário conseguiam com uma *vaquinha* e o clube dava outro tanto: saía tudo com amizade e satisfação, para alegria dos associados que compareciam em peso [X]. Nomes? Sim, lembro de alguns atores do São Caetano, os mais importantes, tais como Arthur Garbelotto, Abramo Cavassani, Aurélio Tenca e o Ferruccio Manile, que era sempre o *ponto*[XI]. Alguns vinham e trabalhavam numa peça, depois iam embora, entravam outros... teatro amador era isso. Os nomes que citei é que levavam a coisa adiante. Quando o teatro do São Caetano ficou mais experiente, as montagens passaram a merecer maiores cuidados por parte dos organizadores. Por volta de 1929/1930, começaram a contratar alguns artistas de São Paulo, para determinados papéis. Lembro particularmente de dois, o casal Augusto Baroni e Leonor Navarro, muito importantes na capital, que fizeram várias peças junto com o pessoal do clube [XII]. Vinham muitas moças fazer os papéis femininos, porque as da cidade não atuavam nos *dramas*. Não sei explicar bem por que, as moças de São Caetano não trabalhavam, mas ninguém se oferecia, ninguém queria participar do grupo. Sabe como é, na época falava-se que se tratava de *artistas*, e já se pensava outra coisa... Mas, essa fase foi acabando, até que o Arthur Garbelotto convidou a irmã, Serena (que se casou, depois, com o Orlando Barile) para fazer o primeiro papel. Depois disso, não houve mais problemas e outras moças passaram a trabalhar - e muito bem - nas peças".

[X] *Drama era o nome genérico que se dava às peças teatrais. É bem verdade que os enredos da época eram quase todos dramáticos, na própria acepção do termo. Mas o público fiel do teatro de São Caetano comparecia entusiasmado para assistir aos dramas.*

[XI] *Bem diante do palco existia uma pequena abertura, onde ficava o ponto, que "soprava" as falas para os atores [12.]. No São Caetano E.C., na rua Perrella, a abertura situava-se na parte fronteira e central do palco, para permitir perfeita visão do ponto sobre o palco todo. Para perfeito funcionamento, colocava-se sobre o buraco no assoalho, retirado o alçapão de madeira, uma proteção (de madeira também) que deixava livre apenas a parte que permitia a visão do palco. Essa cobertura, via de*

regra, recebia a bandeira do clube, estendida como decoração. Como o palco era de assoalho, a uma altura de 1m60 do chão, deixava um enorme porão por onde entrava o ponto para colocar-se, sentado ou em pé, em seu nicho de trabalho. O porão abaixo do palco servia como depósito de cenários e, naturalmente, para brincadeira das crianças, enquanto as peças não tinham início, ou logo após. Podemos afirmar, por experiência própria, que o porão do palco e as escadas de madeira que davam acesso às gambiarras (no alto do palco) eram excelentes locais para as eternas travessuras dos mais jovens e ainda não interessados em bailes e teatro.

[XII] Leonor Navarro e Augusto Barone eram um casal de artistas dos palcos de São Paulo. Ficaram muito famosos na época de ouro da rádio-novela, na antiga Rádio São Paulo, fase que antecedeu o surgimento da televisão brasileira. Leonor continuou atuando, por muito tempo, também em telenovelas (inclusive na TV Globo até há uns oito ou dez anos). Ambos aparecem em fotos tiradas no palco do São Caetano, no elenco da peça *Manhãs de Sol*, peça de Oduvaldo Viana

“O São Caetano, no começo, tinha como únicos ensaiadores os próprios cabeças do teatro, Arthur e Abramo. Mais tarde, quem dava uma mãozinha era o Augusto Baroni, que era um bom ensaiador. Ficava duas horas, explicava e ensaiva; não precisava muito ensaio, porque o pessoal era bom e sabia passar o papel. No Ideal, lembro como ensaiador do Dante Negrini. Uma das peças que, talvez, mais tenha sido apresentada foi *Os Dois Sargentos*. A primeira vez, em 1935, acho, ainda na sede velha, à rua 28 de Julho: depois, na sede nova. O Ideal também montou a peça. Era boa e o papel do sargento emocionava.

#### X- Os bailes

Os bailes eram muito bons, sérios, familiares. Era uma beleza: tinha a orquestra de um tal Silvestre, que tocava de tudo um pouco. Tango, marcha, samba, maxixe, músicas de carnaval... tudo o que o pessoal pedia... Noivos, namorados, todos dançavam bastante: quem ficava sentado é quem não tinha nada... Houve época em que uma comissão de cinco amigos tomou conta do baile, com autorização da diretoria, que passou a não ter nada com o assunto. O Ferruccio Manile, o Reinaldo Lodi, mais dois e eu falamos com a orquestra do Silvestre para tocar todos os domingos das 8h00 às 11h00 da noite. Combinado o preço, começaram os tais bailes, o que durou bom tempo. A turma do Monte Alegre vinha dançar. Só entravam sócios e convidados, de graça, mas pagavam na hora da valsa. Então, o Manile e eu ficávamos de mestre-sala, no meio do salão, quando a orquestra anunciava a *especial*, a valsa. Quase todos dançavam com as namoradas, noivas ou preferidas, porque dançar a *especial* era muito importante. No meio da valsa, a música parava e nós cobrávamos um valor de quem estivesse dançando. Todo jovem esperava aquele momento. Era o instante de tirar a moça paquerada e pagar por isso... era importante. Três ou quatro valsas por noite eram suficientes para a orquestra.

#### XI- Paquera: quem é vivo, mexe-se

A paquera, acho que não mudou: quem é vivo, mexe-se. Então, o moço e moças interessados... É diga-se, sempre num ambiente muito bom, porque pais e mães freqüentavam os bailes. Os momentos para falar com as moças sobre namoro era nas contradanças. Havia paquera também no Cine Central, na matinê, de noite. Sempre, porque, em verdade, não há obstáculo para quem ama. A minha paquera foi igual: conheci a Ana e, depois, num domingo, no baile, eu era o mestre-sala e convidei-a para dançar. Aí começou o namoro. Durante quatro anos, mais ou menos, ia namorar aos sábados, domingos, terças e quintas-feiras, das 8h00 às 10h00, horário em que apitava a fábrica (a Mecânica). Ela morava na rua Alagoas e quando se ouvia o apito, era hora de ir embora. O namoro daquele tempo era diferente do de hoje. Ficávamos na sala, batendo papo, sempre acompanhados das cunhadinhas, da sogra e do sogro. Este vinha um pouco, tocava sanfona, e ia embora. Aos domingos, íamos aos bailes do clube, junto com amigas dela ou com as cunhadinhas, sempre entre 8h00 e 10h00. As menores também freqüentavam os bailes, porque as famílias iam até com crianças de colo. Depois do na-

moro, todo mundo ia para o bar do Gino, à rua Francisco Matarazzo, local em que as Casas Pernambucanas se instalaram, mais tarde, prédio derrubado para fazer a praça. Pagávamos uma mesa e ficávamos tomando cafezinho, esperando pelos demais. Namorei quatro anos e depois de arrumar tudo, fiz os meus móveis e casamos. Sou marceneiro e modelador. Como marceneiro, trabalhei na Alpargatas, em São Paulo. Não possuía oficina de marcenaria; ia ajudar meu irmão, à noite, na rua Rodrigues Alves, onde ele morava e trabalhava. Depois, saí da Alpargatas e fiquei mais de trinta anos trabalhando por conta, como modelador. Foi quando consegui a freguesia em São Caetano. O trabalho era montar em madeira o que seria fundido em bronze, metal, etc. depois. Fazia os modelos de placas para prédios, edifícios públicos. A placa do Hospital Beneficência Portuguesa fui eu quem fez. Tem mais de 900 letras. Fiz tantas placas para a Prefeitura que me encomendava as placas de inauguração de escolas e outros edifícios... Fiz também as dos cartórios eleitorais. Depois vieram as máquinas e fiz muitas para a Laminadora Nacional de Metais, Tintas Coral... tinha muito serviço [XIII].

[XIII] As placas de bronze elaboradas artesanalmente pelo depoente ainda podem ser vistas nas fachadas de muitos prédios públicos da cidade. Com certeza, todas as obras inauguradas entre 1958 e 1960, durante a gestão de Oswaldo Samuel Massei, inclusive o Paço Municipal, ostentam placas feitas por Germano Miazzi. A certeza vem do fato de que o autor das notas redigia os textos das placas e os levava, pessoalmente, à oficina que Miazzi mantinha à Avenida Roberto Simonsen, próximo à então sede da Prefeitura, no Prédio Vitória.

#### XII- Futebol ainda e concorrência ao Pacheco

Comecei a jogar futebol no Juvenil Brasil. Quando este clube acabou, fundamos o juvenil do São Caetano. Depois, quando ele andou ruim de vida, o Luiz Martorelli, presidente do São Caetano E.C., convidou-nos para irmos para lá. Fomos. Foi em 1926. Tenho boas lembranças da época, com muitos jogos no Interior. Em 1926 e 1927, fui jogar em Campinas contra um clube que representava uma fábrica de sapatos. Em 1926, jogamos em Jundiá, onde havia três clubes que faziam o campeonato da São Paulo Railways: o Palestra, o São João e o Piano. Para os jogos de fora, íamos de trem, com vagão especial, arrumado pelo chefe da estação, o Sigolo (fabricante de camas-patente). Ele vendia os produtos pelo Interior afora e acaba arrumando jogos para nós. Certa vez, ele arrumou um jogo em Ribeirão Bonito. Dois jogos. Sempre de vagão especial. Era uma bagunça, quando saíamos daqui, particularmente com o Pacheco, um verdadeiro *palhaço*, fazia de tudo, um gozador... Falando em Pacheco, lembro-me de que ele era dono de uma loja muito boa, à rua João Pessoa, onde estão hoje as Casas Bahia, bem defronte à rua Santa Catarina. Vendia de tudo. Então, ele encomendava raquetes de pingue-pongue e pagava-me mil e trezentos réis e as vendia por dois mil e quinhentos réis. Como nos clubes jogava-se muito pingue-pongue, acabei vendendo as raquetes, diretamente, por dois mil réis. Fazia também, junto com o João Perrella e o Antonio Paolillo, algumas mesas de pingue-pongue. Uma delas foi para o juvenil do São Caetano, cuja sede, alugada à Sociedade Beneficente Internacional, ficava ao lado do prédio que depois acabou sendo do Lazio, à rua Rio Branco. Acabei fazendo concorrência ao Pacheco... No São Caetano E.C., além de futebol e teatro, cheguei a ser diretor de bola-ao-cesto e atletismo. Na sede nova, a da rua Perrella, foi construída uma quadra de basquete e toda a parte de madeira (cerca, tabelas, bancos), o Antonio Paolillo e eu fizemos. Antes, havíamos feito toda a cerca do campo de futebol da rua 28 de Julho, não a arquibancada, que foi quase toda serviço de pedreiro, porque abrigava, embaixo, vestiários e banheiros. Sobre os campos, posso afirmar que o primeiro do São Caetano foi onde é o Grupo Escolar Senador Flaquer. Quando foi necessário construir o grupo, o campo mudou para a rua 28 de Julho, em terreno que parecia ser do Prudente Noé, dono de uma calderaria ali perto da estrada de ferro e outra parte da Matarazzo, não sei bem. O São Caetano ficou ali, pagando aluguel barato, muitos anos, até que a Matarazzo mostrou interesse em comprar a área. Acho que pagaram 150 mil para o São Caetano comprar o terreno da rua Paraíba e construir o novo estádio. O dinheiro não foi suficiente. Não sei detalhes sobre o assunto...

### XIII- A cidade nos anos 30

Em minha juventude, nos anos 30, a cidade era uma beleza, havia muita amizade. A gente ia ao cinema, e encontrava amigos; ia aos bailes, e encontrava amigos. Ia aos clubes, também, como era o caso do Monte Alegre, cujo campo de futebol e sede ficavam na atual rua José Benedetti. Sede pequena, mas com muitos amigos e bons bailes. O centro principal era a Barra Funda [XIV], o Bairro da Ponte, hoje Fundação, porque lá estava a sede do São Caetano E.C., o Ideal, o Lazio, o campo de futebol e, principalmente, porque as festas religiosas eram realizadas ali, sempre com muita gente, quermesses no largo da Matriz. Qualquer festa era lá. Havia também o Cine Central, o Príncipe di Napoli, a Internacional, tudo para baixo das porteiras [XV]. Do lado de cá da estação, o Correio e mais algumas coisas. Casas, algumas perto de onde estão as Casas Bahia. Depois, umas aqui, outras ali, espaçadas. A cidade tinha movimento era das porteiras para baixo. Acho que a coisa começou a crescer depressa quando abriram o Barateiro, num sobradão, uma loja de ferragens, louças e tantas outras coisas. A grande separação eram as porteiras”.

[XIV] Até hoje, desconhece-se a origem e o significado da denominação Barra Funda, usada pelos antigos moradores da cidade, quando se referiam ao Bairro da Ponte, atual Bairro Fundação. Algumas explicações, tais como a de que o bairro se assemelhava ao do mesmo nome em São Paulo, que era também um local “cheio de italianos”, não foram comprovadas ainda.

[XV] Uma rápida descrição da cidade também é feita por Manoel Cláudio Novaes, ao falar sobre época anterior à de Germano Miazzi. Não tão diferente: “Nossa cidade era bem pequena naqueles anos da década de 20. A maioria da população concentrava-se no centro, descendo pelo bairro da Fundação. Quase toda a vida social girava no eixo estação da estrada de ferro, com o movimento de embarque e desembarque de passageiros, Cinema Central, na rua Perrella; os dois maiores clubes, GIR Ideal e São Caetano E.C. nas ruas Rio Branco e Coronel Saladino Franco (atual 28 de Julho), respectivamente, e a Matriz da Paróquia de São Caetano, cuja jurisdição ultrapassava os atuais limites do nosso Município. Para esses pontos convergia nossa gente, incluindo os jovens que aproveitavam para o *footing* e o desfile de beleza e da moda (11).

### NOTAS

- 1) Depoimentos prestados ao autor em 1989;
- 2) colaboração de Morisa Pardi Garbelotto Rodegher.

### Bibliografia

- [1.] *Médici*, Ademir. In: **Raízes**, 3: 36;
- [2.] Santos, Urames Pires dos. In: **Raízes**, 5: 66;
- [3.] *Médici*, Ademir. *Id., ibid.*;
- [4.] *Rufini*, Claudinei. **Raízes**, 3: 41;
- [5.] *Caldeira*, J.N. **Álbum de São Bernardo**. São Paulo, Ed. Org. Cruzeiro do Sul, 1937, *passim*;
- [6.] “Memória fotográfica”. In: **Raízes**, 2: 25;
- [7.] *Novaes*, Manoel Cláudio. **Nostalgia**, São Paulo: Ed. Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1991, p.109;
- [8.] *Perrella*, Nicola. **Entre as torbas de São Caetano**, s/ind., pp. 84-89;
- [9.] *Patrão*, Jayme da Costa. In; **Raízes**, 3: 20-21;

[10.] *Id., ibid.*;

[11.] *Perrella*, Nicola. Op. cit., p.85;

[12.] *Rufini*, Claudinei. Op.cit., p.41;

[13.] *Novaes*, Manoel Cláudio. Op.cit., p.109.

---

(\*)Oscar Garbelotto é advogado e professor universitário. Ocupou na administração pública os cargos de diretor do Departamento de Educação e Cultura de São Caetano e diretor do Instituto Municipal de Ensino Superior (IMES). Atualmente, preside a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, dedicando-se, também, ao estudo e pesquisa da História local. Descende de um dos fundadores da cidade, Antonio Garbelotto

# Volta ao Passado

Luiz Augusto VEIGA (\*)

**S**ão Caetano de minha infância: quantas recordações... Escola pública ao lado de minha casa, à rua Prudente de Moraes (onde nasci na Vila Elequeirós, hoje Bairro Santa Paula). Dona Assunta, a primeira professora, severa, mas boa mestra. O Primeiro Grupo Escolar de Vila Barcelona, na antiga rua Souza Ramos (atual Avenida Goiás). Calças curtas de cor azul, camisa branca de mangas curtas e sapatos pretos: isso era coisa nova para nós, garotos da época, que andávamos sempre descalços.

A São Caetano dos anos 20 e 40, com ruas de terra batida. Apenas o centro era um aglomerado de prédios. As demais vilas consistiam em casas esparsas que se uniam ao centro através de ruas que hoje estão transformadas em avenidas bem calçadas. As vilas de então formavam o sub-distrito de Santo André: o Bairro Fundação, as Vilas Lucinda e Prosperidade, o centro, as Vilas Monte Alegre, Cerâmica, Paraíso, Elequeirós, Barcelona e Ressaca.

No Bairro Fundação, a parte mais antiga da cidade, havia a Fábrica de Louças Cláudia, das IRF Matarazzo, junto à São Paulo Railway. Seguindo para Santo André, do lado esquerdo, junto à estação de trem, ficava a Texaco e o Moinho Santa Clara, na Vila Lucinda. Depois, junto ao moinho, a Mecânica Importadora São Paulo, que se transformou na Saad e hoje está fora de atividade). Havia ali uma estrada de terra que ligava o centro à Vila Prosperidade. A leiteria dos Valérios, que servia leite à cidade. Na vila, havia os armazéns de café (hoje incorporados à General Motors) e, ao lado, a Brasilit e a Quimbrasil. Do lado sul da estrada de ferro, defronte à Matarazzo, as Louças Adelinas. Vindo de São Paulo, próximo à entrada da cidade, a Alberti, fábrica de botões (meu primeiro emprego), no Bairro da Cerâmica, no local em que está a Cerâmica São Caetano. No Bairro Monte Alegre, na rua do mesmo nome, um grupo escolar,

defronte à rua Manoel Coelho. Na Vila Elequeirós, (cujo nome remonta a uma indústria química onde, está o Externato Santo Antonio), meu pai veio instalar-se em 1927, à rua Prudente de Moraes. Ali ele tinha um açougue e, atrás, a casa em que nasci, em 1925. Defronte ao açougue ficava a Padaria Triunfo, de José Lopes Rodrigues. Meu irmão e eu ajudávamos o pai em seu trabalho, fazendo, de bicicleta, a entrega da carne aos fregueses que moravam mais longe. Desde pequenos, aprendemos a ter disciplina de horários e trabalho: levantávamos de madrugada.

Como não havia muitas casas, quase era possível ver o cemitério, a quatro quarteirões de nossa residência. Podia ver-se, também, a Armazenagem e Represagem de Algodão Fidelidade e, junto a ela, a Usina Colombina (que fabricava o famoso lança-perfume). As do Lanifício São Paulo, conhecido como Casemira. Ali trabalharam minha mãe, minha tia e minhas primas, e muitos moradores da vila. A Casemira foi incorporada ao patrimônio da GM.

No centro da Vila Elequeirós, havia um casarão de arquitetura muito bonita. Nela morava o sr. Sebastião, encarregado de vender os lotes do terreno da antiga indústria. Havia outra construção grande, rodeada de imensas paineiras. Ela tornou-se moradia de diversas famílias. Ambos os prédios eram remanescentes da Indústria Elequeirós.

A Vila Barcelona, que faz divisa com o atual Bairro Santa Paula, era separada por um córrego límpido, cujas origens ficavam no vale mais ao sul da cidade. O vale era formado pela Vila Ressaca (atual Bairro Santa Maria) e pelo morro do Bairro Olímpico. O regato acabou sendo canalizado: é o córrego do Moinho. O córrego tinha um afluente que corria no vale formado pela Vila Elequeirós; foi canalizado e sobre ele acabou sendo construída a Avenida Tijucçu. Há muitos anos, naquele local,

formava-se um pequeno lago (que nós chamávamos de **Laguinho**) e toda a extensão de terra que descia até o vale era conhecido como **Barroca**: tinha como limites as ruas São Paulo e Vital Brasil. Era coberta de capim barba-de-bode e vegetação de pequeno porte, como se fosse uma invernada (aliás, havia vacas e cabras pastando sempre). O **Laguinho** era a atração de todos os garotos da redondeza, porque a maioria aprendeu a nadar ali, sem roupa. As águas eram da cor da terra, devido ao fundo barrento. Mas, o nosso maior problema era o Barbudo, um russo que tomava conta daquelas terras. Costumava espantar os moleques com seus cachorros e um chicote grande nas mãos. Os garotos saíam correndo nus, com as roupas embaixo do braço. Saíamos em direção oposta, para o morro onde está hoje o Estádio Lauro Gomes. No morro, além de uma vista bonita, havia pequenas capoeiras, uvaia, amora do campo, gabirola e outras frutas silvestres, além é claro, dos lagartos que faziam a criançada correr.

Com o correr do tempo, fomos variando o local do banho, seguindo o córrego na direção norte, ou seja, em direção à estrada de ferro, debaixo dos fios da

Acervo: Museu de São Caetano



Flagrante de 1945: Augusto Veiga (acordeão) com Nanico, João e Romaldo



Luiz Augusto Veiga (acordeão) com Carlos (?) e Sebastião (?). Circa 1945

antiga Light. Na confluência da atual Avenida Kennedy com a rua Piratininiga, havia outro pequeno lago, apelidado de **Turquinhos**. Na proximidade havia uma família de turcos (árabes?), cujos filhos se tornaram nossos amigos. À medida que crescíamos, fomos tomando mais coragem e procurávamos novos lugares para nadar.

Na Baixada da Cerâmica, entre a Avenida Roberto Simonsen e o Rio Novo (era esse o nome do córrego dos Meninos), havia um trecho plano de onde a Cerâmica extraía o barro para fabricar seus produtos. Eram feitas cavas, buracos de grandes dimensões e profundos. As cavas enchiam-se de água do lençol freático e, devido às chuvas, transformavam-se em piscinas de águas barrentas e perigosas, porque eram profundas. Muitos meninos morreram afogados naquele local. Chamávamos à área de **Parentes**, porque na esquina da Avenida Roberto Simonsen havia a venda dos Parentes. O Rio Novo era limpo e de correnteza razoável. Havia uma ponte de madeira, situada na atual confluência da rua São Paulo com a Avenida, Guido Aliberti; uma estrada de terra dava acesso a São João Clímaco, junto ao famoso Haras Parente, uma bela propriedade que se via de longe. A ponte tinha peitoris, de onde a criançada mergulhava no rio. Era necessário saber nadar, porque o risco de a correnteza levar era grande.

São Caetano tinha grandes espaços abertos e nós, garotos, éramos os donos desse paraíso. A cidade ainda fazia parte de Santo André, era seu subdistrito. Não havia infra-estrutura alguma, nem água encanada, nem calçamento; havia poucas escolas e não havia ginásio, hospital ou pronto-socorro (apenas um posto de saúde). Quando a gente se machucava, a Farmácia Européia, do sr. Jurkowski, na Avenida Goiás, era o local em que os acidentados eram socorridos. Eu era frequentado. Havia um médico, o doutor Penteado.

Com exceção da São Paulo Railways, havia uma linha de ônibus que ligava Santo André ao Parque Dom Pedro, mas que passava por São Caetano. Havia, ainda, uma linha de ônibus que saía das proximidades da estação (ali existia a Casa Weigand, na rua Serafim Constantino, atual estação rodoviária) e chegava

ao Bairro Santa Maria. Era um ônibus de rodas de ferro, que andava sobre trilhos. Cheguei a ver a pequena estação e os vestígios dos trilhos dessa linha que se destinava a levar as pessoas até o famoso curandeiro Vicente, muito conhecido na época. Seu filho, também chamado Vicente, foi meu colega de classe, no quarto ano primário.

No alto do Morro do Penteado, em São Paulo, havia a Vila Heliópolis (próximo ao atual hospital), com um conjunto de belas casas até onde chegava a linha de bondes Heliópolis-Ypiranga, que fazia balão e retornava à Praça da Sé. Muitas pessoas de São Caetano usavam o bonde e faziam o restante do percurso a pé. A Vila Heliópolis ainda existe e ganhou como vizinhos o hospital do INSS e a favela do Sacomã.

Os espaços abertos de São Caetano eram ocupados por loteamentos e campos de futebol. Havia muitos clubes na cidade. O São Caetano F.C., o mais antigo de todos, tinha sede à rua Perrella, junto ao Cine Central, e seu campo ocupava a quadra das ruas Baraldi, Major Carlo Del Prete e Paraíba. O Saldanha da Gama tinha sede à rua Tiradentes, próximo à

Avenida Goiás, e o campo estava localizado entre a Usina Colombina e a General Motors. O Teuto, atual União Cultural São Caetano, ficava na rua Marechal Deodoro com Afonso Pena e usava o campo do Saldanha da Gama. O antigo Teuto era o clube em que tínhamos muitos amigos — a orquestra dos Riccieri, os irmãos João e Fortunato Fonseca (xaxofone e violino, respectivamente). O Lazio, com sede à rua Rio Branco, dentro do quarteirão da Fábrica Matarazzo, tinha campo de futebol nas proximidades de sua sede.

Em 1935, a General



O time do **Flamenguinho**, no campo do Teuto, em 1940. Em pé, da esquerda para a direita: Espada, Zé Bichado, Michelin, Antonio "Goleiro", Franz e Moreira. Agachados, da esquerda para a direita: Silvio, ?, Joãozinho, Guilherme e Golé. Junto a Silvio (primeiro à esquerda, agachado) aparece o irmão de Michelin, e à direita, com roupa branca, Luiz (doação do sr. Luiz Augusto Veiga)



A rua Prudente de Moraes, de terra batida. Circa 1940. Em primeiro plano, a leiteria de José Lopes Rodrigues. Atrás, a Fidelidade, o Moinho Santa Clara e a Mecânica Importadora São Paulo (doação do sr. Luiz Augusto Veiga)

Motors comprou uma propriedade da antiga Avenida Souza Ramos (atual Goiás): era uma chácara e leiteria, que ocupava uma quadra inteira formada pela avenida e pelas ruas Capeberibe, A. Galo, Tapajós. A chácara era muito bonito, lugar pitoresco, com árvores frondosas, touceiras de bambu. Algum tempo depois, a GM comprou outra quadra de igual tamanho entre a chácara e a ferrovia, a leste da avenida. Nesse ano, foi fundado o General



Apanhando uvas na Chácara dos Italianos, localizada entre o atual Bairro Nova Gerti (São Caetano do Sul) e a Vila Palmares (Santo André). Foto sem data (doação do sr. Luiz Augusto Veiga)

Motors Esporte Clube. Na primeira oportunidade, foi construída a sede e, mais tarde, outras áreas de lazer, bem como a piscina (a primeira da cidade).

Na área hoje ocupada pelo Instituto de Educação Coronel Bonifácio de Carvalho existia um campo de futebol do Londres F.C., que chegou a ser usado pelo Monte Alegre F.C. Ao lado, ficava o campo do Flamento F.C., entre as ruas Américo Brasileiro, Luiz Gama e Antonio Bento. O Flaminguinho, como era conhecido o time da Vila Elequeirós, tinha vários craques (meu irmão, João, meus primos Luiz e Guilherme Ginart). O time causou furor na década de 40; era gente que entendia de futebol. Era uma época em que se pagava para jogar com amor e coragem — belos tempos do futebol amador.

No local em que está hoje a Praça São Caetano di Thiène havia o campo do Monte Alegre F.C., um dos diversos campos que o clube chegou a ter. Ali tive oportunidade de ver uma coisa ines-



Foto de 1946, tirada na casa de João (?). Da esquerda para a direita: Guilherme, Gervásio, João, Tônico, Luiz Augusto Veiga (com acordeão) e Juanico

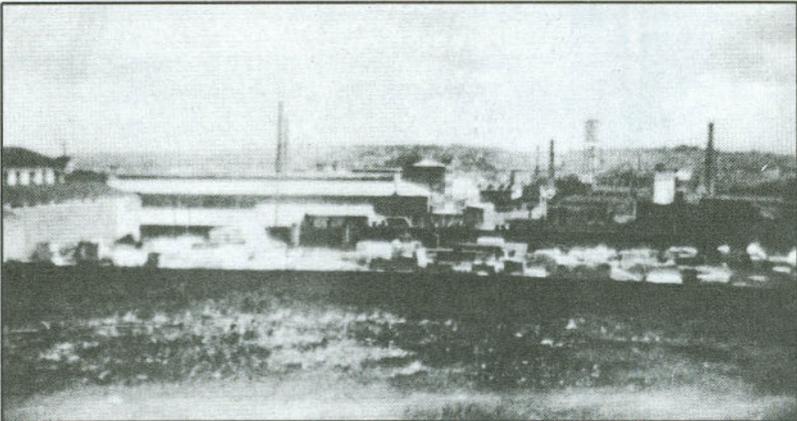


Foto sem data: em primeiro plano, o local em que se encontra, hoje, o Externato Santo Antônio. Ali se localizava uma marmoraria. Ao fundo, a Eletro-Aço São Caetano (doação do sr. Luiz Augusto Veiga)

quecível: era quase noite e, a uma altura de 100 ou 150 metros, um imenso Zeppelin (era o famoso Hindenburg), com cabine embaixo e a suástica nazista estampada. Na cabine, viam-se pessoas. Dirigiam um fogo de luz com farol possante, que se projetava sobre os adultos incrédulos e os garotos alegres, que gritavam com aquela incrível e rara cena, só vista em filmes. Não sei se foi em 1937 ou 38, mas o dirigível desapareceu tragicamente ao pousar nos Estados Unidos — incendiou-se, causando a morte de muitas pessoas.

O campo de futebol do Monte Alegre deu lugar ao primei-

ro hospital de São Caetano — O Hospital Bartira, do médico Souza Voto. O Monte Alegre teve outro campo, exatamente onde está o Paço Municipal, na Avenida Goiás. Por muitos anos, existiu o conhecido Piratininga F.C., na Alameda São Caetano, perto do córrego do Moinho. No fim da rua Benjamin Constant (na quadra hoje ocupada pelo Centro Tecnológico da General Motors) existiu um campo de futebol do Barcelona F.C. Na quadra do Mercado Municipal e do colégio Idalina de Abreu Sodré, ficava o segundo campo do Barcelona. No quarteirão ocupado pela fábrica de Chocolates Pan, metade era fábrica, metade outro campo do Monte Verde. O Corinthians ocupava uma área entre as ruas Pernambuco, Paraíba, José do Patrocínio e a faixa da Light. O São Cristóvão ocupava um terreno na rua Ceará, onde hoje está o estádio. O Cruzada F.C. teve um campo de futebol à rua Niterói, onde funcionou a escola do Senai. O Tamoyo, por sua vez, teve um campo entre a Avenida Augusto de Toledo e as ruas Peri e Nossa Senhora de Fátima.

Muitas firmas saíram da cidade: as Louças Adeli-

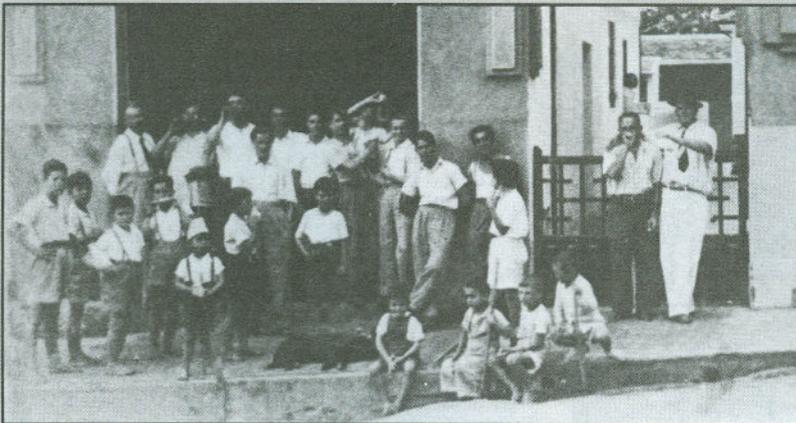
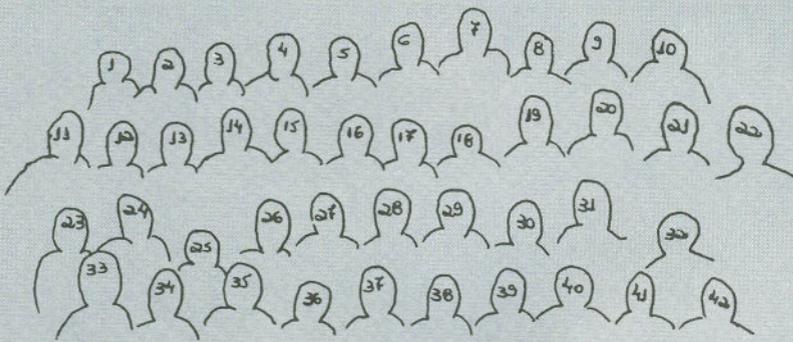
nas, que ficavam ao lado da ferrovia; a Fábrica de Aços Especiais, a Eletro Aço São Caetano (onde trabalhei durante três anos e aprendi desenho mecânico). Esta empresa foi encampada pelo governo federal, durante a Segunda Guerra Mundial, porque era uma firma alemã. Chegou a produzir canos de fuzil para o Exército Brasileiro. Encerrou as atividades em 1946. Em seu lugar está a Brasinca. Depois, a Casemira (Lanificio São Paulo) também foi incorporada à GM. A Usina Colombina — no final da rua Luiz Gama — fabricava produtos químicos e a Reprensagem de Algodão Fidelidade, na esquina das ruas Américo Brasileiro e João Pessoa. A Mecânica Importadora São Paulo, uma laminação de ferro, foi vendida para a Saad, que também encerrou as atividades. A Ferro Enamel, na Avenida Goiás com a rua Oswaldo Cruz, produzia esmaltes especiais: mudou-se para São Bernardo do Campo. A Siderúrgica São Rafael tornou-se Siderúrgica São Caetano — era uma laminação de ferro —; depois, passou a ser a Mannesmann, que está fora de atividade hoje, numa grande propriedade situada na Avenida dos Estados. A Metalúrgica São Francisco, transformada em Cogeral, encerrou as atividades na cidade e as instalações estão abandonadas à rua Major Carlo Del Preto. A Perclna Rex, na parte mais alta do Monte Alegre, fechou e no prédio está a Garagem Municipal. A Porcelana Monte Alegre virou Depósito Guilherme Jacob, e foi alugado pela General Motors, para instalar parte de seus escritórios. A Fábrica de Anil Santana ficava no local em que se encontra hoje a ZF.

E, assim, tantas outras empresas grandes, médias e pequenas, que ajudaram a transformar São Caetano numa das cidades de melhor renda **per capita** e uma das únicas do país com infra-



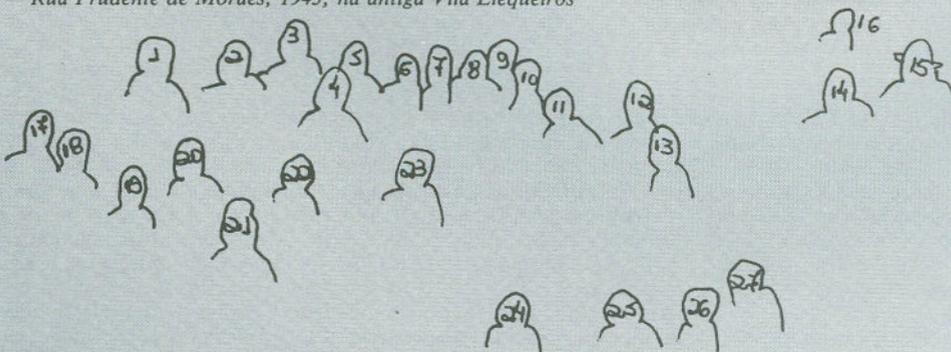
Grupo Escolar de Vila Barcelona, 3º ano masculino, 1939. Parte dos nomes constantes da identificação da fotografia foram copiados do livro de "Actas de Exames" (Exames Finais de 1936/1942) do arquivo da Escola D. Benedito Alves de Souza

- |                                 |  |
|---------------------------------|--|
| 1- Raimundo Salum               | 22- Alyrio Barbosa de Saraiva, diretor |
| 2- João Miari                   | 23- Lourenço Padilha                   |
| 3- Fábio Massiero               | 24- Nelson Tavares                     |
| 4- Ernesto Guerra               | 25- Mário Di Grazia                    |
| 5- Gilberto Fiorio              | 26- Vitor Uliana                       |
| 6- Osmar Santana de Oliveira    | 7- José Weinz                          |
| 7- Anésio Gava                  | 28- Jerici Ferrari Cundari             |
| 8- Alberto Di Grazia            | 29- Emílio Fernandes Carrasco          |
| 9- José Barnardo                | 30- Armando Janucelli Bassis Camargo   |
| 10- Francisco Guerra            | 31- Celestino Máximo Pereira           |
| 11- Professor Epaminondas       | 32- Adelino dos Santos                 |
| 12- Otávio Carvalho Moura Filho | 33- Eliseu Vegas                       |
| 13- Mário Rodrigues Cunha       | 34- Hélio Guizard                      |
| 14- Romeu Romano Teles          | 35- Gino Lazzeri                       |
| 15- Ramón Castelhana            | 36- André Pessani                      |
| 16- José Evandir Gomes Gobatto  | 37- José Teixeira Félix                |
| 17- Valentino Kiss              | 38- Carlos Krissack                    |
| 18- José Garcia                 | 39- Arnaldo Teixeira                   |
| 19- Antonio Marques             | 40- Luiz Ginart                        |
| 20- Humberto Croce Netto        | 41- Mieczislaw Jultowitsch             |
| 21- José Rákóci                 | 42- Luiz Augusto Veiga                 |



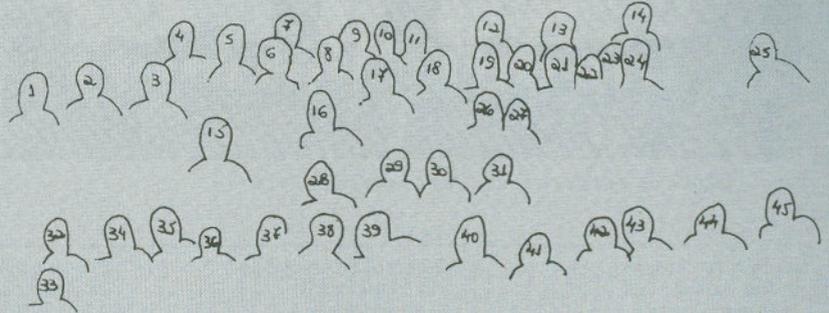
Rua Prudente de Moraes, 1943, na antiga Vila Elequeirós

- |                            |                       |
|----------------------------|-----------------------|
| 1- Humberto ...            | 15- Luiz Blanco       |
| 2- Antonio Cardenuto       | 16- Alzira ...        |
| 3- "Português do Bar"      | 17- ?                 |
| 4- Humberto (alfaiate)     | 18- ?                 |
| 5- João Cardenuto          | 19- ?                 |
| 6- Hercílio Miari          | 20- Alcides Mosca     |
| 7- Francisco Rodrigues     | 21- ?                 |
| 8- Waldemar Rodrigues      | 22- Moacir Finatti    |
| 9- ?                       | 23- Aquiles Volpin    |
| 10- "Tim"                  | 24- Oswaldo Cardenuto |
| 11- Renato Bersano         | 25- ... Mosca         |
| 12- Gervásio Rodrigues     | 26- "Didi" Rosa       |
| 13- ?                      | 27- Leandro Volpin    |
| 14- Antonio Joaquim Veiga, |                       |





Ano de 1943: inauguração da mercearia de José Lopes Rodrigues



- 1- Francisco Gimenes
- 2- Henrique Lopes Rodrigues
- 3- Antonio Veiga
- 4- Humberto Veiga
- 5- Luiz Blanco
- 6- José Lopes Rodrigues
- 7- Humberto Veiga (filho)
- 8- Antonio Cardenuto
- 9- Francisco Rodrigues
- 10- Hercílio Midri
- 11- Manoel Rodrigues

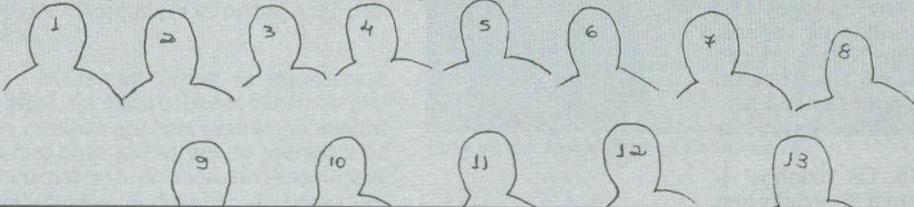
- 12- "Tim"
- 13- Renato Bersano
- 14- Gervásio Rodrigues
- 15- Décio Mosca
- 16- Dina Amaral
- 17- Odete Amaral
- 18- Alzira Amaral
- 19- ?
- 20- ?
- 21- Vanderlei Rosa
- 22- ?

- 23- Lídia Finatti
- 24- Jairo ...
- 25- Sérgio Rodrigues
- 26- ?
- 27- ?
- 28- ?
- 29- ?
- 30- ... Amaral
- 31- ?
- 32- Teresa Rosa
- 33- ?

- 34- Nair ...
- 35- Josefina Rodrigues
- 36- Valdemar Rodrigues
- 37- Alceu Rosa
- 38- Moacir Finatti
- 39- Alcides Mosca
- 40- Aquiles Volpin
- 41- Oswaldo Cardenuto
- 42- ... Mosca
- 43- "Didi" Rosa
- 44- Leandro Volpin
- 45- Pedro Molina



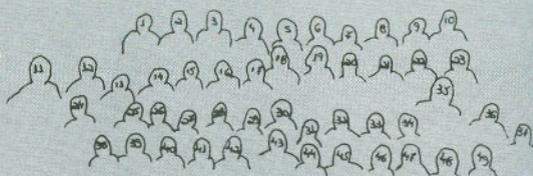
Lembrança dos alunos da Escola de Tecnologia e Desenho Floral, 16 de dezembro de 1946



- 1- Antonio dos Santos
- 2- João Cardenuto
- 3- Oswaldo Marques
- 4- Luiz Augusto Veiga
- 5- ?
- 6- José Mulero Filho
- 7- Lionel Polido
- 8- Guilherme Ginarti
- 9- ... Martins
- 10- Romeu Tiso
- 11- Professor Júlio Anholon
- 12- Antonio Munhoz
- 13- Ronaldo Maria Vieira



Grupo Escolar da Vila Barcelona, 2º ano masculino, 1938



1- Antonio Marques  
2- José Weinz  
3- Osmar Santana de Oliveira  
4- Juliano Del Cid  
5- Elpidio Carrilho  
6- Nelson Tavares  
7- André Dessani  
8- Luiz Ginarti  
9- Oswaldo Dario  
10- Ernesto Guerra  
11- Allyrio Barbosa de Saraiva, diretor  
12- Anésio Gava

13- Luiz Augusto Veiga  
14- Valentino Kiss  
15- Vitor Uliana  
16- João Miari  
17- Gervásio Rodrigues  
18- Cláudio Zaffani  
19- Pedro Gusmão  
20- José Rákóci  
21- Eliseu Vegas  
22- Hélio Guizard  
23- Ceclio Carlini  
24- Humberto Croce Netto  
25- Emilio Fernandes Carrasco  
26- Arnaldo Teixeira

27- Armando Zanucelli  
28- Jercy Ferrari Cundari  
29- José Evandir Gomes Gobatto  
30- Gino Lazzeri  
31- Mário Di Grazia  
32- Ramón Castelhana  
33- Romeu Romano Teles  
34- João Rákóci Filho  
35- Rafael Gonçalves Leal  
36- Francisco Guerra  
37- Mieczislaw Jultowitsch  
38- José Garcia  
39- Carlos Krissack  
40- José Teixeira Félix

41- Jorge da Silva Laranjeira  
42- Annibal de Andrade  
43- Professora Helena Alves de Seixas  
44- Marcílio Martins  
45- Adelino dos Santos  
46- Otávio Carvalho Moura Filho  
47- Alexandre Tóth  
48- ?  
49- Lourenço Padilha

estrutura completa, contribuíram para o crescimento do Município.

Vale lembrar algumas coisas singelas que foram importantes: o rio Tamanduateí, hoje poluído, era um rio de águas límpidas e piscosas. Quem pode acreditar nisso, hoje em dia? No trecho situado entre o Bairro Prosperidade e a ponte da Vila Alpina, por exemplo, era caprichosamente cheio de voltas e vegetação verde. Chegamos a andar de barco em suas águas. Parece sonho... Uma das aventuras da garotada era fazer incursões nos morros que ficavam depois do rio (hoje são a Vila Califórnia, Vila Alpina e outros bairros de São Paulo).

Atravessávamos a ponte de concreto sobre o rio, feita pela Light, e seguíamos pelo caminho de terra, debaixo das linhas de alta tensão, até chegarmos à Vila Ema. Com exceção do caminho de terra batida, as torres metálicas e cercas que ladeavam a faixa da Light, o restante era mato, capim, capoeiras, frutas silvestres, pássaros, cobras e lagartos. Era uma viagem do desconhecido; era mistério. Nenhum garoto tinha coragem de andar por ali sozinho, pois não havia uma casa sequer. Na época das chuvas, havia enchentes no rio e as águas se espalhavam.

Naqueles tempos, todas as casas possuíam pomar e quintal. Na casa de meu pai, nos fundos, havia um terreno paralelo à casa, com frente para a rua Marechal Deodoro. Ali havia um galinheiro, horta, gramado, pés de uva, jaboticaba, laranja, marmelo, romã, pés de limão vermelho, caqui, maracujá. todas as frutas produziam em suas épocas. Ainda assim, íamos apanhar caqui na casa do sr. Sebastião, que morava na esquina das ruas Prudente de Moraes e Floriano Peixoto... Mão era malvadeza; era, simplesmente, aventura...

De tempos em tempos, os garotos mudavam os jogos e as brincadeiras: fazer papagaios, balões ou carrinhos de rolemã, que cada um "construía", pondo nesse trabalho toda a criação e capricho. Mas andar de carrinho de rolemã, em rua de terra, não era possível. A única calçada existente era a da General Motors, mas só podíamos usá-la à noite, às escondidas, porque os guardas da empresa não permitiam.

Campeonato Mundial de Futebol de 1938. Os vizinhos vinham reunir-se no açougue de meu pai, para ouvir as irradiações

dos jogos do campeonato e fazer apostas.

A grande novidade: seu Veiga havia comprado um rádio. Um rádio Tropical, um dos primeiros fabricados na cidade. Quase ninguém tinha rádio. Foi um fato inesquecível.

Desde pequeno, gostei de música. Afeição-me ao acordeão, que aprendi a tocar sozinho. Tive um, de 12 baixos. Mais tarde, um de 48 baixos, marca Honner, comprado na Casa A. Meireles. Formamos um conjunto regional, composto por Mário Brendalio (violão), Rubens Garcia (tamborim e bongo), João Cardenuto (pandeiro). Tocávamos em festinhas, aniversários, casamentos, bailes e, quando dava certo, fazíamos serenatas, junto com os irmãos Fonseca, músicos de saxofone e violino. Naqueles tempos, em noites enluaradas, fazíamos serenatas para os amigos e amigas, que nos recebiam calorosamente, com bolo, doces, sanduíches, café e bebidas. E assim encerrávamos a noite, geralmente em finais de semana.

(\*) Luiz Augusto Veiga, ex-projetista da General Motors, é músico e aposentado

# Uma preciosa lembrança

Sônia Maria Franco XAVIER(\*)

**J**oana Fiorotti Zanini tem 96 anos, todos eles vividos em São Caetano. Suas lembranças são um misto de sua própria vida e da formação e crescimento da cidade. Seu depoimento mostra as primeiras experiências de vida, a vida escolar, o espírito religioso, os hábitos, a formação do bairro em que viveu. Outros assuntos também ficam esclarecidos através de suas memórias.

“Nasci em 1896 e só não foi em São Caetano, porque aqui não havia parteira. Meus pais foram Luigi Fiorotti e Rosa Fiorotti, que chegaram em 1887, dez anos depois dos primeiros imigrantes italianos. Como outros tantos, meus pais vieram para cá devido às grandes dificuldades que enfrentavam na Itália. Meu pai, Luigi, mais dois irmãos (Ângelo e Giacomino) foram informados pelo tio, Francesco, que havia chegado a São Caetano em 1877, de que existiam oportunidades no Brasil para quem estivesse disposto a trabalhar. O governo dava terra: era só fazê-la produzir. Na verdade, não era bem assim, porque me lembro de que a colônia recebida foi muito bem paga ao governo.

Como na época em que meu pai chegou as colônias do Bairro Fundação e dos bairros próximos à estação haviam sido distribuídas, coube a papai e ao irmão Ângelo ficar com as terras do Bairro Nova Gerti, mas precisamente onde era a Vila Gisela. No começo, ele ficou com os parentes no Bairro Fundação, trabalhando na abertura da estrada que vai para a Vila Prudente. Naquele tempo, havia um morro alto para derrubar e muitos italianos trabalhando, como contava meu pai. Nos finais de semana, Luigi foi construindo a casa que ficaria conhecida na região como a chácara dos Fiorottis, no Bairro Nova Gerti. Meu pai contava que havia trabalhado também como pedreiro, na construção do Museu do Ipiranga. Não era fácil: tinha de levantar cedo e ir até lá a pé. Ele e o irmão Ângelo iam por São João Clímaco. Levantam muito cedo, ainda era escuro, e trabalhavam o dia todo.

Aos domingos, cuidavam de suas terras. Começaram a formar a tal chácara.

Meus pais foram os primeiros a chegar ao Bairro Nova Gerti. A gleba recebida era bem grande, ou melhor, eram duas glebas que se uniram, a de meu pai e a de meu tio, Ângelo, que era solteiro. E, depois, a de outro tio,

José. Eles possuíam mais ou menos 300 metros de área na frente com um quilômetro de fundo. Chegava até o rio dos Meninos. Aos poucos, as terras foram se transformando num local bonito, cheio de parreiras, pessegueiros, ameixeiras; uma grande horta, além de plantações de feijão, batata, milho e mandioca. Criavam animais, vaca para o leite, burros para usarem nas carroças, porcos para o consumo da carne (fazia-se lingüiça também). Havia muitas galinhas. Do capoeirão que encontravam, faziam carvão e lenha, vendidos em São Paulo.

Os italianos eram fortes e trabalhadores. Quando as parreiras começaram a produzir, foi uma maravilha: fazia-se muito vinho, que ficou famoso na cidade toda. Os moradores daqui tinham o hábito de visitar os Fiorottis para experimentar a qualidade de seu vinho.

Naquele tempo, não havia luz elétrica e, à noite, enquanto minha mãe preparava o jantar, com o lampião aceso, meu pai ficava contando histórias, contava estas coisas todas, o quanto precisou lutar. . .

Quando nasci, em 1896, minha mãe foi de trem para São Paulo, porque aqui não havia parteira. Foi para o Largo da Concórdia, na casa de uma parteira que recebia em casa as pessoas que iam dar à luz. Minha casa era feliz, éramos muitos irmãos, todos trabalhando: Giacomino, Thereza, Maria e eu. Moravam na chácara o meu tio José Fiorotti e seus filhos.

Quando cresci, fui para a escola. Minha professora chamava-se Joana Motta. Vinha de São Paulo, de trem, todos os dias, para ensinar as crianças daqui. Fui para a escola em 1903. A classe era só feminina, mas havia um aluno, como ouvinte. E parece que isso acontecia meio escondido, pois quando havia alguma fiscalização ele ia para casa, correndo. Sorte que ele morava bem perto da escola. Era filho de um francês, Henrique Goulain, chamava-se Alfredo e tinha uma irmã, Maria Thereza [I. J.]. Acho que dona Joana deve ter lecionado em São Caetano desde o século passado, porque minha irmã, nove anos mais velha do que eu, havia sido aluna dela. A escola funcionava na rua Rio Branco. Eram poucas casas, distantes umas das outras. A sala da escola era propriedade de Ângelo Braidão, que morava numa ca-

Acervo: Museu de São Caetano



Foto da sra. Joana Fiorotti Zanini, de 1983

sa com salão. O salão era alugado para a escola. Um pouco abaixo, havia um barracão em que funcionava uma pequena destilaria. Poucas pessoas trabalhavam ali. A destilaria era do Goulain, pai do pequeno Alfredo. O primeiro cinema da cidade funcionou naquele local.

Dona Joana Motta foi a primeira professora em São Caetano a ensinar em português. Antes dela, as professoras ensinavam em italiano. Muitas colegas da escola foram Celestina De Nardi, Fortunatga Dell'Antonia, Angelina Fiorotti, Maria Garbelotto, Rosalina (não me lembro do sobrenome, era brasileira, não descendia de italianos), uma negra, Aurora, e muitas outras que já esqueci.

No recreio, as crianças aproveitavam para falar em italiano. Quando surpreendidas, a professora dava uma bela chamada: "Vocês estão aqui para falar e escrever bem a língua portuguesa". Hoje Joana Motta é nome de escola na cidade e tenho alegria em lembrar que a sugestão foi nossa (minha e de minha filha, Ana Rosa). Procuramos o prefeito da época, Walter Braidó, e o deputado Oswaldo Massei, e contamos aos dois que a professora vinha, diariamente, à cidade para ensinar e que fez isso durante pelo menos 15 anos, tendo sido a responsável pela alfabetização da maior parte dos moradores da época. Foi ela quem ensinou o português do início do século. Dona Joana não deixou descendentes. Só encontramos um sobrinho que, muitas vezes, ainda criança, vinha com a tia a São Caetano. É Benedito Mercier, médico já aposentado. Ficou muito contente com a homenagem feita a Joana Motta. Compareceu à inauguração da escola e lembrou-se, com saudade, da boa tia e professora.

Onde ficava a destilaria do francês, e foi o primeiro cinema da cidade, foi também, anos depois, o Clube Lazio e o Ideal. Quando funcionou como cinema, na década de 10, antes da luz elétrica, o proprietário era o sr. Golfetti. O motor, ainda muito simples, esquentava bastante, e o filme era interrompido, várias vezes, durante a apresentação. Nessas ocasiões, o público aproveitava para assobiar e fazer barulho. Golfetti, muito calmo, dizia: "Pazienza, ragazzi, pazienza, non sapegte che non abbiamo la luce. C'è una pane nel motore". E, assim, com interrupções e brincadeiras, assistia-se às primeiras apresentações de cinema em São Caetano.

Tenho boas lembranças de minha vida: muitos irmãos, muito trabalho, a escola, a igreja e algumas festas que desejo contar.

Mas antes veio a revolução.

No ano de 1924, ouviam-se muitos bombardeios, feitos no Brás e na Móoca. Houve muita destruição. As pessoas que moravam lá fugiam, uitas para São Caetano. O delegado da cidade, em 1924, era o sr. Accácio Novas, que pediu reforços à Força Pública. Izidoro Dias Lopes estava atacando com suas forças os bairros do Brás e da Móoca, grandes concentrações de imigrantes. Lembro-me bem que nossa chácara ficou cheia de gente dormindo. Muitas famílias ficaram até o fim da revolução (começou em 5 de julho e terminou em fins de setembro).

Naquele tempo, trabalhava-se muito. Além dos serviços de casa, família numerosas, a comida era feita no fogão a lenha, a roupa era lavada no rio, também ajudávamos a tratar da criação. Apesar do grande trabalho, as roupas eram feitas em casa. E você podia ver pelas fotografias nos dias de festa e das missas de domingo, como a família se vestia bem. A família vinha até a igreja do Bairro Fundação. Aqui era o centro de tudo. Só na década de 20 é que passamos a freqüentar a capela da Candelária, que ficava mais perto.

Fui uma das fundadoras da Pia União das Filhas de Maria, aqui, na igreja do Bairro Fundação, no tempo do padre Capra. Ele faleceu em nossa cidade, quando se preparava para rezar uma missa. Depois dele veio o padre Pelanda, que tinha um gênio muito forte, e me lembro é do padre Alexandre Grigolli [2.].

O ano de 1927 foi muito importante em minha vida. Foi o ano em que casei. Namorei muitos anos e casei-me no ano do cinquentenário de nossa cidade com Joaquim Zanini, que veio de Campinas. A vida de minha família sempre foi marcada por um forte espírito religioso e nossas distrações, festas, quase sempre eram marcadas pelas datas religiosas: Festa dos Reis, Páscoa, aniversário da cidade. . . Na chácara dos Fiorottis, para comemorar o Dia de Reis, fazia-se a festa do *Pane e vino*, uma festa com grande fartura, onde o pão caseiro e o vinho comandavam a noite. Iluminados por uma grande fogueira, as pessoas comiam, bebiam e cantavam muito. Nessas ocasiões, várias famílias se reuniam e o canto das ladainhas religiosas era entoado por todos os presentes.

A Quaresma e a Semana Santa eram 40 dias de penitência,

Acervo: Museu de São Caetano

**PROGRAMMA**

DO ENTRETENIMENTO MUSICO-LITTERARIO

EM COMMEMORAÇÃO

DO CINCOENTENARIO DA FUNDAÇÃO

DE SÃO CAETANO

1877 - 28 Julho - 1927

---

- 1.º - HYMNO BRASILEIRO e MARCIA REALE ITALIANA
- 2.º - AOS FUNDADORES (versos) pela Srta. Olga Tegão
- 3.º - ADDIO ALLA PATRIA (solo) pela Srta. Assumpta Tegão.
- 4.º - FIORI (versos) pela menina Thereza Almasio
- 5.º - BARCAROLA VENEZIANA (A. Bolito) Coro
- 6.º - CONFERENCIA pelo Revmo. P. Alexandre Grigolli
- 7.º - NOSTALGIA (Duetto-Mendelssohn) pelas Srtas. Assumpta Tegão e Margarida Fiorotti
- 8.º - A MIA NONNA, ultima superstitte dei fondatori (versos) pela Srta. Irene Moretti
- 9.º - UM TRI-SETE SFUMA' (Dialogo em dialeto veneto) pelos meninos: Alcido Cavazzani, Luiz Gioppato, João Milo Ferrari e Nórico Thomé
- 10.º - GLORIA AI FONDATORI (versos) pelo menino Leontidas Paolone e Coro com Allegoria final.

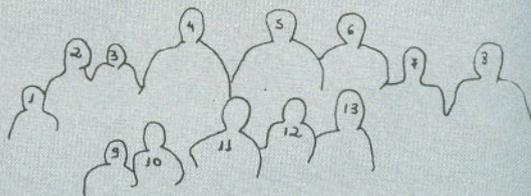
*Fac-simile do programa de "entretimento músico-literário" que comemorou o cinquentenário da fundação de São Caetano, em 28 de julho de 1927*



Foto, em 1909, da família Fiorotti, no sítio do Bairro Nova Gerti (doação da sra. Joana Fiorotti Zanini)

Acervo: Museu de São Caetano

- |                      |                               |
|----------------------|-------------------------------|
| 1 - Luiz Fiorotti    | 8 - Angela Fiorotti (prima)   |
| 2 - Regina Fiorotti  | 9 - Margarida Fiorotti        |
| 3 - José Fiorotti    | 10 - Rosa Fiorotti            |
| 4 - Giacomo Fiorotti | 11 - sra. Rosa Fiorotti (mãe) |
| 5 - Tereza Fiorotti  | 12 - Angelo Fiorotti          |
| 6 - Joana Fiorotti   | 13 - Luiz Fiorotti (pai)      |
| 7 - ?                |                               |





Rua 28 de Julho, em 7 de agosto de 1919: saída de uma procissão, no dia de São Caetano. Os dois homens, de terno, diante da bandeira são Giacomo Fiorotti e Antonio Barile, os leiloeiros da festa (doação da sra. Joana Fiorotti Zanini)

de preparação para a Páscoa, período de orações. Usávamos um barbante de 40 nós e, todas as noites, reunimo-nos para rezar uma Ave Maria, um Pai Nosso e uma Glória ao Pai. Cortava-se cada noite um dos nós, até terminar a Quaresma. No último dia, embrulhavam-se os nós com papel colorido, e eles eram unidos, formando um colar. Então, o colar era presenteado para uma pessoa querida. Era um presente que representava os 40 dias de orações. Durante esse período, não se comia carne às sextas-feiras. Domingo de Páscoa era, então, o dia de uma grande procissão e o dia em que a alegria e a movimentação voltavam às casas.

A festa do Santo Padroeiro era outra grande comemoração na cidade: começava no dia 28 de julho (chegada dos imigrantes italianos) e durava até o dia de São Caetano, a 7 de agosto. Guardei, durante esses anos todos, duas recordações da festa: o programa de entretenimento músico-literário, organizado pelo padre Alexandre Grigolli, apresentado na sede da *Società Principe di Napoli* e um livro que foi vendido na igreja, na mesma época, *Pagine di Verità e di vita*, que contava, em italiano, a chegada dos imigrantes, a construção da capela, o decreto da constituição da paróquia de São Caetano, da vida do santo padroeiro, do padre Capra, dos padres estigmatinos, das indústrias da cidade e das primeiras sociedades organizadas. Esse é um livro que conta tudo [3.].

Casei-me no mesmo ano, e tive três filhos: Ana Rosa, Oswaldo e Oscar. Mudei, então, para o centro. Morei em vários locais, mas onde ficamos durante mais tempo foi a rua Manoel Coelho. Ali tive uma loja de tecidos e armarinhos, por mais de 20 anos.



Família Fiorotti, em 1938, à rua Boa Vista, na altura do número 530. Da esquerda para a direita: Laura Fiorotti, Antonia Fiorotti Vituri, Maria Luiza Fiorotti, Angélica ?, Carmela Fiorotti Déa, Aparecida Fiorotti Monte, Irma Fiorotti Monte, Evandia Vituri

Joaquim Zanini, meu marido, e eu criamos ali nossos três filhos. Sempre trabalhei em casa, nos serviços domésticos e, à noite, fazia bordado ou crochê.

A igreja sempre foi importante para nossa família. Com Adolphina Cecatto, e outras amigas, estávamos constantemente à frente dos movimentos religiosos. Meus filhos casaram-se e estão todos bem e eu, hoje viúva, continuo morando com minha filha, fazendo crochê para os netos e bisnetos, que me dão muitas alegrias”.

#### Comentários

O Museu Histórico de São Caetano guarda em seu acervo objetos, documentos, fotos, livros, filmes e também depoimentos de moradores que contêm a emoção do desenrolar de suas vidas junto com o crescimento da cidade.

Esta gravação foi realizada em 1987, ainda no bosque do Bairro São José, tendo sido assistido pelos colaboradores do Museu, Jayme da Costa Patrão e Paschoalino Assumpção e por funcionários do Museu. Elaborando o texto, voltamos à casa de dona Joana, à rua Marechal Deodoro, para que confirmasse tudo o que foi transcrito. Ela não somente gostou, como ainda enriqueceu o texto com mais detalhes. Encontramo-la fazendo sua atividade mais comum, o crochê. Dona Joana recebeu da cidade, em 1983, o



Fotografia tirada no quintal dos Fiorottis. Circa 1940. Da esquerda para a direita: Aparecida Fiorotti, Nena Fiorotti, Carmela Fiorotti, Angela Fiorotti com Carlos Niedhardt no colo, Assunta Fiorotti, ?, Irma Fiorotti, Deyse Refissi e Marlene Refissi (doação da sra. Joana Fiorotti Zanini)

título de *Mãe do Ano*, que ostenta com orgulho. Nossa gratidão e respeito por quase um século de trabalho em São Caetano.

#### NOTAS

[1.] Esse fato curioso de uma escola basicamente feminina ter um aluno do sexo masculino já foi abordado por Manoel Cláudio Novaes. In: *Nostalgia*. São Paulo: Editora Mecca; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal, 1991, p. 46;

[2.] O padre Alexanare Grigolli veio para auxiliar e acabou ficando durante muitos anos na cidade. Foi o responsável pela criação de grupos cênicos e um grande incentivador dos festejos dos 50 anos da cidade. Foi o orador do cinquentenário. Foi dele também a idéia de transferir a Matriz, do Bairro Fundação, para o centro, para a Praça Cardeal Arcoverde.

[3.] Bellucci, Renato- *Pagine di Verità e di vita. Cinquant'anni di storia della popolazione di San Caetano. 1877- 28 luglio 1927. É o mais importante livro sobre a História da cidade que faz parte do acervo do Museu.*

(\*) Sônia Maria Franco Xavier, professora de Filosofia e História, dirige o Museu Municipal de São Caetano do Sul e faz parte do Gipem (Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do Grande ABC)

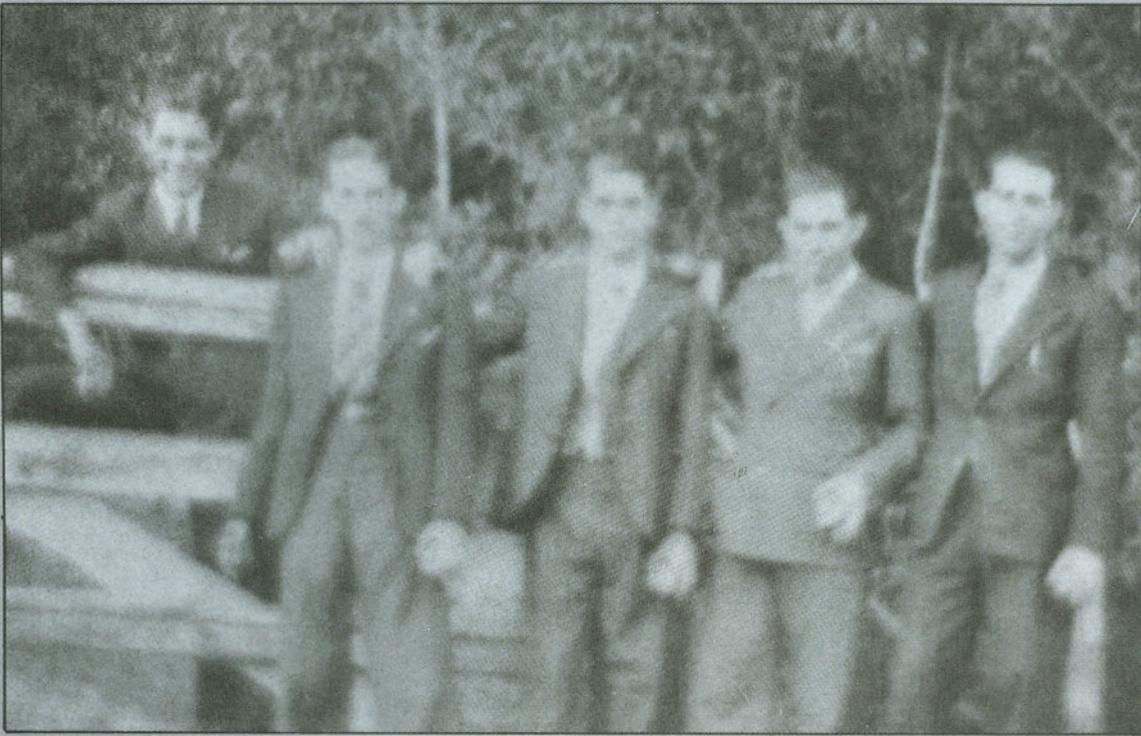


Foto do quintal da casa dos Fiorottis, em 1938, no Bairro Nova Gerti (doação do sr. José Fiorotti)

- 1 - João Dias
- 2 - Guerino Venturini
- 3 - Ulisses Fiorotti
- 4 - Virgílio Lorenzini
- 5 - João Gallo

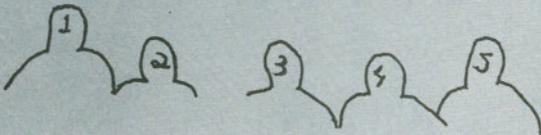


Foto tirada no quintal da casa da rua Boa Vista, 530. Vemos José Fiorotti e a esposa, Ângela. O local é, hoje, a travessa Francisco Fiorotti. Circa 1946. (doação do sr. José Fiorotti)

# Um dia todo especial

“O melhor da festa é esperar por ela”  
(provérbio popular)

Jayme da Costa PATRÃO(\*)

Aquele não era um dia comum. Não era um dia qualquer - igual a muitos outros dias - na vida sofrida e trabalhosa do imigrante italiano que há cinqüenta longos anos trabalhava a terra árdua e indócil do Núcleo Colonial da antiga Fazenda de São Caetano.

A terra destinada ao colonizador italiano, em princípio, era inóspita, árida, cruel e o pobre imigrante, que demandou de sua terra natal à procura de melhores condições de vida, sentiu-se esbulhado, ludibriado. Não desanimou: tinha fé em Deus e na força dos seus braços. Dominou a terra, adubando-a com o suor do rosto e, agora, cinqüentanos depois, em 1927, São Caetano crescendo paulatinamente, já era uma cidade em formação. Grande parte da luta travada esses anos todos fazia parte de um passado bem distante.

\*\*\*

Aquele dia, véspera de 28 de julho, era um dia todo especial para a cidade de São Caetano. O colonizador contava, agora, com vasta família, muitos filhos, netos e alguns bisnetos e sempre todos comemoravam, com devoção religiosa e regularidade, as datas festivas do calendário da igreja, tais como Natal, Reis Magos, Páscoa, Festas Juninas e os dias que iam de 28 de julho a 7 de agosto, aniversário do padroeiro, São Caetano. Nessa ocasião, depois das semanas juninas, as barracas das quermesses eram conservadas e voltavam a ser preparadas para a semana de agosto e dia do patrono da cidade.

As quermesses eram realizadas nos campos espaçosos, ao lado da tradicional Matriz Velha. Algumas barracas, construídas com sarrafas e tábuas pintadas de branco e enfeitadas com papel de seda e cobertas com folhas-de-flandres onduladas, adentravam pela rua que saía, justamente, defronte à igreja, com bandeirolas e enormes arcos de bambu (artisticamente enfeitados).

Durante esse alegre período de festa, a meninada saía à cata de prendas e brindes para serem leiloados nos finais de semana e nos domingos. Moças e rapazes da incipiente sociedade sancaetanense também aderiam à busca dos presentes e sempre levavam para leilão peças de grande valor. Grupos das diversas ordens religiosas eram os encarregados de organizar as quermesses, cujo resultado financeiro era inteiramente revertido para as obras da igreja.

\*\*\*

A banda de música, com amplo coreto todo enfeitado, ao lado da Matriz Velha, ensaiava novas peças musicais. Aquele ano de 1927 não era uma data qualquer e o povo de São Caetano sabia perfeitamente disso.

Para a venda nas barracas da quermesse, garrações e pequenas barricas de vinho e aguardente, produzidas pelas parreiras domésticas, enfileirados, lado a lado, com garrafas de bebidas

estrangeiras, salames, mortadelas, lingüiças de todos os tipos, queijos, bolos e doces. A maioria das guloseimas era feita aqui, na própria terra, e por demais apreciada até pelos visitantes das cidades próximas.

O vinho e aguardentes cultivados e fabricados em São Caetano eram de excelente qualidade e chegavam a ter elogiosa apreciação em países da Europa, enviados. em pequenas remessas, pelo sancaetanense a seus parentes e amigos.

Objetos de adorno - uns simples, outros mais valiosos - eram leiloados quase sempre ao lado de passasrinhos engaiolados, galináceos, cabritos, leitões e até animaizinhos domésticos. Certa vez, de acordo com informações, um novilho e uma mula com cinco milheiros de tijolos foram doados para serem rigados, possibilitando verba, solicitada pelo padre Pelanda, para reformar o madeiramento que estava podre e duas estacas que ameaçavam cair do forro da igreja. O cidadão benemérito, doador abonado, do no de olarias, nunca fez questão de que o seu nome fosse propagado. Gente generosa, simples, boa.

\*\*\*

Aquela azáfama toda, a preparação dos festejos daquele 28 de julho de 1927, não eram preparativos para mais uma festa tradicional comemorativa, igual à de todos os anos. Era o cinqüentenário das angústias, desilusões, trabalho árduo, grandes tristezas, grandes saudades, grandes alegrias e a incomensurável satisfação de vitória almejada e alcançada. Afinal, eram cinqüenta anos de história de São Caetano, vencidos com tenacidade inquebrantável, que seriam lembrados pelo povo agradecido e pelos descendentes dos valorosos italianos imigrantes.

Aquele véspera de festa não era, realmente, um dia comum em São Caetano.

Desde as primeiras horas da manhã do dia 27, os fornos cai-piras, debaixo dos telheiros, nos quintais das casas, crepitavam acesos, guardando a massa para a cozedura dos pães, bolos, doces e, mais à tardinha, os assados para o almoço do dia da festa.

As mulheres, mangas arregaçadas e vestidos arrepanhados à cintura, baldes d'água e vassoura, lavavam o assoalho ou o atilado de suas casas, alpendres e calçadas.

Os filhos aparavam a grama dos jardins e as moças e meninas colhiam flores para enfeitar os quartos e salas de visita. Os homens deixavam o seu trabalho mais cedo e, com enormes vassourões, varriam a rua diante de suas casas. Outros, brocha na mão, lata grande com cal líquida, caiavam os muros e as fachadas de suas casas. A movimentação do Bairro da Ponte era enorme. A molecada, acostumada a passar as tardes de lazer com gaiolas e alçapões, caçando passarinhos, jogando bola ou nadando nas cavas ou no rio Tamanduateí, estava de plantão, à disposição das ordens dos adultos, para ajudar a fazer compras ou desempe-

nhar qualquer tarefa. As pessoas encarregadas das barracas faziam alguns consertos e reparos na decoração e já dispunham sobre as prateleiras os brindes e doações a serem leiloados na entrada da noite. Lâmpadas a querosene e lâmpadas a gás-carbureto já estavam a postos, aguardando ordens para serem acesos.

A iluminação da praça da igreja, das ruas e dos arcos de bambu recebeu, a título de gentileza, lâmpadas da Light, que instalou mais alguns pontos de iluminação.

Havia colaboração de todos, pois aquele não era um dia de festa qualquer. A efeméride do meio século da cidade de São Caetano comemora-se uma vez na vida.

À noite, após a reza, a igreja ainda conservou-se aberta por algum tempo e, fora, a multidão já era grande.

Os barraqueiros, aos gritos, apregoavam os seus artigos e prendas a serem leiloados. Jovens, em grupos, passeavam entre as barracas em constante ebulição. Moçoilas e meninas, acompanhadas por suas mães ou pessoa adulta, paravam, de vez em quando, junto às carrocinhas de quitutes e guloseimas ou refrigerantes. Alguns carrinhos vendiam, também, batata doce assada ou milho cozido e, depois da compra, todos saíam rindo, alegres, chilreando alto, andorinhas em revoada.

Tudo era alegria e tudo era motivo para risos.

\*\*\*

Os *grandes* da cidade, quase todos filhos, netos ou aparentados com os valorosos pioneiros, lotavam os bares e cantinas nas proximidades do logradouro dos festejos. Todos eram amigos, conversavam ou discutiam em voz alta e riam felizes, sempre *bicando* o bom vinho da terra e mordiscando nacos de queijo de fabricação caseira.

Deliciados, falavam de *causos* e coisas de tempos passados, em memória dos antigos pioneiros de 1877 que, infelizmente, estavam *tutti morti*, no dizer da matriarca Giovanna Moretti, a última dos imigrantes vivos.

Os *grandes* da cidade bebiam e petiscavam sardinhas fritas e azeitonas temperadas em azeite e pimenta; os mais velhos cachimbavam fumo forte ou fumavam cigarros enrolados em palha seca de milho; batiam palmas compassadas e cantavam canções em dialetos oriundos de seus *paesi*, ao som de uma sanfona sempre por perto.

O bar e depósito dos Morcellis ou o bar do João Perrella, o popular *Joa*, bem defronte à igreja, ou mesmo a acolhedora cantina do velho *Momi*, depois dos afazeres do dia, os homens *importantes* da terra estavam lá para um joguinho de *scopa* ou *bisca*, ou mesmo um truco barulhento e inofensivo, muito ao gosto do italiano. O dominó, jogo mais tranqüilo, era o regalo de freqüentadores com mais idade.

Como aquela também era uma noite toda especial, o jogo de cartas fora deixado de lado e as pedras de dominó dormiam em paz em suas caixas envernizadas.

A conversa principal, nessa noite, girava em torno dos festejos do dia seguinte. Todo o povo da cidade mal podia esperar o dia seguinte, o descerramento da lápide de mármore branco com os nomes gravados dos mais ilustres antepassados.

Ainda dentro de toda aquela euforia, aos poucos, iam saindo, abandonando, com certa relutância, o ambiente acolhedor da cantina. A banda de música já calara, há algum tempo, os seus instrumentos. Uma lua muito tímida e muito pálida descambava para detrás da Matriz Velha, como que a convidar os notívagos ao recolhimento e repouso. A praça da quermesse estava quase deserta. O povo todo estava se recolhendo, preparativos para a festa do dia seguinte. Alguém do grupo, postado sobre a calçada, aguardando os companheiros, que saíam da cantina, porta afora, consultou o relógio, tirado do bolso do colete, e comentou, surpreso: - Cáspite! Já passa da meia-noite!

\*\*\*

O dia 28 de julho de 1927 da graça de Nosso Senhor Jesus

Cristo amanhecera radiante e belo, como a adivinhar a grande importância do dia. Ao alvorecer, os sinos da Matriz bimbaram com alegre insistência, convidando os fiéis para a missa solene. Os morteiros explodiam com estrondo e regularidade, anunciando o raiar de um cinquentenário que marcaria grande momento histórico na emergente cidade.

É o padre, vigário Giovanni Pelanda, quem registra:

“Em 28 de julho de 1927, em comemoração ao cinquentenário de São Caetano, muitas festas na cidade, entre as quais uma reunião de todas as sociedades beneficentes, esportivas, na sede da *Principe di Napoli*, de onde, precedidas pela banda musical, seguiram para a Igreja Matriz, assistindo ao *Te Deum*, em ação de graças.

Oscar Garbelotto, filho de tradicional e ilustre família da cidade, historiador e pesquisador, é quem nos conta (*Raízes*, nº 1, julho de 1989) que o vigário Pelanda acompanha os fiéis e com eles comemora o 50º aniversário de São Caetano. Uma ocasião inolvidável. Igreja e todas as sociedades beneficentes e esportivas da cidade procuraram o que de melhor tinham para a grande data e, assim, festejos de teatro, de grande importância na época, assembleias solenes com grandes discursos, bailes e reuniões escolares (onde não faltaram os recitais de canto e poesia). Os momentos culminantes da evocação dos fundadores da cidade, no entanto, mais uma vez aconteceram tendo como centro de atenção a Matriz Velha - marco da cidadania de São Caetano. Com inflamado discurso e palavras evocativas, Hugo Ribeiro descerrou a lápide de mármore branca, na presença do titular do Consulado Italiano e altas autoridades locais, homenageando e perpetuando o nome e a memória dos intrépidos fundadores. Foi grande a participação do coadjutor, padre Alexandre Grigoli, na preparação e organização de toda a festa do cinquentenário da cidade.

À noite, um “entretenimento musical-literário” foi realizado, de acordo com o programa estampaço no trabalho de Sônia Maria Franco Xavier (vide o depoimento de dona Joana Fiorotti Zanini), que nos mostra cuidado esmerado na programação levada a efeito no salão de festas da *Principe di Napoli*. A execução do programa foi fartamente divulgada pelo cronista da cidade Manoel Cláudio Novaes, em seu livro *Nostalgia*, onde retrata fielmente o sucesso do memorável evento que embeveceu a todos quantos estiveram presentes.

Era meia-noite, depois de um bellissimo dia de sol - que reinou em seu esplendor -, quando se processou o encerramento dos festejos dos 50 anos da cidade. Todo o povo ocorreu à praça da Matriz Velha para deslumbrar-se com o apoteótico espetáculo pirotécnico num dos campos de futebol, bem próximo à igreja. Os Albanesis, de São João Climaco, eram os encarregados do foguetório todo. O espetáculo terminou madrugada adentro e somente então é que o ordeiro povo de São Caetano se recolheu às suas casas para um reparador e justo repouso, pois o dia seguinte era *un altro giorno di lavoro*.

---

(\*) Jayme da Costa Patrão é pesquisador do Gipem (Grupo Independente de Pesquisa da Memória do Grande ABC)

# Homenagem

## A herança de Atílio Bertochi

*“Há homens que lutam um dia e são bons. Há homens que lutam um ano e são melhores. Há homens que lutam muitos anos e são muito bons. Porém, há homens que lutam a vida toda: esses são imprescindíveis”.*  
(Bertolt Brecht)

Sônia R. BERTOCHI(\*)

**A**tilio Bertochi foi assim: lutou até o fim da vida, baseado na frase de Brecht. Foi um homem idealista e simples, lutador, que enxergava o futuro sem esquecer o tempo presente, dedicando-se aos problemas da cidade. Acho impossível, dizia, um homem abandonar os valores eternos como o amor, a amizade, Deus e a natureza. Gostava de Mário de Andrade, a quem citava muito: “O homem é coisa sublime. Porém, se as idéias prevalecessem sobre os homens, há muito que a paz teria pousado sobre a terra. E ando saudosos de paz”.

Atílio Bertochi jamais negou que fosse um político: gostava do que fazia e não queria ficar à beira do caminho, vendo a multidão passar: queria marchar junto. Ironias? Em 1927, várias greves são deflagradas pelos comunistas e o governo brasileiro suspende as atividades sindicais. Em 1927, no dia 12 de setembro, nascia Atílio Bertochi, na Fazenda Amália, Santa Rosa do Viterbo(SP). Era o início de uma vida marcada por intensa atividade sindical, política e comunitária. Em 1946, Amedeo Bertochi, imigrante italiano de Mântua, pai de Atílio, filia-se ao Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André. Dava, assim, aos filhos o exemplo de participação nas lutas, a despeito da pressão que a classe operária sofria junto com os sindicatos da época. A partir daquela data, Atílio integrava-se à vida sindical. Em 1956, ao lado dos companheiros Antônio Cândido Lindolpho, Philadelpho Braz, Licínio Cabelo, Nelson Negro, Ernesto Corraini, Antonio Evangelista de Souza e Ettore Cattaruzzi, fez parte da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André.

Em 1957, teve início a campanha para a independência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul. Isso ocorreu em 1959. Atílio filiou-se em 1961. Esteve filiado também ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e ao de São Bernardo do Campo até o final da vida. A par dessa atuação sindical, desenvolveu atividades político-partidárias. Em 1948, colaborou com o Anacleto Campanella no Movimento Pró-Emancipação de São Caetano do Sul. Em 1957, ano de uma violenta greve, concorreu à eleição para vereador pelo PTB. Com boa votação, chegou a quarto suplente, tendo recebido o dobro de votos de alguns vereadores eleitos por partidos considerados pequenos (PTR, PR, etc.). Em 1968 - um dos anos mais duros da ditadura militar -, participou das eleições municipais pelo MDB, sigla de que havia sido funda-

dor, na cidade. Exerceu a vereança de 1976 a 1988, em dois mandatos. Ocupou a liderança da bancada do PMDB, a vice-presidência da Comissão de Justiça e Redação e foi primeiro-secretário e vice-presidente da Câmara Municipal.

Outra atividade que permeou sua vida foi a comunitária. Em 1964, com o golpe mortal (censura à imprensa, intervenção nos Estados, Municípios, sindicatos), a classe operária sucumbiu. A classe política, não menos. Mas, diante de quadro tão sombrio, com companheiros do Bairro Olímpico, Atílio fundava, em 21 de abril de 1965, a Acramvoa, atual Sociedade Amigos do Bairro Olímpico. Abria-se, assim, mais um canal de representação popular que mobilizava ampla base social e que visava introduzir um princípio de democracia direta na administração da cidade. Foi, ainda, presidente da Federação das Sociedades Amigos de Bairros de São Caetano do Sul, membro do Conselho Coordenador das SABs do Estado de São Paulo.

### Trabalho

Um dia depois de ter chegado a São Paulo, em 1942, Atílio empregou-se como ajudante de caminhão na Antártica. Tinha 15 anos. Em seguida, trabalhou nas Indústrias Matarazzo, também em São Paulo. Chegou a São Caetano do Sul em 1943 e trabalhou como expedidor das Indústrias Dal'Mas. Transferiu-se, depois, para a Aços Villares, onde trabalhou como mecânico especializado. Depois, trabalhou na Cerâmica São Caetano e na Ford, como ferramenteiro.

Ao terminar o curso Técnico-Industrial, lecionou. À noite, no Senai de Santo André. Em 1961, foi para a Volkswagen do Brasil, onde permaneceu até aposentar-se. Durante esse período, lecionou Prática de Ferramentaria, Desenho Técnico, Tecnologia Mecânica e foi Supervisor do Centro de Formação Profissional Senai/Volkswagen. Ensinou, ainda, nas escolas Mekins, COPI e no Pippo (Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-obra). Aposentado, trabalhou na defesa dos direitos dos aposentados e pensionistas - foi, até a sua morte, em março de 1991, diretor da Legião Brasileira dos Aposentados.

### Família

Amadeo Bertochi, o italiano de Mântua, foi colono, no começo do século, na Fazenda Amália, de propriedade do conde Francisco Matarazzo. Angelina Pignata Bertochi, a esposa, filha de imigrantes, nasceu em Sertãozinho(SP). Em 1940, devido à crise

Acervo: Família Bertochi



Foto de 1951: Atílio e esposa, com a filha recém-nascida no colo. Ao fundo, o Bairro Olímpico



Avenida Tijuçu, nos anos 50



Anos 50: reunião no Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André



Foto de 1988, na campanha eleitoral da cidade. Da esquerda para a direita: Antônio Ermírio de Moraes, Walter Braido, Atilio Bertochi, Luiz Tortorello e Felinto de Almeida Teixeira



Foto da inauguração da praça Juscelino Kubitschek. Da esquerda para a direita: Marcucci, Fábio Ventura, Atilio Bertochi, Valdenzio Petrolli, ?



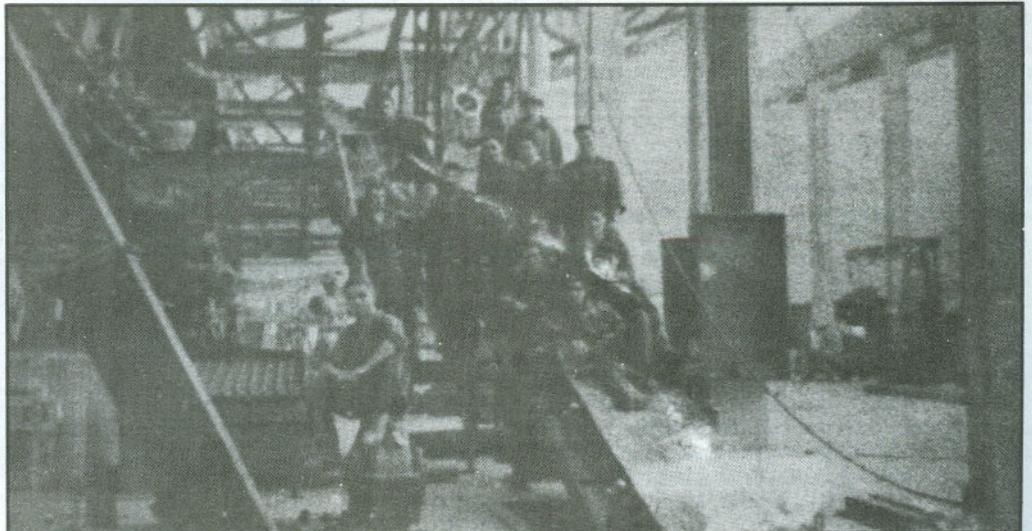
Foto da Acramuda, década de 60. Da esquerda para a direita: ?, Alberto Parra Perez, Antonio Bueno do Prado, ?, Atilio Bertochi, Nejaim, Archimedes Lazzeri, Maxidori Penacchi, ?



Anos 50: reunião no Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André



Anos 50: Atílio Bertochi, com um grupo de amigos, na Ford do Brasil



Anos 50: Atilio Bertochi, com amigos, na Ford do Brasil



Foto, sem data, de encontro de Bertochi com Sebastião de Paula Coelho, ex-secretário de Estado do Trabalho. À esquerda, Iliomar Darronqui



Foto, sem data, registrando o encontro de Bertochi com o ex-ministro Murilo Macedo



Atílio Bertochi, em foto de 1990

do café, a família veio para São Paulo, tentar trabalhar na indústria. Primeiro, o pai e os irmãos mais velhos. Em 1942, a mãe, as mulheres e os irmãos mais novos.

Sétimo entre nove irmãos (Pedro, Luis, Vitória, Romildo, Rita, Antônio, Hipólito e João), Atílio casou-se em 1950, na Igreja da Sagrada Família, com Tereza Botelho, mineira de Caldas. No mesmo ano, construíram um quarto e cozinha na Avenida Lemos Monteiro, antigo 451, Vila Paula. Não havia asfalto, nem água encanada. Havia poucas casas, mas muito mato, muitas bicas, o morro do São Bento, o riozinho (hoje canalizado); havia a venda do *seo* Caetano, o bar do Português, o bar do Baixinho, o *campinho* (onde hoje está localizada a escola Adriano Moura Branco). Ônibus? Só na Avenida Goiás. Farmácia? Só a do *seu* Aladino, na Avenida Goiás. Médico? Só no centro; era o dr. Hermínio Moreira.

Aos poucos, Atílio e Tereza vão construindo a casa e a fami-

lia. Tiveram três filhas - Sônia (1951), professora; Claudete (1957), analista de sistemas; Vilma (1961), dentista. Nascidas e criadas em São Caetano do Sul. Em 1964, mudaram-se para a rua General Osório, 705. O mesmo bairro, duas quadras acima. E, mais tarde, para a Alameda São Caetano, 711. Ao falecer, em 1º de março de 1991, Atílio Bertochi deixou, além de centenas de amigos, irmãos e cunhados, esposa e filhas, genro e três netos.

(\*) Sônia R. Bertochi é professora de Língua e Literatura Portuguesa

# Bruna Ricci, a LBA e a campanha do Hospital São Caetano

*“Quando te observares na verdadeira posição de criatura imortal, nascida de Deus, com estrutura riginal, decerto habilitar-te-ás a compreender que o Criador te conferiu tarefas individuais que debes aceitar por intransferíveis”.*

*Emanuel*

Com estes princípios filosóficos, transferia-se de Botucatu, em 1939, para São Caetano do Sul, a professora Bruna Cassetari Ricci, com a família composta pelo marido Vinício Nicolau Ricci e as filhas Liliam Flávia e Ivonne Maria.

Através de concurso público, prestado no magistério estadual, escolheu para lecionar o Grupo Escolar Romão Puigari, localizado no Brás, em São Paulo, à Avenida Rangel Pestana. Não foi, porém, por acaso que veio morar em São Caetano, uma cidade provinciana, com habitantes interiorianos, que acabou sendo preferida pela família Ricci, acostumada a viver em cidades o interior. E, assim, a professora adaptou-se logo ao modo de vida local, angariando, em curto prazo, grande número de amigadas.

No Grupo Escolar Romão Puigari lecionou por muitos anos. Exercia o mister profissional em São Paulo, mas a atividade social era exercida em São Caetano, terra que havia adotado com amor e carinho.

Face à força de vontade e dinamismo, Bruna Ricci era intimada a participar dos diversos eventos, juntamente com o marido. Em 1943, em plena Segunda Guerra, foi nomeada para dirigir a sub-comissão da Legião Brasileira de Assistência (LBA), no cargo de presidenta em São Caetano. Tão logo assumiu tão importante cargo, iniciou o trabalho, programando e executando eficiente assistência material e espiritual às famílias dos expedicionários integrantes da FEB. Os soldados da Força Expedicionária Brasileira estavam na Itália, lutando, lado a lado com os aliados, contra o nazismo de Hitler.

Com a ajuda do comércio e da indústria local e mais uma legião de voluntárias, organizou festas, transformando o resulta-

do financeiro dos eventos - somado à verba da própria LBA - em mantimentos e remédios distribuídos às famílias dos pracinhas. A par dessa assistência material, dona Bruna e as voluntárias promoviam visitas de conforto às famílias carentes, distribuindo cartas e notícias sobre os pracinhas, com apoio da Cruz Vermelha Internacional.

Ao terminar a Segunda Guerra, com a mesma ajuda do comércio e indústria e o entusiasmo do povo, dona Bruna organizou com a Legião Brasileira de Assistência de Santo André uma festividade em regozijo à volta dos expedicionários, com extenso programa de homenagens. Festa para os que regressavam aos seus lares, vindos dos campos de batalha da Península Itálica. A comemoração teve início às 8h00 de 7 de outubro de 1946, em Santo André, tendo sido encerrada em São Caetano do Sul, no largo da Matriz. Ali, à praça Cardeal Arcoverde, havia sido montado pelos empregados das I.R.F. Matarazzo um monumental arco do triunfo para homenagear os pracinhas. Sobre o arco estava expressa a gratidão do povo sancaetanense com a seguinte frase: “São Caetano agradecido homenageia os seus heróicos filhos”.

Com o fim da guerra, a assistência aos pracinhas foi se esvaindo aos poucos. Grandes planos, no entanto, já se encaminhavam no sentido de dar ajuda à infância carente. Em 6 de abril de 1949, em função da emancipação de São Caetano, a sub-comissão da Legião Brasileira de Assistência acabou sendo extinta. O ofício 69/49, da Comissão Municipal de Santo André, assim rezava: “Em virtude do desligamento dos municípios Santo André-São Caetano do Sul, esta C.M. vê-se na necessidade de considerar extinta essa sub-comissão, cessando, assim, a nossa assistência às famílias aí residentes”.

Todavia, antes mesmo de não poder atender mais às famílias carentes de São Caetano do Sul, dona Bruna já abraçava outra causa nobre com que se haveria de comprometer, e acabou sendo considerada uma das atividades mais importantes de sua vida: em 7 de novembro de 1946, com a presença de 100 pessoas, foi realizada a assembléia-geral da Comissão Pró-Hospital de São Caetano, para aprovação dos estatutos e eleição do primeiro Conselho Administrativo da entidade.

A mesa diretora dos trabalhos foi constituída pelas seguintes pessoas: Marcos Nogueira Garcez, presidente; Arlindo Marchetti e Luiz Rodrigues Neves, secretários; Bruna Cassetari Ricci, Acácio Novaes, Avelino Polli, José Luiz Flaquer Neto, Ângelo Antenor Zambon, João Dal'Mas, José Homem Bittencourt e Mário Porfírio Rodrigues, membros. Dessa data em diante, além de acumular suas funções profissionais de professora e presidenta da LBA, Bruna Ricci abraçou a causa da construção do Hospital São Caetano. Nesse mesmo ano, acabou sendo eleita presidenta da Comissão Feminina para a construção da casa de saú-



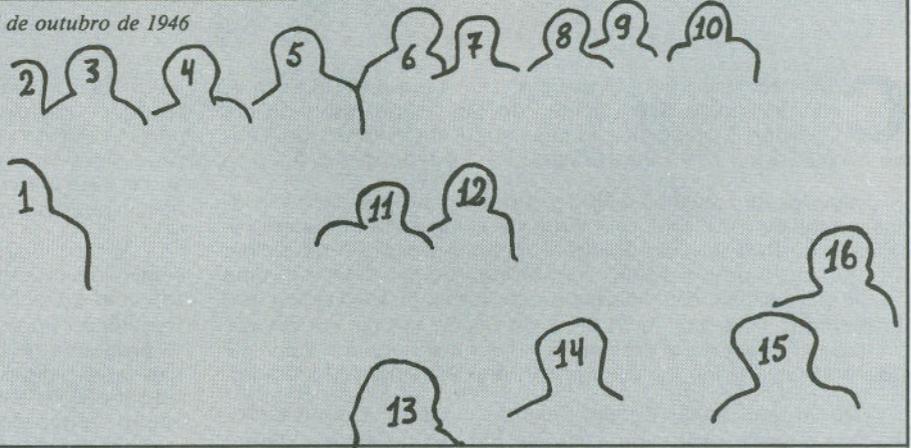
Arquivo: Ivonne Veronesi

Bruna Cassetari Ricci, em 1954



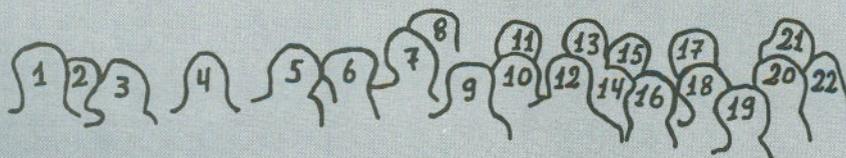
- 1-Manoel de Góes
- 2-José Mariano Garcia Júnior
- 3-João Dal'Mas
- 4-José Homem de Bittencourt
- 5- Roberto Gomes Caldas
- 6-Quirino Mota
- 7-Deputado Gabriel Migliori
- 8-?
- 9-?
- 10-?
- 11-Maria José
- 12- Srª Martins Zanei
- 13- Noêmia Flaquer
- 14- Matilde Flaquer
- 15- Yolanda Botelho Becardi
- 16-Bruna Cassetari Ricci

Chegada dos Expedicionários a Santo André, em 7 de outubro de 1946



- 1-Maria Amélia Cervone
- 2-Ivone Benachi
- 3- Zuleica Barile
- 4-? Locoselli
- 5- Ione Labati Flaquer
- 6-Maria J.Rela
- 7-Helena Musumeci
- 8-Olga Corvelo
- 9-Bruna Cassetari Ricci
- 10- ?
- 11-Aparecida Canossa
- 12-Ofélia Barile
- 13-Ivonne Veronesi
- 14-Edna Benatti
- 15-Nair Quaglia
- 16-Dalva Franchini
- 17-Ilda Zettone
- 18-Brazilina Barile De Petta
- 19-Olga Montanari de Melo
- 20-Yolanda Zapparoli Laranjeira
- 21-Ana Parodi
- 22-Ida Benatti

Chá da comissão feminina pró-construção do Hospital São Caetano, realizado no Clube Jaraguá, à rua Santa Catarina, em 1947

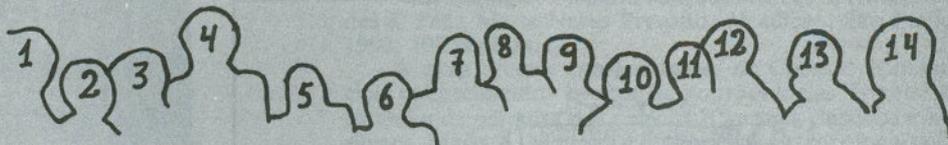


Acervo: Henry Veronesi



Véspera da entrega do prédio do Hospital São Caetano à população, em dezembro de 1953. Esta fotografia foi publicada pelo jornal A Hora em 3 de dezembro de 1953

- |                         |                        |
|-------------------------|------------------------|
| 1- ?                    | 8- ?                   |
| 2-Daniel Giardulo       | 9-Mário Menin          |
| 3-Carlo de Martini      | 10-Ofélia Barile       |
| 4-Júlio Marcucci        | 11-Francisco Locoselli |
| 5-Frida de Martini      | 12-Vinicius N.Ricci    |
| 6-Bruna Cassetari Ricci | 13-delegado Marcondes  |
| 7-João H.Kirche         | 14- Henry Veronesi     |

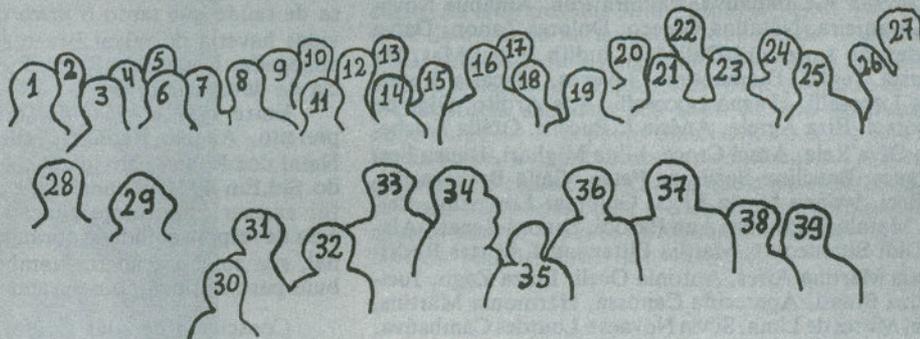


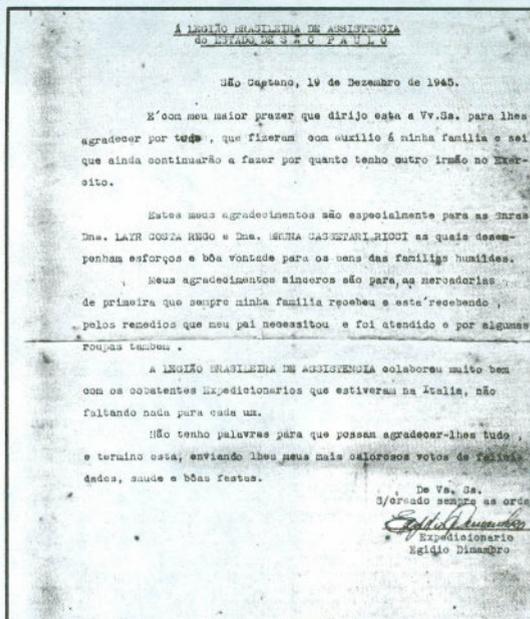
Acervo: Henry Veronesi



Primeiro Natal dos Pobres, patrocinado pela Prefeitura de São Caetano doSul, no Cine Max, em 1949

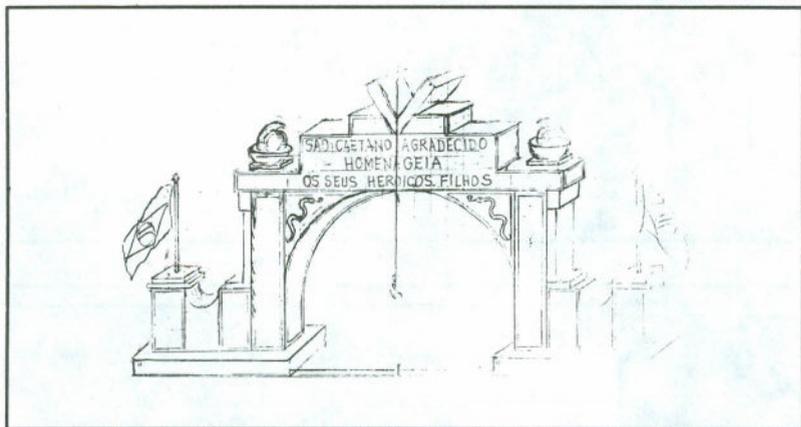
- |                           |                       |
|---------------------------|-----------------------|
| 1-Ilda Zetune             | 20-Júlio de Mello     |
| 2- Hermínio Lorenzini     | 21-Mafalda L.Casella  |
| 3-?                       | 22-Lauriston Garcia   |
| 4-Guiomar Lorenzini       | 23-Idalina Zamboto    |
| 5- ?                      | 24-delegado Marcondes |
| 6- ?                      | 25-Norma Marcucci     |
| 7- ? Lorenzini            | 26-Odete F.Paes       |
| 8-Anita Grecco            | 27- ?                 |
| 9-? Lorenzini             | 28- Ilda Zetune       |
| 10-Ana Bortoleto          | 29- ?                 |
| 11-Nair Quaglia           | 30-?                  |
| 12- ?                     | 31-Elide Vaccari      |
| 13-Maria Tereza Lorenzini | 32-Maria F.Paes       |
| 14-Bruna Cassetari Ricci  | 33-Olga M.de Melo     |
| 15-? Costa                | 34-Papai Noel(?)      |
| 16-Ángelo Raphael         | 35-Lupércio Vaccari   |
| Pellegrino                | 36-Olga Corvelo       |
| 17-Ivonne Veronesi        | 37-Maria Vicentini    |
| 18- ?                     | 38- ?                 |
| 19-Accacio Novaes         | 39- ?                 |





*Fac-simile da carta de uma das dezenas de cartas de agradecimentos dos expedicionários, reconhecendo a assistência proporcionada às famílias*

Acervo: Henry Veronesi



*Festa de chegada dos expedicionários, em 7 de outubro de 1946, em São Caetano. Reprodução do desenho original do arco sob o qual os pracinhas passaram na praça Cardeal Arcoverde. O projeto foi de Francisco Del'Rey e a instalação foi oferecida pelas I.R.F.Matarazzo*

de, cargo que ocupou desde a aquisição do terreno até o término das obras.

À testa da Comissão Feminina, desempenhou um trabalho árduo e difícil junto com suas companheiras Yone Labate Flaquer, Maria Kirche Zambon, Mafalda Lorenzini Casella, Maria José Relá, Ofélia Barile, Maria Amélia Cervone, Helena Mussumeci, Bruna Constantino, Maria F. Vicentini, Nélia Falchero, Rosa Benedetti, Ercília V. Cambaúva, Palmira Poli, Amabile Novaes, Yolanda Laranjeira, Natalina Grecco, Dolores Zanon, Dalva Franchini, Celestina Lorenzini Dal'Mas, Judith P. Dal'Mas, Pina Tegão, Luiza Tegão, Diamantina G. Neves, Macária Rodrigues, Dorinda Locoselli, Helena Locoselli, Ana Ardito, Olga de Melo, Nina Borsoi, Elza Agrela, Anésia L. Pucetti, Ofélia Falchero Rampazzo, Diva Relá, Araci Croce, Mina Migliari, Isaura Fernandes Rodrigues, Brasilina Barile de Petea, Gália Bechara, Liliam Flávia Ricci, Ivonne Maria Ricci, Guiomar Lorenzini, Reini Gardezani, Mafalda Malerba, Ana Parodi, Dinorá Benati, Aláide Perrella, Didi Bittencourt, Marília Bittencourt, Mirtes Rodrigues, Ermelinda Martina Aires, Antonia Oceli, Luiza Zago, Jucirena Pinto, Elza Brossi, Aparecida Canossa, Harmonia Martins, Ester Schwartz, Mirtes de Lima, Sílvia Novaes e Lourdes Cambaúva.

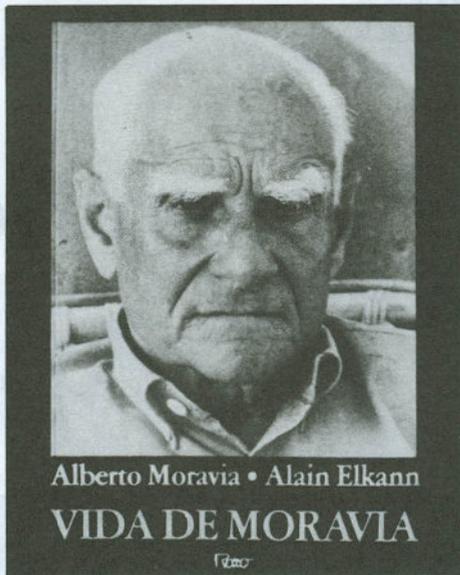
Com a diretoria e a comissão masculina organizou várias

campanhas para angariar fundos, participando sempre ativamente de todos os eventos. Eram bailes, jantares, rifas, convêscotes, concursos, avant-premières, chás, quermesses, espetáculos teatrais, concertos sinfônicos, etc., cuja renda era canalizada para as obras do hospital.

Em 25 de julho de 1954, por ocasião da inauguração do hospital, ao ver aquele monumento de concreto pronto, ficou convencida de que o trabalho não havia sido em vão. Ali estava a casa de saúde que tanto o povo desejava e que, no futuro, tantas vidas haveria de salvar. Era o sonho de uma plêiade de pessoas abnegadas. Nesse ano, Bruna Ricci deixou o cargo com a consciência do dever cumprido.

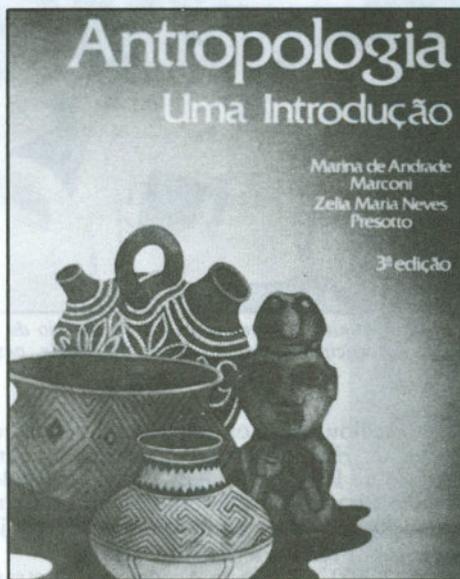
Entre 1949 e 1954, por diversas vezes, a convite do então prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, Bruna Ricci organizou o Natal dos Pobres, atividade social da Prefeitura de São Caetano do Sul. Em 1954, atendendo a convite da alta direção do SESI, foi exercer importante função de assistente educacional, cuja área de responsabilidade abrangia todo o ABC. No setor educacional, sua colaboração foi, também, de grande valia, pois contribuiu para a educação de grandes personagens da vida da cidade.

Consciente de suas tarefas individuais, sempre as praticou com zelo e amor, aceitando-as como intransferíveis (*Henry Veronesi*).



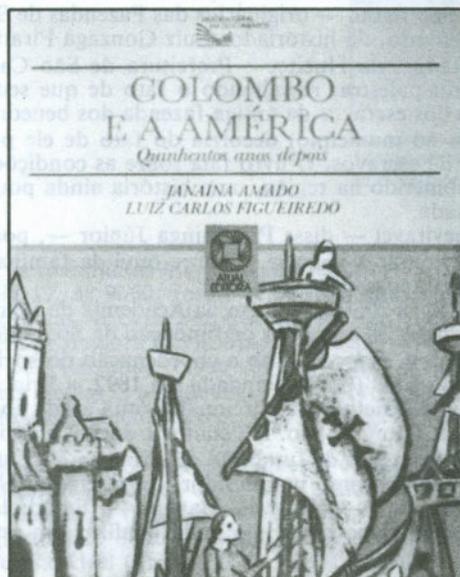
**Vida de Moravia**, de Alberto Moravia e Alain Elkann. Tradução de Mário Fondelli. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1992, 312 páginas.

Alberto Moravia, nascido em 1907 e desaparecido em 1990, foi um dos mais importantes intérpretes da elite cultural italiana e européia. Nessa longa entrevista, concedida a Alain Elkann (professor de Literatura Italiana da Columbia University), Moravia fala sobre a infância, a doença que o prendeu à cama durante anos, os amigos, as viagens, o cinema, a literatura. O escritor, que escreveu cerca de dois mil artigos de crítica cinematográfica, e teve os romances adaptados para pelo menos 20 filmes, foi amigo de Pasolini, Bertolucci, Resselini. O livro apresenta, também, uma galeria de nomes que representam o século XX: Sartre, Camus, Mao Tsé-Tung, Godard, Italo Calvino, Fidel Castgro. Moravia escreveu 40 livros, traduzidos para 35 idiomas. Seu primeiro romance - *Os indiferentes* - tornou-se um clássico da literatura existencialista. Destacam-se vários outros, como *Agostino* (1944), *O Conformista* (1951), *O desprezo* (1954). Moravia fundou a revista *Nuovi Argomenti*, em 1953, e escreveu para vários jornais, entre os quais o *Corriere della Sera*.



**Antropologia**. Uma introdução. Marina de Andrade Marcondes & Zélia Maria Neves Presotto. 3ª edição. São Paulo, Atlas, 1992, 308 páginas.

A obra oferece aos estudantes de Ciências Humanas e Sociais conhecimentos básicos de Antropologia. Trata-se de longo trabalho de pesquisa dos principais autores clássicos e contemporâneos. Maria A. Marconi é doutora em Antropologia pela Unesp, a exemplo de Zélia M. N. Pressotto. Ambas lecionam naquela universidade. Dividido em 14 capítulos, o livro trata dos seguintes temas: conceitos de Antropologia e cultura (métodos e técnicas; Antropologia Aplicada, etc.), evolução biológica e cultural, organização sócio-cultural, cultura material e, ainda, aborda o indígena brasileiro e as culturas negras do Brasil. Como *livro-texto*, pode ser empregado em cursos de graduação em Economia, Comunicação Social, História, Geografia, Filosofia, Estudos Sociais, Educação Artística e Psicologia.



**Colombo e a América**. Quinhentos anos depois. Janaína Amado & Luiz Carlos Figueiredo. São Paulo, Atual, 1991, 72 páginas.

O volume integra a coleção *História Geral em Documentos*, que utiliza documentos na organização e desenvolvimento do assunto de cada livro. Janaína Amado é doutora em História e professora da Universidade Federal de Goiás. Luiz Carlos Figueiredo é jornalista e bacharel em Letras Clássicas e Filosofia, com cursos na Universidade John Hopkins (EUA). De certo modo, trata-se de um livro paradigmático, que estuda os acontecimentos de 1492, perguntando o significado da chegada de Colombo à América e a importância desse fato para o mundo de hoje, quando a Descoberta completa 500 anos. Mostra os primeiros contatos entre europeus e os povos americanos e como isso marcou, profundamente, a vida de ambos os continentes. Os autores debatem, entre outras coisas, a noção de que a descoberta da América não foi uma *descoberta*, mas o encontro entre dois mundos. A obra contém muitas citações históricas e literárias, com o objetivo de mostrar relações entre fatos distintos.

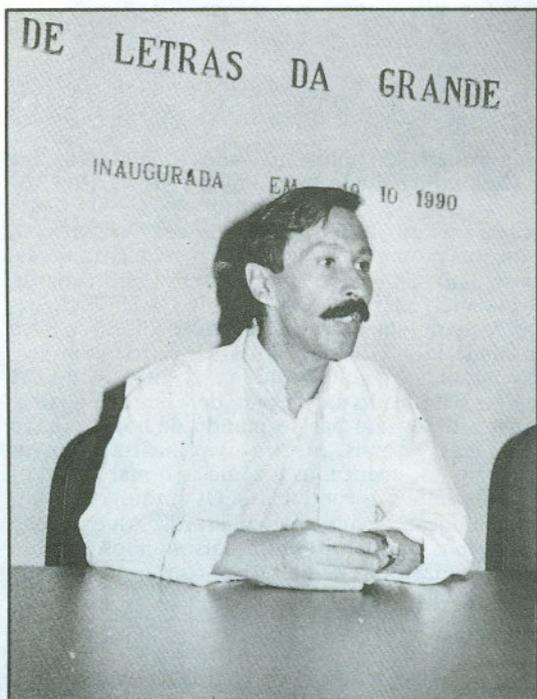
# Reportagem

## *Simpósio prepara II congresso de História do ABC*



Arquivo

*Exposição no Museu Municipal homenageou o centenário da Príncipe di Napoli, com maciça participação de moradores da cidade, pesquisadores e convidados*



Arquivo

*Luiz Gonzaga Piratininga Jr. fala sobre o livro de sua autoria **Dietário dos Escravos de São Bento** —, segundo volume do projeto editorial patrocinado pela Prefeitura de São Caetano*

**S**ão Caetano sediou, entre os dias 11 e 13 de março últimos, o Simpósio de História do ABC (evento preparatório ao II Congresso de História do ABC, a ser realizado no final deste mês, em São Bernardo do Campo), com palestras, mesas-redondas e o lançamento do segundo volume do projeto editorial patrocinado pela Prefeitura de São Caetano.

No dia 11, às 20h00, na sede da Academia de Letras da Grande São Paulo, foi realizado o lançamento do livro **Dietário dos Escravos de São Bento** — originários das Fazendas de São Caetano e São Bernardo, do historiador Luiz Gonzaga Piratininga Júnior (co-editado pela Hucitec e Prefeitura de São Caetano). O autor proferiu palestra, ressaltando o fato de que seu interesse pelo destino dos escravos da antiga fazenda dos beneditinos (que daria origem ao município) decorria do fato de ele próprio ser descendente de escravos. O livro fala sobre as condições a que o negro foi submetido na região, uma história ainda pouco contada e pesquisada.

“Era inevitável — disse Piratininga Júnior —, pois, algum dia, teria de contar a história. Sempre ouvi da família as histórias de meus antepassados escravos”.

No dia 12, às 20h00, também na Academia de Letras, foi realizado o painel “Os cem anos de fundação da Sociedade Beneficente Príncipe di Napoli”, sob a coordenação do sociólogo José de Souza Martins (USP). Fundada em 1892, a Príncipe di Napoli tinha como objetivo proporcionar mútua ajuda aos imigrantes italianos de São Caetano. No contexto social, a entidade liderava as comemorações de fundação da cidade até a autonomia.

“Acompanho, como pesquisador, a Príncipe di Napoli desde a sua fundação” — observou Martins —. Estudá-la foi uma reflexão histórica, apesar de não poder realizar um estudo mais



O sociólogo José Martins de Souza coordena mesa-redonda sobre o centenário de fundação da Sociedade di Mutuo Soccorso Principe di Napoli



Mesas-redondas, na Fundação das Artes, discutiram os temas "Ensino da História local" e Imprensa & História"

completo, já que muitas atas desapareceram.

No dia 13, às 9h00, foram realizadas duas mesas-redondas na Fundação das Artes de São Caetano do Sul. A primeira, coordenada pela professora Sônia Maria Franco Xavier, diretora do Museu de São Caetano, versou sobre o tema "Ensino da História local nas escolas"; a segunda, sob a coordenação do jornalista e pesquisador Ademir Médici, sobre o tema "Imprensa & História".

Participaram da mesa-redonda sobre o ensino de História local as professoras Mônica de Souza (Eduardo Gomes), Sandra Gonzales Massarelli (Instituto de Ensino), Vera Lúcia Brianesi Giraldes (Externato Santo Antônio), Celina Benedetti (Quarup), Suzana Cecília Kleel (FEC) e Isola Maria Marques (representan-

te da Diretoria de Educação e Cultura do município) e Adair V. Stepien (EMEI Fortunato Ricci). Na mesa-redonda sobre o tema "Imprensa & História", estiveram presentes Marli Olmos (O Estado de São Paulo), Roberto Elísio (professor do Instituto Metodista) e a revista **Raízes**.

O Simpósio de História do ABC foi um evento co-produzido pela Prefeitura, Fundação Pró-Memória e Museu de São Caetano, e Gipem (Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do ABC).

Acervo Família Campanella



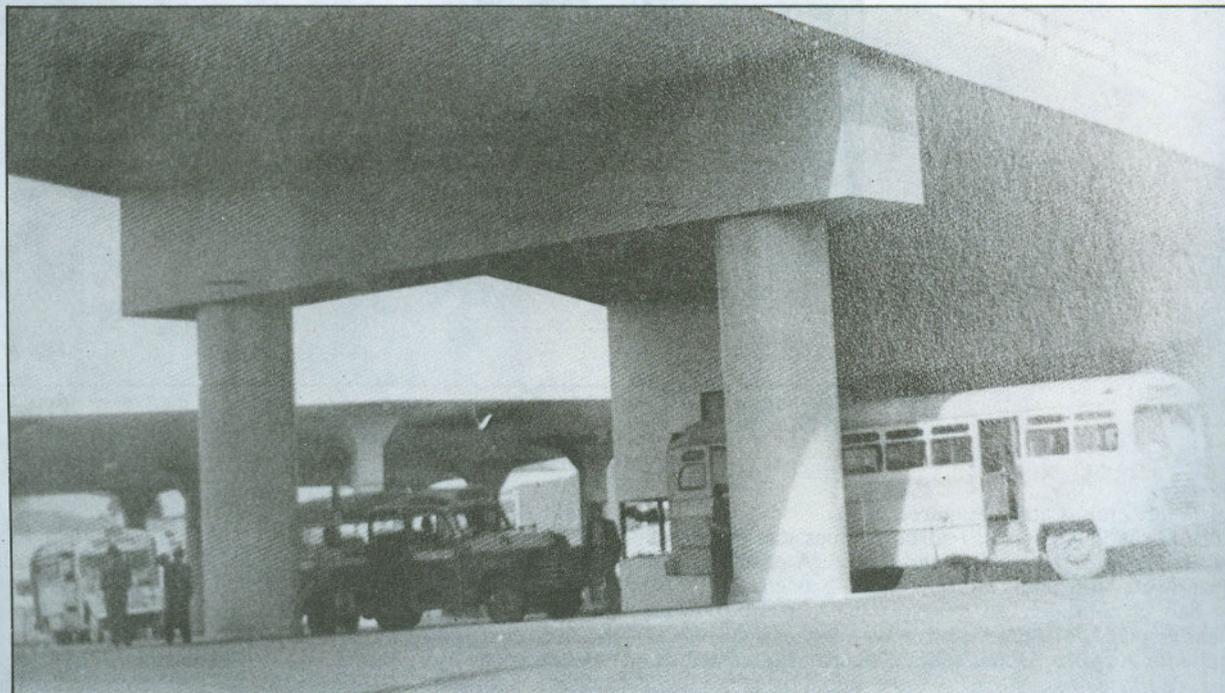
Foto de 1953/54. Sentados, da esquerda para a direita, Lauro Gomes de Almeida prefeito de São Bernardo do Campo, e Anacleto Campanella, prefeito de São Caetano do Sul. Em pé, à esquerda, Joaquim Faria Cardoso, diretor do DAE, e à direita, na ponta, Oswaldo Martins Caldas, diretor-geral da Caixa Econômica do Estado de São Paulo. Assinatura do empréstimo de 500 milhões de cruzeiros para solução do problema do abastecimento de água do Grande ABC.

Acervo: Família Campanella

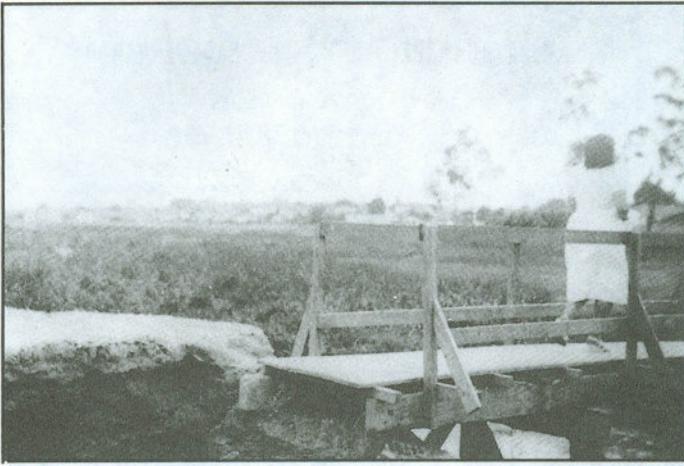


Foto dos anos 60. Da esquerda para a direita: Paulo Duarte, escritor; Anacleto Campanella, prefeito de São Caetano do Sul; Santiago Dantas (que chegou a ser primeiro-ministro do Brasil no governo de João Goulart) e Lauro Gomes de Almeida, prefeito de São Bernardo do Campo.

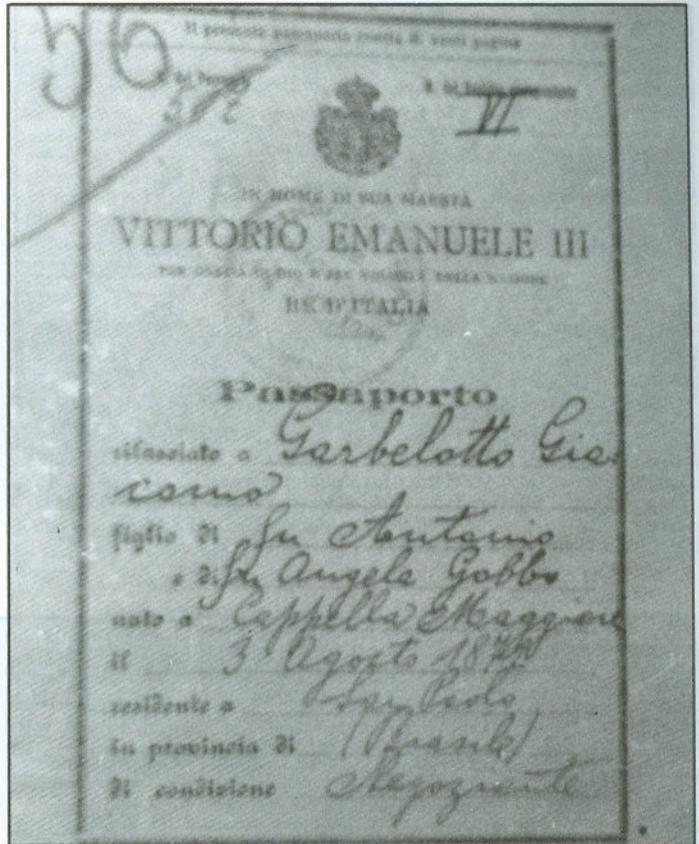
Acervo: Henry Veronesi



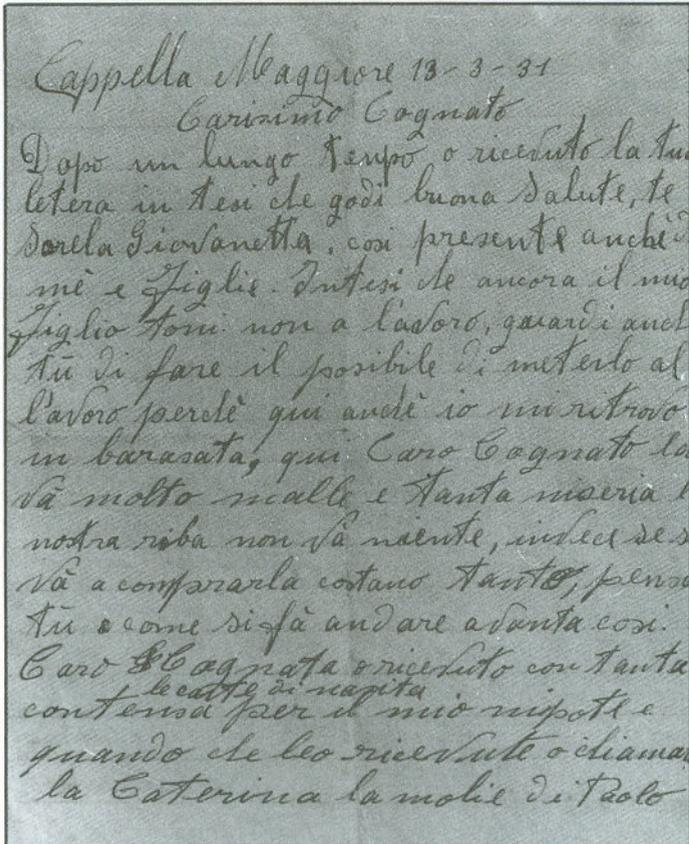
Estação rodoviária de São Caetano do Sul, debaixo do Viaduto dos Autonomistas. Cerca 1955



Ano de 1950: passagem precária sobre o rio Tamanduaí entre São Caetano e São Paulo, na ligação com a Vila Bela



Passaporte italiano de Giacomo Garbelotto, expedido pelo Reino da Itália. Giacomo nasceu em 3 de agosto de 1872, em Cappella Maggiore, região de Vittorio Veneto.



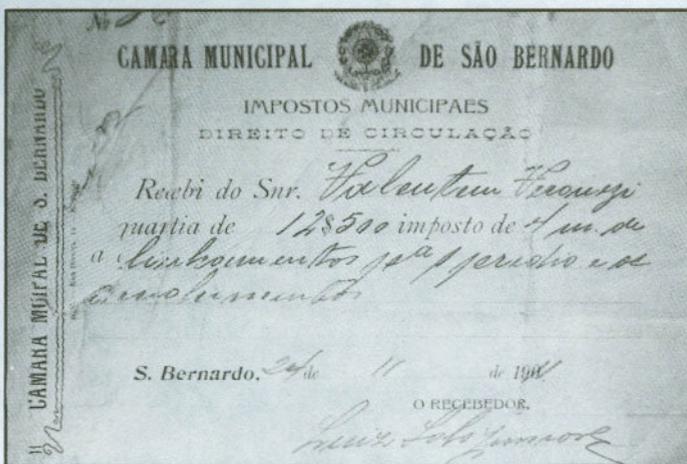
Carta de Lucia Pin, datada de 13 de março de 1931, ao cunhado Giacomo Garbelotto. A missiva, escrita em Cappella Maggiore, região de Vittorio Veneto, relatava a situação econômica negativa reinante na Itália, na época



Foto da família Mantovani, circa 1910. Da esq. para a direita, em pé: Luiz Mantovani, José Mantovani e Luiz Mantovani (tio de Luiz e José). Sentados, da esq. para a direita: Vitório Mantovani, Fortunata Mantovani, segurando Palmira Mantovani no colo; Tereza Mantovani e (?) Mantovani (doação de Elvira Ferrari Mantovani)



Casa da família Dal'Mas à rua Maximiliano Lorenzini, circa 1924. À janela esquerda, Giovanni Dal'Mas; à janela direita, Vittorio Dal'Mas. Sentados, da esq. para a direita: João, Rosa, Antonia e Ettore e o cão Tupi (doação de Mário Dal'Mas)

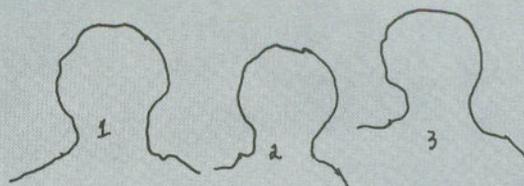


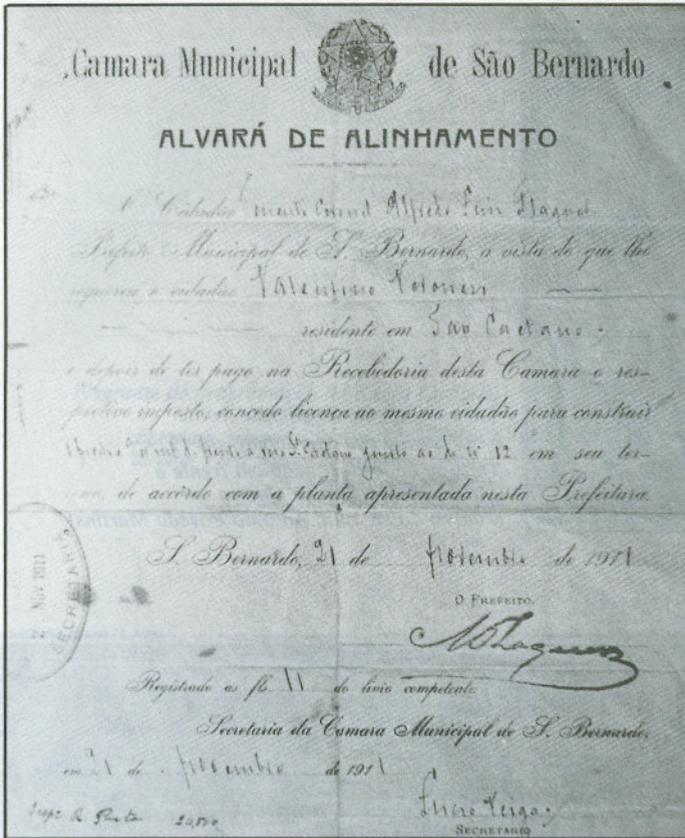
Fac-símile de recibo expedido pela Câmara Municipal de São Bernardo em 24 de novembro de 1991, em favor do sr. Valentim Veronesi, morador de São Caetano. Trata-se de quantia de 12\$500, pagos em função de alinhamento em 4 metros de terreno. Naquele tempo, a Câmara recolhia "impostos municipais". No caso específico, era um imposto chamado "direito de circulação".



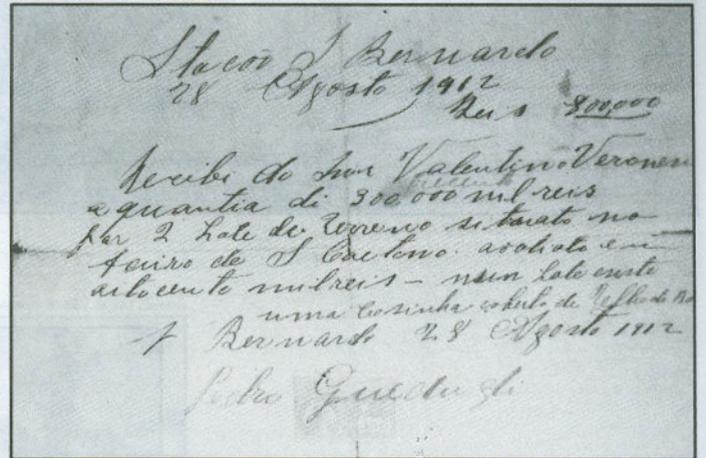
- 1 - Janete Cappelli
- 2 - Dalva Mattos (Pelegrino)
- 3 - Giorgina (?)
- 4 - Marilena Piotto
- 5 - Edna Benatti (Giardullo)
- 6 - Jacinta Rosseti

Numa época em que ainda não havia belíssimos ginásios esportivos na cidade e as poucas quadras cimentadas para a prática esportiva limitavam-se às do S. Caetano E.C. (ainda à rua Perella) e a do General Motors E.C. (à avenida Souza Ramos, depois Goiás), surgiram movimentos pioneiros para o desenvolvimento de determinados esportes. Merece destaque o voleibol, iniciado pelo pequeno clube formado à rua Joaquim Nabuco no começo dos anos 50: o Unidos Vôlei Clube. Jovens, com a raça peculiar dos amadores autênticos, carpiram o terreno, aplainaram os desníveis e lá ergueram sua rede de vôlei, presa a duas vigas de madeira. As riscas que delimitavam a quadra eram de cal e, naturalmente, o excesso de poeira era aplacado com um pouco de água... Sob o comando do técnico Sérgio Mattar, o clube cresceu, tornou-se forte, marcando época em São Caetano. Era a base das seleções de vôlei que, a partir de então, representavam a cidade nos Jogos Abertos do Interior. Os demais clubes que mantinham o esporte no mesmo período eram o C.A. Centenário e o General Motors E.C. O Unidos deu-se ao luxo de formar até um time feminino, coisa pouco comum para aqueles anos 50.





Fac-simile de Alvará de Alinhamento, expedido pela Câmara Municipal de São Bernardo, em 21 de novembro de 1911, em favor de Valentim Veronesi, morador de São Caetano. O texto afirma: "O cidadão Tenente-Coronel Alfredo Luiz Flaquer, prefeito municipal de S. Bernardo, à vista do que lhe requereu o cidadão Valentim Veronesi, residente em São Caetano, e depois de ter pago na Recebedoria desta Comarca o respectivo imposto, concedo licença ao mesmo cidadão para construir um prédio com 4 metros de frente à rua St. Caetano, junto ao de n.º 12, em seu terreno, de acordo com a planta apresentada nesta Prefeitura". Além da assinatura de Alfredo Luiz Flaquer, consta a do secretário Lúcio Veiga e do fiscal José M. G. Júnior. Veronesi havia pago 24\$500 entre emolumentos e outras taxas de arruamento.

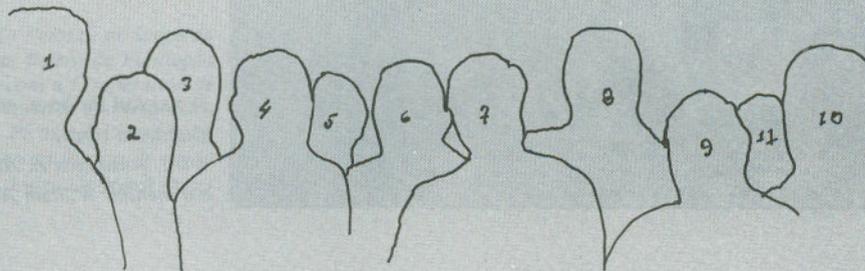


Fac-simile de recibo emitido por Pedro Guidugli em favor de Valentim Veronesi, em 28 de agosto de 1912, face à venda de dois lotes de terreno situados à rua São Caetano, em São Caetano. Diz o texto: "Estação de S. Bernardo, 28 de agosto de 1912. 800\$000. Recebi do sr. Valentim Veronesi a quantia de 800\$000 por dois lotes de terreno situados no bairro de S. Caetano, avaliado em oitocentos mil réis. Num lote existe uma casinha coberta de telhas de barro. S. Bernardo, 28 de agosto de 1912".



Flagrante de 1963, na Câmara de São Caetano do Sul, na oportunidade em que o sr. Luiz Martorelli recebia o título de cidadania

- 1 - H. Escavassa
- 2 - A. Gabriel
- 3 - Luiz Martorelli
- 4 - João Domingos Perrella Neto
- 5 - Amadeu Bortoletto
- 6 - Armando Lopes
- 7 - Walter Braido
- 8 - Fernando Piva
- 9 - Italo Faconti
- 10 - Benedito de Moura Branco





*A sra. Inácia Domingues de frente à sua casa, à rua Maranhão, em 1929. Trata-se de local situado em frente à antiga sede do Tiro de Guerra (doação do sr. Luiz Antonio Poveda Martins)*



*Avenida Conde Francisco Matarazzo, em 1940. A segunda pessoa da direita para a esquerda, é Lúcio D. Aparício (doação do sr. Luiz Antonio P. Martins)*



*A rua Rui Barbosa, em 1950. Diante da cerca, a sra. Antinesca Z. Alegrette e o menino William Alegrette*



*Flagrante de programação da Rádio Cacique, de São Caetano, sem data. Estavam presentes, da esquerda para a direita: Fred Jorge, Armando Lopes, ?, Cinderela (atriz de TV) e o ex-vereador Gentil Monte.*



*Foto do Cerâmica Futebol Clube. O sexto jogador, da esquerda para a direita, é Eduardo Lorenzini. O flagrante é de 1930 (doação da sra. Edith Lorenzini M. Salgado).*



*Ano de 1934: o sr. Antonio Picozzi, no largo da Matriz Velha, Bairro da Fundação, com a Cooperativa de Produtos da Matarazzo, ao fundo. Picozzi foi o primeiro técnico da fábrica de rayon (doação da sra. Luíza De Nardi Pucc)*

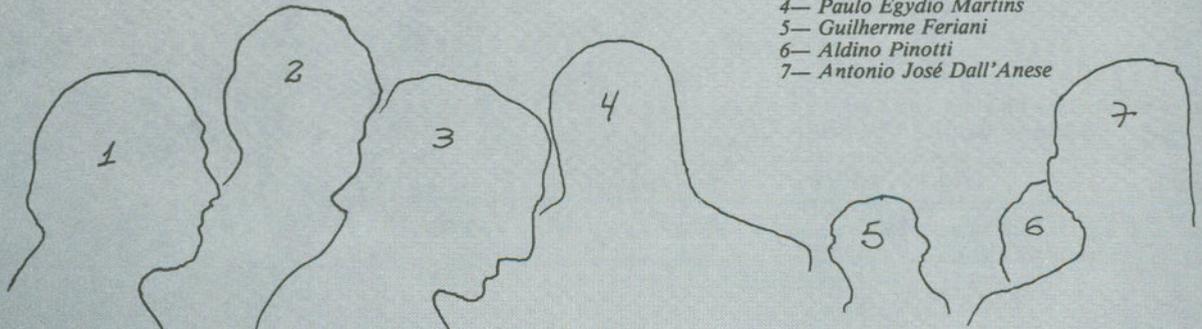


Grupo de crianças da comunidade ucraniana de São Caetano, em companhia do padre Ióssif Skulski, defronte ao local em que foi construída a Igreja da Sagrada Família, à praça Cardeal Arcoverde. Circa 1950



Homenagem da Câmara de São Caetano do Sul, em 1976, ao governador de Estado, Paulo Egydio Martins.

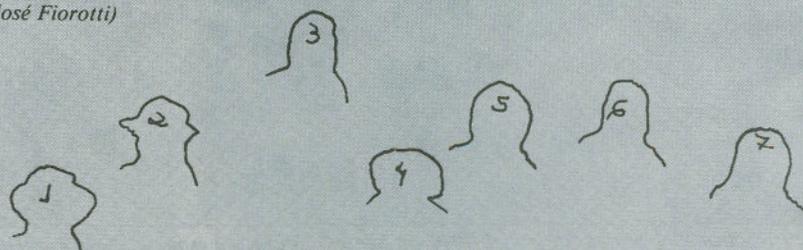
- 1— Joaquim Maranhão
- 2— Walter Braidó
- 3— Armando Lopes
- 4— Paulo Egydio Martins
- 5— Guilherme Feriani
- 6— Aldino Pinotti
- 7— Antonio José Dall'Anese





- 1- Antonio Perin
- 2- Valentin Perin
- 3- Regina Perin
- 4- Rosa
- 5- Carlos
- 6- Santina
- 7- Angelina

Foto da família Perin. Circa 1915 (doação de José Fiorotti)



Costa Francisco e Anjo Perreira. Francisco chegou à cidade em 1894

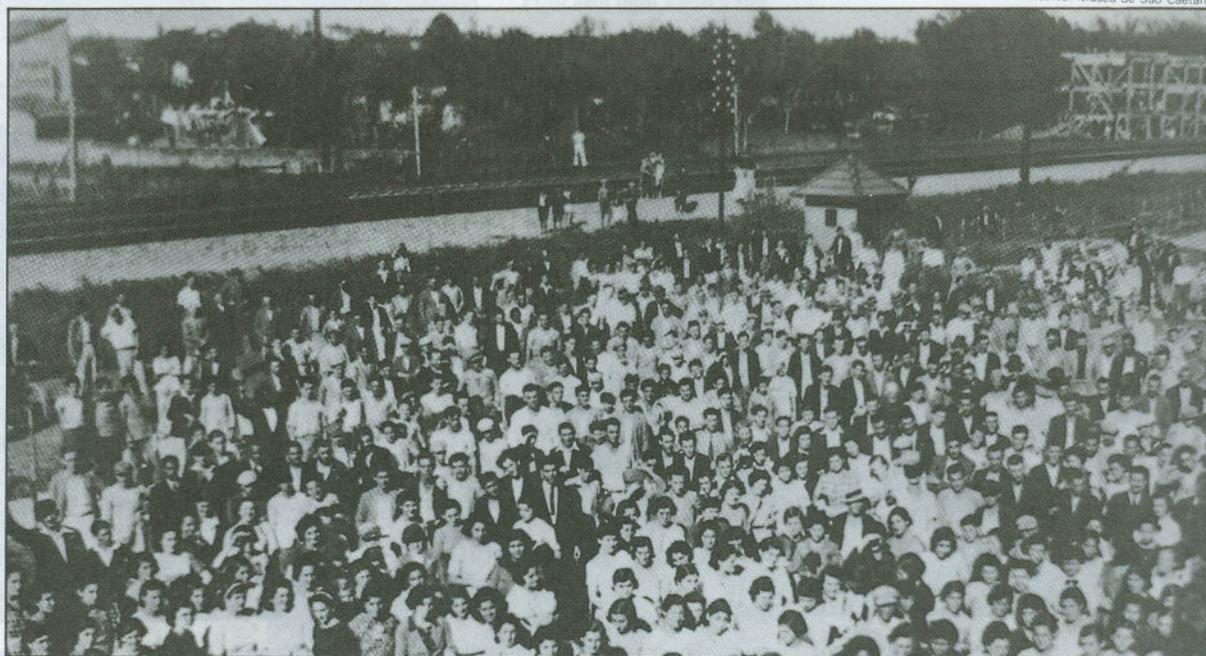


Foto de 1936: pátio e jardim das Louças Adelinas. Ao fundo, quintais de propriedades. Da direita para a esquerda: taquaral da família Biagi (no local, hoje, está o Viaduto dos Autonomistas); pomar dos Roveris, Dalcis e Perrellas. O terreno vazio, no final da rua Rio Branco (interrompido pela São Paulo Railways, com passagem para a rua Pernambuco) era de Savério Perrella. No fundo, à esquerda, a portaria das Louças Adelinas



Foto do Clube Atlético Vila Alpina, tirada em 1948 em Santos. Em pé, da esquerda para a direita: José, Vacius, Termo, Douglas Negrini, Antonio Rodrigues Jr., Sebastião Poda e Vitautas Klinsis (técnico). Agachados, da esquerda para a direita: Simeão, Nicolau (Mazzaropi), Antonio (Gringo), Roberto Adelino (doação do sr. Vacius Rutkauckas)



Autoridades e grande contingente populacional reuniram-se diante da Igreja da Sagrada Família, à Praça Cardeal Arcoverde, em missa que marcou a posse do primeiro prefeito de São Caetano, Angelo Raphael Pellegrino. Na primeira foto, da esquerda para a direita: Mário Rodrigues, Nelson Infanti, Manoel Cláudio Novaes, Pelegrino Bernardo (juiz de Paz), Ângelo Raphael Pellegrino, Antonio Flaquer (prefeito de Santo André), Daniel Giardullo (primeiro diretor da Fazenda de São Caetano), Luiz Rodrigues Neves (vereador eleito), José Luiz Flaquer Netto (candidato derrotado à Prefeitura de São Caetano) e Concetto Constantino (vereador eleito). O vereador Jordano P. S. Vincenzi, da UDN, discursou em nome do Legislativo logo depois da cerimônia religiosa. Era 3 de abril de 1949. São Caetano iniciava sua caminhada como Município independente de Santo André.



Foto sem data, dos imigrantes italianos Pedro São Jorge e Sara São Jorge (doação do sr. Oswaldo Almendra)



Casal Francisco e Ângela Fiorotti. Francisco chegou à cidade em 1894. Foto sem data Circa 1960



Passagem de nível da Avenida Conde Francisco Matarazzo, esquina com a rua Serafim Constantino, em 1956 (doação do sr. Sebastião Gianoto)

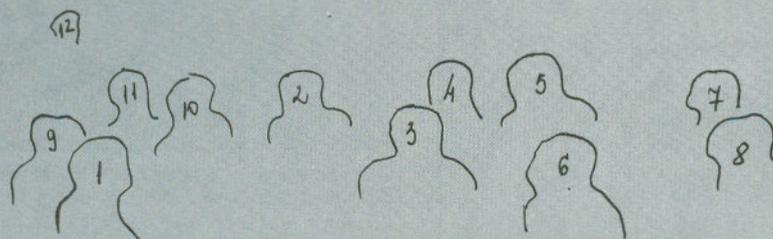


Foto do Colégio Santo Antonio, em 1936. No flagrante, as madres Elias, Escolástica e Firmina. A sra. Delfina Ceccato trouxe as madres de Tietê para iniciarem o curso, na esquina da rua Manoel Coelho com a rua São Caetano (doação do sr. Humberto Ceccato)



- 1 — Padre Ióssif Skulski
- 2 — Mikola Pismenney
- 3 — Cianfarani
- 4 — ?
- 5 — J. J. Lorenzini
- 6 — Anacleto Campanella
- 7 — Angelo Raphael Pellegrino
- 8 — Vereador Orlando de Souza
- 9 — João Dal'mas
- 10 — Tobias Auricchio
- 11 — Oleg Szymanskyj
- 12 — Walter Thomé

*Cerimônia de descerramento da placa da rua dos Ucranianos, em 1953. Foi um decreto do então prefeito, Anacleto Campanella, com base na Lei Municipal 369, de 6 de outubro do mesmo ano, o responsável pela red denominação da rua Major Aderbal de Oliveira. No local, foi construída, nos anos 50, a Igreja de São Wolodymyr, de rito ortodoxo.*



*Da esquerda para a direita: eng.º Roberto Cerqueira César, secretário de Negócios Metropolitanos do Estado de São Paulo; Antonio José Dall'Anese, presidente da Câmara Municipal e Walter Braido, prefeito. Foto de 1976, durante inauguração de obra da Administração.*



Foto do primeiro ano masculino de 1937, do Segundo Grupo Escolar de São Caetano (doação de Orlando Malateaux)

- 1- Stefano Pinter
- 2- Wilson Martins
- 3- Máximo Gallo
- 4- Henrique Keller
- 5- Marcos Jacomino
- 6- Álvaro Mendes
- 7- Geraldo Malerba
- 8- Oswaldo Radin
- 9- Orlando Malateaux
- 10- Oswaldo Pereira
- 11- Jaime P. Sales
- 12- ?
- 13- ?
- 14- Alcides Demarchi

- 15- Walter O. Milani
- 16- Issa J.J. Sabah
- 17- ?
- 18- Roberto Dametto
- 19- João Benevides
- 20- Oswaldo Lauria
- 21- Benedito Gonçalves
- 22- ?
- 23- Professora Zulmira Rodrigues
- 24- Pedro Francisco
- 25- Reinaldo Conti
- 26- ?
- 27- Eugênio Pedroso
- 28- Francisco Cabrera

- 29- Antonio Russo
- 30- ?
- 31- ?
- 32- Álvaro Mendes
- 33- Antonio Mendes
- 34- ?
- 35- Remo Duó
- 36- Rômulo Duó
- 37- Nelson Ginga
- 38- ?
- 39- Caetano Guglielmi
- 40- Renato Bersano
- 41- Tercílio Miari
- 42- Aristides Gomes

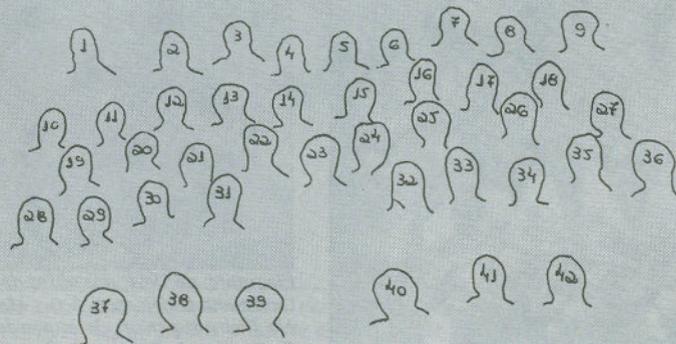




Foto sem data. Depois de cursar os três primeiros anos primários na Vila Paula, os alunos faziam o quarto ano no Segundo Grupo Escolar de São Caetano, no Bairro Monte Alegre. Vemos Vytautas é o primeiro, em pé, à direita, de roupa mais escura. Entre os que estão sentados, Jaime Moura é o terceiro e Agostinho Sentelhas, o penúltimo, à direita. A professora é Dona Chiquinha.

Acervo: Museu de São Caetano



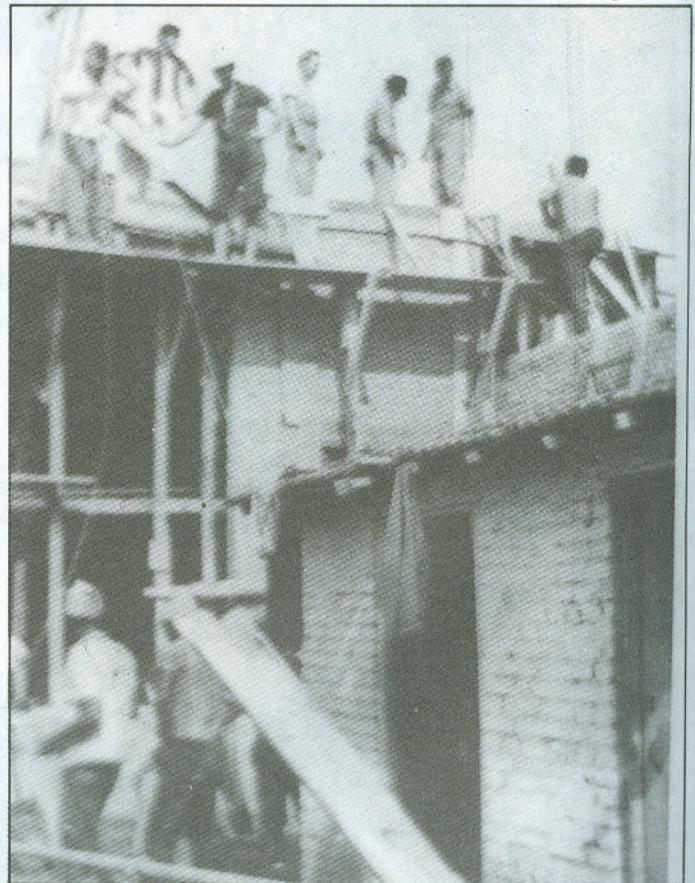
Foto sem data de turma da Segunda Escola Missa de São Caetano. Romana Bertolini, de roupa com bolinhas, era a servente da escola (doação do sr. José Roberto Gianello)

Acervo: Museu de São Caetano



Foto de um time de futebol das Louças Adelinas, em 1930. O terceiro, aganhado, é Geraldo Benincasa (doação da sr.ª Noemia Rodrigues Rezende).

Acervo: Oleg Szymanskyj



Flagrante, de 1964, das obras de construção da sede da Sociedade Ucrâniana Unificação, à rua Mariano Pamplona, no Bairro Fundação: Na fileira superior, da esquerda para a direita: Mikhailo Kuzmenko, S. Czujko, I. Bekisz, V. Gvozdyk, I. Khaluchtchák, M. Khubar e A. Zentchák



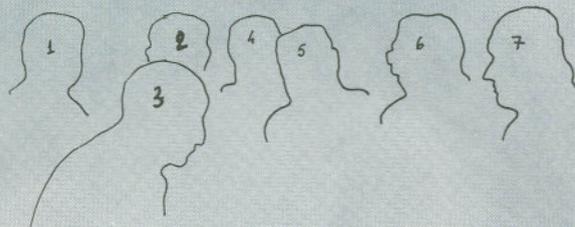
*Eleição da rainha da comunidade ucraniana de São Caetano, em 1954, à Rua Santa Catarina, 97 (dependências alugadas pela Sociedade Unificação). Da esquerda para a direita, na primeira fileira: Iwan Woly nec, Nina Guiriavêi, Olga Kolukiévitch, Valentina Kuzmenko, Ludmila Rosputko (rainha), ?, ?, vereador Orlando de Souza e Mikola Pismenney.*



*Ano de 1951. Grupo de fiéis da comunidade ucraniana de São Caetano, defronte à Fundação, com o padre Ióssif Skulski, Matriz Velha, no Bairro antes da celebração de uma missa.*



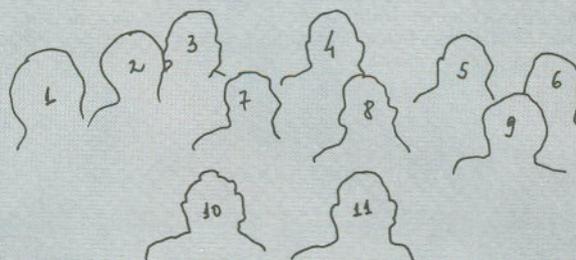
Começo dos anos 70: encontro de prefeitos e vereadores da região com o governador Laudo Natel, em local não identificado



- 1 - Pedro Nakasone (deputado estadual)
- 2 - Ruy Ferreira Iacoponi (vereador em São Bernardo)
- 3 - Laudo Natel (governador do Estado)
- 4 - Sebastião Lauriano dos Santos (vereador em São Caetano)
- 5 - Walter Braido (prefeito de São Caetano)
- 6 - Antonio Pezzolo (prefeito de Santo André)
- 7 - Geraldo Faria Rodrigues (prefeito de São Bernardo)



Foto do casal Luiza Garbelotto Cavassani (nascida em 30 de agosto de 1878, em São Caetano) e Primo Cavassani (nascido na Itália, em 29 de julho de 1873), com genros e noras



- 1 - Marfisa Cavassani (esposa de Abramo Cavassani)
- 2 - Bruna Demura Cavassani (esposa de Otaviano Cavassani)
- 3 - Antonio Perrella (esposo de Maria Cavassani Perrella)
- 4 - João Barile (esposo de Angelina Cavassani Barile)
- 5 - Luiz Paolillo (esposo de Damacena Cavassani Paolillo)
- 6 - Serena Cavassani (esposa de Alcídio Cavassani)
- 7 - Maria Ferrari Cavassani (esposa de Gilberto Cavassani)
- 8 - Constância Cavassani (esposa de Antonio Cavassani)
- 9 - Ana Cavassani (esposa de José Cavassani)
- 10 - Luiza Garbelotto Cavassani
- 11 - Primo Cavassani



Livro de orações, escrito em esloveno, e editado em Ljubljana, no ano de 1896. Trata-se de texto pertencentes aos ancestrais da família Suhadolnik

Hezuzobro z Stanislavsk  
 en. Tizjleru Colônia  
 many bachearen Tio Di e Di.  
 z obichno bebwo-maukpa-  
 vno

Zpropolamo, i zingotno  
 Tiede fytel uzafie

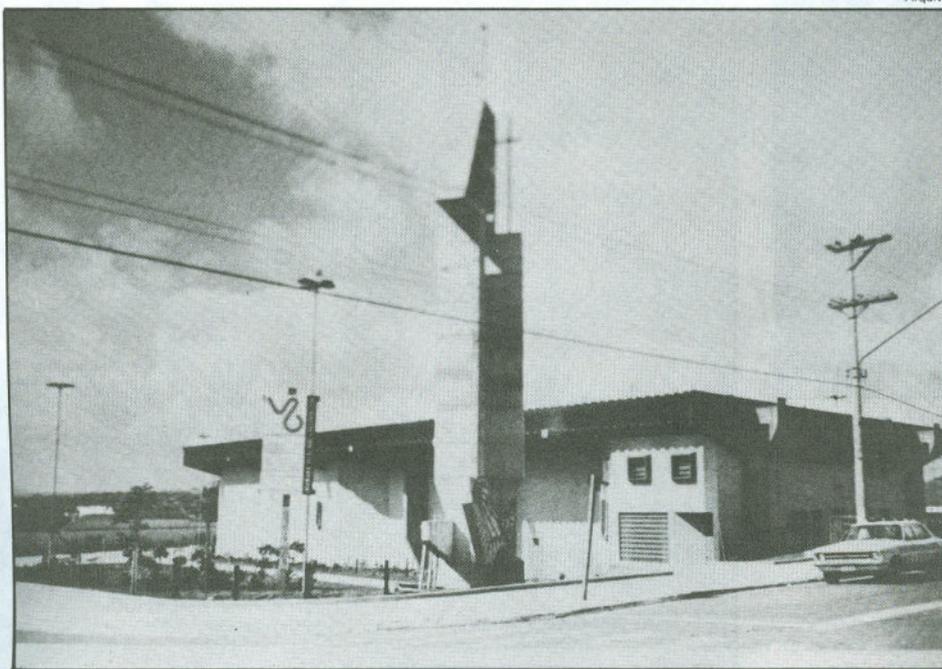
Cecempri i kamur

Emmanuel 12. XII 1920p.

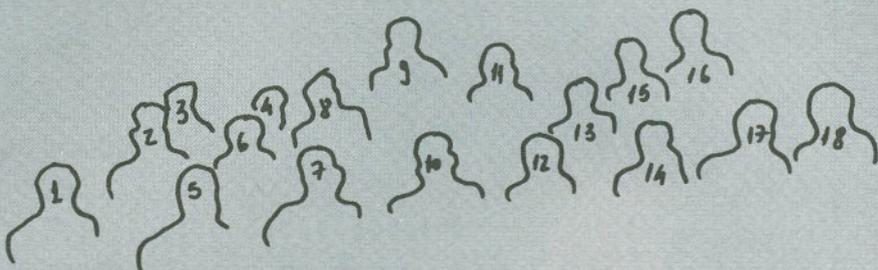
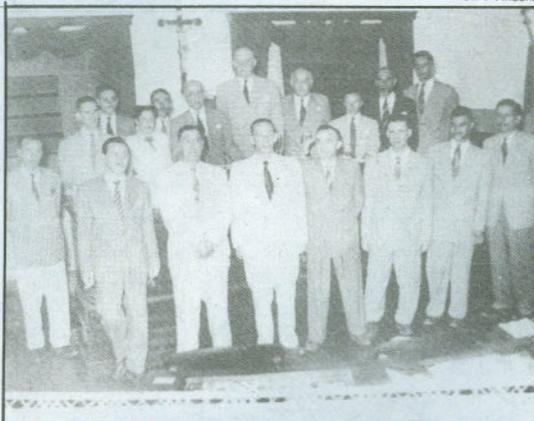
molitnie zory Tio Di, nabramu  
 z me napra zut:  
 Prorocista, brata, prawocniku mo-  
 rukaj winod ludri, ale stani na  
 tem sam dla sebe. Cade ne rucno  
 i mila w bolu i w radości, bo  
 gdy ne przygnas go nęciscia; to  
 ei je ludrie ratunze lub odbicna,  
 a gdy ne im w bolu prostawizno,  
 to ee wysmogz i odepetno.  
 W sobe meij iwój swiat  
 miedoloz radości, waltu upatnie  
 i tynumfy. Niesz je zma fylke  
 ten Tio, którego imie stane  
 si ne kiedy religia, a ludrie  
 nigdy, nigdy.  
 O pramietaj, ze na swiecie jest  
 jeden gorok: godtość;  
 jedna cnota: szlachetnośc;  
 jedno nęciscie, upokój.

Cópia de carta recebida pelo imigrante ucraniano Teóphilo Lutzki, da mãe (Klementina) e da irmã (Eleonor). O documento, datado de 12 de dezembro de 1920, apresenta característica interessante: metade está escrita em polonês; metade, em ucraniano. Os familiares de Teóphilo estavam, naquele ano, em Stanislávsk, área ainda disputada por poloneses e soviéticos

Arquivo



Torre da igreja de  
 Nossa Senhora Aparecida,  
 no Bairro Barcelona:  
 inauguração em  
 4 de julho de 1976, durante  
 a gestão do prefeito Walter Braido,  
 com missa celebrada pelo  
 abade do Mosteiro  
 de São Bento, Dom Joaquim.  
 O marco arquitetônico  
 representa o número 1,  
 que simboliza o primeiro  
 centenário da cidade



*Primeira Câmara Municipal de São Caetano do Sul, referente ao período 1949-1952*

- 1 - José Olanda
- 2 - Luiz Rodrigues Neves
- 3 - Giacomo Garbelotto Netto
- 4 - Bento Villames Regis
- 5 - Conceito Constantino
- 6 - Olga Montanari de Mello

- 7 - Jordano S.P. Vincenzi
- 8 - Angelo Raphael Pellegrino (prefeito)
- 9 - José Jacob Lorenzini
- 10 - Oswaldo Bisquolo
- 11 - Accacio Novaes
- 12 - Arlindo Marchetti

- 13 - Antonio Moreno Rodrigues
- 14 - José Lopes Filho
- 15 - Paulo Pimenta
- 16 - Lauriston Garcia
- 17 - Antonio Barbosa da Silva
- 18 - Oswaldo Samuel Massei



*Tamara Medianeck, rainha da Primavera da Sociedade Ucrâniana Unificação, em 1956*



*Almoço oferecido pelo dr. José Paolone, em 7 de abril de 1929, a um grupo de amigos. Local: Parque Independência (Santo André).*



- 1 - Luiz P. Vincenzi
- 2 - José Mariano Garcia
- 3 - Aldo Aliberti
- 4 - José Rossetti
- 5 - ?
- 6 - ?
- 7 - ?
- 8 - José Paolone
- 9 - Guido Aliberti
- 10 - ?
- 11 - Primo Luppi

- 12 - João Bisquolo
- 13 - Dante Malavazzi
- 14 - Matheus Constantino
- 15 - ?
- 16 - Teodoro Macedo
- 17 - ?
- 18 - Armando de Arruda Pereira
- 19 - ?
- 20 - David Cuccato
- 21 - Ciriaco de Carvalho
- 22 - José Diardullo



*Ponte de ferro para travessia de pedestre sobre o leito da Estrada de Ferro São Paulo Railways (posteriormente Estrada de Ferro Santos—a—Jundiaí), na estação de São Caetano. Fotos sem data, anteriores à demolição e à construção da nova estação.*

